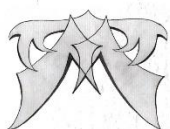
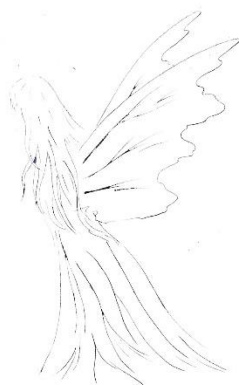


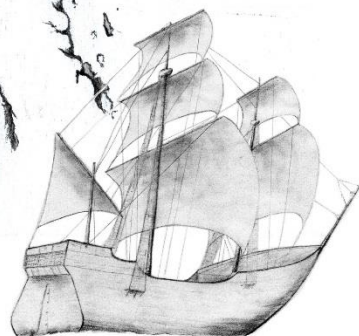
J. Correna

Incalutos



Livro 2 das

Crônicas dos Bardos



CRÔNICAS DOS BARDOS

Livro 2

INCAUTOS

J. Correna

Revisão: Eloísa Moriel Valença

ISBN 978-65-00-18501-0 (PDF)

ISBN 978-65-00-18503-4 (EPUB)

ISBN 978-65-00-18502-7 (AZW3)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Correna, J.

Incautos [livro eletrônico] / J. Correna ; revisão
Eloísa Moriel Valença. -- Viçosa, MG : Ed. da Autora,
2021. -- (Crônicas dos Bardos ; 2)
PDF

ISBN 978-65-00-18501-0

1. Aventuras 2. Ficção brasileira 3. Magia
I. Valença, Eloísa Moriel. II. Título. III. Série.

21-58680

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

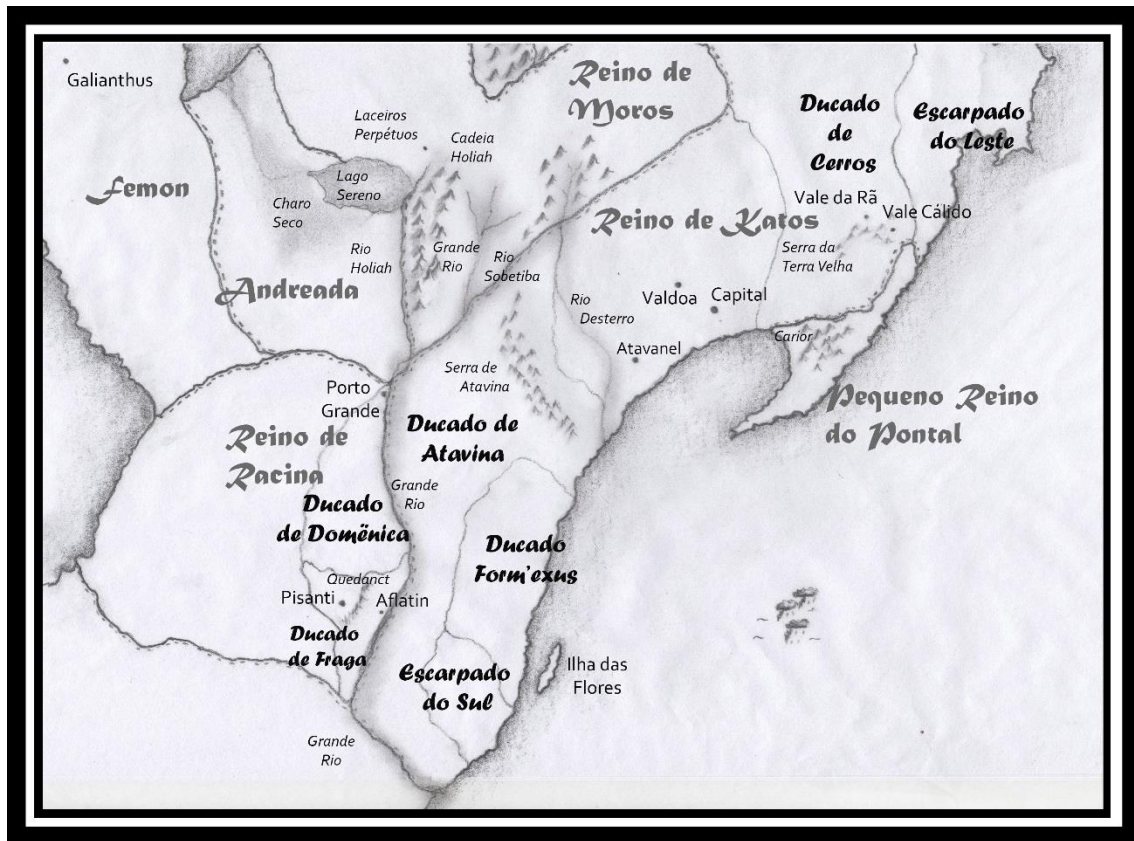
1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

SUMÁRIO

MAPA	1
PRÓLOGO	2
1. O CORAÇÃO DE CELIAH	7
2. FAEMON HANDRA DOS ELFOS	46
3. OSTREBOR, MELGROD E BAAI	82
4. O ELFO, A FADA E A SOMBRA DA MAGA	121
5. UM NOVELO CERCADO DE MAR	153
6. PEREGRINOS	188
OS NOMES DESTA HISTÓRIA	269
Pessoas, criaturas e grupos	269
Geografia Política	270
Geografia Natural	271

MAPA



PRÓLOGO

- É apenas um trabalho. Recuperar e entregar, nada mais.
- Não Tonio, é procurar, rastrear, perder, procurar novamente, ameaçar, lutar, escapar, lutar mais um pouco, depois matar e aí, sim, recuperar e entregar.
- Não deixa de ser apenas um trabalho, Martius.
- É uma maneira interessante de ganhar a vida.
- Não é, Lucha! Essa profissão é de guerreiros de aluguel, também conhecidos como mercenários.
- Ou heróis, Ella. Depende do ponto de vista.

*

Seguiam viagem Tonio, Martius, Ella, Lucha e Labaki. O último foi encarregado de acompanhá-los e garantir o necessário para o bom andamento da missão. Foi uma das exigências de Fúlvio Comperteiro, que encomendara o trabalho em troca da informação que permitiu localizar Basra e resgatá-lo em Fraga.

Quando Lucha perguntou a Labaki por que tanta lealdade, ele respondeu que não havia motivos para o contrário.

- Só porque você não o serviria, não significa que outros não achem que valha a pena - respondeu Labaki, fleumático.
- Não consigo ver como. Devemos pensar bem a quem jurar nossos serviços, uma palavra dada não tem volta.
- Não me arrependerei – disse Labaki com uma superioridade inalcançável.
- Você é mais do que ele! – ela insistiu, ainda revoltada.
- Você não conhece as condições de meu juramento.
- É muita negação numa conversa só – embora suficientemente instigada, Lucha reconheceu sua petulância e se afastou com um pretexto ineficaz.

*

Para entrar no Charco Seco de Andreada, passaram próximos ao Lago Sereno, ou Mar Pequeno, como os locais chamavam. Tonio contemplou em silêncio reflexivo antes de se justificar:

- Na margem oposta e um pouco mais além, estão os Lanceiros Perpétuos. Terra firme, lugar pacífico, gente com valores claros e vida simples.
- Mal dá para ver a margem daqui.

A observação de Lucha tinha um significado maior que Tonio aproveitou para destacar:

- Estamos na menor distância entre margens opostas.

- Não é nosso caminho, é? Terras secas seriam bem-vindas – Ella desejou do fundo de suas botas encharcadas.

- Não. Vamos mofar as canelas seguindo para lá. – Martius apontou para o Oeste.

Enquanto a norte as águas eram escuras, na direção em que seguiriam predominava uma mistura de verde claro e amarronzado, com manchas disformes tendendo ao amarelo e, por vezes, um verde musgo. Nada animador.

- Devíamos ter conseguido um barco – suspirou a violinista, abatida.

- São traiçoeiros nessas águas. Prefiro saber o que há aos nossos pés para evitar qualquer profundidade cuja superfície passe de nossa cintura. E se encalham, temos que nos sujar da mesma maneira – refutou Lucha.

Martius sentiu um leve prazer ao imaginar Ella encalhada e coberta de lama. O olhar assassino que ela o lançaria veio de súbito à sua mente, o que fez com que perdesse instantaneamente a alegria.

*

Os passos não eram ouvidos como era o sacolejar líquido das pernas em movimento no charco. Raramente achavam um cume seco de uma elevação onde podiam tirar os pés das águas e sentar para descansar da longa caminhada. No entanto, poucas vezes afundaram mais que à altura do quadril.

- Ainda acha que um barco seria prejudicial, Lucha?

Ela demorou a responder, irritada com os pés permanentemente molhados:

- Pelo menos são águas quentes.

As árvores cresciam resistentes ao brejo que tentava afogá-las, porém não passavam de 5 metros acima da superfície. Eventualmente, eles escalavam as mais robustas para aliviar a pele enrugada e enlameada. Ella se recusou a tirar as botas, preferia-as encharcadas a arriscar o que pudesse haver em contato com a lama. Não demorou a se render.

Era árduo manter os instrumentos de Martius e Ella. Tonio se preocupava com o arco de Martius mais do que com o aço de sua espada que lambia a superfície da água. O horizonte era desanimador.

Próximo do anoitecer, encontraram um elevado para descansar. Não havia material para uma fogueira para que pudessem se secar.

Lucha descansou a mão ao alcance de pequenos crustáceos na margem lamacenta para que beliscassem seus dedos até que se sentissem seguros para então caírem em sua armadilha. Martius riu ao agarrar no ar as criaturas que ela arremessava em sua direção acompanhados da palavra:

- Petiscos.

Ele quebrava as cascas com o cabo da faca, amontoando-os.

Ella levantou a sobrancelha:

- Crus?

Labaki provocou:

- Ainda admirada pelo gosto de Lucha em devorar o que jamais conheceu o fogo?

A resposta de Lucha foi imediata, grosseira e de duplo sentido. No entanto, não foi suficiente para enrubescer Labaki. Pareceu proposital que uma mecha de seu cabelo negro tivesse escorregado pela testa até cobrir os olhos que repousaram por mais tempo sobre ela. Não tinha como ser proposital, ele apenas aproveitava as oportunidades.

*

As palafitas foram avistadas ao longe, aranhas marrons e verdes em destaque na imensidão plana da luz amarela do meio da manhã. Labaki apresentou o lugar:

- A última ocupação do Charco Seco, o ponto mais distante que valha a pena referenciar em um mapa. Se é que se pode dizer que vale algo.

- Deve valer para você, é onde vai nos esperar – incitou Ella.

- Será uma base – justificou. – Vocês exploram a partir daqui. Eu aguardo o retorno diário para que reportem o que terão encontrado.

Ella não o invejou. Bambus sustentavam cabanas compostas de placas trançadas com cordas e mais bambus. Folhas grandes originadas não se sabe de onde serviam como telhas costuradas nas vigotas também de bambu, assim como as plataformas que ligavam as cabanas como ruas elevadas a formar um pequenino labirinto suspenso e seco a conectar as choupanas. Abaixo, uma ou outra canoa estava amarrada ou à estrutura ou às escadas de corda balançando no vento fugaz. Este mesmo vento refrescava o interior das cabanas que, combinadas com a sombra, gerava todo o frescor que os visitantes poderiam desfrutar. Não era uma terra de sol intenso, mas o esforço da caminhada sobre um piso pastoso e submerso aumentava o desconforto pelo calor.

Labaki parecia não se importar. Na verdade, sua pele muito alva pedia um descanso da luz que se refletia na superfície pantanosa.

- Vai querer mesmo ficar por aí?

Ele pareceu adivinhar o pensamento de Ella:

- Deixo a emoção para vocês. – Sorriu cinicamente, olhos azuis brilhando ao sol.

- Nada poderá ser mais emocionante que a noite de Lucha – provocou Martius, encontrando outra vítima para atazanar.

Ela nada respondeu a Martius. Ainda estava pálida pela má digestão da refeição noturna, e mau humorada pelo injusto sono tranquilo que o rastreador teve, pois ele foi imune à revolução que ocorreu no estômago da ex-navegadora ao rejeitar a iguaria. No entanto, ele viu um dedo furtivo de um típico gesto indelicado como sua merecida resposta, o que apenas serviu para ampliar o seu sorriso de troça.

O local era chamado de Charco Seco pela falta de árvores. Apesar da grande extensão de água, a vegetação emersa era isolada e esparsa, o que dava a impressão de um deserto,

embora fosse um pântano. A cultura de extração no charco era exclusivamente submersa, pois até os pássaros eram raros naquelas bandas.

Assim, não foi difícil conseguir abrigo em uma comunidade tão necessitada. Já seria esperado receber guarida por solidariedade em uma região extremamente isolada, mas o dinheiro de Labaki ampliou a solidariedade natural para uma nítida alegria. A recepção foi diferenciada e reverente, com o melhor, do pouco que tinham, aos visitantes. Lucha se recolheu cedo, alheia a qualquer tipo de socialização. Ella ficou encantada com o povo local, carente que estava de manifestações de civilidade. Martius estava aberto e confortável perante o estilo de vida simples daquela gente. Somente Tonio mantinha um ar atento a detalhes, mesmo após o longo e cansativo trajeto. Apesar da desconfiança conservava seu costumeiro ar cordial aos locais. Para completar a agradável acolhida, a noite estava refrescante e dormiram bem em plataformas enxutas confortavelmente forradas.

Na manhã seguinte, saíram revigorados para sudoeste, região indicada como a mais inóspita e, portanto, pouco explorada. O moral havia se elevado, exceto por Tonio. Ella foi ter com ele.

- Não deve ser nada. É apenas uma impressão – disse tentando amenizar as preocupações da violinista.

- Como a que Lucha disse que você teve com os Betemares em Fraga? – argumentou Ella. Tonio levantou as sobrancelhas, depois arranhou a garganta seca:

- Lá eu senti algo, os rostos e os gestos não se encaixavam, era possível pressentir uma simulação. Ontem foi diferente, só uma observação...

- Diga logo, Tonio!

Ele suspirou, vencido de suas próprias incertezas:

- Chamaram Labaki pelo nome, ao longe. Vocês não ouviram ou não perceberam.

- Certeza? – disse Ella a franzir o cenho.

- Naquele momento, sim. Quando o tempo passa, as dúvidas vão surgindo. E mesmo se realmente tiver acontecido, não sei se realmente significa algo.

Lucha interrompeu:

- Ele foi o primeiro dos homens de Comperteiro a investigar o paradeiro da gema.

Não foi suficiente para Tonio:

- Ele te disse?

- Sim. Pode já ter vindo aqui – respondeu Lucha indiferente, a fitar o horizonte.

- Por que não nos contou?

- Eu ou ele? Eu estou contando – respondeu dando de ombros. – Por que ele nos contaria?

Martius respondeu à frente:

- Para não contestarmos suas suposições ou conclusões. Ele está nos guiando, não? E ficou para trás quando foi conveniente.

- Então ele sabe de algo – concluiu Tonio.

Apesar do arremate de Tonio, foi Martius quem encerrou a conversa:

- Eu acredito que estamos no caminho certo.

Era o caminho que Labaki apontara com o suporte das informações locais.

1. O CORAÇÃO DE CELIAH

Era hora de retornar, o entardecer logo viria. Seria a sétima pernoite nas palafitas, mas perceberam que chegariam quase ao amanhecer.

Foi consensual, quiseram avançar mais, ou ficariam sempre atados a curtas distâncias. Era uma planície infinita de água na altura das canelas que exigia que fossem além de meio dia de caminhada e meio dia de retorno. E ainda teriam que enfrentar o mau humor de Sávio Labaki, irritado pelo marasmo da vila e pela falta de sucesso da empreitada.

Três deles também queriam evitar a certa discussão de Lucha ao acusá-lo de apático, e que o verdadeiro marasmo era andar sobre o deserto de águas lamacentas sem perspectiva ou sem sequer a visão de uma saliência no horizonte. Ele argumentaria que era obrigação deles, e os acusaria de incompetentes. Lucha o desafiaria a acompanhá-los, ele se recusaria ao afirmar não ser seu papel. Após as costumeiras acusações, o cansaço de Lucha encerraria a discussão, mas não antes de Sávio exigir mais resultados para o dia seguinte. Seria a hora em que Tonio precisaria ser segurado por Ella, pois a paciência se esgotava tanto quanto o corpo. A cada noite, Ella tinha menos vontade de deter Tonio.

Sim, era melhor descansar no primeiro platô seco e continuar pela manhã. Avançavam então, na expectativa de encontrar esse platô.

O baixo sol do Oeste os agraciava com uma cena ligeiramente diferente das anteriores, visto que, desta vez, iam na direção dos raios que resvalavam na superfície lisa e atingiam seus rostos diretamente. Foram obrigados a baixar o olhar.

O barulho da água na altura dos joelhos de Martius era um som paradoxalmente solitário, mas multiplicado por oito, som esse que nem uma respiração intensificada nascia para alterar o conjunto de frequências formada pelo quarteto.

Ella decidiu manifestar o que sabia que todos sentiam há dias:

- Tédio! – externou como uma purgação.
- Prometemos não usar esta palavra, Ella – repreendeu-a Tonio.
- E em nada ajudou, Tonio. Tédio, tédio, tédio – provocava a fim de arrancá-los de tamanha passividade.

Martius interviu a favor de Tonio:

- Não podemos reclamar, já estivemos em situações piores. Isso aqui é apenas um passeio, daqueles sem resultado, mas bem mais fácil.

Lucha se viu obrigada a concordar, porém sem perder a oportunidade de destacar o ponto alto daquela viagem:

- É. Sob esse ponto de vista, o mais intenso que nos aconteceu foi vocês terem conhecido algumas partes de dentro de mim.

Martius riu baixinho.

- Não fazem mais parte de você, Lucha. E ninguém ousou olhar, só ouvimos.

Tonio completou, escarnecendo:

- Como foi emocionante ouvir! – e acompanhou Martius em um riso menos discreto.

Ao invés de rir, Ella levantou a cabeça e, de olhos fechados, suspirou fundo enquanto acolhia o calor do sol em seu rosto. Pegou o violino nas costas, tocou o arco nas cordas.

Martius voltou-se a ela, que estava um passo atrás:

- Cuidado para não cair. Se o terreno ficar instável, será difícil olhar o fundo.

- Se tivéssemos tropeçado ao menos uma vez, seu alerta seria pertinente. E não há terreno aqui, só lama – ignorou-o continuando a segurar firme o arco.

E tocou suavemente enquanto mantinha os passos arrastados em um ritmo consonante com o movimento do arco. Era um andar mais lento, porém com sua própria elegância, em um balé diferenciado de agilidade do tronco e maior densidade nas pernas.

Ella sustentava a cabeça elevada e os olhos fechados a saborear sua própria nutrição da alma. Os demais aceitaram o acalento, mas as cabeças ainda fugiam do sol forte que os cegava quando refletido na superfície. O cansaço físico pareceu se reduzir, e os ânimos pesados foram lavados de cima para baixo, escorreram pelos seus corpos para se dissolverem na imensidão do charco.

O violino abençoou um lento progresso em direção aos raios que douravam a superfície como um mensageiro do entardecer púrpura presenciado nos dias anteriores. As sombras infinitas dançavam pelo balançar dos corpos, necessários para romper a resistência do meio denso em que seguiam, e pela fluidez ágil da superfície perturbada e depois abandonada pelas pernas cujos sons foram suplantados pela música.

Assim como não percebiam as sombras, embora estivessem certos de que elas os acompanhavam, não olhavam para a radiação, pois era desnecessário conferir como ela os aquecia. Entretanto, por melhor que os sentidos adicionais cumpram a tarefa de informar, a visão ainda é a mestra centralizadora que exige ser acionada eventualmente para confirmar as impressões fornecidas pelos demais instintos. Humanos são viciados na visão, e um rastreador vale-se de todos os recursos.

Martius levantou a cabeça, expirou o ar dos pulmões com um longo intervalo para retomar a inspiração, que usou para alertar:

- Ah... quê?

Tonio e Lucha levantaram a cabeça e contemplaram em silêncio o que fez Ella congelar o arco no meio do deslizar. Martius não teve resposta, mas teve companhia para admirar o mais belo e instigante horizonte já visto. As cores esperadas não estavam presentes, mas a prata tomou conta do infinito em uma superfície de ligeira rugosidade especular e dinâmica que refletia a luz branca de pureza brilhante. Não era o prateado de uma luz sobre a água em movimento que dava caráter a outras cores geradas pela natureza, como certa vez testemunharam. Era a prata pura que brilhava alternadamente conforme o tênue vento lambia a superfície. Pelos três lados à frente, a sudoeste ou a noroeste, viam um

mar de superfície prata na imensidão sem limite do charco. A luz branca do céu tomou lugar do amarelo quente do sol antes baixo. Sua posição era indefinida, estava encoberto por grandes nuvens brancas que não eram refletidas na água com o azul e branco de condições normais.

- Magia! – exclamou Lucha.

- É a única explicação – Martius concordou.

Lucha o corrigiu:

- Não é uma explicação. Eu sinto.

Tonio ensaiou um sorriso de alívio contido pela incerteza do que iriam enfrentar:

- Estamos chegando, finalmente. – Apertou o punho da espada com a única certeza de que ela seria imprescindível naquela missão.

*

Eles não sabiam como a paisagem surgiu, mas viram como ela foi se dissipando paulatinamente à medida em que entravam no espelho de prata. As águas agitadas pela lenta passagem dos bardos mantiveram as características sobrenaturais por um tempo, mas, embora a vista enxergasse a mesma paisagem infinito afora, ela retomou o aspecto original, exceto pelo sol que estava às costas. Era manhã!

- Como atravessamos a noite?

- Atravessamos outra coisa, Ella – completou Lucha, ainda a tentar compreender o que estava se passando.

Ao analisar a situação, Tonio parou para um giro de 360°:

- Mas voltamos ao mesmo charco, Lucha. Talvez tenhamos que retornar, atravessamos o que deveríamos ter enfrentado.

- Não é o mesmo charco.

Ninguém entendeu. Ela tinha um ar desconfiado e ligeiramente desconcertado pela dificuldade em explicar. Levou a mão à boca, como se qualquer parecer fosse precipitado.

- Lucha? – insistiu Tonio diante da hesitação.

Foi como se tivesse retornado ao momento presente. Respondeu a Tonio:

- Pode ser o mesmo lugar, mas não o mesmo charco. Muita morte à nossa volta. – Movia-se devagar enquanto avaliava algo invisível.

Tonio a fitou, ela mantinha os olhos na água.

- O que você vê? – perguntou Tonio sentindo os pelos da nuca se arrepiarem.

- Eles estão aqui. Fiquem tranquilos, não podem nos machucar.

- Você sempre vê os mortos, Lucha? – indagou Ella preocupada, mas em uma tentativa de agir naturalmente em respeito ao sinistro dom de Lucha.

- Só na água, Ella. Eu os sinto, e só às vezes.

Mentia. Os via. Eram muitos, fitavam-na, deslizavam na pequena profundidade até ela, queriam algo e vinham de uma direção específica.

- Por lá – apontou Lucha, que os guiou em uma direção aparentemente aleatória.

Ella tentava conciliar o que Lucha manifestava com a lembrança dos necromantes que a atormentaram por meses. Às vezes, era difícil aceitar as semelhanças.

Tonio, concentrado no presente, aconselhou:

- Mantenham-se atentos.

Era inútil. Estavam com os nervos à flor da pele devido às palavras de Lucha, mesmo ela tendo reduzido propositadamente suas impressões. Ela não se atreveu a enfatizar que não se naufraga àquela profundidade, o que significava muitas mortes de outra maneira. Comida e água eram abundantes no charco, não foi por carência que vidas se perderam naquele lugar. E a magia se intensificava. Ouviu os mortos:

- Leve-nos. Leve-nos com você.

Lucha se arrepiou antes de se fechar. Endureceu. Sua resposta foi imperceptível aos bardos:

- Não – respondeu com os ossos tão gelados quanto sua compaixão pelas almas, indisposta a adotar problemas alheios.

Continuaram caminhando. A pressão no ar aumentou. Martius foi o primeiro a perceber, mas foi Ella quem informou:

- Há algo de diferente à nossa volta.

- E está aumentando – Martius concordou.

Tonio sacou a espada e tomou a dianteira. Lucha se retardou. Martius percebeu e olhou-a, interrogativamente. Ela respondeu baixo, balançou a cabeça negativamente:

- Só sei que é melhor.

Viram obstruções no cenário, finalmente. Um platô tão baixo camuflado na vegetação de várzea tinha altura de um passo acima da superfície, e era tão plano quanto pouco natural. Taboas do brejo o margeavam, sustentadas pela lama mole que penetrava nas botas que calçaram quando adentraram na água espelhada de prata. Camalotes, formados quase exclusivamente pela mesma vegetação, tinham pequena altura além da superfície e se espalhavam por grande distância circundando o platô que pareceu bem mais extenso quando se aproximaram. Não havia como explicar não terem visto a mata ripária à distância, que foi estranhamente revelada alta quando se aproximaram. Era como se a paisagem estivesse em formação à medida que avançavam.

Em partes, pois estavam com receio em chegar, embora soubessem que deveriam alcançar o platô. Andavam entre os agrupamentos de vegetação, sem ousar atravessá-los, atentos às moitas que poderiam abrigar diversos tipos de predadores.

A atenção de Lucha, no entanto, já estava voltada ao que não parecia ser predadores, tais as súplicas de ajuda que ouvia e desconfortavelmente ignorava.

- Ajude-nos. Leve-nos com você!

Ela foi a última a ver a sombra que deslizava pelos camalotes. Sentiu antes.

Tonio já tinha a espada em mãos, uma perna à frente com os joelhos dobrados por hábito, pois nenhum impulso viria do apoio na lama. Martius estava com o arco em punho, retesava uma flecha e procurava a mira que furtivamente desapareceu. Soube reconhecer melhor que os outros:

- É algo enorme!

Ella queria mais:

- Um monstro?

- Um monstro de serpente!

- Então a lenda estava certa – observou Tonio.

Silêncio. Não a viram mais. Atrás, a vegetação do platô estava pronta.

- Como vamos convencê-la a nos dar seu coração?

- Convencer?

- Bom, talvez essa parte da lenda esteja errada.

- Atenham-se ao plano. Se ela aceitar conversar, Ella é a mais amigável – disse Tonio cortando as divagações. – Encante-a, Ella. – Martius tentava inspirar Ella.

- Em termos de magia, receio que possa acontecer o contrário. – Duvidou Ella, acreditando que não teria influência suficiente sobre uma serpente.

Uma voz desconhecida surgiu ao fundo:

- Está errada! Foi você quem destrancou a porta, e a abri para a sua música.

Olharam ao redor, nada viram. Ela estava escondida nos camalotes.

Ella pigarreou para tomar coragem. Esqueceu o que ensaiara.

- Onde está?

O monstro não respondeu. Viram a sombra atravessar elegantemente a distância até Lucha, e a sua frente emergir, ameaçadoramente. Encarou a maruja que, imóvel, agarrava o punho da espada em reflexo pela tensão. Adália humilhou:

- Posso ouvir o seu coração.

Lucha controlou uma careta antes de concordar mais com a cabeça que com a voz:

- É.

A serpente oscilava a cabeça no ar, sustentada por pequena parte do corpo fora da superfície, mas em altura duas vezes maior que Lucha.

As vozes aumentaram a súplica, agora desesperada.

- Está tentada a levá-los?

Lucha entendeu. Teve mais segurança em seu papel.

- Não. Nem um pouco – sussurrou, como se a voz alta pudesse levá-la a atacar.

- Então fique longe – ordenou o monstro.

Devagar, e sem dar as costas a Adália, Lucha recuou até uma distância que mal os ouvia. A serpente a observava. Ao longe, Tonio fez um sinal com a cabeça.

- Eu vou atrapalhar – respondeu Lucha alto o suficiente para Tonio ouvi-la, mas ainda receosa em irritar Adália.

A serpente se deu por satisfeita com a distância e a afirmação, mesmo os espíritos tendo seguido e rodeado Lucha. Mergulhou novamente, em direção a Ella, passando pela pontaria de Martius como se ela não existisse. Tonio estava próximo da violinista.

O intervalo foi eficiente para que Ella se recuperasse. Respirou fundo, pronta para chamar a serpente:

- Você disse que eu destranquei a porta?

A sombra ziguezagueou até emergir à frente de Ella.

- Não se preocupe. Eu a deixei entrar, é minha convidada.

Ao contrário do que fez com Lucha, Adália se moveu devagar, mostrando-se para Ella. Deslizou a parte emersa do corpo sobre a superfície da água, cabeça elevada voltada a Ella. Os grandes olhos da criatura eram quentes como o sol, mas a luz que emitia era vil.

Ainda, Ella a admirou:

- Você tem fogo dentro de si.

Adália riu como um adendo à sua resposta:

- Sou aquecida pelo meu coração.

Desmascarada, Ella entendeu que o cuidado passava pela sinceridade:

- Você sabe por que estamos aqui? – Ella inclinou-se amigavelmente.

- Pelo mesmo motivo que todas as almas estiveram.

- E que falharam. – Arrepiou por sua própria conclusão.

- Saberá mais com sua pobre amiga que quer tapar os ouvidos. – Apontou na direção de Lucha.

Ella não se virou. Não seria prudente. Martius voltou-se para verificar, e Lucha continuava imóvel e atenta.

Adália nadou sem submergir, à volta de Ella e Tonio. Ao passar por ele, comentou com Ella:

- A espada de seu amigo é inútil.

Tonio baixou a arma devagar, após o olhar de advertência de Ella. Martius se recusou a baixar o arco, até porque não foi solicitado.

- Há quanto tempo está viva, Adália? – continuou Ella num tom amigável, mas cheio de apreensão.

A serpente respondia indiferente à conversa casual desassociada do deslizar cauteloso e da vasta atenção:

- Séculos. Há quanto tempo toca, Ella?

- Anos. Como sabe o meu nome? – espantou-se Ella.

- Vocês conversam muito.

Os ombros de Tonio caíram em desalento. A serpente o ignorava.

- Nos observa há muito tempo? – inquiriu Ella, precavida.

- Dias.

Ella cruzou o olhar com o Tonio. Ainda tinha o que confirmar:

- Não ia nos deixar entrar se eu não tivesse tocado, não?

A serpente riu. Ela dançava à frente da violinista. Deu outra volta ao redor dos dois músicos.

- Por você. Sua amiga não é bem-vinda.

Ella tinha medo de perguntar sobre as intenções de Adália.

- Não está cansada, Adália? – interpelou Ella.

- Ella! Você desistiria da vida por cansaço? – sibilou Adália em um tom enfático.

Ella se arrependeu pela pergunta. Era óbvia. Tonio pigarreou, e acenou que não fazia diferença. O monstro já sabia do plano. Ella pensou se havia outra maneira de convencer um monstro a abrir mão de seu coração.

- Onde está o seu coração verdadeiro, Adália? – Ella tentou remediar.

- Fora de nosso alcance.

- Você estava fora de nosso alcance, e cá estamos. Podemos trazê-lo para você.

A serpente imobilizou-se à sua frente. Encarou Ella, que sentiu aquele fogo do olhar envolvê-la com um calor crescente.

- Se fosse possível recuperar meu coração de séculos, meu corpo não acompanharia o tempo e se dissiparia em cinzas no ar.

Cabisbaixa, Ella mostrou não ter mais argumentos. A própria criatura de calor interno e pele gelada apontou a solução:

- Mas talvez vocês queiram me dar o de um de vocês.

Ninguém se mexeu, nem respondeu, muito menos ousaram respirar. Adália riu.

- Que tolíce vocês acharem que quero voltar a ser humana. – Voltou a nadar em uma circunferência imperfeita, escarnecendo os bardos.

- Você é infeliz aqui – concluiu Ella levemente comovida.

- O que é felicidade para um monstro, Ella?

- Você gostou de minha música. Foi um momento feliz.

- É verdade! É prazerosa e traz alegria. Muito mais que a companhia dos mortos que lamentam seus destinos.

Ela parou novamente à frente da violinista com um pedido:

- Toque para mim, Ella.

O desejo foi atendido com uma música tranquilizadora. Adália saboreou a experiência aproximando-se de Ella de maneira que tirou todo o corpo do fundo do pântano. Era imensa. De tons que se confundiam com o verde e marrom da água, sua maior espessura impediria que Martius tocasse suas mãos caso a abraçasse. A cabeça era equivalente à de um boi, ou de um lobisomem. Ella nunca havia visto um lobisomem, mas a maldade devia ser equivalente. Naquele momento, no entanto, a ferocidade de Adália foi aplacada, seu próprio nadar foi alterado para uma dança suave que rodeou Ella e excluiu Tonio de maneira preocupante.

Ella emendou uma música em outra, temerosa em parar. Próximo, Tonio percebeu sua apreensão. Olhou para Martius. Ele mantinha a pontaria. Ao longe, Lucha perguntou:

- O que vai acontecer?

- Contaremos se nos tirar daqui. – Os espíritos tentavam barganhar.

Lucha permaneceu em silêncio, atenta ao desenrolar da música.

Adália levantou o corpo à frente de Ella, novamente. Não a interrompeu, continuava a apreciar a melodia. Era a terceira música, Ella decidiu parar.

- E então, isso a agrada?

- Muito.

Antes que Ella dissesse algo mais, a serpente deu um bote envolvendo-a em um abraço tão veloz que nem os reflexos de Tonio conseguiram acompanhar a tempo. Quando ele se jogou, quase foi atingido pela flecha certa de Martius. Lucha gritou ao longe e correu. O espaço em que Adália enroscou-se a Ella estava vazio. Martius viu a sombra gigantesca mover-se rapidamente até a terra e entrar em uma torre de barro e lama que não existia minutos atrás.

Ele correu até aquela toca.

Tonio o acompanhou. Quando Lucha os alcançou, Martius dava a volta à procura de uma entrada:

- O monstro vai matar Ella! – desesperou-se Martius.

- Não, Adália a quer viva. Mataria a nós, mas nem se deu ao trabalho.

Martius não encontrou saída. Colocou-se de joelhos a cavar.

Tonio suspirou:

- A prendeu em uma toca.
- É seu castelo, embora se pareça mais com um cupinzeiro.

Tonio se juntou a Martius. Cavavam inutilmente. O barro mole descia à medida que tiravam montes com as mãos. Lucha tentou ajudar, em desespero, mas logo parou. Tonio também. Martius se recusou:

- Não vou entregar Ella assim!

As vozes não paravam, e disseram algo que fez com que Lucha se voltasse:

- Leve-nos para longe, e diremos como entrar.

Tonio e Martius não ouviam. Tonio procurava um tronco ou algo maior com que pudesse bater no barro compactado.

- O que sabem? – perguntou Lucha.
- Leve-nos e diremos.
- Digam e os levo. Sei o que querem. – A contraproposta de Lucha foi a melhor e única oferta que já tiveram.

Finalmente o silêncio domou as almas atormentadas.

Lucha insistiu:

- Eu sempre conheço os caminhos dos naufragados.
- São caminhos para nós? – perguntaram em coro.
- Desde que estejam atados às águas, de que importa se são salgadas ou doces? São como os rios, não são?
- Teremos paz? – ansiaram as almas.
- Eu não sei para onde vão! Eu só conheço os trajetos, e não pretendo chegar ao final. Os guiarei até a corrente dos naufragados que atravessa o mar, nada mais – ela falava para águas turvas como um demônio a tentar a próxima vítima.

Lucha viu um agitar de esperança em almas antes desesperadas, e exigiu categoricamente:

- Devem me dizer antes, pois terei que deixar meus amigos para dar o que querem.

Tonio corria à margem sem nada encontrar, Martius continuava a cavar. Lucha se voltou a eles:

- Toquem! Tonio, você precisará sustentar a lama. Depende de você.

Tonio parou. Não havia madeira, parte sólida, nada que pudesse tocar.

- Como? – exasperou-se Tonio olhando em volta desesperado.

Martius obedeceu e pegou o violão.

Lucha lançou um olhar de despedida:

- Preciso ir. – Sorriu apreensiva antes de mergulhar na água que, apesar de não ter profundidade suficiente para uma pessoa normal, passou a ter para Lucha.

Tonio gritou, atravessou a margem, nada viu ao fundo. Lucha havia desaparecido. Martius se surpreendeu, mas não perdeu o foco.

- Tonio, temos que tocar. A própria Lucha disse.

Ele concordou, mas olhou à volta, nada tinha além das mãos. Martius já tocava uma música agitada, cujas ondas eram lançadas em direção ao paredão de barro que respondia materializando as ondas em sua forma, mas não saía do lugar. Tonio, angustiado, viu a tentativa vã do rastreador, e bateu as mãos na água impotente. Então contemplou a superfície à sua cintura. Moveu-se para o lado para que ficasse à altura do quadril, e espalmou as mãos.

Conferiu a posição do amuleto e acompanhou Martius até o momento em que dominou o ritmo e Martius passou a acompanhá-lo. Com pausas bem colocadas, viu como o barro era afastado de um alvo determinado por Martius, e como a vibração que enviava ao paredão impedia que a lama dura retornasse ao seu lugar de origem. Foram cavando uma abertura que mais se parecia uma caverna sem fim naquela espessura que se revelava tão mágica quanto tudo ao redor.

Ao seu redor a magia também borbulhava em ondas nunca vistas em um pântano inerte e sem fim. As ondas se propagavam a distância cada vez maior, revolucionando a paisagem. Tonio tinha que controlar o afastar da água que precisava retornar para que a música não cessasse. Sua concentração exigia manter a matéria fluida próxima de si e outra pastosa longe do alvo, cuja reentrância cada vez afundava mais. Pausar e aguardar que a água retornasse não era permitido, ou a lama retornaria a fechar a passagem. Inclinou as mãos de maneira que as ondas de água fossem levadas para longe em um sentido, enquanto a água era repostada sugada pelo sentido oposto. As ondas sonoras provenientes do choque que produzia continuavam direcionadas para a abertura, mas não antes de passar por Martius que dava intensão àquela força.

As ondas que se propagavam na água alcançaram a comitiva que Lucha guiava na profundidade encantada do mundo de Adália. Elas deram velocidade ao cortejo que almejava romper a passagem do charco até o mar, e dali até a corrente das almas dos naufragados na costa oposta ao mar conhecido por Lucha. Ela nunca estivera no mar élfico, ou Finco dos Elfos. No entanto, seu plano não incluía explorações. Ela deveria era vencer a distância com a magia que recebeu no lar da Adália e retornar o mais rápido que conseguisse para ajudar os bardos.

Eles realmente precisavam de ajuda.

Enquanto Tonio e Martius lutavam para abrir uma passagem, ignorantes da situação em que Ella se encontrava, sua conversa com Adália continuava:

- Eles não vão me deixar aqui.

- Esqueça-os, Ella. Em breve, estarão mortos. Você viverá mais.

- O que é este lugar? – perguntou enquanto deslizava os olhos pela câmara vazia de barro escorregadia.

- O que você quiser que ele seja.

Ela sabia ser a toca da serpente, construída quando a aprazia.

- É minha prisão!

- Se quiser aceitar desta forma.

- Acha que passarei minha vida tocando para você?

- Por que pensa ter escolha?

- Eles virão.

A serpente começava a se irritar. Ella viu as chamas se acenderem em seus olhos, a refletir a superfície irregular e molhada da lama.

- Toque, Ella. Agrade-me antes de consumir a minha paciência.

Ella tocou para aplinar sua fúria. Reservava seu repertório pacificador, fossem baladas ou canções de ninar. Sentia o que contentaria Adália, e alternava uma música com alguma conversa para entender melhor a sua situação.

- Essa eu costumo tocar com eles.

- Eles não me interessam, Ella. Desista.

- Então deixe-os ir.

- Eles podem ir, mas não vão deixar você. Devem estar desesperados a tentar entrar aqui. Em vão. Toque outra.

- Por que só eu?

Dentro de sua toca, a serpente era menos agitada. Estava enrolada ao chão de um grande salão, Ella de pé, à sua frente. A luz que as iluminava vinha dos olhos de Adália, mas havia outras fontes mais tênues. Adália arrastou a cabeça até Ella.

- Não entende ainda?

Ella permaneceu em silêncio.

- Ambas iluminamos a noite, mas de maneiras diferentes.

Engoliu em seco, levantou o arco e tocou uma música angustiante.

Adália percebeu e não se importou. Todas tinham a beleza que há muito perdera a capacidade de apreciar. Ao final, já estava acostumada a trocar uma música por um trecho de diálogo. Com o tempo, Ella saberia alterar os assuntos para temas mais interessantes.

- Estou perdendo o jeito. Dependendo deles. Tocamos melhor juntos.

- E são mais fortes. Até quando pensa em me ludibriar?

Ella perdia as esperanças.

- Certa vez, tentaram me prender para usar o meu poder. Penso se aqui é pior.

O monstro se interessou.

- O que quis você?

- Necromantes. Uma ordem. Por que não perguntou o que, e não quem me quis?

Adália riu e se mexeu.

- Não é o nome que me interessa. Você está melhor aqui, Ella. Eles queriam sua vontade, sua alma e sua submissão. Você pode protestar comigo, lamentar e até se irritar. Aceitarei. Só quero sua música e sua luz.

Ella estava desanimada.

- A luz vai se apagar desse jeito.

- Nada dura, minha amiga. Ninguém durou.

A pressão no peito de Ella dificultava sua respiração.

- Não se preocupe, vai se acostumar e viver por um tempo. Agora, toque.

Ella se viu sem escolha, e tocou outra música, cada vez mais sombria. Adália se deliciava, e passeava pelo salão à procura de novas ressonâncias e dispersões que ampliavam sua experiência.

Martius emergiu de uma fenda inexistente segundos atrás. Vinha cheio de lama, arco em punho tensionado, e chegou em silêncio mortal disposto a encontrar qualquer cenário. Ella ainda tocava, e não o viu. Estático, Martius estudou a cena e mirou na cabeça do monstro. Ouviu uma voz.

- Já fizeram isso antes.

A velocidade com que Adália saltou sobre ele, desarmando-o, foi assustadora. Ella gritou e parou de tocar, o arco já estava quebrado e os olhos de fogo fitavam Martius.

- Cravaram na minha cabeça, e nada adiantou! – ela sibilou.

- Adália, se o ferir nunca mais tocarei!

O monstro se voltou à violinista, agressivo:

- E acha que ameaças me deterão?!

Todos ouviam as batidas vindas pela fenda. Tonio mantinha a abertura, Adália olhou para aquela direção, impressionada. Identificara os poderes dos bardos, mas os laços atados que agora percebia intimidavam seu talento para novos ardis.

Martius ainda tinha o violão, estava embarreado e inútil para tocar, mas ainda sustentava a belicosidade e determinação. Ella também manteve sua certeza na resposta:

- Eles morrerão por mim!

- Sim, eu vejo! – constatou Adália, estudando a violinista.

Voltou a fitar Ella de perto, posicionou-se para ter Martius ao fundo de sua visão. Alternou seu olhar sem mostrar o turbilhão de incertezas que há muito não enfrentava. Desde que abandonou a vida, alimentou-se das desventuras de suas vítimas temerosas ou heroicas. Porém, vítimas. Hesitava para prolongar aquelas vidas por solidão?

Alheio aos pensamentos do monstro, resgatados de tempos mortais, Martius entrevistou:

- Ou todos morrem, ou todos vivem. Isso inclui você!

Uma ameaça que purgou as dúvidas de Adália, respondendo seca a um inseto:

- Não é você quem decide, rastreador.

Adália passeou pelo salão, ainda devota ao seu alvo:

- Enfrentou os necromantes com eles, Ella?

- Sim.

- Venceu-os!

Não era uma pergunta, mas Ella completou:

- Outros também.

Deu mais uma lenta volta pelos seus domínios antes de ordenar:

- Conte.

- Morcegos gigantes, Betemares, a própria Borda de Fraga.

- Não conheço todos – sussurrou, aparentemente a contar para si mesma. Sua curiosidade falou alto, assim como a voz reanimada. – Chegaram a cair?

Ella inspirou o ar úmido da toca:

- Em parte. Levantaram-se mais tarde, mas tombaram em nossa presença.

O silêncio era rompido pela música que Tonio enviava de fora. Um ritmo preciso e regular que impedia o barro de deslizar. Já a serpente, esta continuava a deslizar. Ella percebeu intrigada que seus olhos haviam se apagado. Naquela penumbra, eram negros e sem vida.

Adália decidiu provocar:

- Acredita que o mesmo acontecerá aqui?

A voz de Ella tremeu:

- Acredito! Tenho certeza!

A serpente acreditou na convicção de Ella, mais que na previsão de futuro. Deu as costas aos dois bardos. A ausência das labaredas começava a cobrar o seu preço:

- Meu coração dói. Vá embora.

A toca se desfez, deixando-os a céu aberto. Viram Tonio na água, ainda concentrado na música. Ele hesitou quando viu a serpente. Ela o advertiu, desanimada:

- Pode parar, guerreiro. Não há nada para sustentar.

Tonio obedeceu. Ella correu a Martius, deram espaço para o monstro que fluiu em direção à margem.

- Já estou humilhada. Estão a destruir a gema que vieram buscar – advertiu Adália, com escárnio.

Olhou para a água vazia. Arrependeu-se pela sua fraqueza momentânea provocada pela sensibilidade das composições que Ella interpretou. Sua voz, antes seca, lastimou em revolta:

- E de que adianta? Devolvo sua liberdade, mas ainda trocam olhares desejosos em me roubar! Pensam que já não me feriram o suficiente? Aham que não haverá um preço?

Deu um bote sobre Tonio, da mesma maneira que sobre Ella, mas nenhuma torre surgiu. Adália envolveu Tonio em um cone com seu corpo, sua cabeça voltada para dentro.

Ella gritou para que ela soltasse.

Martius tentou limpar o violão, única arma cheia de lama que havia restado, nada a fazer. Procurou ao chão a lança de Tonio, perdida quando ele tentava cavar a lama que já se dissolvera sem explicação. Pegou a espada que Ella carregava e raramente usava, correu para saltar sobre o corpo enrolado do monstro, mas foi jogado pelo ar em um estrondo de sangue, ossos e pele até o solo mole do charco que amorteceu sua queda.

Ella também se sujou, porém menos, e só chegou a ser arremessada ao chão.

Ao se levantar, viu Tonio inteiro, mãos abertas no ar em movimentos curtos em reflexo até se certificar com olhos esbugalhados de que não precisava mais usar o próprio corpo do monstro como instrumento. À sua volta, a água do charco estava vermelha, o barro da margem aproximava-se da ferrugem, e pedaços da serpente eram vistos na terra marrom e verde.

Todos contemplaram a cena e se perguntaram:

- Onde raios caiu o coração?

*

Ella estava furiosa!

- Depois de tudo isso! Depois do medo, da aflição, do perigo, nós perdemos a gema dessa maneira?!!

Eles vagavam pela água sem rumo.

- Deve estar por aqui! Não pode estar mais distante que o sangue.

- As águas estão agitadas, Tonio. Você as agitou! – acusou Ella.

- Para salvá-la, Ella! O que há com você?

- E onde diabos está Lucha? – explodiu, ainda desinformada sobre o desenrolar fora da toca.

Um fio de voz saiu da boca de Tonio:

- Ela sumiu.

Ella parou, estarecida:

- O quê? E não me falam?

- Ela mergulhou e se foi. Espontaneamente. Suponho que irá voltar. – Martius tentou explicar, enquanto caminhava com a água no meio das coxas a procurar pela gema, mas desejando encontrar Lucha a nadar de volta.

Antes que pensassem o pior, Tonio fez uma tentativa de controlar as expectativas:

- Calma. Ela disse que iria atrapalhar. Então acho que ela se foi para não irritar a serpente. Agora é conosco.

- E quando vamos vê-la novamente? – espezinhou Ella estreitando os olhos.

- Nem sei se vamos, Ella! – irritou-se Tonio deixando transparecer a angústia que sentia no peito.

Ella se calou. Não foi a única a ter sérios problemas ao longo da última hora. Foi calma e fraternal para remediar sua exasperação:

- Vamos achar a gema, ela é mágica e poderá nos indicar onde Lucha está.

- Você sabe como usar a gema? – duvidou Martius.

Ela espalmou a água a sua cintura:

- Pelos mares sem sentido de Lucha! Não sei, Martius! Vamos descobrir!

Todos baixaram as cabeças, olhos na água. A lama e o sangue turvaram a visão abaixo da superfície obrigando-os a tatearem como cegos. Percorriam trechos sensíveis à inutilidade de uma busca onde o líquido em movimento podia deslocar o alvo para outras partes previamente esquadrihadas. Depois de um tempo, Martius foi ao platô e se sentou. Ele não era de desistir, mas assim como suas palavras, seus braços frouxos mostravam o seu abatimento:

- Quando parece que tudo vai se resolver, algo mais acontece.

- Não vamos desistir de Lucha, Martius. Ella tentou animá-lo.

- Não vamos. Ficaremos dias aqui, mas até lá... – Martius não encontrou um desfecho que fosse capaz de pronunciar.

Tonio tentou usar uma lógica de esperança:

- Não será na água que ela vai morrer.

- Não seria o melhor lugar, Tonio? – objetou Martius.

Ele não respondeu. No entanto, ele tinha razão, o tempo era limitado. Algo precisava ser feito. Olhou para seus pés, não os viu, ocultos pela água nas canelas. Ele se sentou, sentiu a lama abraçar seu quadril. Ele investigava possibilidades. Espalmou as mãos na superfície, calmamente, a sentir a distância de seu instrumento e o espaço disponível a sua composição.

- O que está fazendo, Tonio?
- O que sei fazer, Ella. Talvez eu possa senti-la.

Martius ficou em dúvida:

- Sentir a gema ou sentir Lucha?

Não teve a resposta que queria:

- Invertam seus amuletos – Tonio fitou-os com um semblante ligeiramente inseguro – só para garantir.

Iniciou a tatear a superfície com cuidado, voltado fixamente ao horizonte com a atenção nas ondas que gerava. Tentava recriar o que certa vez Lucha contou ter percebido: uma presença indicada por uma perturbação no fluir natural das ondas no mar. Assumiu uma cadência crescente que alimentou sua insegurança transformada em angústia ao começar a tocar. Aquela sensação fora recorrente em sua vida até ser atenuada pela união dos bardos. Ela retornava para dominá-lo e, a fim de expurgá-la, Tonio a enviava para o charco que materializava seu sentimento na tormenta de águas que se dissipavam a partir do ponto focal ao lado do platô onde Ella e Martius se abrigavam.

- Ele também cria sua tempestade – elogiou Martius com os olhos a brilhar.

Ella não respondeu, mas agarrou o braço de seu amigo para expressar seu receio. Ele soltou a mão da violinista para passar o braço por sobre os ombros de Ella, trazendo-a para perto.

Tonio crescia e as ondas o acompanhavam. O charco atormentado contorcia-se em uma súplica por paz, mas o guerreiro travava uma batalha contra o destino que tentava se sobrepor a ele. Fornecia a energia para arrasar aquelas águas ou devolver o que o pertencia.

Não muito longe, uma luz brilhou no meio daquele mundo atribulado: uma luz amarela alimentada com energia suficiente para se intensificar e revelar sua posição.

A gema ainda brilhava quando Martius a segurou nas mãos.

*

Lucha chegara até o Finco dos Elfos, o mar que outrora abrigara fatos reais contados como lendas e imaginação fértil nos dias atuais: dramas, guerras, aventuras, ameaças, heroísmos, traições. Mais uma história se juntaria àquelas que jamais seriam contadas.

Ela guiava um cortejo de almas aflitas por liberdade em alta velocidade nas profundezas encantadas logo após deixar o rio do manguezal que conectava o charco ao litoral. Ainda a grande distância, viu a corrente das almas do Finco dos Elfos. Apontou a corrente a indicar sua localização enquanto reduzia a velocidade. Atrás de si, uma outra corrente formada por espíritos desesperados por paz se amontoava e se empurrava na ânsia por um lugar no caminho que os levaria para o outro mundo. O temor em perder sua vez, ou ser novamente capturado por Adália, se espalhou desde o início do percurso e passou

despercebido por Lucha que tinha seus próprios receios, pois temia desgarrar-se do caminho de magia que ela própria abria nos domínios sobrenaturais de Adália.

Quando Lucha se deteve, a legião espiritual passou por ela, esfriando seu corpo e levando parte de sua energia. Foi a sensação de ser atropelada por trezentos cavalos que a rodopiaram, tiraram seu senso de direção e entregaram o terror da incerteza em troca. Lucha nadou, procurando seu caminho de volta. Viu os espíritos ao longe tomarem seu rumo, mas ela não sabia qual era o seu próprio itinerário!

Viu a luz da superfície. Se subisse, a magia se quebraria e ficaria presa no mundo material, perdida no meio do mar. Relembrou-se da experiência: embora não se sentisse só, sentiu sua alma afundar em uma imensidão gelada que cravava finas lâminas de dor em seus ossos que ficaram na superfície. Conferiu se o pequeno tritão voltou a espetar seu lado, a dançar no seu lombo e fazê-la reviver o momento mesmo meses depois da ferida real se cicatrizar. Não havia nada. Prometeu: “O diabinho não vai retornar!”

Logo a magia passaria, teria que emergir para respirar. Não podia ficar parada. Também não aceitava morrer sozinha no mar! Optou por seguir com os espíritos pela corrente até adiante, até se encontrar e emergir em local próximo à costa. Teria mais chances se nadasse no mundo material por distância menor, e talvez chegasse à costa dos elfos. Muitos ainda existiam. Bom, alguns.

Decidida, deu as primeiras braçadas para pegar impulso, quando uma luz brilhou às suas costas. Sentiu a vibração das águas. Voltou-se e reconheceu o caminho por onde veio, guiada por uma estranha luz e vibração de cadência familiar vinda das mãos de Tonio. Deslizou seu corpo pelo túnel de encantamento quase perdido, porém recuperado a tempo de sair do mar, entrar no mangue, seguir o rio acima até o charco, onde as águas se espalhavam por pequena profundidade e distância colossal.

Entrou em um charco de algas e detritos revirados. A música havia cessado, mas a luz ainda a guiava. Quando emergiu, viu que a luz vinha de algo nas mãos trêmulas de Martius.

*

Navegavam pelo Lago Sereno a fim de sair diretamente na nascente do Rio Holiah e evitar atravessar a cadeia de montanhas de mesmo nome, assim como os outros terrenos acidentados da divisa de Moros com Katos. Na vinda, desembarcaram precocemente do Holiah para atravessar parte de Andreada por terra. No retorno, decidiram atravessar o Lago Sereno e descer pelo Holiah próximo de sua nascente. O restante o percurso seria como o mesmo de onde vieram: Holiah, Grande Rio, Sobetiba e Desterro e, em seguida, Valdoa. O Holiah era um afluente do Grande Rio, por onde navegariam contra a corrente por um curto trecho até entrar em outro afluente, o Sobetiba. Ambos dividiam Moros de Katos. O Sobetiba era irmão do Rio Desterro, pois nasciam no mesmo ponto, e quando estivessem descendo o Desterro, já estariam no Território da Capital, deixando um trecho menor a ser vencido por terra até Valdoa, terra natal de Tonio e também de Fúlvio Comperteiro, que aguardava a sua preciosa encomenda.

Embarcaram na margem lamacenta do Lago Sereno que se confundia com o que restava do Charco Seco. A partir dali, as águas se tornaram escuras pela elevada profundidade, porém tão calmas que pareciam estar flutuando em um vazio de um negro sem fim. Lucha fitava esse vazio, acorada na borda do costado do bergantim. Ella esticou o pescoço para conferir:

- Hum... Deve ser tenebroso navegar aqui à noite.

- Logo você vai descobrir – disse Lucha sem mexer um músculo.

Desencorajada, Ella deu as costas para a paisagem, encostando-se na borda. Respirou fundo, apreciando o cheiro do ar fresco após deixar o charco.

Lucha estava atenta:

- Como está se sentindo?

- Aliviada.

- E a gema? – continuou Lucha.

- Acho que ela me revigora, de alguma maneira.

Ella carregava a gema em um alforje. Deu um risinho lembrando-se de como ficou decidido que ela seria a guardiã.

Martius acabara de resgatar a gema quando Lucha surgiu tão repentina quanto havia desaparecido. Ela abriu os olhos e um largo sorriso ao ver a boa nova. Antes de dizer algo, Martius protestou:

- Isso está incomodando! Quase queimando!

Tonio correu com o seu casaco e o embrulhou. Guardou na aljava de Martius. No entanto, mal tinham tomado o caminho de volta e ele novamente se queixou:

- Não dá. Estou ficando tonto.

Lucha o ajudou a tirar a aljava. Ao segurar o casaco de Tonio, encolheu os ombros e o jogou novamente na aljava, com uma interjeição aguda:

- Uhhhhhh!

- Dói? – perguntou Tonio.

- Não, mas é um formigamento forte, a energia é imensa, subiu pelos meus braços, muito estranho.

Tonio tomou a aljava e a carregou por um tempo. Depois a colocou a seus pés, em uma moita no caminho.

- Não vai dar.

Tentou pegar a gema, fez uma careta, enquanto estremecia. Martius sugeriu:

- Precisaremos revezar.

- Não chegaremos neste compasso. Ficaremos esgotados ainda no meio do percurso.

Ella sugeriu:

- Apoiaremos a gema onde tiver lugar no caminho. Podemos amarrá-la e ir puxando pela água também.

Ela tomou a iniciativa, pegando a aljava já molhada para retirar o embrulho de dentro. Segurou-o na mão, examinou, pegou a gema sem proteção alguma.

- Hum...

- O que está sentindo?

- Nada. Digo, um calorzinho. – Sorriu. – É gostoso!

Tonio quis se certificar.

- Tem certeza?

- Vocês é que são uns bundões! – tomou a frente do grupo, fingindo trivialidade no fato.

Lucha cochichou para Martius:

- Desde quando Ella xinga assim? – escondendo o riso divertido.

Conferiram seu estado durante toda a viagem e até naquele momento, no bergantim, nada de anormal ocorreu com Ella. Martius chegou a apostar quando embarcavam:

- Alguém se posicione às costas de Ella. Se vir um rabinho nascendo, ela está se transformando em cobra. Ou em jacaré.

Tonio embarcou no bergantim e na brincadeira:

- A gema não é uma poção que se toma para virar jacaré, Martius. Se houver rabo, é cobra. Mesmo Ella sendo mais casca grossa que provavelmente a bela Adália deve ter sido.

- É verdade, não ouvi o monstro arrotar, já Ella... – completou Martius.

Ella fez um muxoxo antes de apontar a língua aos dois, certa de sua superioridade por ter sido a única capaz de conservar a gema.

Já no bergantim, Ella refletia com mais seriedade sobre o comentário inocentemente jocoso de Martius. Perguntou a Tonio que acabara de se juntar às mulheres no costado do bergantim:

- Acha que foi o uso da gema que fez com que Adália tenha se transformado em serpente?

Lucha coçou o pescoço:

- Usar no lugar de seu próprio coração? Para ter poderes? Pode ter sido uma escolha – não resistiu em ironizar. – Ela não parecia muito vaidosa.

- Falo sério, Lucha. Tonio, será que isso tem poder para fazer a vontade de quem o manipular, ou tem uma vontade própria? E até que ponto vai essa vontade?

Lucha inspirou o ar do lago, esquecendo que não estava em um mar verdadeiro. O nome Mar Pequeno era dado pela grande extensão do lago que podia confundir observadores, mas era definitivamente de água doce.

Tonio viu que ela também não sabia a resposta. Sugeriu:

- Por que não tenta usar?

Ella se surpreendeu:

- Usar uma gema mágica que habitava um monstro! Acha prudente?

- Não sei. Vamos entregar algo muito poderoso a um estranho e estou bastante incomodado com isso. Desculpe, depende de você. É apenas uma sugestão, mas se o fizer, não deixe Labaki saber – sugeriu Tonio.

A curiosidade de testar a gema fez um novo brilho surgir no rosto de Ella.

Ao perceber, Lucha se voluntariou:

- Eu posso distrair Labaki, mas faça-o em terra, aqui não.

Tonio acenou afirmativamente, concordando com o conselho de Lucha. Dali saiu um plano que somente Martius discordou:

- Por que eu? Lucha é especialista nisso!

- Já passei mal há poucos dias, eu não aguentaria – argumentou Lucha, com um leve prazer em seu infortúnio anterior.

- Labaki se importará mais com você doente. Se é um pretexto para ficarmos em terra, teremos melhores chances se você passar mal.

- Ele não é desse tipo. E eu sei navegar, como dizer que me senti mal em um lago?

- Você é que se mostrou frágil para comida! – disse Martius.

Ella saiu em socorro de Lucha:

- Ela precisa convencer Labaki, Martius. Ela tem recursos para mantê-lo em uma longa conversa que você não é capaz de sustentar. E eu e Tonio diremos que cuidaremos de você. Na verdade, preciso de vocês para cuidarem de mim. Não sei o que irá acontecer.

- Você consegue, Martius. Já encarou ressaca forte, será só um mal-estar. Além disso, já riu demais de Lucha, está na hora de sentir na pele – Tonio reforçou o pedido, tocando o ombro do rastreador com um sorriso zombeteiro.

Martius tinha o rosto duro e desconfiado.

- Está bem. Para velar por Ella, eu concordo. E foi por eu rir que chegaram à conclusão que eu sou merecedor da tarefa?

Lucha decidiu saborear o momento:

- Não. Na hora de decidir, eu e Tonio nos recusamos a comer comida estragada. E você ficou em silêncio.

- Eu não estava lá! – protestou Martius.

- Exatamente! – Lucha sorria cínica.

*

Ao verem um Martius verde, Lucha mencionou Donnal, o sobrinho de Tessa que morava naqueles arredores e que teria os ingredientes de uma poção para Martius. Sávio Labaki duvidou:

- Você conhece poções?

- Um pouco. Tessa era mestra em poções, tinha várias aprendizas. Donnal é seu sobrinho, pelo menos o básico ele deve ter – respondeu Lucha trivialmente.

Hospedaram-se com ele, que os recebeu muito bem com o seu jeito manso, feliz em rever os amigos do Vale da Rã. A poção era de efeito imediato, mas Lucha alegou que Martius precisaria de três dias a uma semana para se recuperar.

- Não me agrada esse atraso – Labaki estava visivelmente insatisfeito.

Repousou a mão na verga acima de sua cabeça, com olhar duro a fitar a lareira. Lucha o observou, percebendo que, se ele aceitou o desvio pelo estado de Martius, não aceitaria atrasos mal justificados. Também observou como a sua estrutura óssea compensava os músculos pouco desenvolvidos em comparação com Tonio e Martius, mas que fornecia um aspecto esguio que ele sabia explorar bem. Reorganizou o pensamento com um discreto sacudir da cabeça.

- Queria saber o que aconteceu, não? É sua chance – propôs como planejado para convencer Labaki.

- O que seria diferente de conversar enquanto se navega?

- A minha boa vontade.

Labaki aceitou, sabiamente. Ele considerou que Lucha estava preocupada com Martius, que realmente ficara mal. O que ele não sabia era que, em relação a Martius, ela ria em espírito. Entretanto, a possibilidade de ser sabatinada por Sávio tirou seu humor.

Donnal morava em um sobrado formado por um salão, uma cozinha e quarto de higiene no térreo, aposentos privados de cinco moradores no pavimento superior. Cada aposento era um pequeno estúdio onde eles viviam em privacidade, fosse para dormir, descansar ou trabalhar. Donnal, depois de conhecer a arte da tia, quis ir além e integrar as poções com erudição. Procurava entender de curas para as almas e para as tristezas dos homens. Os seus companheiros de morada ganhavam a vida em traduções, papelaria e encadernação, velas e aromas, e o último e ausente naqueles dias, em taxidermia. Donnal instalou Martius no estúdio de taxidermia, e os outros ficaram no salão.

Após entregar a poção a Ella, Lucha desceu e foi ter com Labaki. No andar superior, o violino foi iniciado.

Sávio andava insistentemente pelo pequeno salão.

- Este atraso poderá nos ser prejudicial.

Lucha estava apática, um resquício da pressão por precisar enfrentar a inquisição de Sávio:

- Que diferença faz? Já levou tanto tempo. – Lucha tentou inutilmente reduzir seu mal estar ao desqualificar as preocupações do outro.

- Exatamente. Temos pressa.

- Para quê? – ela se sentou à sua frente, mas ele continuou de pé.

- Você sabe. A situação de Fúlvio não é das melhores!

- E como a gema irá ajudar? – indagou Lucha, realmente curiosa em saber como Fúlvio Comperteiro conseguiria recuperar seu status com o Coração de Adália, tendo imaginado desde a venda da joia até à exposição pública.

Sávio a olhou com reprovação, e foi seco:

- Reconhecimento. Você conhece a história.

- Conheço. – Lucha analisou suas unhas, arranhando-as. Fúlvio Comperteiro queria mostrar seu valor a seu sogro, o Barão de Baixo Campo, ao recuperar o que ele chamou de joia de família. – Mas você não conseguiu nem olhar para a gema, como Comperteiro poderá apresentá-la?

Ele sentiu a armadilha de uma Lucha falsamente distante. Puxou uma cadeira e se instalou à sua frente:

- Aquilo tem um poder muito grande, Lucha.

- Exato, tanto poder que ia feri-lo se chegasse mais perto – ela provocava sem noção do perigo, a fim de extrair respostas caso ele vacilasse. – Como acha que será com Comperteiro?

Labaki apertou os olhos, depois baixou a cabeça. Se os outros bardos tiveram dificuldades de segurar a gema, ou de sustentar o invólucro que a continha, ele mal chegou a metros de distância. Fora dolorosamente rejeitado! Não poderia explicar nem a parte que realmente sabia.

- Eu não sei – mentiu, antes de ir à verdade que podia ser dita. – Eu não esperava tanta repulsa. Então conte, o que houve lá? O que eu posso esperar da gema?

Lucha contou a história superficialmente, omitindo o portal que Ella abriu e a sua própria incursão até o Finco dos Elfos. Também não sabia como Ella e Martius agiram dentro da toca de Adália.

- Era realmente uma serpente?

- Gigantesca – respondeu tanto com palavras quanto com um movimento da cabeça.

Sávio tinha foco, sabia o que perguntar:

- E todos tocaram na gema sem grandes problemas?

- Eu disse que tivemos.

- Grandes problemas, Lucha. Grandes!

Ela aquiesceu:

- Como você? Não. Pudemos tocar, embora sem conseguir manter por muito tempo.

Ela viu a faísca nos olhos de Labaki. Que os bardos tivessem facilidade, sim, mas, Lucha? Ele estava ciente de que ela o entendera, e cravou:

- Talvez você não seja tão dispensável a este grupo.

Sua prudência foi maior que o orgulho, não o contestou. Como confessar do que era realmente capaz? Deixou que o silêncio dominasse o ambiente, pois temia que as perguntas certas a deixassem acuada. Afinal, durante toda a viagem, Sávio Labaki esteve impassível às agressões de Lucha, ao passo que era superior nas respostas vis que a desarmavam. Ela desconfiava que ele tinha até controle sobre a dose de perversidade que a atingia que, inexplicavelmente, era administrada com compaixão.

No andar superior, o violino também silenciara. Ninguém sabia o que iria acontecer quando Ella testasse o poder que se abrigou em suas mãos.

Lucha sentiu em seus ombros a exposição de seus amigos ao testemunho de Sávio. Desejou que ele estivesse longe naquele momento, e conhecia apenas uma tática indubitavelmente eficaz para afastá-lo. Puxou-o e o beijou.

- Vamos sair daqui – propôs.

Ele aceitou, sem hesitar, a chance de apaziguar a turbulência de seus pensamentos desde a noite após o desafio de caça de Comperteiro.

*

Lucha e Sávio retornaram tarde, a casa já dormia. Exceto o estúdio de taxidermia.

Encontraram Ella deitada sobre as pernas de Martius, ele acariciava seus cabelos, consolando-a. Cantava baixo, na tentativa de fazê-la dormir. Tonio desceu com Lucha e Sávio até o salão.

Ele sabia que teria que fazer alguma pergunta para disfarçar:

- Onde estiveram? – perguntou o bardo.

Lucha simplificou:

- Não importa Tonio, o que houve com Ella?

Ele suspirou antes de responder:

- Ella tocou a gema, tentou se conectar a ela. Uma luz forte nos cegou e quando pudemos enxergar, Ella estava emocionada. Continua nesse estado, às vezes chora baixo, talvez esteja um pouco melhor. Disse que viveu muitas coisas, que precisava descansar, nos contaria depois.

- A gema a fez mal de alguma maneira? – perguntou Labaki intrigado. – Fisicamente não. Pelo que entendi, ela apenas se emocionou, segundo ela mesma, pelo que viveu.

- Viveu! – exclamou Lucha encostando-se no assento.

- Sabe de algo, Lucha?

Ela foi sincera:

- Não, Sávio. Tentando imaginar o que significa. O que Ella viveu que está relacionado à gema?
- Por que raios ela tentou usar o poder? – questionou Labaki a Tonio, ignorando Lucha.
- Ela não tentou usar o poder, apenas tentou entender do que se tratava! – respondeu Tonio, incomodado com a visão de Labaki.
- O que o faz pensar que sou crédulo a esse ponto? – perguntou Labaki, em um súbito murmúrio de escárnio.

Lucha baixou a cabeça. Tonio tentou contornar:

- Aquela “coisa” a está afetando! Estamos incomodados, e ela tentou encontrar uma explicação!
- Até onde vi, a afeta positivamente, Tonio. – Levantou o queixo a desafiar, ainda desconfiado.
- Não sabemos. Foi negativa com todos nós, você incluído.

Labaki não se deu por satisfeito, mas não tinha como argumentar sem se expor. Tonio decidiu provocar:

- Imagino que esteja preocupado com a saúde de seu suserano. Acha que ele irá sobreviver?

Labaki fechou o cenho, ia revelar que Comperteiro não era seu suserano, mas deixou estar por conveniência.

- Não é nosso problema. Vocês estão procurando além do requerido. Nossa missão é entregar a encomenda. E terminamos por aí.
- Dado o poder que esta gema tem, imagino que tudo esteja apenas começando – atçou Tonio levantando-se do banco em que estava sentado.
- Tudo o que, Tonio?

O mestre de armas fez um gesto amplo com as mãos, mostrando o entorno:

- Tudo que estiver ao alcance da gema. Lembre-se que estamos falando de minha terra natal.

Labaki disfarçou mal sua incerteza:

- Eu seria incapaz de ser a causa de danos a Valdoa, fique tranquilo, Tonio. Eu estou nessa empreitada para tirar o melhor dela.

Afastou-se, seguido de Lucha. Tonio fez um gesto de dúvida, ela apenas acenou para que a deixasse ir. Quando se viram a sós:

- Sávio, Tonio tem razão. Não tínhamos ideia da abrangência desse poder, talvez ainda não tenhamos. A princípio, era apenas um símbolo. Veja o que se tornou.
- O que se tornou?

- Não jogue com as palavras. Algo grande e desconhecido. Uma combinação perigosa.

Labaki se apoiou no encosto do banco da varanda, à entrada do sobrado. Estava inclinado a aceitar os argumentos de Lucha, mas era um bom negociador:

- Vocês não têm todas as informações. E eu vejo que eu também não. – Encarou-a em censura.

Lucha fitou os pés para refletir sobre a verdade daquela constatação, antes de responder:

- Pode haver uma troca. Desde que justa.

Ele acenou afirmativamente, satisfeito com o rumo da proposta. Ela completou:

- Se houver algo que você não sabe, será informado.

Ao entrar no estúdio de taxidermia, encontrou Ella beliscando uma refeição, olhar perdido no fogo da lareira. Martius analisava o trabalho incompleto em um guaxinim, e o comparava a um gavião concluído. Tonio estava à janela, ainda irritado com Labaki.

Lucha os atualizou da conversa. Antes que os outros dessem opinião, Ella proferiu uma sentença seca e decidida:

- Ele não pode saber.

Lucha não contestou. Sentou-se na cama ao fundo do estúdio. Sabia que deveria aguardar como os demais.

Foram examinados um a um. Todos respeitaram o silêncio solene que antecede uma declaração.

Ella olhou para as próprias mãos, as esfregou para se certificar, mais uma vez, de que estava de volta.

- Eu tentei me conectar ao poder da gema, como abri-la. Achei que sentiria algo, que seria uma luta para controlar o poder. Era o que esperávamos, não? A gema realmente se abriu, e com facilidade. Senti que fui sugada para outro lugar. Martius e Tonio disseram que não saí daqui, Lucha, foram segundos. Mas eu entrei em algum lugar e vivi alguma outra vida que não a minha. Testemunhei e senti tudo o que foi a vida de um... uma... outra... – baixou a voz – pessoa. Outra coisa.

Tonio se afastou da janela e caminhou devagar até a porta. Passou a chave, sem fazer menção de interromper Ella. Ficou encostado à porta.

- O que vou contar aqui será demorado, tentarei resumir ao máximo. Acomodem-se, irá levar toda a noite.

*

Eu estava à entrada de uma caverna, eu me chamava Celiah e vivia em uma terra que não soube reconhecer. Sei que foi há muito tempo.

Havia encontrado uma pedra diferente, um ovo. Levei a meus tios, senhores daquela terra. Reconheceram como um ovo petrificado de um dragão. Uma relíquia, ou objeto de decoração. Logo tornou-se notícia, muitos notáveis viajaram para ver a novidade. Ficava

no salão de meu tio, à noite eu levava para o meu quarto. Era meu troféu. Eu nunca havia sido tão festejada por visitantes. Em um evento em que meu tio recebia senhores que vieram para verificar se era verdade, um ovo de dragão, mesmo que inerte, algo maravilhoso aconteceu. O ovo brilhou! Se a notícia tinha corrido antes, foi muito mais além. É claro que não sabíamos da dimensão que as notícias tomariam, consideramos ser uma fama que ficaria na história da família e não traria consequências.

Lembro-me de que, naquela noite em que o ovo brilhou, Celiah – eu não vou me referir como se fosse eu, é estranho. Era Celiah. – Bom, ela estava muito feliz, o seu primo prometido mandara notícias que logo tomaria o caminho de casa. O casamento finalmente iria se realizar. Em anos, ela seria a senhora daquelas terras junto à família que sempre amou. O receio de ser dada a um casamento incerto não aconteceria com ela. Somente boas notícias.

Poucos meses depois, Celiah foi acordada e chamada ao salão do tio para levar o ovo. Não teve tempo de se vestir, jogou uma capa e foi conduzida por um criado, enquanto outros circulavam apreensivos pelos corredores. Em alguns, ela viu o medo.

Seu tio estava de cabeça baixa, à sua frente estava o maior cavaleiro que já viu, magnífico em uma armadura completa de aço polido com capa vermelha e brasão de dragão. Ele estava acompanhado de outros dois tão grandes quanto, apenas segurando um elmo mais simples. Ela foi o centro das atenções.

Pela janela, um som chamou sua atenção. Ela viu dois exércitos em formação nos pés do castelo, preparavam-se para uma batalha iminente.

- Aquilo não estava lá ontem! De onde vieram?

O tio ordenou:

- Celiah, dê o ovo a eles.

Ela o apertou com mais força. Era seu troféu.

- Entregue, querida. Será a nossa ruína! Os dois vieram pelo ovo, mas um veio em paz, disposto a nos proteger, os outros destruirão a todos nós independentemente de entregarmos o ovo – justificou o tio. – Ela se apegou a ele desde que o encontrou.

O cavaleiro apertou os olhos:

- E ela o guarda?

- Sim. – Tomou o ovo das mãos da sobrinha, que se encolheu, mas não resistiu.

Estendeu os braços para o cavaleiro. Ele examinou o ovo e trocou olhares com os demais.

- Ela deve vir também!

Vou saltar os protestos e apelos. Afirmaram que ela corria tanto perigo quanto o ovo, a relacionariam a ele, não adiantaria ela ficar, os inimigos certamente a capturariam e seria torturada. O cavaleiro se ajoelhou e jurou protegê-la, disse que, para eles, Celiah era tão preciosa quanto o ovo.

E assim, ainda de roupas de dormir e coberta com uma capa, uma menina de 16 anos saiu às pressas de sua casa escoltada por uma guarda brilhante de gigantes abraçada a uma pedra que era, na verdade, um ovo de dragão. A Ordem Draconiana era lendária, diziam que atendiam ao que fosse interesse dos dragões no mundo. E eram guerreiros formidáveis. Eles realmente estavam dispostos a tudo para protegê-la!

No portão ela pôde avistar os cavaleiros com armaduras brilhantes e capas vermelhas, uma lança na mão e o escudo longo com o brasão da ordem na outra, montados em cavalos que pareceram a ela serem os maiores que já existiram. Ela foi colocada em um e levada na direção contrária ao esperado, não havia saída pelo penhasco que separava o terreno do castelo do mar. No entanto, os inimigos da Ordem subiam pela estrada de acesso ao castelo. Celiah viu a cavalaria se fechar habilmente entre ela e os invasores. Uma luta feroz de urros com lanças, tinir de espadas, cavalos relinchando e escudos que bloqueavam sua visão à frente sempre que uma flecha rompia o cerco. Ela estava encolhida, congelada de medo e era carregada, puxada e levada como uma boneca dentre aqueles gigantes que brilhavam ao sol fraco da manhã.

O comandante puxou seu cavalo para afastá-la do confronto. Foram seguidos por cavaleiros que romperam o flanco esquerdo, próximo da mata. Ele a puxou do cavalo e a manteve presa pelo braço, colocando-se de frente aos inimigos. Estava pronto para enviá-la correndo à proteção da mata quando uma onda prateada bloqueou o acesso dos inimigos. Voltando-se a Celiah, apontou com a espada um guerreiro de cabelos longos e lisos que chegava pelo lado do penhasco.

- Siga-o – gritou o comandante e tomou a direção de seus homens para deter a ameaça.

Celiah hesitou, o guerreiro a chamou. Ao alcançá-la, não fez qualquer tipo de pausa. Puxou-a para que corressem até o penhasco, onde havia uma corda. Ela se encolheu ao entender que iriam descer por uma corda de cânhamo em altura impossível de sobreviver. Mesmo que longa, não venceriam aquele penhasco, onde havia uma embarcação a aguardar.

- Esperava menos peso! Abrace-me forte e feche os olhos – disse o cavaleiro.

Agarrou-a pela cintura e ela não teve tempo de protestar. Ao sentir o corpo no ar, gritou, e somente depois percebeu que não caía. Sentiu braços pressionarem o seu tronco, a sustentá-la sem uso das mãos. Ao abrir os olhos, percebeu que o elfo usava luvas grossas que deslizavam pela corda levando-os rapidamente, porém em segurança, até a praia. Agarrou-o com determinação, instintivamente receosa pela altura que venciam.

Flechas voaram inutilmente e por um breve tempo sobre eles. Embarcaram os dois, onde um jovem de cabelos loiros esvoaçantes ao vento deu a ordem de zarpar. Ao contrário dos grandes cavaleiros, ele vestia um gibão de couro com ombreiras de aço, parecia ágil como o elfo, tinha o olhar sagaz e um sorriso cativante. A recebeu com aquele sorriso animado pela aventura, porém dirigiu-se ao elfo:

- Ela também?

O elfo acenou afirmativamente. Foi levada até uma cabine confortável onde ela e o ovo foram deixados a sós. Ambos bem instalados.

No fim do segundo dia, foi chamada até o convés. Havia sido bem tratada, mas nenhuma explicação fora dada até aquele momento. O cavaleiro de armadura polida estava lá, ela notou outras três embarcações ao acompanhá-los. Ele esclareceu:

- Foi o que sobrou da batalha. Éramos nove!

Celiah ainda estava perdida.

- E minha família?

- Antes, eu preciso contar dos motivos do que parece ter sido uma loucura.

Celiah discordou:

- Um terror! Quem são vocês?

- Seus protetores.

Eram Tibor, o Comandante Primeiro da Ordem Draconiana, o cavaleiro de armadura brilhante. Sonnel, o elfo, Guardião Segundo dos Segredos da ordem e Ricard, o Coletor da ordem de sorriso cativante. Celiah não tinha como saber que coletor era o espião, coletor de informações para a ordem.

De volta à cabine, Tibor se desculpou e chegou a chorar com ela após informar que não houve sobreviventes de sua família. Enquanto eles tentavam protegê-la, os invasores dizimaram todos os ocupantes do castelo. Ele foi compreensivo com a dor da moça, e disposto a amenizá-la. Prometeu que ela não ficaria só, cuidariam dela, era especial para a Ordem e não a abandonariam.

Durante os dias da viagem, Sonnel explicou o que era a Ordem Draconiana, e a importância de acharem um ovo de um dragão. Celiah perguntou por que tantas mortes por um símbolo, se estava petrificado.

- Ele brilhou, não brilhou?

Ela baixou a cabeça e confirmou. Ela mesma testemunhara. Nunca imaginaria que poderia haver vida dentro dele, quanto mais que aquilo traria tanto horror.

- Este é o motivo de o preservarmos. É nossa razão de existir. Imagine se alguém cria um dragão?

- Não é o que farão?

- Nós servimos aos dragões – ele corrigiu. – Ao dragão.

Celiah arreganhou os olhos. Havia mesmo um dragão! Sonnel prometeu:

- Você já é parte da nossa história. Pode ter um papel maior, se quiser se juntar à ordem.

Os ensinamentos de Sonnel ajudaram Celiah a entender sua situação. Porém Tibor a ajudou muito mais, sempre presente e compreensivo. Convidava-a a passeios no convés, gentilmente recusados por ela não querer se afastar do ovo. Ao contrário do esperado, a

preocupação o agradava. Assim, ele passava horas a fazer-lhe companhia. Falava do ovo com devoção, e da importância daquela que o encontrou.

- É raro que seja apenas um. Pode haver mais, temos que resgatá-los, se existirem.

A amabilidade de Tibor foi o grande suporte de Celiah. Sem outro apoio, perdida no mundo e para sempre dos seus, ela aceitou a aproximação de alguém que se preocupava com seu futuro. A acolhida a consolou e deu-lhe esperanças a ponto de se entregar a ele. Foram dias mais leves, onde o pesadelo parecia ter ficado para trás, como ficavam as espumas após a embarcação rasgar o mar.

Nestes dias aprazíveis, ela abandonou o sorriso tímido de agradecimento e realmente sorriu ao apreciar o momento. Ela ria, junto a Tibor, após se amarem. E em um destes momentos, o ovo brilhou novamente.

Ele saltou da cama e se aproximou, maravilhado com a manifestação. Celiah viu a sinceridade de sua emoção apaixonante e apreendeu parte da importância que aquele ovo significava. Respeitou e passou a desejar venerar o ovo, como Tibor, que chorava ao reconhecer que havia ainda vida dentro daquela casca.

Na manhã seguinte, viu que Tibor se levantara cedo. O ovo havia desaparecido. Subiu ao convés e encontrou apenas Ricard, os outros navios haviam se desgarrado. Dentre as explicações, Ricard foi breve:

- Ele levou o ovo à ordem.

- E quando nós iremos até lá? – questionou Celiah inocentemente.

- Eu vou, quando me chamarem. Já você, por enquanto vem comigo. Não reclame, era melhor que a opção de jogá-la ao mar.

-

Celiah não sabia se era esposa ou escrava. O ano passou lentamente, obediente e sem perspectivas de escapar. Além de não ter recursos ou aliados, não sabia onde estava ou para onde ir. Até o dia em que, sem nada dizer, Ricard a colocou em uma carruagem e pegaram estrada. Ela perguntou apenas uma vez, mas conhecia-o de mau humor e não se atreveu a desafiá-lo.

Desembarcaram em terras altas, em um pátio protegido do vento frio do inverno por muros altos e torres voltadas para o céu. Somente um lado não era murado, mas fechado pela encosta da montanha, onde um portão indicava que o complexo se mesclava em partes erigidas e escavadas. À volta do portão, a encosta era esculpida com motivos humanoides e draconianos, remetendo a uma história em sequência que não pôde captar, pois foi levada imediatamente para dentro.

Sonnel a aguardava. Ricard a apresentou e saiu, taciturno como foi em toda a viagem.

- Você está devolvida à ordem.

Algo mexeu dentro de Celiah além da revolta.

- Apenas isso que me diz? O que esperam de mim?

- Que um dia nos perdoe. Saiba que fui contra, mas... – Baixou a cabeça. – Todas as promessas que fizemos são válidas agora.

Celiah pensou ser tarde demais. Os dias consecutivos foram preenchidos por perguntas e arguições intermináveis: onde encontrou o ovo, em quais condições, como estava o tempo, quem estava por perto, eles queriam tudo! Sonnel a orientava. Ela não ousou perguntar por Tibor, mas sabia que ele estava por trás da arguição.

- Vocês já têm tudo! Vão atrás dos outros ovos! – respondeu, atormentada.

- Não há outros. E aquele, bem, está morto. Nunca houve vida dentro.

Ela sentiu fundo aquela notícia.

- Então é o fim para mim?

- Ao contrário. Acredita-se que você deu vida ao ovo, de alguma maneira.

No dia em que ela retornou a mencionar outros ovos que poderiam existir, Sonnel a levou para Tibor:

- Ela está pronta.

Celiah não confiava mais. Sua respiração se acelerou, as pernas tremeram, não pôde captar o que significava estar pronta.

Tibor a guiou sem encontrar seus olhos uma única vez. Caminhava encarando o chão, ela não sabia o que mais pensar, sua mente estava vazia de possibilidades. Ele a encaminhou para uma grande porta, abriu e apontou. Ao entrar, a porta foi fechada por fora.

Só, atravessou um salão cuja parede do fundo inexistia, a abrir para uma grande caverna. Celiah caminhou pelo recinto a ouvir seus passos. Hesitou ao chegar no limite do piso construído, liso e plano, para finalmente aceitar passar para o salão natural. Era mal iluminado por tochas e sem vida. Estalagmites e estalactites tentavam se encontrar como irmãos separados ao nascer, mas apenas nos cantos do salão. Ao centro, a possibilidade de união foi rompida para ampliar o espaço livre de obstruções, vazio como sua esperança. Até uma voz encher sua mente com o seu nome:

- Celiah!

Ela se voltou ao monstro de escamas vermelhas, hálito quente e sussurro pujante e inteligível. O dragão se chamava Hezadrath, e era visivelmente velho e cansado. Celiah entendia-o como se os ouvidos não tivessem sido dispensados de captar a voz exposta por meio da telepatia. A saudou e a acolheu com formalidade, porém humildade. Desculpou-se pelo erro dos seus, e agradeceu por ela ter dado um mínimo de esperança àquele velho dragão no ano que passou. Sabia que ela não era culpada pela ausência de vida no ovo, ele não sobreviveu desde o início. Admitiu que ela teve algum poder sobre a memória do que o ovo teria sido, e naquilo estava o seu valor, no valor de Celiah para o dragão e, portanto, para a ordem. Explicou que, assim que soube de seu destino, ordenou resgatá-la. Confessou que não se importou de antemão, apenas ao constatar o ovo inerte. Agora resgatada, era seu desejo que Celiah se juntasse à ordem, onde ela

poderia aprender e crescer. Ela não precisaria passar seus dias servindo um dos membros da ordem, ao contrário, poderia se tornar um membro terceiro, ou até segundo, de acordo com sua dedicação. Celiah entendeu que seria aquilo, ou retornar a Ricard. Sua única exigência foi que Sonnel a guiasse, e nenhum outro.

E pelos anos seguintes, ela estudou, trabalhou e aprendeu. Tibor a evitava, mesmo que ela o encarasse de frente, provocativa. Já Ricard, dele tinha poucas notícias. A ordem evitava fornecer informações sobre seu paradeiro ou seus trabalhos, pelo histórico que tiveram. Celiah soube que a ordem voltou à caverna e encontrou ovos quebrados de mais de uma década. Os dragões fugiram ou pereceram por falta de proteção.

Celiah elaborava suas opiniões e eventualmente as levava a Hezdrath, que se habituou à sua companhia. Ela temia, mas respeitava o dragão. Sonnel referendava suas ações. Mesmo após anos, poucas vezes ele a corrigiu. Quando o elfo ouviu sobre a teoria do encantamento, reagiu de maneira estranha.

- Por que acha que houve um encanto?

- O dragão daquele ovo não sobreviveu ao encanto lançado à prole do dragão mãe. Os outros foram enfeitiçados com sucesso.

- Nem todos os ovos de uma ninhada vingam.

- Ovos de dragões são sempre férteis – contestou Celiah.

Ela aprendera rápido, mas Sonnel ainda estava apreensivo. Decidiu:

- Se descobrir a causa, ou o encanto, pode levar a Hezdrath, mas não o perturbe com fantasias.

Celiah passou o ano seguinte estudando, perguntando, pesquisando. Chegou a ter permissão para usar Ricard para coletar livros no mundo exterior. Optou por escrever uma carta com instruções frias.

A movimentação foi percebida por Hezdrath que a convocou para explicações. Celiah estava eufórica.

Encontrou-o com um olhar inquisidor, patas dianteiras cruzadas e cabeça elevada olhando-a de cima. Suas asas se abriam para exibir sua majestade ao ocupar todo o vão da caverna. Tibor, Sonnel e outros membros segundo e terceiro estavam presentes. De cabeça baixa, explicou sua teoria. Hezdrath estava disposto a um debate:

- E qual seria este feitiço, pequena Guardiã Aprendiz dos Segredos da Ordem do Dragão? – era seu título completo, embora ele nunca dissesse draconiana.

- Acredito ter sido um feitiço de transformação. E foi a causa de o ovo encontrado não ter sobrevivido. Ele não suportou a dor da transformação.

- E... para quê transformar dragões?

Ele aproximou a cabeça de Celiah. Ela se encolheu, insegura nas suas respostas, mas não havia como recuar diante de seu deus.

- Para proteger?

- Como proteger uma cria abandonada em terras dos homens, Celiah?

Ela tentou puxar o ar, mas seus pulmões falharam. Uma segunda arfada e a voz retornou.

- Transformando-os... – a jovem não conseguiu terminar.

Hezedrath foi além:

- E quem era adotada naquela terra, provavelmente encontrada quando bebê perto da caverna? Que nos fez confundir seu brilho com o do ovo, um mero reflexo da vida do verdadeiro dragão?

Ela gemeu, tapando a boca com a mão.

Tibor entendeu as palavras de Hezedrath e imediatamente se ajoelhou, sem ter como disfarçar a dor que sentia pelo que provocou no passado. Foi seguido dos demais, que se prostraram aos pés dela. Celiah gritou:

- Não sou um dragão! Como? Não sou!

Hezedrath estava calmo, levantou-se:

- Examine o seu redor, Celiah. Veja por você.

Deixou o salão da caverna ao som de um choro contido.

Ela passou os dias transtornada, tentando encontrar sinais que a faziam humana, ou um dragão enfeitado. Recusou assistência de quem quer que fosse, mesmo de Sonnel.

Com o tempo, aceitou que deveria procurar sinais de ser um dragão, ou confirmar ser um simples engano do destino. Foi elevada a membro primeiro dos Guardiães, com a bênção do elfo, o que mais se parecia a um amigo naquele lugar.

Em um dia comum, em que todos seguiam com suas vidas e ela com suas investigações, Celiah desapareceu para desespero da ordem, que levou muito tempo para entender e aceitar que ela havia fugido.

-

O que aprendera como membro da Ordem Draconiana garantiu sua sobrevivência e seu sucesso. Ela sabia qual seria seu destino quando a ordem se convencesse de que ela não era um dragão. Entendeu o que eles valorizavam e não iria se entregar à morte passivamente. E se não fosse a morte, pior seria retornar à escravidão.

Celiah vagou pelo mundo que até então só ouvira falar. Fez amizades e inimizades. Conquistou e perdeu. E levou mais de 20 anos para que a Ordem Draconiana a encontrasse novamente, sedenta de vingança pela desonra em ser desdenhada.

Desde que se tornara senhora das terras campestres de Ruan, por casamento e por batalhas que travou junto de seu esposo, Celiah seguiu os passos da ordem com prudência. Sabia onde e como eles se deslocavam, o que procuravam e quem. O seu nome chegava com frequência por seus espiões.

Agora, a viúva procurava mercenários com experiência em enfrentar dragões ou monstros, pois estava certa de que eles viriam e, ao falhar, Hezetrath viria em pessoa. Talvez até outro dragão daquela prole desaparecida.

Sabia que Ricard prosperara na Ordem Draconiana. Tibor retirou-se velho, mas foi-lhe descrito como ele se voluntariara com sangue nos olhos ao ouvir que a localizaram. De Sonnel, não soube de reação alguma.

Durante anos, fortificara sua propriedade prudentemente, sem jamais revelar aos seus vassallos o motivo oculto para tantas e exageradas melhorias. Enviou o povo para longe, encheu a fortaleza de mercenários e aguardou por meses, pacientemente, como um dragão milenar aguarda pelo breve sopro de anos.

E eles vieram. Tibor era o comandante de honra da Cavalaria Draconiana, a mesma que jurou protegê-la como um dos seus, e que lhe deram as costas dias depois. Ele não tinha mais forças para combater, restringiu-se a aconselhar o verdadeiro comandante. Celiah mandou cercarem a infantaria de Ricard na mata, mas ela mesma caiu na armadilha do espião, que tinha mercenários pagos dentro da fortaleza. Ela enviou sua legião de caçadores de monstros, generosamente pagos para ceifar as vidas humanas e humanoides. O sangue escorreu pelos muros da Fortaleza de Ruan, cujo custo foi extremo para os dois lados. Ela não se importou. Esperava Hezetrath.

E finalmente, após três séculos, ele saiu de sua caverna disposto a matar. A armadilha estava pronta, ele voaria pelo corredor invisível de catapultas preservadas da visão dos inimigos ao custo de muitos guerreiros que entregaram suas vidas para evitar que os invasores chegassem aos flancos.

No entanto, os espiões de Ricard fizeram bem o seu trabalho, e Hezetrath circulou a Fortaleza mais de uma vez em voo, mas não se aproximou. À distância, ele não poderia atingi-la, o que planejava?

Celiah o viu pousar sobre uma colina, com a Guarda Draconiana a seus pés. Ele a olhou de longe, olhos cheios de mágoa. Ela o viu incendiar o seu próprio povo.

Gelou.

Ao ouvir os gritos, reconheceu aquela que não era a guarda. Vestidos de membros da guarda estava a sua gente, aqueles que a acolheram e amaram por mais de uma década. O povo que a proporcionou um futuro e uma vida de valor, quando ela pensou que estava perdida, estava sendo incendiado à sua frente, vítima da falta de visão e de estratégia.

Não! Vítima da crueldade dos dragões e seus servos, assim como ela foi. Gritou!

Desejou cravar seus dentes no pescoço de Hezetrath e suas garras em seu peito, soprar o mesmo fogo sobre suas asas e queimá-lo até que sua memória fosse extirpada das mentes e histórias dos homens.

Seu desejo nasceu do impulso do ódio, mas cresceu com a força da sobrevivência. Seu furor foi potente para romper com a ordem do destino e quebrar o encanto.

Transformou-se.

Um dragão de escamas ocre e marrons alcançou o ar com fúria de assassino e se lançou sobre Hezedrath em um grito de morte que preencheu o ar e estremeceu a terra. Lutou com selvageria, sem perceber como o velho dragão vermelho cumpria o seu papel ao encontro da morte.

Sonnel a encontrou encolhida e nua a um canto do muro da fortaleza semidestruída, em choque, a balbuciar palavras incompreensíveis. Ele a cobriu, acalmou-a e aguardou. Quando ela recobrou a fala, ele respondeu:

- Sim, é um dragão. Um poderoso e furioso dragão.

Sua respiração era rasa:

- O que vou fazer?

Tibor respondeu ao fundo:

- Deve procurar seus irmãos. Estão perdidos, como a senhora Celiah estava até hoje.

*

O silêncio que se seguiu não foi reflexivo. Era de espera. Quando nada mais veio de Ella, Tonio perguntou:

- Acabou?

- Foi o que vivi, com mais detalhes e alguns fatos omitidos.

- Ella, é uma história fascinante, mas o que isso tem a ver com a gema?

Ela pigarreou.

- Bom, Adália se tornou um monstro por ter se atrevido a usar um coração que não era dela. A gema está esperando a verdadeira dona retornar.

Martius deslizou os olhos pelo aposento como a conferir se o dragão já estava lá, enquanto Lucha deslizou o corpo sobre a cama, para pensar. Tonio tinha mais perguntas:

- Como Celiah transformou o próprio coração na gema? E por quê?

- Não sei. Não vivi essa parte, acho que só vivi a parte humana. Essa de se transformar em dragão não fez parte de minha experiência, apenas a constatação de Celiah após se tornar humana novamente: Hezedrath morto e a ordem a venerá-la.

- Transformar seu coração em uma gema mágica deve ter a ver com a busca pelos irmãos – sugeriu Martius.

Ella concordou, acenando.

Mais nada concluíram naquele dia, exceto que Labaki não podia saber do ocorrido.

*

Ainda perturbados em como disfarçar tantas novidades para Labaki, comiam com o anfitrião Donnal. De temperamento calmo e sociável, o sobrinho de Tessa chegou a cozinhar para suas visitas, com especial atenção para o cardápio de Martius.

Recostado, cadeira em balanço apoiada nas pernas posteriores, Donnal tentava ingenuamente retardar a estadia dos bardos em sua cidade.

- Fiquem e toquem! Cheguei a vê-los umas duas vezes na taverna de Lucha. São sucesso garantido. Posso indicar quem fará instrumentos para você, Tonio. E Tessa falava sempre de vocês.

- Não chama sua tia de tia? – perguntou Tonio.

- Hum... pouco. E sei que estão desconversando. O que acham da proposta? – insistiu Donnal com a tranquilidade de sempre.

Labaki estava calmo também, mas atento à reação dos bardos. Martius tomou a frente:

- Estamos cansados, Donnal. Queremos chegar logo a Valdoa e resolver nossa pendência, para então relaxar por um bom tempo. Quem sabe não voltamos para cá, após sermos bem pagos, não é Labaki?

Ele sorriu cinicamente:

- Certamente. Fora as despesas de viagem e a maior parcela paga previamente – referia-se à informação que Comperteiro trocara pelo serviço dos bardos –, alguma coisa ainda há para ser cobrada.

Donnal foi gentil em ignorar as alfinetadas:

- É uma viagem cara. Deve ter sido um belo trabalho, tocaram em uma coroação?

- Foi um trabalho extenuante, Donnal. Talvez tivesse sido mais fácil enfrentar a lendária Adália do Charco. – Riu Martius.

Tonio se mexeu na cadeira, reprovando Martius. Os outros não se importaram, até ouvirem a resposta de Donnal.

- Ah, teria sido memorável. Se tocarem algum dia para ela, me chamem! Até ajudo a pagar as despesas. Aliás, eu não, Leafir. Meu amigo elfo é obcecado pela história de Adália, se ele tiver oportunidade, irá se juntar ao grupo – riu o sobrinho de Tessa –, mas eu fico com o couro. Conheço um estúdio de taxidermia que pagaria muito pela serpente.

Sua gargalhada disfarçou o mal-estar dos demais.:

- Você tem amigos elfos? – interessou-se Ella.

- Sim. Ele não vive mais aqui, mas ainda temos contato. Ficou um tempo hospedado, exatamente estudando a lenda de Adália. Esteve no charco, obviamente nada encontrou. Demorei a convencê-lo de que algumas lendas são apenas lendas.

- O que ele queria com ela? – disse Ella esticando os ouvidos atentos.

- Só sei que não era o couro – disse Donnal ainda se divertindo com sua piada. – Minto. Eu sei. Ele lutou na guerra, acredita que era um dos comandantes? Tinha um trabalho para o monstro Adália, caso a encontrasse – completou, baixo, como se lesse para si mesmo. – Acho que ele queria voltar para casa.

Martius tomou um gole da cerveja e comentou:

- Sempre achei interessante como os elfos vivem muito.

Trocou um olhar com Ella.

Em horas, tinham o plano quase pronto. Deixariam Labaki para trás, estava decidido que procurariam saber mais do elfo Sonnel por meio das informações de Leafir. Ou do coração de Adália, agora Coração de Celiah. Eles tentariam desaparecer, fazendo-se acreditar que iriam para os Lanceiros Perpétuos, enquanto atravessariam o Finco dos Elfos até a terra que um dia abrigou aquele povo.

- Sim, porque é fácil quatro pessoas seguirem despercebidas por tamanha distância. Lembro que Labaki nos encontrou em Fraga! – Martius foi perspicaz, mostrava que entendia de rastreamento fosse no campo ou na cidade.

- Ele vai gastar um tempo com os Lanceiros. Eles não dão informações, nem que sim nem que não. Até ele descobrir onde não estamos, já estaremos longe – alegou Tonio.

- Repito: ele nos encontrou em Fraga, em plena fuga! – Martius pronunciou cada palavra separadamente.

- Martius tem razão. Alguém terá que ficar para segurá-lo – concordou Lucha com praticidade para encontrar soluções que a atraíam de alguma forma.

Tonio a olhou como se ela tivesse afirmado que iria sair voando pela janela.

- E o que acha que ele fará com você?

Era incerto. Ela levantou os ombros.

- Você confia nele, Lucha? – perguntou Ella sem achar que seria uma má ideia.

- Nem um pouco. Ele esconde algo.

- Assunto encerrado. Não nos separamos. Desapareceremos juntos, investigaremos juntos – determinou Tonio a fim de concluir a discussão.

Martius mordeu os lábios enquanto balançava a cabeça negativamente.

Ele tinha razão em apostar na perspicácia de Labaki. Insatisfeito com o silêncio dos bardos, Sávio aproveitou a oportunidade quando Ella estava só, arrumando seu alforje, a gema não estava à vista.

- Escondeu bem a gema? Fico imaginando se isto cai em mãos erradas.

- Como as suas? – Ella espetou sem se virar.

- Por que acha que minhas mãos não são apropriadas? – disse Labaki, recostado à soleira da porta. – Porque, se fossem, você teria permissão para tocá-la.

Ele fingiu embaraço. Aproximou-se:

- Já pensou se for o contrário? Afinal, Adália teve permissão para tocá-la.

Ella levantou a cabeça, surpresa por não ter cogitado algo tão simples. Justificou:

- Deve haver uma outra explicação.

- Eu tenho outra – disse sentando-se ao lado da violinista. – Adália se perdeu. Só não sei quais foram as condições para que isso tenha acontecido.

Ella abaixou a cabeça novamente. Não olhava diretamente para Labaki, mas sentia o peso daquele olhar em sua nuca.

- E você quer me ajudar a descobrir – instigou a barda.

- Se você achar importante – respondeu, solícito.

Ella se levantou. Com as mãos na cintura, desafiou-o:

- Sabe o que eu realmente acho? – disse a violinista estreitando o olhar. – Você está frustrado porque a gema o rejeitou.

- O quê? – respondeu Labaki, surpreso.

- Você esperava chegar vitorioso e entregar a gema a Comperteiro pelas suas próprias mãos. Agora, não sabe nem que explicação dar a seu fracasso, pois pode ser que seu próprio mecenas não possa fazer uso da gema sem se destruir.

Labaki perdeu o sorriso. Levantou-se e aproximou o rosto de Ella, de maneira a reduzir a distância entre eles ao limite do que seria uma ameaça:

- Então você se vê como a única digna de manipular a gema? – indagou em um tom ardiloso, levemente revelador de outras intenções.

A aproximação não a abalou:

- Ela não me rejeitou, Labaki – disse Ella, levantando o queixo a desafiá-lo com um precoce ar vitorioso.

Ele controlou a exasperação:

- Cuidado, Ella. A gema pode desejar você por um motivo específico, como aceitou Adália. Lembre-se sempre de Adália! Você não faz ideia do que uma magia daquelas é capaz.

Saiu mal-humorado. Foi direto a Lucha para cobrar o acordo da troca de informações, o que a deixou em apuros.

- Não houve nada.

Ele a advertiu:

- Lucha! Uma madrugada inteira trancados em cochichos! Você não quer que eu ignore, não?

Lucha teve uma inspiração. Ao pensar na visão de Ella, lembrou-se das suas próprias visões.

- Eu falei mais que Ella.

Ele não se convenceu, mas tentou se acalmar e apostar na conversa em lugar da desavença, a fim de cavar mais após o fracasso com Ella:

- Você?

- Ella viu o passado dela. Do tempo dos necromantes. Você sabe, já contamos.

Ele acenou afirmativamente, desconfiado.

- Pois eu a tranquilizei. Foi um choque ver aquele passado, mas não eram espíritos voltando. Era só uma visão. Então eu contei a Ella o que me aconteceu.

Interessado, Sávio deu a volta na pequena mesa que os separava, dividindo a mesma quina com ela. Seus olhos eram penetrantes como no dia em que se conheceram.

- Eu... – Ela sabia que teria que dar algo verossímil a ele. – Eu vejo e falo com os espíritos dos mortos que habitam as águas. Eu vi no charco. Passei a madrugada contando a Ella, para acalmá-la. Funcionou, ela entendeu como eles só queriam ajuda.

Sávio foi arrebatado.

- Eu não imaginava! Como os vê?

- Em locais que têm magia. Não é gratuito, é preciso haver uma conexão. E só vejo aqueles que viajam através, ou que estão presos na água.

Ele fez uma pausa antes da próxima pergunta. Lucha esperava por questionamentos sobre os espíritos, o que queriam, como eram, como agiram. No entanto, a pergunta foi outra:

- Quando os viu pela primeira vez?

Ela olhou para o lado. Tremia levemente. Ele pegou em sua mão e sussurrou:

- É só uma memória.

Ela concordou e entregou:

- Na primeira vez em que eu quase morri no mar.

Ele inspirou fundo. Percebeu que “primeira vez” implicava em pelo menos mais um risco de morte. Tinha a voz baixa, como se quisesse evitar assustar uma criança:

- Sentiu medo? – ainda tinha a mão repousada sobre a de Lucha.

- Sim – confessou o que ele perguntara, embora as emoções daquele episódio tivessem ido além do medo.

- Então foi ruim.

- Não todo o tempo. Havia algo comigo, algo bom, que me dava segurança. E paz.

Ele apertou os olhos, molhou os lábios com a língua:

- O que estava com você, Lucha?

- O mar. Ele é meu amigo.

- Havia magia no mar?

- Creio que a morte pode ser algo mágico.

Labaki abriu um sorriso reconfortante após saborear a revelação. De alguma maneira, ele sempre gostou do lado sinistro de Lucha e, estranhamente, ele a apoiava e até a

incentivava. No entanto, a estima de Sávio não era motivo para ela não cobrar por tamanha exposição.

- O que me diz em troca, Sávio?

Ele manteve o sorriso nos lábios que em poucos segundos transformou-se em malícia. Brincou com os dedos de Lucha enquanto a provocava exibindo os dentes brancos. Ela viu que foi ingênua, e estava certa, mas Lucha não teria como saber que temia pelo motivo errado:

- Eu sei que querem ir ao elfo. E sua confissão revelou que você ainda tem seu lado frágil, então estou tocado. Por estar emotivo, irei permitir. É claro, cobrarei por essa gentileza a posteriori, quando a procurarei para saber da verdadeira história contada naquele quarto. Verá que tenho paciência.

Lucha não entendeu. Sávio sempre dizia que tinha pressa.

2. FAEMON HANDRA DOS ELFOS

Faemon Handra era a terra dos elfos no continente, onde eles prosperaram até serem expulsos pela Guerra do Êxodo. Hoje era chamada de Femon, conquistada na Guerra dos Metoikos por aqueles que dominaram quase todo o continente, os humanos.

Estavam em Galianthiel, ou Galianthus para os humanos. Ella tinha um desejo secreto de conhecer a cidade cantada em diversas versões e línguas, onde as belezas de uma cultura única era revelada em meio a tragédias comuns aos povos. Nenhum dos outros três tinha a decepção estampada no rosto com tamanha nitidez:

- Não era isso que eu imaginava! – disse Ella desapontada.

- Foi há muito tempo, Ella. Eles a fundaram, mas parece que nada sobrou – comentou Tonio.

Um edifício do mercado, um templo da praça cívica e o portão principal da cidade foi o que viram com motivos élficos. No centro da praça, um monumento homenageava sarcasticamente a árvore que um dia ali existiu. O restante havia sido tomado, modificado e derrubado.

Era a cidade com maior concentração da população élfica que ficara para trás. Eles passavam nas ruas com o anonimato raro em outras partes onde os bardos pisaram. Em todas as outras cidades, eles seriam motivo de curiosidade, de admiração ou de desconfiança, a depender de onde estivessem.

Para Martius, eram motivo de admiração, pela preferência com o ambiente natural que ele compartilhava e pelo sucesso nesta convivência, que ele almejava. Lucha conhecera elfos desgarrados dentre os marinheiros: aquela parcela indesejada que toda população tem e que, por ela, não fazia diferença existir. Tonio já os vira e lamentava o destino daquele povo. A sua experiência com a guerra o fazia simpático à tragédia que eles viveram.

E Ella, bem, esperava muito mais. Eram o tema de diversas músicas de seu repertório, os pais da cultura que trouxe o natural e o sobrenatural para as artes, o sinônimo de beleza em seu sentido mais simples. Não era à toa o termo beleza élfica. No entanto, Galianthus estava longe de ser o que se cantava sobre Galianthiel.

Os elfos que restaram na cidade não pareciam se importar com a descaracterização do que um dia foi uma referência de sua expansão. Passavam apressados para seus afazeres, outros aproveitavam o ócio encostados em varandas e em portas de tavernas, haviam aqueles absortos em algum trabalho manual. Todos muito humanizados. Era necessário observar sua altura, depois os cabelos, por fim confirmar o formato das orelhas para comprovar ser um elfo ou, eventualmente, um mestiço.

Chegaram ao endereço fornecido por Donnal, uma marcenaria em uma estreita travessa cuja largura mal dava para três cavalos emparelhados. A porta estava aberta, e lá dentro um homem lixava uma peça que enchia o ar de pó de madeira. Trabalhava concentrado,

mãos ágeis a moldar uma forma indecifrável no meio daquela nuvem opaca que enchia a sala. Ele também tinha ouvidos lépidos, Tonio não achou que tivesse feito barulho.

- Encomendas somente no próximo mês. A não ser que estejam dispostos a pagar um diferencial na proporção de sua urgência.

Não agradou a Tonio a indiferença:

- E se estivermos vindo pegar algo? – disse Tonio, testando o marceneiro.

O elfo interrompeu o trabalho e levantou a cabeça. Grupo incomum: aquele que respondera olhava fixamente, ignorando o pó suspenso, ao contrário de uma loira que tinha a mão a cobrir o nariz e boca, um outro alto com um violão às costas o analisava e, uma ruiva ao fundo corria os olhos rapidamente pelas peças à volta de seu criador. Todos tinham os cabelos compridos, os homens usavam barba curta, as mulheres também portavam armas. Estrangeiros. Boa coisa certamente não era.

O elfo não se alterou. Havia anos que não tinha motivos para se alterar.

- Neste caso, vieram ao lugar errado, pois não tenho entrega por agora que exija quatro pessoas para carregar.

Martius conhecia a boa índole de Tonio até que ele se irritasse por pouco, e decidiu cortar o que mal iniciara: as provocações.

- Donnal nos mandou. De Andreada.

O elfo não disfarçou a agradável surpresa. Mudou para um tom mais amigável:

- Ah?! Donnal! Faz tempo que não ouço dele.

Caminhou até uma porta, fez sinal para que o seguissem. Em um pátio de pedra descoberto, bem diferente da rua, Leafir se sentou em um banco ricamente decorado com motivos, agora sim, legitimamente élficos. A estrutura lateral terminava em arcos preenchidos com ramos contorcidos, porém simetricamente ordenados, que se estendiam pelo topo do encosto a se encontrar no meio do assento. Os braços se projetavam à frente em uma confortável curva onde as mãos tocavam ligeiramente a madeira, de maneira como que os dedos ficassem soltos no ar ou, se levemente, fechados, recostados em um broto em espiral. Os pés reforçados contrastavam com a leveza com que se elevavam para sustentar o assento plano coberto por uma almofada verde escura decorada com arcos dourados.

O pátio era cercado por outros bancos, cadeiras, aparadores e cabides de pé de motivos semelhantes, porém com variações dos adornos que iam à simplicidade de um ramo à trama intrigante de raízes trançadas que arremetiam à estrutura de um grande carvalho. Ao fundo, as paredes ou os muros eram disfarçados por trepadeiras de diversos tipos que se ocupavam de cobrir a dureza da arquitetura humana e ainda se projetavam sobre o pátio para criar uma cobertura verde que filtrava parcialmente a luz para gerar uma infinidade de pequenas sombras de intensidade variada.

Ella suspirou sorridente, finalmente saciada pelos seus olhos. Mais do que a expectativa saciada, estava admirada. Esqueceu-se do anfitrião e fluiu por entre os móveis a alisar os

detalhes com as pontas dos dedos ou as peças mais planas com as palmas das mãos. Apreciava-os como se estivesse a dançar por entre um tesouro recém-descoberto enquanto emitia interjeições baixas e agudas acompanhadas de tímidos gemidos de deleite.

Ao se voltar faceira aos bardos para dividir o prazer como uma criança que aponta para sua descoberta, recobrou-se pela incredulidade dos três conhecidos a fitá-la, contrastando com o sorriso satisfeito de um elfo orgulhoso de sua obra, a se divertir despreocupadamente com a reação espontânea da violinista.

Tonio levantou as sobrancelhas acompanhadas do polegar a apontar para Leafir, a razão da visita. Ella adotou uma elegância encabulada no caminhar de volta, fingindo uma vã naturalidade enquanto se colocou ao lado de Martius.

Leafir a agradeceu com uma medida formal, embora seu sorriso aberto indicava maior descontração:

- Faz tempo que meu trabalho recebeu elogio tão autêntico, e creio que nunca, tão divertido! – voltou-se a todos, apontando as opções de assentos que tinham à disposição. – Mas digam-me, o que devo fazer para os amigos do afetuoso Donnal? O gosto eu já conheço. – Olhou para Ella que sorriu ainda encabulada, porém com o resquício da satisfação pela poesia que foi novamente despertada para seu contentamento.

Tonio começava a prever que a diversão das próximas horas seria às custas de Ella, e teve dificuldades de conter o sorriso largo, porém levemente encabulado.

- Bom, Leafir, não viemos fazer uma encomenda. Aliás, peço desculpas pela maneira que falei de início, foi uma longa viagem, desde a casa de Donnal, somente para vê-lo.

Leafir juntou as mãos no joelho, atento às apresentações que sentiu estarem por vir.

- Somos um grupo de músicos, eu Tonio, Martius e Ella, e ainda Lucha que nos acompanha. Tomamos conhecimento, acidentalmente, de uma história que acreditamos que você, como um elfo e, de acordo com Donnal, uma pessoa confiável e de boa índole, possa nos auxiliar.

Leafir franziu a testa ao ouvir o termo “boa índole”. Tonio era extremamente amigável quando queria, seu tom de voz era confiável e, de fato, de boa índole, mas Lucha e Martius trocaram olhares ao perceberem que poderia se atrapalhar. No entanto, ele manteve o discurso que visivelmente intrigou Leafir.

- Você pode perceber que é algo de suma importância para nos fazer viajar por dias até Galianthus...

- Galianthiel – corrigiu-o Leafir.

Tonio perdeu o fio da meada:

- Hum... sim, Galianthiel. Bom, viemos até aqui, para saber se talvez, você conheça ou tenha conhecido um elfo chamado Sonnel.

Leafir o ouvia atentamente. Sua resposta foi imediata e cortês:

- Lamento, não o conheci.

A pausa de Tonio foi provocada por um branco em suas ideias diante da simplicidade com que o caso foi despachado após tanto esforço no deslocamento. Ele precisou confirmar:

- Tem certeza?

Elfos fleumáticos como Leafir eram comuns:

- Sim, tenho. Nunca conheci um elfo com este nome.

- Nem que tenha ido embora?

- Nem que tenha se exilado, nem que tenha morrido. Lamento.

Voltou-se aos outros:

- Era só isso?

O próprio Tonio respondeu, desarmado de argumentos:

- Era. – Olhou para o piso de pedras arranjado com esmero, sem frestas ou desníveis. – Bom, então creio que está encerrado...

- Tonio! – Ella alertou.

Lucha tomou a frente:

- Leafir, não é tão simples. Donnal nos disse que já teve interesse na lenda de Adália do Charco.

Leafir se encostou no banco, jogando a cabeça para trás e soltando um sonoro:

- Ahhhh! Claro, a lenda.

Ele riu baixo de sua ingenuidade antes de continuar:

- Uma perda de tempo. Como o próprio Donnal me convenceu.

- Grande perda de tempo – concordou Lucha, dissimulada. – Entretanto, Donnal comentou que você conhece bem a lenda. Importaria em nos contar?

Leafir repousou a língua abaixo dos incisivos superiores para dizer algo, mas se deteve. Avaliou cada um dos bardos sentados à sua frente, ansiosos por uma resposta ainda incerta.

- Eu acho que esta conversa será mais longa que o esperado.

Martius interpretou como uma proposta cuja sugestão era dever de todo bom frequentador de taverna:

- Cerveja?

Ele abriu o mesmo sorriso largo que mostrara à reação de Ella. Era o sorriso de resposta ao pouco que lhe dava prazer nos últimos anos.

*

Leafir pesquisou, explorou, mas nada encontrou além de água, um pouco de mato e muito calor do verão. De Adália, ele apenas encontrou três histórias em locais diferentes. Martius o interrompeu, prestativo:

- Charco, Hercatorin e Triana.

Leafir levantou o caneco em cumprimento pelo acerto. Tonio aproveitou a deixa:

- O que elas têm em comum é a gema no lugar do coração. Sabe o que pode significar?

- É um símbolo de poder – respondeu o elfo.

- Mas... o coração? – Ella contestou.

Ele a encarou:

- Há algo mais poderoso no corpo?

Ella concordou com um gesto vago. Lucha disfarçou um espasmo no canto da boca ao bebericar sua cerveja, pois havia se lembrado da piada em que dizia ser o intestino. Contaria a Martius depois. Tonio continuava concentrado:

- No entanto, passou mais de uma estação em Andreada à procura de uma lenda. Por que não em Racina ou Moros?

Leafir respondia à pergunta certo de que queriam compor uma música:

- Eu poderia dizer porque Andreada é mais próximo, mas não é possível disfarçar a qualquer entendido que o número de mortes e desaparecimentos no Charco é maior do que os outros lugares. Eu acreditei que realmente havia algo lá, que outra explicação para as dezenas de mortes que ocorreram?

Lucha o corrigiu, mentalmente. “Centenas”.

Leafir continuou:

- Houve uma caravana que desapareceu por completo. Ninguém voltou, não foram encontrados sinais, rastros seriam impossíveis de identificar, mas nem um objeto, nem um corpo, nada!

Tonio pensava se mencionava o portal para ele. Resolveu investigar:

- E você tem uma explicação para estes desaparecimentos?

O elfo tomou outro gole.

- Não. Se não existe esse monstro, não há como explicar. Daí eu ter acreditado.

- E o que você queria com Adália?

Leafir finalmente estranhou:

- Querem colocar meus motivos na sua música também?

Ella se empertigou, Lucha deslizou os olhos a Tonio, que havia se voltado a Martius. Este, por sua vez, olhou para o fundo vazio do caneco antes de evadir:

- Preciso de outra. – Levantou-se.

Ella tomou a palavra:

- Não exatamente, mas sua história pode nos inspirar mais. Parece-me que você tem muito a compartilhar, caso não se importe.

Ele a respondeu, caloroso:

- Importar-me? Sabe por que estou gastando minhas horas de trabalho com vocês? Pelo prazer que você me proporcionou no início da tarde – disse o elfo com um sorriso caloroso à barda.

As bochechas de Ella tomaram cor. Estava a caminho de segurar o copo e esconder o rosto atrás de um gole quando Lucha maldosamente o puxou, levantando-se, disse:

- Os nossos também estão vazios. Pego outro para você.

Sem a muleta, Ella tamborilou os dedos na madeira da mesa. Sorriu em retribuição enquanto fingia se concentrar no som da madeira. Leafir observou ao apontar para a mesa:

- As minhas soam melhor.

Ella sorriu mais encabulada ainda.

Tonio cortou o flerte:

- Enfim, qual interesse tinha em achar Adália?

- Matá-la. – Foi uma resposta trivial.

- Por justiça? – completou Tonio.

- Por favor, há algum herói aqui? Justiça a quem? O meu interesse era no coração.

Ella voltou a participar da conversa:

- Sim, o coração – concordou a violinista com a cabeça. – O que aquele coração poderia fazer, caso existisse?

Leafir calou-se. Fechou o semblante, em reflexão:

- Vocês vão achar que estou respondendo por estar bêbado. Deve ser. Também é mais fácil revelar segredos a estranhos. Sabem por quê? Não nos importamos com a opinião de quem não nos importamos, não é? – riu de sua brincadeira com as palavras. – E, eu creio por estar cansado de guardar um segredo que não levará a nada – tomou o último gole do caneco. – Pois então! Por algum tempo, pensei que poderia usar a gema para abrir a passagem até Belerod, a terra natal dos elfos.

*

A informação de Leafir mudou o cenário. Ele não conhecia o elfo do passado da gema, mas revelou um desejo mais legítimo que Fúlvio Comperteiro, o nobre que encomendou a gema.

Embora a proposta tivesse vindo de Tonio, Ella foi a mais entusiasta em apoiar a estadia pelo tempo necessário para decidirem o que fazer. Na verdade, ninguém foi contra. A disposição de entregar o coração de Celiah para Labaki era cada vez menor dentre todos.

Lucha conseguiu trabalho para os bardos, que controlaram a intensidade da magia lançada no ar com cuidado, pois estavam em terras onde criaturas de diversas origens e passados variados tinham mais familiaridade com o fantástico. Assim, estreitaram relações com Leafir para investigá-lo, além de outros elfos com quem ele poderia se relacionar e, talvez, levá-los a alguma pista sobre Sonnel.

Foi definido que o visível gosto de Ella pela arte élfica seria o pretexto para que um dos bardos se aproximasse mais de Leafir, embora ele tivesse agradado a todos. Ella aceitou a missão, empolgada em aprender mais sobre esta civilização.

O pátio não era o único reduto de arte élfica na casa de Leafir. Ele separava o ateliê e a loja de uma edícula que continha uma pequena sala com lareira acessada por uma porta arcada que integrava estes dois ambientes. Também tinha outros cômodos típicos de uma casa, mas foi esta sala que Ella alegou perfeita para ensaios, e propôs alugar.

Este plano exigiu de Lucha costurar mais alguns contatos na cidade que, por sua vez, foram conquistados com um pouco mais de dedicação dos músicos em encantar sem enfeitiçar. Apesar de atingirem a meta orçada para Ella propor o negócio, o esforço fora desnecessário.

- Não seria justo eu ser entretido com o seu talento e ainda ser pago para isso. É minha convidada.

Ella insistiu:

- Não seria justo eu explorá-lo. Não encontrei outro local de reverberação tão perfeita para o violino. As paredes de sua sala parecem ter sido feitas para refletir as ondas que produz, ela equilibra o calor e o brilho de maneira que consigo extrair o melhor para o meu aprimoramento.

- E para os meus ouvidos! Está decidido, venha todos os dias, eu estarei no ateliê e não a incomodarei. Estarei trabalhando com muito mais prazer a poucos passos, e já será pagamento suficiente – finalizou galantemente o elfo.

Lucha torceu o nariz quando soube. Dispendeu grande esforço para convencer estranhos a audições, e depois para negociar as apresentações. Martius foi irônico:

- Muito esforço mesmo, né, Lucha?

A negociação de Lucha geralmente envolvia ver as apresentações de terceiros, criticar enquanto comentava sobre os bardos em seus tempos de proprietária de taverna, dividir um barril de qualquer coisa com o dono do estabelecimento enquanto ela falava do seu próprio – a incendiada Murta de Fogo –, convencer o dono a uma audição com os bardos e, vitória garantida, esfaquear a bolsa com o seu preço, afinal, ofereciam uma qualidade diferenciada.

Tonio foi mais prático:

- Não reclame, esta renda extra vem em boa hora, não estamos tão confortáveis financeiramente desde que deixamos de ser financiados por Labaki.

Ella estava alheia à discussão. Seu interesse se dividia em zelar pela gema e definir qual seria o seu destino. Quando ia até Leafir, um dos três ficava com a gema embrulhada em um tecido grosso e trancada em um pequeno e feio baú:

- Para chamar pouca atenção – alegou Tonio.

Quando os bardos tocavam, Lucha era encarregada de vigiar o tesouro. Evitavam deixá-lo trancado em um dos quartos alugados sem um guardião, embora apenas Ella o tocasse de fato.

Também não ousavam sair com o baú às ruas. Assim, alguém sempre ficava para trás. Ella desejava levá-lo constantemente consigo, mas tinha receio por não conhecer bem Leafir. Como ficaria horas só e próxima dele, foi prudente em deixar a gema em posse de quem confiava.

As horas de ensaio na casa de Leafir eram um grande prazer para Ella, visto que a sua alegação para ensaiar naquela sala era honesta. As paredes eram revestidas de painéis retangulares de madeira cujas bordas entalhadas continham os motivos que ela tanto apreciava. O piso era da mesma pedra que o pátio, porém as peças maiores foram selecionadas para o ambiente interno. Elas permitiam o ressoar de passos que ocupavam a sala, amplificados pelos painéis. Nos entalhes, as pequenas curvaturas dispersavam o som, que era contrabalançado pela absorção do estofado da mobília cuidadosamente alocada defronte à lareira. Esta era também de pedra, embora seu principal atrativo era uma rara espada élfica de uma mão, cuja lâmina de ligeira curvatura simétrica e lisa contrastava com a guarda negra em arco a proteger a mão, assim como o punho negro em relevo de pinha, adornado com um pomo de ouro. Ella notou que Leafir tinha o cuidado de acender a lareira pouco antes de sua chegada diária, uma delicadeza apreciada pela aproximação do inverno.

Eventualmente, ele aproveitava os intervalos para chegar ao pátio e verificar se ela precisava de algo da casa, mesmo deixando água e algumas frutas em uma bandeja para a violinista. Ella o encorajava, pois conhecê-lo era o verdadeiro motivo de todo aquele esforço. Começaram com rápidos comentários sobre a música, e passaram a conversas mais longas com o passar dos dias. Inicialmente, Ella não tocou nos assuntos de seu verdadeiro interesse, pois queria ganhar a confiança de Leafir antes de cercá-lo com perguntas que poderiam levá-lo a desconfiar daquela amizade.

Não houve qualquer flerte como no dia em que se conheceram. Leafir não costumava beber de dia, tampouco ao trabalho. E mesmo que saísse com os bardos, evitava beber quando Ella estava no grupo, pois se lembrava de seu comportamento incompatível com a amizade que tecia com a violinista. Ela era magnífica no violino, iluminava o pátio com sua música e deu um novo prazer às suas tardes. Não iria estragar aqueles momentos com uma irresponsabilidade de bêbado.

O intervalo chegou e Leafir atendia a um cliente na loja. Eles passaram a ir com mais frequência verificar o andamento da produção do elfo, e o faziam durante as tardes. Leafir o despachou e se voltou aos fundos, para a habitual conversa. Ella havia parado fazia um

tempo, ele estava apreensivo em ter perdido a oportunidade de tecer comentários sobre seu repertório ou qualquer coisa que fosse de interesse comum.

Encontrou-a ocupada deslizando os dedos sobre os móveis do pátio, como na tarde em que se conheceram. No entanto, ela o fazia devagar, a apreciar cuidadosamente cada toque leve das pontas dos dedos, que contornavam os relevos, redesenhando-os. Nos tampos, espalmava a mão a alisar a superfície para dar o acabamento final à peça com a maciez de sua mão. Leafir se encostou no batente da porta a observá-la. Ella o percebeu e se justificou:

- Galianthiel era toda assim?

- Dentro das moradas, sim, mais ou menos ricas de acordo com os recursos. As ruas eram um pouco diferentes. Outros materiais compunham os fechamentos com essa mesma linguagem. Arcos e pórticos marcavam as principais passagens, mesmo que de uma simples rua para outra. Havia mais metal.

- Como uma cidade inteira pode mudar tanto?

- Está falando de uma mudança de duzentos anos.

Ella refletiu. Era muito tempo.

- Você deve ter vivido muito.

Ele riu:

- Sim, sou velho.

A barda simulou uma ingênua ofensa:

- Não foi o que quis dizer!

Leafir se aproximou. Instintivamente, analisou a sua própria obra, como Ella o fazia.

- Tento manter parte de minha cultura aqui. Outros elfos fazem o mesmo. Mas é difícil, vamos nos esquecendo, o tempo não garante uma memória eterna. Sinto que parte do que tínhamos se foi.

A violinista abaixou a cabeça.

- É como se eu me esquecesse das canções! Uma parte de mim que se apagaria aos poucos, por ser proibida de tocar.

Ele amenizou:

- Felizmente não há proibição. Enfrentamos a falta de interesse em manter os valores do passado.

Ella não tinha aquela resignação:

- É um crime destruir tanta beleza.

- Deve ser difícil para você aceitar que a beleza se acabe. Parece-me que você se alimenta dela.

- Acho que sim. Amo a arte. E ela é beleza – afirmou Ella sorrindo contente com o reconhecimento do elfo.

- Nem sempre. A arte pode explorar a dor.

- Mesmo que explore a dor, como na partida de um ente querido, a arte traz beleza a essa partida e a faz mais suportável. Seria mais difícil enfrentar o mundo sem essa beleza.

- Sim, é consolador – concordou o elfo –, mas aqueles que não enxergam a arte não alcançam este consolo. Isolam-se em sua dor e mágoa.

- E são os que têm dificuldade de se curar. Não acha?

Ele abaixou a cabeça, admirando os adornos que entalhou, pensamento longe. Ella percebeu para onde sua memória se encaminhou:

- Sente falta de seu povo?

- Sim.

- Que pergunta idiota, a minha – reprovou-se.

Leafir discordou solidário:

- Não é. No início, pensei que não sentiria. Tinha muita mágoa quando soube que se foram. Como você disse, eu não fui capaz de ver algo bom naquele abandono, não havia arte que me consolasse.

Ficou surpresa:

- Não quis ficar?

Leafir se sentou no mesmo banco onde a conheceu:

- Eu estava preso – justificou-se com um gesto e palavras vagas. – A guerra... – suspirou – bem, fomos vencidos. Quando fui libertado, soube que a passagem para Belerod havia se fechado anos antes. Fui um dos que, literalmente, ficou para trás.

- Eu lamento – respondeu a violinista com um fio de voz.

Leafir tinha um olhar triste, mas a empatia o fez sorrir, grato. Continuou ao sentir a sintonia com Ella:

- Levei anos para deixar de culpá-los por nos deixarem. Não diria exatamente por nos deixarem, mas por muito tempo pensei que tudo o que passamos na guerra foi em vão, demos nosso sangue e muitos deram a vida e eles simplesmente viraram as costas e voltaram para onde nossa jornada começou. Perguntava-me constantemente por que tinha lutado. Ou por quem.

- E agora está em paz com a sua gente?

Leafir negou em uma conclusão de baixo volume, aparentemente para si:

- Em paz comigo.

Ella viu a oportunidade de levantar o assunto sobre a gema, embora soubesse que teria feito a pergunta qualquer que fosse o motivo que a levasse até aquela conversa.

- Então quer ir para casa, como disse na primeira vez em que estivemos na taverna da Foca Risonha.

- Quando nos conhecemos? Não, eu disse que queria abrir a porta. Não disse que queria retornar.

- Há diferença? – perguntou Ella, intrigada.

- Ah sim – respondeu, assertivo. – Saímos de Belerod porque as condições não estavam boas. As fontes de água quente mantiveram a terra propícia à vida, que crescia às voltas das termas, por muito tempo. Achávamos que era permanente. Um dia, percebemos que elas esfriavam. Migramos à procura de um novo lar porque a penúria poderia chegar a uma baía que um dia fora plena de riquezas naturais, de alimento e conforto. Se nada mudou, temo que minha gente esteja passando grave necessidade.

- Acha que eles não podem abrir a passagem?

Ele hesitou:

- Se não houver calor, pode não haver energia para tanto.

Ella ficou tocada. Leafir não percebeu a intensidade de sua comoção, envolvido que estava com seu desabafo:

- Então, quando eu soube que se foram, os odiei nos primeiros dias. E carreguei uma mágoa nos muitos anos que se seguiram. Se no início pensei que meu povo se acovardou, depois pensei que eles mereciam a limitada inteligência de seus líderes.

Riu sarcástico:

- Até me lembrar que fui um líder!

- Foi? – indagou a barda.

- Um comandante, uma espécie de general para vocês humanos.

- Ah, não consigo imaginá-lo nesta posição. Um senhor da guerra não cria o belo.

- Não mesmo. Ele se refugia nele. Na época eu me refugiava em outro tipo de beleza.

Ella aguardou. No entanto, Leafir voltou à realidade.

- Deixemos essas divagações para outro dia. Estou tomando seu tempo.

Ella tentou disfarçar a decepção:

- Não toma o meu tempo. Se não posso dividi-lo com outros artistas, não tenho como me inspirar.

Ele riu:

- Eu a inspiro, Ella?

Calou-se, encabulada, desviou os olhos para o chão. Ele corrigiu, por autocomiseração à sua prepotência:

- O meu trabalho, talvez.

- Por que não acha que pode ser você?

Ele se adiantou para responder, mas se deteve. Ignorou o comentário e, com o olhar baixo, voltou-se para a loja.

Desde aquele dia, Ella passou a um repertório mais selecionado e inspirador. Leafir contava quantas vezes parava à porta do pátio para observá-la, a fim de controlar excessos, pois notava que ela estava consciente de sua presença. Ella também contava, a fim de conferir se a frequência aumentava.

Continuavam a trocar ideias e opiniões nos intervalos, mas tentavam manter assuntos seguros. Ele lamentava desconhecer a luteria, Ella gostaria de ter conhecido uma música legitimamente élfica.

Um dia, tomou coragem e sugeriu que ele a ensinasse uma canção. Leafir riu diante do que considerou ingenuidade:

- Eu fui um guerreiro, Ella. A música não era minha arte. Adotei outra – apontou para os móveis –, mas nunca me dediquei à música. O que é um arrependimento, eu admito.

- Ah Leafir, não estou pedindo para pegar o violino e tocar. Cante. Ou cantarole. Ensine-me algo de sua gente que eu possa transformar em um som familiar a você. Corrija, critique, dê opiniões. Se os elfos criam ambientes como este, imagino o que não fazem ao criar uma canção!

- Por que desejar a música élfica, se a sua é muitas vezes superior? Se você soubesse como me faz sentir melhor do que me sinto em décadas!

Ella ficou envaidecida e algo mais. Aquele mais que não se pode admitir, mas que se carrega para casa e o faz de companhia até que o sono tome conta de seu coração. Ainda assim, ela insistiu:

- Queria fazer mais, se me ensinasse uma canção.

Ele a contemplou, com um ar levemente entristecido:

- Não sei cantar, e até hoje não havia lamentado o tempo perdido sem aprender. Conheço apenas uma canção, que posso contar, e você pode adaptá-la para sua própria melodia.

A satisfação espontânea que Ella manifestou foi sua concordância naquele pacto. Ele alertou:

- Pode demorar.

Ella manteve o sorriso, mas apimentou-o com um toque de malícia de quem irá quebrar as regras e cabular o trabalho. Leafir pegou um vinho e duas taças, serviu-os enquanto começava a contar:

- É uma canção sobre um guerreiro que liderava seu pequeno grupo pelas florestas densas de Faemon Handra. No início, ele cuidava da segurança do pequeno reino de seu senhor, mas logo se viu envolvido em um conflito com o território vizinho. Essa canção era da época em que este braço de terra era povoado de núcleos élficos, cada qual com sua liderança. Antes de formarmos uma nação.

Ella estava atenta, segurava a taça ao colo com as duas mãos. Leafir tomou um gole e repousou a sua na mesa.

Com o conflito, ele se refugiou com os seus subordinados nos confins da floresta. Dentre eles, havia uma elfa novata, uniu-se ao grupo depois que seus parceiros foram destruídos pelo inimigo. Ela não era somente novata, mas jovem e inexperiente. E viu neste elfo uma referência para admirar, tanto de força quanto de sagacidade. Por meio dele, teriam a vitória e os seus seriam vingados.

No entanto, ele estava comprometido com a sua missão, envolvido com seus valores, rigoroso e carregado da preocupação que os líderes sustentam. Naquele caso, zelava pelos seus guerreiros. Era um ótimo comandante, mas uma pessoa ausente.

A admiração da elfa crescia, ela ficava encabulada na presença dele, queria mostrar seu valor, mas o medo de cometer um erro a impedia de se destacar. Ao se aproximar, ficava nervosa, atrapalhava-se. Estava certa de que não era notada, como as pessoas apaixonadas estão certas de que escondem seu segredo fundo no coração e não percebem que estão, na verdade, gritando o seu amor aos ventos. Porém, para ele, era apenas mais uma guerreira. É certo que era inventiva, e tinha muitas outras qualidades. No entanto, era apenas mais uma guerreira.

Até o dia em que ela arriscou a vida pelo seu líder. Embora ele a tivesse notado, não passaria daquilo, pois, furioso, ele a afastou antes que ela fosse atingida. De fato, ela o salvara pouco antes ao acertar um adversário que poderia tê-lo abatido, bom, nunca saberemos. No restante da ação, ele, mais forte, experiente e atento, a tirou com vida da luta. Desgarraram-se dos demais. Tiveram que se afastar, dariam a volta até se juntarem ao grupo. Ela estava envergonhada, pois queria se destacar, e acabou por ser um transtorno.

Na verdade, ela sonhava ser a solução para o que ele tivesse de problema na vida.

Passaram a noite abrigados na floresta, sobre um manto de folhas secas colocadas no musgo macio para afastar a umidade. O frio ainda estava presente, ela tremia como um bichinho frágil abandonado, o que o comoveu a ponto de dividir sua capa. Ela era muito jovem. Uma adolescente.

Foi o ponto de virada no destino da menina. Seus corpos próximos a dividir o calor deu a ela a única chance disponível. Sentiu como se arrependeria pela manhã caso não vencesse o medo da rejeição. Foi repentino, e nem se poderia chamar de beijo, ela encostou os lábios ao dele e tirou imediatamente, hesitante, julgou ter estragado qualquer esperança em receber um carinho que fosse. Ele a encarou surpreso, não imaginara tal possibilidade por não ser capaz de enxergar qualquer detalhe além dos relacionados à guerra.

No entanto, ela carregava a beleza da juventude combinada com sua beleza natural. Ela era linda! Seu corpo tinha as curvas que ele desejaria em uma mulher, e sua inocência transformava a luxúria em algo sagrado. Por que ele iria rejeitar a oferta após um dia extenuante e cheio de decepções? Beijou-a antes que ela se afastasse, tomando-a com determinação em seus braços e deitando-se sobre ela.

Ao encontrarem o bando no dia seguinte, ele agiu como sempre e ela julgou que a aventura tivesse terminado e voltaria a obedecer a ordens e a se restringir a relembrar a noite em que estiveram juntos. No fim do terceiro dia, no entanto, ele a viu e a desejou novamente. E a desejou em outras noites. Ela aceitou cada um dos chamados, pois admirava o guerreiro, venerava o líder e amava aquele que tinha sido o primeiro. Da parte dele, ela satisfazia seus desejos a ponto de querer mantê-la por perto. Chegou a abusar dessa condição, pois sua vontade a afastou das batalhas por considerar que atender às necessidades de seu líder era o melhor que ela poderia fazer naquela guerra. Ela alegou que queria lutar, que podia ser útil, mas seu papel era obedecer e a ordem havia sido dada.

É preciso deixar claro que ele não a amava. Ela pensou que ele queria protegê-la dos perigos, mas era egoísmo, desejo e praticidade em tê-la por perto para quando ele a requisitasse. Havia afeição, é claro, mas não era o que o motivava. Ela chegou a perceber, mas o que podia fazer? Estava apaixonada e cada momento valia a submissão. E aceitava ficar no acampamento enquanto outros seguiam para as emboscadas da floresta.

No dia em que o acampamento foi atacado, de maneira que todos que ficaram foram mortos ou escravizados, ele lamentou como um líder lamenta e chora pelos seus guerreiros. Não lamentou ou sequer chorou como quem perdeu um amor.

Os elfos perderam a guerra, ele se desiludiu com o seu destino. Viu os seus morrerem um a um, sem que nada pudesse fazer. E se perguntou o porquê daquele conflito. Passou a viver amargurado no presente a julgar o passado. Foi destruindo sua vida aos poucos, vivendo de trabalhos pouco dignos, pois não considerava que a dignidade valesse o esforço.

E assim anos se passaram, até o dia em que ele a viu. Julgara-a morta ou perdida e repentinamente ela cruzou o seu caminho em uma rua suja e ruidosa de uma cidade em decadência. Ao contrário do ambiente, ela exprimia uma presença dominante, porém fleumática, no balanço de seu corpo, sem a ambição de se destacar, tampouco a necessidade de ser discreta. Encarnava a pessoa comum que jamais se passaria por ordinária, cuja qualidade patente é superior ao mundo.

Ele então viu o que perdera, simplesmente por não se importar. O que poderia ter tido, ou quem poderia ter sido, se tivesse em quem se inspirar, ou em quem refletir.

Sua pequenez não o esmagou, mas o atraiu a ela. Ainda podia haver algo a agarrar.

Apesar da surpresa, ela o saudou cordial e até feliz em saber que ele vivia. Desejou o melhor e ia seguir o seu caminho quando ele a interpelou com a pergunta: “Como escapou?”

O sorriso cordial se desfez, ela revelou: “Eu não escapei.”

E renovou o sorriso mais franco e amigável: “Mas isso foi há muito tempo.”

Que ironia ele se apaixonar tanto tempo depois, e de maneira tão fugaz! Ele a seguiu e viu, ao longe, que ela tinha uma vida da qual ele não faria parte. Era tarde.

Humilhado pelas suas escolhas, resgatou sua dignidade mudando de ocupação. A mulher o inspirou a adotar uma vida mais honrada, resquício do que ele pudera ter sido, e assaz diferente da honra que um dia pensou ter tido. Ela viveu sua vida, enquanto ele passou os anos a viver de acordo com o reflexo daquele encontro.

Ao terminar, Leafir levantou a cabeça e viu Ella com um ar duro, lábios projetados e tensos, a fitá-lo com mágoa pela mentira. Era desnecessário declarar:

- Isso não é a história de uma canção!

Ele a mirou com resignação:

- Não conseguiria contar de outra maneira. Troque o conflito pela guerra...

- Como você mesmo trocou em alguns momentos.

Ele confirmou com um aceno da cabeça, e continuou:

- ... os guerreiros pelos arqueiros, e a elfa por uma humana.

Ella deixou escapar um baixo gemido.

- E ela era assim, tão jovem?

- Ainda adolescente, como eu disse. Ela havia se juntado a nós elfos como outros humanos massacrados pelos efeitos adversos de uma guerra. Eu fui preso ao final daquela batalha, não houve outra, atacaram em várias frentes. Na prisão, soube que ninguém do acampamento havia escapado. Importei-me com ela tanto quanto com os outros, pois os meus, e eu, estávamos vivendo dias difíceis na prisão. Ela era apenas mais uma vítima. Eu saí uns quatro anos depois por ter sido comprado por um senhor que trocou meu resgate pela promessa de lhe prestar serviços. E assim me dediquei a fazer coisas que desprezava antes, mas que não me importavam mais. Depois dos serviços pagos, continuei na função, até o dia em que a vi em uma cidade que hoje é Andreada. Aliás, eu menti. Não foi um encontro fugaz. Conversamos, rimos, lamentamos. Confessamos sentimentos passados, eu confessei os presentes. Ela recusou, complacente, porém sincera. Embora eu não tivesse a alcançado, foi o suficiente para ela me alcançar. Aquele foi o dia em que comecei a me despir da mágoa contra o meu povo e enxergar um futuro. Neste, agora, passei a me importar com o bem-estar de minha gente.

O silêncio de Ella deu oportunidade ao elfo de ainda justificar:

- Eu queria contar essa história, só não soube como, naquele dia em que quis beijá-la... - Ella deixou a taça cair ao chão. - ...como a menina me beijou na primeira vez. Porém, me lembrei do preço que ela pagou para escapar dos estragos que eu teria feito em sua vida, não quis o mesmo para você.

O ruído metálico da taça havia tomado o pátio até ser absorvido pelas folhas das trepadeiras. Deveria ter sido o suficiente para quebrar o encanto do momento, mas eles estavam acima de um incidente.

Ella justificou, identificando-se:

- As escolhas foram de ambos.

E não esperava a rejeição do elfo:

- É terrível dizer que ela teve sorte? De escapar de meu domínio?

- Leafir!

Ele desviou o olhar. Ella reforçou:

- Não terei compaixão por você! Disse que se perdoou!

Ele bufou, rejeitando a afirmação:

- Do que fui no passado! No presente, vejo mais uma menina tola.

Ofendida, Ella pegou a taça no chão e jogou sobre ele que, embora surpreso, desviou a tempo com o braço e se levantou. Perplexo, encarou-a inquisitivamente antes de aceitar ouvir:

- À sua frente está uma mulher que já enfrentou necromantes, já lutou contra criaturas sanguinárias em uma caverna e aplacou uma tempestade no mar! Não pense que pode me causar mais danos que eu a você! E já passei da idade de hesitar quando beijo alguém pela primeira vez!

Segurou o elfo pelo pescoço e o beijou com determinação.

*

Ella não decidiu de imediato que Leafir era digno de usar a gema de Celiah. Aproveitou o tempo juntos para aprender mais sobre o elfo e, embora estivesse convencida de que ele seria um bom guardião, sabia que seu julgamento era tendencioso. Queria aconselhar-se com Tonio, mas as circunstâncias a levaram a Lucha:

- Se você disser que é ele, está bom para mim.

- Lucha, eu preciso de um parecer mais substanciado – inspirou a violinista, desejosa de se engajar em uma conversa, embora ela mesma estivesse atenta à discussão de Tonio.

- Não convém você guardar a gema, pois estamos ao alcance de Labaki. Um elfo, ainda, um dos generais da Guerra dos Metoikos, nossa, ele sabe bem como defender a gema!

A voz do tenente se destacou. Tonio levantou as mãos e recuou, cabeça baixa, em concordância. Lucha se levantou da mureta, logo puxada por Ella para retornar:

- Tonio disse para não interferirmos.

- Ele disse isso porque, se for preso, alguém terá que tirá-lo de lá. A ordem não inclui deixá-lo sem defesas. Tomaram a espada dele!

- Vamos observar – respondeu Ella, cautelosa.

O tenente aceitou o recuo para retomar o tom normal de voz, embora autoritário. O sermão era composto do lugar comum, como não admitir badrneiros na cidade que afirmava ser sua, mas também de trechos originais, como esperar que o talento afastasse celebridades de brigas de bar. Naquele momento, voltou-se para as mulheres e cumprimentou Ella com a cabeça.

- Parabéns, Ella, vocês são celebridades – felicitou Lucha.

Aliviada, ela acenou agradecida ao tenente e respondeu a Lucha:

- Menos um problema. Preciso muito do conselho de todos vocês.

O caminho até Martius, que guardava a gema, foi preenchido com as reclamações de Tonio:

- Vocês viram, não? Ele cobrou duas vezes – bufou o bardo.

- Ele pode ter se esquecido, Tonio.

- Como se esqueceu, Lucha?! Não seja ingênua. Queria nos passar a perna, como se nunca tivéssemos encontrado alguém desonesto.

Ella pegou o seu braço para caminharem juntos:

- Está bem, ele pode ter agido mal, mas precisava sacar a espada?

- Melhor ameaçar com a espada do que ir para cima dele de verdade, Ella. Ele não sabe do que sou capaz somente com as mãos.

- Exatamente, pudim. Ele não sabe...

Tonio parou:

- Pudim?

- Você precisa de doçura na sua vida.

Lucha riu:

- Adorei! Pudim.

Ele balançou a cabeça e saiu na frente:

- Estou falando sério! Eu sei que estava certo!

- Ele sacou a espada, lançou um sottano para distrair, fintou e interrompeu um mezzano no pescoço do sujeito e diz que só ameaçou! – ridicularizou Lucha.

- Lucha, ajude-me – implorou Ella por orientação.

- Sottano, vindo de baixo, mezzano, vindo do lado. Você não viu?

- Entendido e, não, voltei-me para a porta na hora. De qualquer maneira, nós sabemos que era somente uma ameaça. O tenente não tem como saber.

Ao entrar na hospedaria depois de Tonio, Lucha ainda observou:

- Esse sujeito vai conferir vocês nas próximas apresentações.

- Eu memorizei seu rosto. Ele não ficará sem uma singela homenagem.

- Basta sorrir, Ella. No seu caso, basta sorrir – disse Lucha em tom jocoso como se parafraseasse alguém.

Subiram as escadas. Tonio contava a Martius a desavença na taverna. Ella entregou o almoço ao rastreador que a interpelou:

- Se o sujeito queria cobrar duas vezes, ele tem razão – argumentou Martius indo até a mesa para sua refeição.

- Não discordamos dele, Martius. Apenas achamos que ele exagerou na frente de estranhos.

- Ele está bravo porque Ella o chamou de pudim! – completou Lucha.

A risada de Martius foi mais descarada que a de Lucha.

Tonio, quando incomodado, ficava inquieto, chegava a dar pulinhos com os ombros enquanto gesticulava. Seu senso de justiça aflorava e demandava a concordância de todos à sua volta. No entanto, rendeu-se à menção do pudim, levantou os braços, dando-se por vencido.

Sentou-se. Estavam no quarto de Ella, onde a gema era guardada. Ele ainda precisava extravasar, não tinha condições de se aquietar:

- Não sei por que pudim. Nem tinha pudim lá. Podia ter, não?

- Você teria pago por dois pudins – observou Lucha.

- Vou ver se o hospedeiro tem algum tipo de pudim. – Tonio saiu, inspirado pelo novo apelido.

Ella bufou, sentou e levantou as mãos, chamando a atenção:

- Eu quero conversar!

Martius interrompeu a mastigada para encará-la. Ella apontou a porta:

- Ele não para!

Lucha encurtou a história:

- Ela quer entregar a gema a Leafir.

Martius soltou uma interjeição ao assimilar o comentário e voltou a comer.

- Você não diz nada? – protestou Ella.

- Não é para isso que estamos aqui? Eu gosto dele, diga que ele é merecedor e temos um problema a menos – respondeu com a boca parcialmente cheia.

- Ele tem boas intenções para a gema. – A violinista se valeu de um argumento previamente elaborado.

Lucha apoiou em parte:

- Sabemos da história. Eu só acho que você deve tentar usá-la novamente.

Ella encostou-se na cabeceira, onde antes estava Martius, e abraçou a almofada. Murmurou:

- Eu já fiz isso.

Os dois se empertigaram. Lucha aguardou. Martius confirmou para o seu próprio ego, a apontar o dedo indicador a Ella:

- Eu sabia!

- Não se empolgue. Tentei me conectar a ela e veio a sensação de que ela não é para testes ou pequenas coisas. Ou pequenas causas.

Tonio voltou com um grande pedaço de torta:

- Trouxe para vocês também – disse ao se aproximar, estancando de repente. – O que houve?

- Vamos dar a gema para Leafir usar. – Lucha foi direta.

Ele reagiu a fechar o cenho:

- Não sei se concordo.

- Tonio! Eu não quero essa responsabilidade!

Diante do protesto de Ella, Martius saiu em socorro da violinista:

- Mais que isso, Tonio. Comperteiro pode vir atrás de nós enquanto tivermos essa gema. Ele e Labaki são as únicas pessoas que sabem que temos posse da joia.

Ella o interrompeu para se defender:

- Não está decidido, Tonio. Preciso que vocês me ajudem a julgar o caráter dele. Para ter certeza! Temo ter perdido a clareza no discernimento.

Ele justificou o que Ella evitava admitir:

- Porque gosta dele?

Ella abriu a boca umas três vezes até o som sair:

- Vocês perceberam?

Ele abriu os braços para ampliar a abrangência de sua resposta:

- O mundo percebeu, Ella! Essa não é a questão. Leafir usaria a gema, pergunto-me se a gema não deva ficar com quem não a deseja usar.

Ella juntou as mãos enquanto inferia:

- Seria um desperdício de um grande poder.

Martius retomou a palavra:

- Como eu dizia antes, Comperteiro e Labaki são os únicos que sabem da gema. Para termos paz, teremos que acabar com eles e assim Ella poderá guardar o Coração de Celiah, mesmo para nunca vir a usá-lo – argumentou racionalmente Martius

Todos se voltaram a ele, sem palavras. O rastreador se viu obrigado a se defender:

- Estou fazendo uma análise, não uma sugestão!

Tonio se levantou e caminhou pelo quarto. Havia abandonado a torta no início da conversa.

- Creio que não estão vendo a cena por completo. Leafir quer trazer os elfos de volta. A presença dos elfos aqui causou uma grande guerra.

- Quando eles chegaram, esta terra não era habitada pelos homens – disse Ella saindo em defesa do povo de Leafir.

- Não importa, Ella. Em um certo momento, homens chegaram e se sentiram no direito de expulsá-los. O que será agora, se um povo inteiro surgir do nada para uma nova migração, quando Femon já está ocupada por humanos? O que espera que irá acontecer?

- O que estará acontecendo se eles estiverem presos em uma terra estéril?

Tonio se voltou à janela. Martius enlaçou o queixo com o polegar e indicador, cotovelo apoiado à mesa.

- Tonio, eu sei que é uma hipótese plausível, mas o contrário também é possível. Pode haver um acordo prévio à vinda deles, ou pode ser até que tudo esteja bem lá e não queiram voltar. Não cabe a nós decidirmos.

- Isso me lembra a discussão em Fraga. Por que precisamos assumir a responsabilidade em intervir na vida dos outros? – acrescentou Lucha.

A observação de Lucha acendeu uma faísca em Martius:

- Porque podemos, Lucha. Temos os meios para tal. Qualquer que seja a nossa decisão, haverá consequências para terceiros. A omissão também irá determinar destinos.

Lucha se retraiu. Tonio retrucou:

- O problema é a dimensão das consequências e das pessoas envolvidas. Estamos falando de dois povos inteiros que podem se matar de acordo com nossa escolha.

- Como em Fraga, mas lá era um povo – lembrou Lucha friamente, sem perceber como os acontecimentos recentes afetavam Martius.

Tonio remendou:

- Em Fraga, eles nos agrediram. Nada temos contra os humanos de Femon ou os elfos de Faemon Handra.

Ella dirigiu-se a Tonio:

- Então você é contra.

Ele foi incisivo na resposta:

- Sou contra. Acredito que a gema deva permanecer com você.

- Pois eu voto a favor dos elfos. Eu quero entregar a gema para Leafir. – Ella mantinha um tom moderado e ar elegante em seu posicionamento, na tentativa de transmitir imparcialidade.

Martius e Lucha se entreolharam. Lucha foi a primeira:

- Antes Leafir que Comperteiro. Sou a favor de entregar.

Martius hesitou. Lembrou-se de Amanda e as súplicas de ajuda que foram negadas:

- Vamos ajudar os elfos, eles podem estar em dificuldades.

Vencido, Tonio aceitou. Nada mais a fazer senão terminar sua torta, visto que o pudim estava em falta.

*

Leafir estava pasmo com o brilho da gema nas mãos de Ella. Tonio e Lucha estavam próximos à porta que ligava o pátio decorado com a sala do elfo. Martius, de pé, apoiava o cotovelo na lareira de pedra.

Ella falava solenemente:

- Eu preciso saber se você pode tocá-la. Houve pessoas que nem conseguiram chegar perto.

Leafir aproximou as mãos, a gema continuava com seu brilho estático. E apagou quando ele a segurou, embora nada mais tivesse acontecido.

Ella olhou para os bardos:

- Isso é bom, não? Ele pode mantê-la.

Eles confirmaram em silêncio.

- Os três conseguem segurar, mas é desconfortável. Parece que você não tem problemas.

Leafir ignorava o formigamento nas mãos, pois olhava para a gema, de fato, do tamanho de um coração humano.

- A Gema de Adália é real! Se não estivesse vendo... – exclamou o elfo.

- A Gema de Celiah, é como chamamos – corrigiu Ella.

- Por que?

Ella desconversou:

- É o nome dela.

Leafir não estava preocupado com a nomenclatura.

- Ela era mesmo uma serpente?

- Maior do que uma serpente normal. – Viu-se na iminência de ter que contar a aventura completa. Desviou o assunto para o que realmente importava ao elfo. – O importante agora é que você poderá usar o poder da gema para abrir a passagem até Belerod.

A emoção da iminente conclusão de um longo período de espera foi refreada por uma dúvida. Leafir levantou os olhos interrogativamente:

- E como faço isso?

*

Lucha estava só no salão da hospedaria. Tentava retomar os diagramas e anotações que ordenavam seu pensamento, já que não era mais necessário montar vigília à gema. Na casa de Leafir, Ella fazia a guarda voluntariamente a maior parte do tempo na companhia

do elfo, enquanto investigava a maneira de usar a gema. Lucha retornara de uma negociação para mais uma apresentação dos bardos, mas não tirava da cabeça a confissão de Tonio de que Martius sentia urgência em retornar à sua terra natal, o Vale Cálido.

- O que ele espera conseguir? – ela tentava construir um contexto amplo dos motivos de Martius.

- Eu não sei, mudar algo. Com o poder que ele domina agora, pensa que tem mais chances de limpar seu nome – respondeu Tonio incerto.

- Ou se expor. Bom, prometemos ir com ele. Será que ele consegue esperar essa contenda com a gema ser resolvida?

- Lucha, novamente, pode levar anos!

Martius não tinha anos de paciência. Lucha estava elaborando uma proposta para que Ella ficasse com Leafir, o que não parecia ser um incômodo para eles, enquanto os três iriam até o Ducado de Cerros e retornariam assim que fosse possível.

Para complicar, Ella fizera mais uma tentativa em usar a gema, a fim de descobrir onde era o ponto exato da passagem de Belerod. A empreitada resultou apenas em um desejo imenso de Ella em encontrar seus irmãos. Martius havia observado:

- Exceto pelo fato de que você é filha única, seu desejo é compreensível.

Lucha já imaginava se teriam que mergulhar em uma empreitada além-mar para a terra longínqua dos dragões a fim de encontrar um número incerto de répteis que estaria disposto a receber a gema. Seria uma aventura de uma década! Começou a ponderar se Ella não deveria deixar o Coração de Celiah quieto, antes que se embrenhassem em mais uma missão.

Afinal, a vida só complicava à medida que tentavam resolver os problemas.

- Pergunto-me se esse dom é uma maldição – perguntou Lucha a si mesma.

- Uma pergunta comum de abençoados em crise – disse uma voz há tanto tempo não ouvida.

A voz familiar veio da mesa de trás de sua cadeira. Labaki já havia sido servido com um vinho e o bebericava calmamente, enquanto sustentava um sorriso amigável a Lucha. Ele se exibia em uma postura despojada com os ombros jogados para trás, pés cruzados no chão e ar de que a vida não é motivo para se preocupar. Ela não demonstrou surpresa, embora não o tivesse visto chegar, sentar, pedir o vinho, nada!

- Está aí há muito tempo, Labaki?

- Você parecia absorta, não me atrevi a interromper.

Lucha se virou a ele, mas foi impedida por gesto:

- Aqui não. O taverneiro já providenciou um espaço reservado para a nossa conversa.

Ela o odiou por aquilo. Labaki era cheio de recursos. Ela era a pessoa dos recursos antes de ele surgir. Era quem conseguia os contratos, encontrava as hospedagens, definia os

estabelecimentos a tocar e a estrutura necessária para viver. Por diversas vezes na viagem de volta de Fraga e, depois, na ida até Andreada, controlou seus ciúmes quando ele se adiantava às necessidades do grupo. Até mesmo às dela.

Entraram em uma saleta ocupada com duas pequenas mesas circulares e oito cadeiras, com um balcão exclusivo para um público seletivo. As paredes tinham tapeçarias com motivos coloridos sobre o vermelho, e o quadriculado da bandeira de Galianthus compunha uma faixa de acabamento ao redor de todo o ambiente. Lucha nem sabia que havia aquele espaço na hospedaria.

Permaneceu de pé. Labaki viu que teria que iniciar a conversa.

- Sentiu minha falta?

- Tanto quanto de um abscesso no pescoço.

Ele ignorou a grosseria, mas perdeu o tom despreocupado ao abordar assuntos menos aprazíveis:

- Vocês tiveram o tempo que precisaram, Lucha. Encontraram o elfo. – Ele levantou a mão, impedindo-a de argumentar. – Não, não. O que ele poderia saber? No entanto, eu satisfiz a curiosidade de vocês, é hora de retornar e entregar a Gema de Adália do Charco para quem os contratou.

Certamente, foi proposital que Labaki a tivesse surpreendido só. Lucha pigarreou em uma rápida tática para se recompor:

- A família de Baixo Campo nunca teve uma gema irmã a essa – mencionou o sogro de Comperteiro e o acordo com Tonio.

Labaki entendeu que ela sugeria que Comperteiro mentira:

- Era uma lenda, Lucha. Fúlvio apenas repassou a lenda. A pedra da família do Barão é uma gema amarela, como a de Adália, e daí vem a lenda de que são gemas irmãs.

Lucha não se convenceu ao ver o pequeno esforço que Labaki empreendeu para se explicar.

- Mais provável que fossem gemas de vários irmãos – disse ela, ironicamente.

Arrependeu-se ao ver como o semblante de Labaki se fechou.

- O que quer dizer?

- Nada. Uma brincadeira com as palavras – disse Lucha e, intimidada, deu de ombros.

- Lucha!

Desviou o assunto. Era hora de enfrentá-lo:

- Esqueça, Sávio. A gema não irá para Comperteiro.

- Já tivemos essa conversa! Ella não pode ficar com a pedra!

- Não vai ficar! Os elfos ficarão.

- O quê? – surpreso, levou segundos para apreender as palavras de Lucha.

Labaki foi em sua direção, Lucha se posicionou atrás de uma das mesas a fim de criar um obstáculo entre eles.

- Serão os guardiões! Vamos libertá-los e eles irão guardá-la. Sem acesso para aventureiros! – confessou Lucha, desafiadora.

- Aventur... – ele saltou sobre a mesa e a cercou, em fúria. Suas mãos encostaram os ombros de Lucha na parede, imobilizando-a. Gritou. – Vocês são os aventureiros! Entregam irresponsavelmente a gema como um produto de feira ao primeiro que quer consumi-la ao alegar que tem boas intenções! Como se fosse um poder eterno que não tem consequências, um objeto para consumir! Não fazem ideia! Nem sabem como usá-la!

Ao ver a resignação de Lucha a cada palavra, ele parou. Respirou, abaixou a voz ao constatar com um fraco contentamento em meio à sua coação:

- Vocês não sabem!

Lucha nada dizia. A confissão de sua ignorância em relação à gema estava estampada em seu olhar incerto. Sávio foi incisivo:

- Lucha, o que houve quando Ella usou a gema?

- Nunca vai saber.

Ele deslizou as mãos até segurar os pulsos de sua presa:

- O que ela fez? Há consequências, Lucha!

- Dane-se você e Comperteiro!

Os olhos de Labaki faiscavam de ódio. Os lábios estavam esgarçados em um sorriso malévolo a mostrar os dentes trancados a se arranhar. Apertava os pulsos de Lucha.

Eles gritavam:

- O que havia na gema, Lucha!

- Foda-se!

- Diga!

- Não!

- Lucha!

- Ahhh – ela gritou de dor, e soltou o nome – Celiah!

Sávio relaxou as mãos, instintivamente. Os olhos antes selvagens umidificaram-se rapidamente, e sua boca aberta com os lábios relaxados indicavam a surpresa. Murmurou:

- Celiah.

Lucha, ofegante, murmurou:

- Você sabe! – constatou, e depois acusou – Você sabe! – empurrou-o e olhou seus pulsos. Estavam roxos, exibiam as marcas dos dedos de Labaki e latejavam de dor.

A vergonha esbofeteou a face de Sávio como Lucha nunca testemunhara. No entanto, não foi suficiente para aplacar a fúria que, antes nele, fora transmitida à vítima. Lucha jogou-se em socos e chutes fortes bem colocados que nenhuma diferença fizera. Embora com poucas forças nas mãos, sua cólera por tê-la feito confessar ou pelos hematomas – ela mesma não sabia – a fazia avançar enquanto ele recuava cabisbaixo, sentindo-se merecedor da punição ineficaz.

Seu vexame em tê-la verdadeiramente agredido em um momento de descontrole era a punição efetiva, a ponto de não suportar permanecer à sua frente e fugir pela porta da rua, como se Lucha nem o estivesse encostado.

Seguiu por vielas, descomposto e ausente. Pensava em Celiah alternadamente ao que fizera com Lucha. Caminhou até um antigo parque élfico, um amontoado de árvores malcuidadas em meio a arbustos crescidos sem controle, fechado por trepadeiras emaranhadas cujos ramos mais pesados caíam pelo ar como os galhos das árvores. Enfiou-se naquele refúgio com a facilidade de um gato, desligando-se da atribulação da urbanidade vicinal. Encostou-se em um tronco e suspirou, sentado na terra, fincou as mãos nas raízes a olhar o vazio.

Foi se acalmando à medida que um torpor lhe tomava o corpo. Um esquilo-vermelho desceu rapidamente da árvore, mas não o suficiente para escapar do impulso de gato de Labaki, que o prendeu na mão. Seu olhar à frente era vago, mão direita a segurar com firmeza sua presa. Mordeu-a. Deixou o sangue quente escorrer entre os dentes a resgatar o sabor doce da carne fresca. Fechou os olhos, em um suspiro de prazer.

Um som débil foi o gatilho para girar sua cabeça instantaneamente ao desviar a atenção de seus tormentos para ver Lucha que, agachada para passar debaixo de um emaranhado de cipós, fitava estática a cena com espanto.

Se antes Labaki foi veloz para agarrar uma presa, ele se levantou devagar para não espantar a outra, mão esquerda limpa a apoiar-se na árvore, a direita ainda a segurar o pequeno corpo de pelo encharcado de carmim. Ao invés de correr, ela engatinhou até poder ficar de pé, a fim de enfrentá-lo. Ou estava hipnotizada, ou preparada, não era possível saber. Assim, ele optou pelo diálogo, a fim de despertá-la, ou desarmar sua prontidão.

Abriu seu sorriso usual, revelando os dentes tão sujos de sangue quanto o que pingava do queixo:

- Você achava que era a única que tinha estranhos prazeres? – referiu-se ao dia em que se conheceram em uma caçada e ela comeu o fígado cru do animal.

- Eu o fiz para desafiar, mas não parece ser o seu caso.

- Para me acalmar – esclareceu.

- Acalma-se com o sangue, com a carne, ou com o ato de matar, Labaki? – Lucha estava arisca, porém receosa de um enfrentamento após as evidências de sua inutilidade.

Ele parou de sorrir. Lucha teve a impressão de que a seriedade de Labaki escondia uma tristeza.

- E isso importa, Lucha? – ele se aproximou a passos lentos. – Não muda o fato do que temos em comum.

Ela se arriscou:

- Em comum? Difícil. Você não é humano, é?

A conhecida malícia de Labaki foi temperada com um ar ameaçador:

- Tão humano quanto você, Lucha. – Ele continuava a se aproximar. Lucha não se movia, presa em uma rede de curiosidade e atração. – Nossa humanidade que nos faz ter os mesmos prazeres, e nos liga de uma maneira mais forte do que você sequer imagina.

Ela fez menção de recuar. Já tendo largado a presa original, ele segurou firme seu pulso com a mão ensanguentada, embora sem o pressionar por saber que estava dolorido. Lucha não reagiu, apesar da dor que sentiu. Labaki se aproximou mais.

Ela reagiu com um argumento:

- Não somos iguais.

- Nossa essência é, Lucha. Ou vai negar que poderia ter corrido, mas quer experimentar o gosto do que tenho na boca?

Enredada, Lucha realmente fitava o sangue. Ele encostou o nariz na maçã do rosto limpo de respiração suspensa, a respeitar a pequena e perigosa distância.

- Não é o gosto do sangue que me prende, Sávio.

- Eu sei – murmurou Labaki.

E beijou-a.

Tempos antes ela havia considerado que, se algo sinistro como aquilo realmente acontecesse, ela afundaria. Pelo contrário, sentiu-se elevada depois de se deitarem sobre a terra em meio a raízes e ao lado de um esquilo morto.

*

Lucha chutou a porta, mau humorada:

- Labaki não é humano.

- O quê? – Martius saltou da cama. – Onde ele está?

- Já se foi. Mandou-nos um recado. Um aviso, um recado, um conselho, não sei.

Ela estava suja de terra, manchas de suor ressecado na roupa e de algo estranhamente rubro no rosto.

Omitiu que a última conversa foi a sentir um hálito selvagem em sua orelha, encostada nele que a abraçava sentado enquanto descansava as costas na mesma árvore de antes:

- Você sabe que esta é a última vez que nos falamos sem um confronto, não?

Ele não se alterou:

- Se você diz.

O insucesso em se arrepender do que fizera começava a tirar o humor de Lucha pela incompetência em controlar seus próprios sentimentos. Fez menção de se levantar de súbito, em uma insensibilidade latente:

- Então ficamos por aqui.

Labaki a impediu:

- Espere. Estava pensando, talvez vocês tenham razão.

Lucha se voltou a ele, confusa. Ele continuou, mão prendendo sua cintura, porém com ar de quem foi vencido:

- É uma boa causa. Por mais que eu negue, sei que é. Vocês podem aprender a manipular um poder destes junto às fadas do Pontal.

Lucha apertou os olhos, incrédula das intenções de Labaki:

- Não vamos incluí-lo.

- Não importa, é meu presente de despedida. Adeus, Lucha.

Tirou-a de seu caminho e se levantou em um salto, afastando-se devagar, porém com facilidade, daquele refúgio.

Independentemente dos detalhes, Lucha tentava transmitir a essência do que ele forneceu. No entanto, Ella interessou-se mais por Lucha:

- O que aconteceu com você? – examinou a barda.

- Não interessa.

Tonio manteve o foco:

- O que Labaki é?

- Não faço ideia, mas não me parece humano.

Ella a observou atentamente estreitando os olhos.

- Isso é sangue no seu rosto?

Surpreendida, ela limpou a boca com a manga da camisa que, ao se deslocar, revelou os pulsos. Tonio segurou rapidamente sua mão, antes que ela reagisse. Olhou para os pulsos roxos e para Lucha. Ela o fitou séria, com raiva controlada, moveu a cabeça em negativa enquanto reforçava:

- Foi rápido e forte demais para um humano.

Martius fez menção em pegar sua espada. Lucha chamou sua atenção:

- Não sabemos onde ele está. Nem adianta!

- Vamos procurar.

Ela interrompeu a insensatez com uma palma que ecoou no ar. Labaki tinha uma mobilidade superior à que eles eram capazes:

- Ei! Foco! Ele nos deu um conselho!

Ella tinha sua atenção, Lucha explicou:

- Ele nos disse para procurarmos as fadas. Elas a ensinarão a usar a gema.

Tonio não acreditou:

- Por que ele nos ajudaria?

- Não sei. Para usarmos e depois devolvermos. Ou ele se arrependeu do que me fez.

A última constatação acalmou os ânimos, mas não satisfez o desejo de Tonio em eliminar aquele sujeito indecifrável que se envolveu com os bardos por sua culpa. Não obstante, Labaki dava pistas dos possíveis passos a colaborar com as intenções de Lucha, contrárias às suas próprias intenções. Sem saber o que pensar, Tonio ponderou o próximo passo de alguém tão hermético. E se lembrou de que a gema estava com Leafir.

Agarrou a espada enquanto mencionava o nome do elfo, e disparou em corrida escada abaixo. Os outros não tiveram tempo de acompanhá-lo, mas aproveitaram para se armarem a contento antes de ir em socorro do elfo.

Quanto Tonio entrou no pátio, ele deparou com Leafir a usar um banco como escudo e Labaki, de mãos nuas, a segurar o pé do banco ao passo que tentava puxar o braço do elfo com a outra mão. Tonio desceu um corte vertical sobre o braço de Labaki, que o recolheu em velocidade assombrosa. A distração permitiu a Leafir entrar e pegar sua espada sobre a lareira. Labaki voltou-se a Tonio, preparando-se para esquivar de um fendente seguido de uma estocada que o teria perfurado caso não tivesse dado um passo atrás. Este passo o colocou mais próximo de Leafir que retornava, mas o elfo não teve tempo de descer o braço erguido, pois Labaki estendeu o seu e o segurou. Sem tirar os olhos de Tonio, jogou Leafir sobre seu aliado.

Surpresos, manejaram para que as espadas não os ferissem enquanto caíam. Eram um elfo e um mestre de armas treinado pelos Lanceiros Perpétuos, entretanto, aquele estranho desarmado os derrubara facilmente com força e agilidade excepcionais. Labaki pegou uma cadeira e jogou displicentemente sobre eles antes que se levantassem, esquivaram-se instintivamente jogando-se totalmente ao chão.

Tonio rolou para baixo da grande mesa do pátio e saltou de pé do lado oposto, após sua espada adiantar-se em seu trajeto em outra estocada sobre o inimigo que novamente se esquivou, sem prever que Tonio não tinha a intenção de concluir o movimento. A espada deslizou no ar em meia lua para retornar na altura do pescoço de Labaki. No entanto, ele havia pegado um pé do banco quebrado durante a esquiva e o usara para aparar o golpe. Seu rosto sem emoção contrastou com a cólera que tomava Tonio, por ser prontamente controlado contra um furor voraz.

Leafir jogou outro pedaço quebrado sobre Labaki, que simplesmente se defendeu com um jogo de braço, ainda a fitar Tonio. Finalmente, voltou-se ao elfo. Em uma carreira, lançou-se sobre Leafir com um único salto, jogando-o contra o muro de trepadeiras. O baque surdo foi seguido de um gemido de dor, mas o elfo se recusou a capitular e chutou Labaki para longe com os dois pés paralelos sobre seu abdômen. O recuo foi previsto por Tonio que cortou o ar com um mezzano que teria aberto as costas de Labaki se este não

tivesse interrompido sua trajetória e mudado de direção contra todas as probabilidades da inércia, chegando a entrar na sala de Leafir.

Antes que os dois se aproximassem, ele saiu de imediato para deslizar no chão passando entre Tonio e Leafir até se posicionar abaixo da grande mesa, que levantou ao ar e lançou sobre os dois enquanto decretava:

- Chega! – exclamou Labaki sem mostrar nenhum sinal de cansaço.

Contundidos, Tonio e Leafir tentavam levantar a mesa que os pressionava enquanto Labaki olhou para trás, em direção à saída, e depois se voltou a Leafir:

- Se perder o coração, que seja defendendo-o até a morte! Pois qualquer morte será melhor do que farei com você caso sobreviva.

Ao sair, empurrou Martius que entrava correndo. Ella teve a impressão de que ele teve um cuidado em colocar Martius contra a parede, desequilibrando-o. Lucha puxou Ella do caminho, preventivamente. Labaki desapareceu sem ser seguido.

*

Ella acreditou que Tonio intencionava parar em Valdoa a fim de rever seus parentes. Tendo deixado o Coração de Celiah com Leafir, dedicou-se a sondar Martius, que se tornava distante e apreensivo quanto mais se aproximavam do Ducado de Cerros, e não percebeu as reais intenções de Tonio até estarem dentro dos muros da cidade:

- Vamos ter uma conversa com Fúlvio Comperteiro!

Era certo de que teriam problemas se o fizessem abertamente, pois não tinham a gema, tampouco a intenção de entregá-la ao nobre. Àquela altura, sabiam que ele estaria informado por Labaki. Uma frustrada vigia preventiva para localizar Labaki os levou à decisão de enfrentar Comperteiro diretamente.

Tonio estava faminto em equilibrar o seu saldo com seu novo oponente. Tinha planejado uma abordagem surpresa caso o encontrasse, e contou com Martius para executar o plano de ataque com golpes previamente ensaiados.

- Fique atento. Ele derrotou a mim e a um elfo – alertou Tonio.

- Se tocarmos, ele cai.

- Se for preciso, Martius, mas sei que podemos vencê-lo.

Ella os repreendeu:

- Não deixe o orgulho determinar o resultado. Ele já mostrou do que é capaz, a música será o melhor ataque. – Voltou-se a Lucha. – Tudo bem para você, Lucha?

Lucha não hesitou:

- Vamos acabar com ele.

Embora preparados, não localizaram Labaki em Valdoa.

Assim, tarde da noite e ainda na rua, os bardos inverteram os amuletos enquanto Ella tocou uma canção de ninar. Em seguida, esgueiraram-se furtivamente pelos jardins do

palacete dos Comperteiro, parte do dote no casamento com a filha do Barão de Baixo Campo. No topo do muro, Martius completou o trabalho de Ella ao dedilhar sutilmente para os cães vigias. Ao pularem para dentro da propriedade, já eram familiares aos cães.

Seguiram pelas sombras em direção às poucas luzes acesas. Na hora anterior, Fúlvio Comperteiro retornara desacompanhado à sua casa. Caso a sorte os agraciasse com uma gentileza, ele estaria acordado. Caso contrário, teriam que produzir um ruído para atraí-lo. Como Lucha observara, eles mais se complicavam do que resolviam problemas, e a segunda opção foi a verdadeira. Entretanto, a sorte também colaborou, visto que ele não dividia os aposentos com a esposa. Assim, seu sono recente foi interrompido com uma batida incomum e muito suave que o levou a abandonar a cama, vestir-se e descer, intrigado com aquele ruído. À entrada da saleta íntima, quatro figuras estranhas o cercaram, uma delas com uma espada em seu pescoço.

Uma das figuras colocou o indicador nos lábios, exigindo silêncio. Apontaram a poltrona, para a qual ele obedeceu sem pestanejar. Fúlvio julgou ser um assalto, e tal foi o seu embaraço quando reconheceu Tonio que apertou os braços de madeira da poltrona ao passo que recuou o tronco até o encosto para emitir uma interjeição delatora de sua origem humilde.

Tonio murmurou incisivo e levemente agressivo:

- Você responde! Nada mais! Nem tente gritar.

O dono do palacete reconheceu todo o grupo:

- Fiquem calm...

- Quietos! Só responda às perguntas e sairemos logo!

Fúlvio concordou com um gesto. Tonio iniciou o interrogatório:

- O que pretende com a gema?

Ele se viu em um lugar de conforto:

- Ah, a gema? É uma relíquia de família...

Martius levou a espada ao seu pescoço novamente. Fúlvio percebeu a seriedade de sua condição. Suficientemente intimidado, confessou com a voz afinada:

- ãh... eu... eu não sei o que querem que eu diga.

- O que quer com a gema? Por que me mandou procurá-la?

Sua resposta foi mecânica:

- Status.

- Como sabia onde estava Adália?

Ele se atrapalhava:

- Como? É uma lenda!

Tonio perdia a paciência:

- Você quer mesmo se machucar, não?

Tonio e Martius estavam à frente das ameaças e não perceberam Ella, que admirava a sala pouco iluminada. O rodopio de Ella chamou a atenção de Lucha.

- Você andou fazendo reformas neste último ano, não?

Comperteiro não sabia se respondia a Ella ou continuava a argumentar com Tonio. Optou por quem parecia ser menos intimidante:

- Sim. Algumas, mas vejam, eu...

Martius preferiria a ação, mas soube como se controlar:

- Última chance para ser útil: como pretende usar o poder da gema?

Ele claramente não era capaz de raciocinar sob pressão. Chegou a ganhar pela incerteza e pelo medo:

- Do que falam? Eu não sei! Eu não queria!

Alertada por Ella, Lucha passou a observar os detalhes. Puxou a mão do nobre para aproximar um grande anel de seu rosto:

- Que bela joia! Parece ser outra relíquia de família!

Ele subia pelo encosto:

- Sim. Está na família há anos.

Tonio entendeu:

- Na “sua” família?

Comperteiro engoliu em seco, olhava alternadamente para cada um dos bardos, perdido.

Martius aproximou o seu rosto, colocando-se cara a cara:

- Fale!

Ele tremia. Tonio tirou o anel, sem ouvir protestos do dono. Analisou-o e passou a Ella, que se aproximou da pouca luz de uma tocha na saleta para admirar a joia.

- É antiga. Muito antiga mesmo.

Lucha foi propositalmente bruta:

- Ele tem outras.

Puxou um medalhão do pescoço da vítima e entregou a Ella, que confirmou:

- Formidável! Poucas vezes vi joias tão valiosas e antigas.

Lucha pressionou:

- Há outras?

Ele entendeu errado:

- Há! Podem levar. Pegarei todas para vocês!

Lucha o enlaçou pelo pescoço, carinhosamente sarcástica:

- Dividiria o seu tesouro conosco, Fúlvio?

Todos sabiam que a situação financeira de Comperteiro era drástica no ano anterior, totalmente dependente do sogro, com quem vivia em conflito. Tonio cortou a diversão ao afastar Lucha delicadamente, porém sem se desviar do nobre. Seu sussurro foi lento e ameaçador:

- Quem o pagou?

Não havia como negar. Ele reuniu a coragem restante para resgatar um pouco de seu orgulho. Pigarreou antes de denunciar:

- Sávio Labaki.

Martius rosnou. Tonio observou:

- Você está numa situação muito complicada. – Em seguida, ordenou entre os dentes. – Sugiro que nos conte.

Comperteiro narrou sem pausas, na esperança da verdade livrá-lo do perigo:

- Ele veio até mim e fez a proposta, era irrecusável. Por que não? Eu só deveria enviar vocês em uma missão. Era simples. Ele me mostrou o tesouro. Fascinante. Digo, nem tanto, mas se quiserem, podem levar. Eu o apresentei como um velho amigo, de longe, sócio recente, ninguém contestou, afinal, ele era envolvente, cativante até. Era só esperar por vocês.

Tonio levantou a mão para que respirasse. Olhou para Martius, que estava mais atônito que Fúlvio.

- Vocês não se conheciam? – disse Martius com a voz em um tom mais agudo.

- Ele parecia me conhecer. E minhas temporárias limitações financeiras – admitiu Comperteiro

- Quando foi isso?

- Poucas semanas antes de vocês me abordarem.

Lucha entrevistou:

- Ele sabia que viríamos até você?!

Hesitante, o nobre confirmou um leve mover da cabeça.

Ella também tinha suas dúvidas:

- Por que nós?

- Como vou saber? Eu só deveria recebê-los, dar a informação que eu tinha e, em troca, exigir o que ele exigia: que encontrassem uma suposta gema do baronato. Foi o que eu fiz.

Tonio ainda tinha outras perguntas:

- Quando ele veio até você pela última vez?
- Quando vocês estiveram aqui. Antes da viagem a Andreada – respondeu o nobre.

Lucha inspirou na tentativa de organizar seus pensamentos. Ella queria mais:

- Você sabe com que recursos ele o pagou? – disse Ella apontando as joias antigas.
- Não faço ideia, mas você tem razão, são peças antigas de altíssimo valor. Seja lá o que ele quer, está disposto a pagar o inimaginável para obter o que deseja.

Martius completou:

- Temo que ele esteja disposto também a fazer o inimaginável.

*

Uma pausa na estrada os levou a momentos de relaxamento e de tranquilidade de que necessitavam frequentemente. Os cavalos foram financiados com uma joia de Comperteiro confiscada por Lucha na saída. Levantou até o rosto dele e disse:

- Indenização!

Tonio ordenou:

- Não. Devolva. Não queremos mais nada dele.

O próprio Comperteiro entrevistou:

- Podem levar. Até mais, se quiserem. Reconheço minhas falhas, e é justa uma indenização, seja lá quais forem os problemas que eu os causei. Sei que é covarde admitir, mas prefiro nem saber o que causei. Só levem para que eu os compense.

O desprezo que Tonio sentiu por aquela postura o convenceu, e os beneficiou com um traslado mais rápido e confortável até o Ducado de Cerros.

A paisagem acidentada anunciava que entravam no ducado cujo horizonte nunca se planifica devido às inclinações verdes de cobertura clara com tufo de matas escuras a formar padrões aleatórios na pequena distância. O verde era intercalado pela rocha que brotava em alguns locais a transformar as inclinações em paredões rasgados por veios de água que escorriam timidamente na estação seca e se transformavam em pequenos córregos e cascatinhas na estação chuvosa. Ao longe, tais rochas pareciam ter sido brinquedo de felinos gigantes a afiar suas unhas. Também ao longe, quando alcançavam o topo dos morros, viam a sobreposição até o infinito de um monte atrás do outro conectados por braços delineados pelas ravinas que rasgavam as inclinações a gerar veios de tantas tonalidades de verde que seria impossível cada qual ter a sua própria denominação.

Tiraram as selas dos cavalos para que descansassem mais naquela pausa longa, uma por dia no intervalo entre a manhã e o anoitecer. Martius afrouxava o arreio novo, enquanto Ella o observava.

- Ainda está muito duro. – Apontou o arreio. – Está certo, Lucha comprou para durar desta vez. Vamos ver se não nos encremamos a ponto de deixar os cavalos para trás.

Ella não respondeu. Martius entendeu que ela ficara ofendida.

- Sei que foi você quem escolheu, já que Lucha não entende de cavalos. Não estou dizendo que está ruim, só é muito novo ainda – disse justificando-se.

Ella sorriu, carinhosa.

- Não é isso, Martius. Só estou imaginando o que nos espera.

Ele tentou amenizar:

- A vocês, nada. É um assunto que tenho que resolver, Ella. Fique tranquila que sei como lidar com o povo do Vale Cálido. E depois, vamos ajudar Leafir a aprender a usar a gema.

- Não disfarce. Todos vocês sabem que serei eu quem terá que aprender a usar, e usá-la!

Martius suspirou ao admitir:

- Ótimo, você tem consciência disso. Use esse tempo para pensar se é o que quer. Não devemos nada a ele, se não quiser, já fizemos muito.

Ella discordou com determinação:

- Leafir é um elfo, mas não tem poder mágico. Devo abandoná-lo com este problema? Nem quero! Ele estaria longe e perto ao mesmo tempo de conquistar seu objetivo, acabaria fazendo uma bobagem e entregando a gema a algum feiticeiro oportunista. Não vou deixá-lo nessa situação.

Martius se justificou:

- Era mais uma opinião para apoiá-la, não precisa dissertar sobre suas razões.

- Acho que preciso. Para Celiah. Eu acho que há algo mais nisso tudo, Martius. O Coração quer encontrar os irmãos.

Martius parou o seu trabalho para dar total atenção àquele tema:

- Não foi apenas uma sensação, Ella?

- Muito forte!

- Ela podia ter nos dado alguma pista mais!

Ella olhou os próprios pés:

- Ela deu. Quando fui me despedir de Leafir, ela brilhou, eu a segurei nas mãos e vivi mais da sua vida.

Martius emitiu um som incompreensível. Depois se recompôs da surpresa.

- Quer contar somente a mim, é isso?

- Não. Quero que me pressione a contar, só isso.

Martius gritou para Tonio e Lucha, que analisavam a estrada que seguia pela beira do barranco, reunirem-se para seguir viagem. Acharam cedo, mas não contestaram o rastreador. Quando ouviam somente o vento soprar como um ruído de fundo para o bater

dos cascos na terra seca que levantava moderadamente a poeira a um ritmo lento, Ella começou.

Tudo na vida de Celiah mudou após ela ter sido reconhecida como o dragão da ordem, embora aparentemente nada tenha se modificado. Continuou em Ruan a cuidar de sua gente, recuperou a fortaleza parcialmente destruída e manteve o curso natural da vida após guerras entre feudos. Entretanto, para a Ordem Draconiana, Ruan era uma nova sede, distante da original Goth Drin, e que agora abrigava o novo dragão com a meta de encontrar seus irmãos.

Não sabia quantos eram, nem se ainda viviam, mas sabia que não teriam sido apenas dois ovos: Celiah e o que não vingou. Sua busca exigia aliados, e fez uso da estrutura de seu novo povo para reunir a família desgarrada. Um novo brasão identificava os membros da ordem ligados diretamente a Ruan: uma ave que nascera perdida, fora aprisionada, libertada, esteve em fuga e um dia alcançou o voo jamais imaginado. Em voo ascendente, identificava os membros de pesquisa e administração, como usado por Sonnel, e em voo descendente de ataque, investigação e poder militar, como carregado com orgulho por Tibor em seus últimos anos. Afinal, Celiah perdoou Tibor, pediu ajuda a Sonnel e amaldiçoou Ricard.

Os homens do velho Tibor percorreram o mundo conhecido, assim como sua descendência, a procurar sinais de outros dragões que dividiam sua existência entre a humana e a draconiana. O emblema tradicional da ordem preveniu algumas mortes, porém nem todas. Eram perigos e aventuras empreendidos com lealdade, como uma dívida eterna que os descendentes herdaram do seu patriarca.

Sonnel consultava os eruditos com o mesmo objetivo, porém mantinha-se ao lado de Celiah para aconselhá-la. O maior temor era que, como ela, o irmão não tivesse se transformado e, portanto, nem soubesse que era parcialmente dragão. Como procurar um humano sem qualquer sinal que o diferenciasse?

- Não é possível ser um dragão e nunca se dar conta disso – ponderou Sonnel certo dia.
- Não foi o meu caso? – disse Celiah contestando o elfo.
- O seu caso foi a negação.

Portanto, ele procurava pessoas aparentemente normais, mas que tinham feitos extraordinários, fossem heróis, senhores de guerra, ou até bandidos.

- Dragões amam tesouros. Procurem entre aqueles muito abastados, mas de origem desconhecida – Celiah ordenou aos subordinados.

Sonnel era uma voz leal, porém discordante, que a ajudava a se entender:

- Sua condição diferenciada a levou a recusar um tesouro?
- Olhe à minha volta, Sonnel. – Apontou para sua biblioteca e para todo o conhecimento de dragões, humanos e criaturas mágicas que tinha reunido ao longo de sua vida como senhora de Ruan. – Este é o meu tesouro.

A Ricard foi dada uma maldição e uma opção:

- *Vagará pelo mundo até que eu encontre os meus irmãos. A morte não lhe é permitida, tomo a sua vida para a minha, estão conectadas. Sua opção é ajudar na busca, e somente quando terminada terá paz para descansar.*

De olhos vermelhos, resignado diante da força que se apresentou em escamas brilhantes ao sol, Ricard se ajoelhou e passou a servir a quem um dia o serviu.

Sempre após uma história contada, vinha o silêncio. Ele foi envolto com o vento a soprar e com os cascos em um compasso do pensamento.

- Só isso? – indagou Lucha.

- Eu resumi, Lucha. Muitos detalhes foram omitidos nas buscas dos filhos de Tibor e nas reflexões de Sonnel.

- E Ricard?

- Omiti sua aparente alegria a princípio, gradativamente reduzida à solidão anos afora. Ele chegou a implorar perdão, Celiah exigia resultados. Ele passava anos fora, e retornava de mãos vazias. Como os outros. No entanto, estes se cansavam de viver e tinham o bônus da morte.

Martius destacou:

- E Sonnel? Elfos podem viver muito.

- Não vivi toda a vida de Celiah para saber seu fim, Martius. Ele esteve com Celiah enquanto eu estava lá. Pergunto-me se ele não está em Belerod.

Tonio desviou o assunto para o que interessava:

- Pergunto-me se Celiah encontrou um, ou mais irmãos.

- Isso foi há mil anos, Tonio. Creio que nunca saberemos – resignou-se Ella.

- Não percebe, Ella? Se eles não tiverem sido encontrados, Ricard pode ainda estar vivo.

Enquanto Lucha e Martius se voltaram surpresos, Ella não se alterou:

- Caso se refira a Labaki, eles não são a mesma pessoa. Eu vi Ricard.

Lucha decidiu cortar o assunto:

- Não importa agora. Decidimos voltar, deixar tudo para trás. Pelo menos por enquanto o Coração de Celiah não é nosso problema.

3. OSTREBOR, MELGROD E BAAI

O problema era como Martius entraria no Vale Cálido.

- Como pretende fazer?

- Tenho um plano – concluiu Martius.

Eles aguardaram a explicação em vão.

- Martius, como ajudamos?

Ele suspirou:

- Esperando no Vale da Rã.

Houve protestos, argumentações, chantagens emocionais e até ameaças. Nada funcionou. Martius estava determinado a resolver seus problemas sem a ajuda dos amigos.

- O que há com você? – ofendeu-se Ella.

- Assunto meu é assunto meu. Não preciso dizer o quanto me ajudaram até hoje, mas certas coisas temos que resolver sozinhos. Não pretendo entrar em minha vila e cortar todos para convencê-los de minha inocência!

Abaixou-se, de cócoras. Ella tocou seu ombro:

- E a música, Martius?

Ele esfregou o rosto:

- A minha música piorou a história. Preciso resolver isso também. Eu!

Ele repassava mentalmente a longa discussão enquanto levou seu cavalo pelas trilhas menos acidentadas da terra que conhecia tão bem. Sem mudanças. Sentia-se em casa, mas de uma maneira diferente de quando lá vivia. Seu mundo se expandira de maneira inimaginável, conhecera centros e cantos cheios de maravilhas e perigos que faziam os cantos e perigos do Vale Cálido e região um berçário de chão duro para o bumbum do nenê. Entretanto, era naquele berçário que sentira as maiores dores.

Parou o cavalo em uma clareira no topo de um monte. Amarrou-o, não antes de acariciá-lo, pedindo que se mantivesse calmo diante do que veria. Dedilhou alguns acordes em cortesia à sua montaria. Depois, voltou-se para a direção onde estava a vila, e conjurou a tempestade.

O fim da tarde foi precocemente escuro, de um frio anormal e de fortes ventos raros. Naquele dilúvio que esvaziou as ruas, ele foi até sua antiga casa. A água que escorria em seu rosto misturou-se às lágrimas que apenas as mães sabem diferenciar. Ela também chorou.

Gastou o tempo que pôde, a aguardar que a noite convencesse os moradores de que não sairiam mais de casa até o amanhecer. Depois, usou o restante da chuva para visitar a menina. Uma visita que evitou a porta da frente e a presença dos pais. Ela já devia ser

adolescente, melhor, Martius não sabia lidar com crianças. A chuva forçou os moradores a fecharem suas janelas. No lado de dentro do quarto de Malva, um gato admirava a paisagem, ansioso por liberdade. Ele forçou abrir, estava trancada.

Deu a volta pela casa, encontrou uma janela encostada. Teria que atravessar os poucos cômodos com cuidado para não acordar a família. O gato pressentiu a sua entrada e foi ao seu encontro. Martius o acolheu nos braços, acariciou-o e se encaminhou ao quarto de Malva.

Seu sono era inerte, pesado e sem preocupações. “Duvido que não tenha pesadelos”.

Largou o gato, que saltou silenciosamente para o chão. Tirou um papel do bolso do casaco e o deixou na cabeceira da cama de Malva. Saiu por onde entrou, da casa de Malva e da vila.

Na grotá à direita e um pouco além da bifurcação no Morro da Crista do Galo, a luz trêmula anunciava a fogueira que crepitava forte. Sobre um tapete de peles leves e macias, Amanda se cansara de esperar e dormiu. Ele a acordou com um beijo. Deixaram a conversa para depois. Fazia quase um ano que não se viam.

Martius recebera a primeira carta de Amanda, a Grã-mestra dos Betemares, em Femon, implorando ajuda para combater os morcegos que haviam evoluído desde que saíram de sua hibernação em Fraga por interferência de Martius. O feitiço de Jeremias, o Pai dos Betemares, enraizou-se de maneira que tiveram um rápido aprendizado e ganharam força e agilidade. Já eram chamados de vampiros. Martius decidiu responder somente àquela carta para negar qualquer tipo de ajuda. Acusou-a por enfeitiçá-los quando estiveram em Fraga e ainda manipulá-lo para que ele acordasse os morcegos. Assim, recusava participação em qualquer coisa que viesse de, ou fosse para, Fraga.

Na segunda carta, Amanda confessou as maquinações, mas também seu desespero. Alegou que o mal que os bardos causaram foi maior do que tinham sofrido, que os danos dos vampiros iam além de qualquer magia que os Betemares poderiam dispor, implorou pelas gerações que deixariam de existir caso não tivessem ajuda. Prometeu nunca mentir a ele novamente, disse tudo que sabia da vida deles que fora investigada enquanto transitavam por Racina, como as tempestades que provocou e os ventos que controlou. E para mostrar que não iria mais mentir, confessou que estava em Femon e o via com frequência pelas ruas de Galianthiel.

Mesmo surpreendido, ele negou qualquer contato. Receou pela gema, e por dias foi voluntário consecutivo para guardar o coração a fim de evitar que Amanda tivesse contato ou conhecimento da gema, assim como que ele a encontrasse involuntariamente. Na carta, desviou o assunto para o seu próprio passado, alegando que tinha assuntos inacabados e voltaria para casa, encerrando suas aventuras. Informou friamente que era a última resposta à sua correspondência.

Amanda enviou mais uma carta, dizendo conhecer sua fama no Vale Cálido e que teria como ajudar. Ele não respondeu e a correspondência cessou até ele estar no Vale da Rã, quando o plano foi proposto. Era melhor do que o dele. Martius repetira diversas vezes as palavras que o marcaram:

“A magia dos Benames baseia-se em fatos que penetram positiva ou negativamente na mente dos humanos. Uma simples palavra pode induzir um processo que irá se misturar às experiências do ouvinte e se transformará. Caso o mago saiba como extrair as experiências dos ouvintes, normalmente por suas reações, ele pode direcionar as alterações na mente e nos corações conforme sua vontade. Sua história é de crueldade, mas é facilmente transformada em fatalidade, infantilidade ou injustiça. Escreva sua versão para que eu transforme os corações do Vale Cálido com a SUA verdade.”

Quando saía da grota na manhã seguinte, ela ouviu uma pergunta amarga:

- Quanto isso irá me custar, Amanda?

Ele sabia o que iria custar, mas perguntou quanto? Ela sentiu o peso daquela troca de favores, acompanhada da angústia que nasceria dela. Haveria sofrimento. Depois mágoa. Seria irreversível. Fechou os olhos e respondeu, temerosa por saber que poderia se arrepender um dia:

- Nada. Não terá que fazer nada no futuro para ter minha ajuda hoje.

Embora Martius não tivesse acreditado, Amanda chegou à vila com o peito leve. Montada sem a costureira escolta inerente à sua posição, ela se trajava modestamente, a deixar destacada sua elegância natural que contrastava com o anúncio de sua profissão: contadora de histórias.

Hospedou-se e deixou a notícia correr, tendo prometido uma apresentação na praça ao cair da noite. Em um tablado improvisado, ela recebeu metade da cidade ansiosa por uma diversão mais inesperada do que a chuva da noite anterior. Qualquer quebra da rotina era bem-vinda, e ainda mais a partir de moça tão graciosa e independente. Equilibrava-se em um banco de assento alto, e se segurava nas laterais com o tronco ereto e os braços esticados, como a querer alcançar as estrelas que brilhavam naquela noite de calor ameno.

Os ouvintes interromperam seus hábitos diários para apreciar a tragédia de um guerreiro que salvara muitas vidas em uma invasão, mas que fora condenado por não ter conseguido salvar todas. Ele enfrentara a incompreensão de quem não entendia de suas habilidades únicas naquelas terras, provenientes do povo das fadas, da qual ele tinha ascendência. Sua rapidez fora transformada em transmutação, sua força, em violência. Todos os fatos inexplicados que o destacavam dos comuns foram distorcidos para intenções escusas executadas por meio de planos para levar almas sacrificadas para outros mundos. Tudo o que ele fez foi ajudar, mas a mesquinha alheia não foi capaz de enxergar o simples. Amanda contava a história com paixão, destacando o drama ao elevar a tristeza da incompreensão até alcançar a amargura da injustiça. Ela fitava o horizonte fechado do vale, alimentada da inspiração impregnada na imaginação fértil que enxergava as lágrimas e as dores dos envolvidos, as perdas e a solidão, assim como as vãs tentativas de escapar de um veredicto silencioso, porém presente.

Ousado, Martius descera ao vale e assistia ao longe, sob a proteção da noite sem lua e de uma capa com capuz. O desenrolar da história o tocava, e entendia as palavras não ditas na narração. Na voz de Amanda, as agruras por que passou tinham um toque doce, porém trágico. Seu vagar pela cidade, onde os antigos amigos afastavam-se receosos de se

tornarem vítimas, ou pelos campos à procura de estranhos que estivessem dispostos a ouvir, lembravam-no de sua sorte na companhia dos lobos. Eles conheciam a verdade e não o rejeitaram.

A voz da narradora dominava a noite com emoção da verdade levemente encoberta por um véu translúcido de magia. Doce, porém elevada, sublime em sua delicadeza, o seu timbre era completo. No entanto, por mais plena que fosse, Martius desejou acompanhá-la. Ela precisava de uma canção de fundo para fazer aflorar a emoção.

Martius percebeu como não era necessária a magia para fixar a atenção dos ouvintes, tampouco para enviar a mensagem a Malva. Essa tinha a história completa dele no papel. Ele a procurou na multidão, mas não a viu. Se Malva estivesse presente, a mensagem dispensava magia. Se não estivesse, de pouco adiantaria enfeitiçar os outros.

Antes do desenrolar da história em direção a um prometido final épico, Martius dedilhou o violão. Foi tão natural que apenas Amanda percebeu a intervenção, e não foi suficiente para que ela interrompesse a costura de seu feitiço. O que ela não percebeu foi como Martius apostou o seu destino ao inserir sua magia na dela, alterando o encantamento a fim de pedir discernimento, porém sem obrigá-lo.

O guerreiro da história foi sacrificado pelo povo, cansado de tentar se justificar, entregou-se à sua sina. As fadas vieram buscar sua alma para retornar a seus ancestrais, e a vida naquelas bandas demorou a florescer devido aos sentimentos nocivos que semearam na terra.

Quando a contadora se calou, a música permaneceu no ar como um resquício da história que pedia para não morrer. A multidão da praça se dispersou silenciosa para seus sonhos. Não mais enxergaram Amanda ainda sentada no palco, como parte da cena estática por meio de onde o conto se desenrolou. Ela fitava uma sombra ao longe que tocava. Saíram juntos da vila até o seu esconderijo.

Pela manhã, quando voltou à vila, um rumor passava de boca em boca que Malva procurara a autoridade local para relatar o que realmente acontecera anos atrás. Ela finalmente havia se lembrado com clareza. Confessara, agarrada a um papel amassado como a uma muleta, como se lembrava dos fatos, que foram confundidos pelas interposições adultas ansiosas em arrancar uma verdade da criança.

Nesta confissão, Malva revelou que o antes vilão não chegara a tempo de salvar suas amiguinhas, mas distraíra os lobos para que ela pudesse escapar com vida. Sem ele, ninguém teria se salvado. A música realmente distraíra os animais.

O administrador apertou os olhos, inicialmente incrédulo:

- Simples assim?

- Não acredita que o simples pode ser a verdade? Então precisamos criar monstros para justificar as tragédias, porque não somos capazes de lidar com elas sem apontar um culpado?

O homem suspirou, jogando-se sobre o encosto de sua cadeira:

- Tanto tempo com a versão do maior vilão que passou por estas terras. Imagino onde este pobre esteja agora, e quando irá saber. Que seja anunciado por toda a região a sua inocência.

Malva apertou mais o papel em seus dedos.

- Esteja onde estiver, que ele saiba que pode voltar para casa em paz.

Quando Martius ouviu esta frase pela boca de Amanda, ele fitava a vila no fundo do vale.

- Não vou voltar. A quem interessa, esse assunto está resolvido.

No dia seguinte, quando Martius acordou para desmontar o acampamento, viu que Amanda o deixara. Ele se lembrou de que ela contara uma pequena história antes de dormirem, e riu com pesar por ter caído naquela armadilha tão óbvia.

Martius olhou o Vale Cálido ao longe. O vazio que sentia não era por deixar o vale, mas por Amanda ter partido.

*

O Vale Cálido era próximo da divisa do Reino de Katos com o Pequeno Reino do Pontal, uma terra com menos rigor na aplicação das leis pelo caos político que parecia ser permanente naquela terra. Katos dispendia recursos volumosos no controle das fronteiras para bloquear o que fosse bandidagem, contrabando, feiticeiros de má fama e coisas inexplicáveis. Embora não fosse uma terra farta de magia, a divisa do Ducado de Cerros com o Pequeno Reino investia em magos e feiticeiros mais do que qualquer outra fronteira do Reino. Dentre as coisas inexplicáveis, atribuíam certos distúrbios ao que diziam ser os traslados de pequenos seres mágicos que não reconheciam limites políticos e atravessavam livremente deixando sinais da falta de competência dos katenses em controlar o que propunham. Para complicar, não havia feiticeiro que se dispunha a incluir o reino paralelo de fadas, gnomos e duendes no rol das obrigações fronteiriças.

Assim, a probabilidade de encontrar um solo sagrado ou círculo mágico para entrar em contato com as fadas era grande, embora as probabilidades não fossem suficientes para garantir sucesso.

No Vale da Rã, Lucha procurou ajuda de Tessa, que nada sabia de fadas, mas os encheu de poções que poderiam ser úteis: cura, sempre bem-vinda, resistência, útil para quando Tonio não podia tocar, visão noturna e seus efeitos colaterais de embriaguez, analgesia, que chegava a ser perigosa por anular a dor que anuncia a proteção ao corpo, e imunidade a diversos tipos de veneno, item obrigatório da bagagem desde que um afeto de Tonio envenenou Lucha. Por sua vez, Lucha atualizou as notícias sobre o despreocupado Donnal, enquanto Tessa mostrava o volume de encomendas que deveria enviar em breve ao sobrinho.

- É uma mudança? – perguntou Lucha.

- Cogito mudar de sobrinho. Olhe o que ele faz comigo? Como vou levar tudo isso em uma tão viagem longa?

Martius foi prático:

- Contrate alguém.

Também procuraram eruditos da cidade, e pouco tiveram além de indicações de dois ou três alinhamentos circulares que poderiam ser círculos ritualísticos onde o poder das fadas poderia florescer.

Curiosamente, quando entraram no Pontal, as incertezas foram paulatinamente reduzidas. Ao evitar grandes cidades, eles encontravam as respostas com facilidade dentre aqueles mais próximos da terra e da vida. Martius se sentia à vontade, e cavava os sinais nas florestas como lia os rastros no chão.

- Eles são integrados à natureza, mas deixam suas marcas, vejam só essa aqui. Este ramo deveria crescer nessa direção, algo o fez se desviar. Ele não se incomodou.

Ella ficou curiosa:

- Quando você aprendeu isso, Martius?

Ele respondeu naturalmente:

- Agora. Até ontem, nem fazia ideia.

Tonio levantou uma sobrancelha, e se pegou observado por Lucha. Ela sussurrou:

- Espero que sejamos bem recebidos, senão...

Não terminou propositadamente. Tonio reforçou:

- Não faremos nada que os ofenda, nem vamos desafiá-los. Não haverá por quê serem hostis.

Lucha foi irônica:

- Nenhum motivo. Exceto que libertamos vampiros no sul, matamos uma serpente maligna no oeste e roubamos o coração de um dragão.

- Por este motivo, eu e Ella tomaremos a palavra – respondeu um Tonio disciplinador.

O ambiente natural tinha também seus contratemplos, normalmente chamados de ladrões. Evitaram um bando que seguia a estrada ao se esconder abaixo de um barranco. Martius cogitou lutar, mas seu instinto, naquele momento conhecido como Ella, o coibiu ao alegar serem muitos.

Um segundo bando avaliou-os quando subiam as reentrâncias das pontiagudas montanhas Carior, que separavam a parte alta e baixa do Pequeno Reino. As montanhas Carior nasciam a Sul de Valdoa, e eram irmãos dos montes mais baixos que formavam o Vale da Rã e o Vale da Terra Antiga. Estes se bifurcavam no Sudeste, espalhando-se por Cerros com menor intensidade, enquanto as montanhas Carior intensificavam-se no Pontal para assumir uma majestade granítica a querer alcançar os céus. Sobre as rochas, a terra de pequena profundidade era frágil e propensa a desabamentos em períodos de chuva, razão pela qual poucos assentamentos foram instalados em terra tão instável. Era então refúgio de indesejados da civilização, como ladrões e, possivelmente, fadas.

Os prováveis ladrões que os mediram, passaram sem palavras, com um cumprimento silencioso para os bardos e sinais de rejeição entre si. Fossem ou não ladrões, haviam interpretado corretamente a prontidão do corpo de Tonio, a sede de combate de Martius, o sorriso perverso de Lucha e o rosto de poucos amigos de Ella.

Não conseguiram evitar o terceiro bando, pois não se comportavam como ladrões. Já de longe falavam alto e davam risadas enquanto se aproximavam do acampamento silencioso onde todos se preparavam para dormir. Sem cavalos, estavam entretidos em um caso que parecia os interessar mais que as quatro pessoas que se levantaram a aguardar o ruidoso grupo. Eram nove, sete humanos, um elfo e um anão. Martius franziu o cenho, anões eram ainda mais raros naquela terra que elfos.

E riam. E sorriam. Saudaram os bardos.

Ella fitou o elfo, à procura de traços que a lembrassem de Leafir. Tinham em comum apenas os cabelos lisos e olhos amendoados afastados entre si. Ao contrário de Leafir, que tinha cabelos castanhos claros e olhos verdes, o elfo era moreno. Este tinha o nariz longo e reto, ao passo que o elfo de Faemon Handra tinha o nariz elegantemente côncavo até finalizar em uma ponta arrebitada que Ella tanto amava. Os lábios de um eram sinceros e convidativos, do outro, perigosamente intrigantes.

O anão parecia um fanfarrão bêbado, mas seus olhos vigilantes denunciavam sua argúcia. Um homem corpulento o acompanhava nas risadas altas, a concentrar as atenções dos colegas e dos bardos, a quem ignoravam. A liderança parecia ser de um homem com uma careca no topo da cabeça, mas com cabelos compridos engordurados nas têmporas e laterais. Parecia compor uma caricatura ao lado do outro careca como ele, porém de cabelos crespos a criar um espaço protetor à volta da cabeça, aparentemente impenetrável. Duas mulheres vinham atrás, uma também corpulenta como o homem que acompanhava o anão e, aparentemente, de sua família, e outra tão franzina que poderia se quebrar como uma boneca. Os outros dois eram tipos comuns, de idades bem distintas: um muito jovem enquanto o outro era claramente o decano do grupo.

Ella reparou como o grupo dela era comum perto daquele tão peculiar.

Tonio sorriu em resposta ao careca de cabelos lisos, que os cumprimentou:

- Que surpresa! Viajantes! Tão raro por estes montes. Saudações!

Seu gesto de mãos foi respondido por Tonio, que tentou ser simpático, porém atento e disposto a disfarçar a desconfiança.

- Saudações também. Vêm a pé?

- Ah sim, cavalos não são para nós pobres andarilhos. Pobres, mas felizes, não Trobal?

O anão riu alto.

- Muito felizes! Ainda mais quando encontramos amigos na estrada.

Martius interviu:

- É a primeira vez que vejo um anão.

Trobal tentou disfarçar um desprazer naquela observação:

- E é o que esperava? Normalmente as pessoas daqui não gostam do que vêm.

Ella recuou alguns passos instintivamente para ampliar o espaço ocupado visto que os recém-chegados se espalharam em meia lua pelo acampamento. Lucha percebeu como o elfo mapeara todas as armas que carregavam ou que jaziam no chão em segundos. Martius continuou entretido com a conversa:

- Não sei porquê! Você parece bom para a luta.

O sorriso do anão foi feio, orgulhoso e ameaçador.

- O que foi insuficiente para o capitão que me largou na praia. Dá para acreditar que ele disse que eu era encenqueiro? Só por duas mortes nas costas...

Tonio cortou, no mesmo tom amigável que eles usaram ao se aproximar:

- Só duas? Que bobagem. Por que não nos conta isso melhor. Sentem-se, são nossos convidados.

Eles hesitaram. Ninguém queria sentar. Tonio continuou, com simpatia:

- Temos ainda carne a assar. Tenho certeza de que estão com fome. – Lucha recuou com Ella. Martius se aproximou do anão. – Caso seus amigos – apontou para a dupla jovem e velho – possam pegar mais lenha, aumentamos o fogo e todos se aquecem.

Eles se entreolharam. Eles faziam o papel amigável, Tonio roubara a cena.

- E vejam – apontou para os instrumentos. – Se algum de vocês cantar, podemos fazer desse encontro uma festa. Estávamos precisando de um motivo para tocar.

A mulher corpulenta riu:

- Nossa festa, fazemos sozinhos, moço.

O anão completou:

- Além disso, vocês não entenderam. As duas mortes foram só aquelas no navio. Desde então...

Deixou as palavras no ar, pois Tonio bloqueara o corte do elfo que nem os aliados haviam percebido estar a caminho. Martius, habituado às respostas de Tonio, agiu antes dos demais e se jogou ao chão para passar a espada nos pés do anão, a fim de eliminá-lo de imediato da contenda. Pelo que ele ouvira de anões, melhor excluir sua participação antes de passar a perguntas concretas sobre suas intenções.

O anão urrou e praguejou em seguida ao perder um pé. Martius praguejou junto, pois queria ter arrancado os dois. Ella tentou pegar o violino, mas não haveria tempo. Aceitou a espada que Lucha jogou e se preparou para enfrentar os dois homens carecas que se colocaram à sua frente. A Lucha restaram quatro, as duas mulheres e a dupla de jovem e velho. O homem corpulento havia se jogado sobre Martius, que o cortou superficialmente no peito a fim de ganhar tempo para se levantar. Tonio contra-atacava o elfo, mais rápido que Leafir com quem andara praticando, porém menos preciso. As esquivas de Tonio

eram facilitadas por esta limitação, e seus contragolpes eram mais efetivos. Se tivesse tempo, acabaria acertando o invasor.

Lucha correu para se afastar do centro do conflito e deslocar quatro bandidos para longe de seus amigos, levando-os à campina que acompanhava a estrada. Usou a distância para separá-los, que tentaram cercá-la sem estratégia, e os manteve em movimento a fim de evitar enfrentar os quatro concomitantemente. Pegou a mulher franzina que, apesar de rápida, deixou um braço para trás quando Lucha mudou de direção na corrida.

Ella se defendia com uso das árvores da mata como escudo. Estocava por trás das árvores e mudava de posição em uma dança contra dois. Martius percebeu os apuros da violinista e levou seu oponente até eles a fim de apoiar Ella ao atrair um dos seus adversários para ele. Depois do homem corpulento, seu objeto de desejo era o líder que cercava Ella.

O anão continuava urrando enquanto tentava estancar o sangue que jorrava do toco de sua perna.

Tonio se ocupava somente do elfo, em um duelo equilibrado, porém difícil para ambos. Um fendente na altura da cabeça do elfo foi bloqueado como esperado. Fintou e resvalou a espada na têmpora direita do adversário, que chutou Tonio para recuperar seu equilíbrio enquanto o mestre de armas também o fazia. Ele avançou sobre o elfo com uma estocada na barriga cuja esquiva célere evitou tripas espalhadas ao chão. Embora não pudesse desviar sua atenção do inumano, sua visão perimetral mostrou a desvantagem de seu grupo e não viu outra saída, senão gritar:

- Lucha, cante!

Ao longe, ela o ouviu e correu em disparada até o centro do acampamento, deixando três bandidos a segui-la. Ao chegar, abriu os pulmões e estacou, surpresa.

Tonio insistiu:

- Cante, Lucha!

Lucha protestou:

- Não posso com essas criaturinhas à nossa volta.

Quem reagiu primeiro ao comentário foi o elfo, que recuou alguns passos para ter tempo de se voltar a Lucha e vê-la levar uma pancada na cabeça dos bandidos que a alcançaram. Sem ver o que acontecia com Lucha, Tonio parou para perguntar a que criaturinhas ela se referia, quando percebeu milhares de pequenas luzinhas à volta do acampamento, em meio aos arbustos, sobre as árvores e entre as raízes, folhas secas e pedras incrustadas no solo.

O elfo gritou para impedir os aliados de continuarem, em especial os que alcançaram Lucha:

- Não! Parem. Deixem-na!

O alerta acalmou o anão, que o olhou interrogativa e furiosamente:

- Acabem com todos!

O elfo saltou à frente do homem corpulento:

- Chega, Tornald! Heirich, Bell! – ouvir os nomes fez com que Heirich e Bell reduzissem a violência da ação, mas não pararam de fato, mantendo-se em movimento constante com os corpos e as espadas a ameaçar Martius e Ella.

O elfo alertou:

- Ela vê o povo da floresta!

Então eles pararam. Foi quando Martius teve a oportunidade de olhar à volta, e percebeu as criaturinhas a fitá-lo, assustadas. Ella agarrou o braço de Martius, perdida em meio a tanto brilho tênue em movimento.

O elfo percebeu que todos os bardos estavam cientes das vidinhas ao redor, e sussurrou:

- Merda! – Voltou ao acampamento, onde Lucha, ainda desacordada, era sustentada pelo homem jovem e a mulher corpulenta, enquanto o velho prestava socorro ao anão.

A mulher franzina aproximava-se, mas o elfo encarava Tonio que estava mais distante dos demais e aparentemente dividido entre a surpresa do que testemunhava e a fúria em ver Lucha desacordada nas mãos dos bandidos. Tornald, o homem grande, Heirich, o líder, e Bell, o segundo careca, retornavam devagar. Martius e Ella também se aproximaram, porém mantendo distância segura.

Martius se adiantou:

- Soltem Lucha e vão embora!

Ele foi ignorado, pois as atenções estavam voltadas ao elfo. Heirich pediu satisfações.

- Por que pediu trégua em favor deles, Ridell?

O elfo foi ríspido:

- Quer problemas com os pequeninos?

O velho interview:

- Ainda acho que isso não existe.

O anão rosnou. Acreditava no elfo:

- E o foguinho, seu estúpido?

Ridell, o elfo, foi mais esclarecedor:

- Não percebem que todos eles são capazes de ver, enquanto vocês não o são? Porque as fadas não querem que vocês vejam, mas querem a eles! O que isso pode significar?

Tonio interrompeu:

- Soltem nossa amiga!

Ridell retomou seu tom rude:

- Não podemos feri-la! Não percebe?

Tonio entendeu. As criaturinhas fitavam a cena com medo: pequenas, brilhantes e agitadas luzinhas encolhidas com olhos assustados.

Heirich foi claro:

- Vamos levar os cavalos e o dinheiro, deixamos todos vivos.

Martius levantou a espada, Tonio levantou a mão para impedi-lo de qualquer ação, porém sem tirar o olhar sobre o Ridell.

- A nossa amiga!

A mulher franzina gritou chorosa:

- Então arranque o pé dela, como fizeram com Trobal!

O sangramento do anão estava controlado, mas seu humor, não:

- Cale a boca! Ninguém arranca nada de ninguém mais! Nem um pé, nem um cavalo!

Heirich deu uns passos ameaçadores na direção do anão. Perguntou, baixo:

- Como é? A decisão é sua?

O anão soltou um palavrão que tremeu as árvores mais próximas. Ele olhava para a direção onde Ella e Martius haviam lutado, onde algo visível a todos os observava com interesse.

Lá, acocorado sobre uma pedra, estava outra criatura de aparência próxima da humana em estatura e forma. Seminua, estava coberta com folhas adequadamente colocadas onde interessava. Porém, o que a fazia excepcional e inumana eram os cabelos em fogo e uma leve penugem brilhante pelo corpo que, ao contrário do povo da floresta, era decorrente do mesmo fogo dos cabelos, também a cobrir a pele.

Ela saltou da pedra para se aproximar do grupo como um todo. À medida que passava, as criaturas da floresta afastavam-se dela, ou por medo ou por respeito, não era possível diferenciar.

O anão, pálido por medo ou pela perda de sangue, também não era possível diferenciar, adiantou-se:

- Não é nossa caça, não é nosso fogo, não mexemos em nada! Só queríamos tirar deles! Só o que é civilização!

Ao se aproximar, Ella notou que a criatura tinha forma de um jovem homem com cabelos de chamas. Ao passar por Ella, deixou seus olhos se incendiarem. Ella se arrepiou ao se lembrar de Adália, porém não havia um ar maligno nele, apenas perscrutador.

Ele caminhou até o centro do grupo, onde estava Lucha ainda desacordada e o anão, segurando seu ferimento. Martius estava fascinado e apavorado. Impotente, Tonio agarrava a espada com força a fim de compensar o revés no confronto. Ridell evitou encará-lo, abaixou a cabeça em subserviência. Os outros reagiam com um pouco mais de segurança, não parecia ser a primeira vez que o viam, porém ainda impressionados com o que testemunhavam.

Os cabelos de fogo giraram devagar, com seu dono a avaliar cada humano, anão ou elfo do local. Tonio desviou-se dele e foi para Lucha, que não interessava mais aos invasores. Ele a arrastou para perto de Martius e Ella, enquanto a criatura se dirigiu ao povo pequeno da floresta. Ella jogou uma das poções de Tessa na boca de Lucha que acordou pouco depois para presenciar uma das cenas mais insólitas já vistas.

Ela vislumbrou um improvável humano, por seus cabelos e penugem da pele em fogo, dedicar-se a um debate acalorado com centenas de pequenos bichinhos de brilho pálido que se agitavam em argumentos, voos curtos e saltos em torcida pela discussão hora ganha, hora perdida. A criatura em fogo também agitava os braços, apontava para os dois grupos e fornecia seu ponto de vista, que era refutado pelos pequeninos e dava início a uma nova rodada de debates.

Os humanos e o anão estavam curiosos, perdidos, porém, naquela polêmica que era acompanhada pelo elfo com atenção, único familiar àquela língua. Alternavam o foco para o tom da discussão e para as expressões predominantemente ininteligíveis de Ridell, que franzia o cenho, unia as sobrancelhas, abria a boca, fechava a boca, iluminava-se, contorcia os lábios, mordida os lábios, meneava em concordância, depois parecia se lamentar. Em um certo momento ele olhou para os instrumentos dos bardos, e depois para os bardos, ainda mais surpreso do que quando soube que eles viam as fadas.

Sentindo-se expostos, Tonio estabilizou a postura, Martius segurou a espada, Ella inspirou para se preparar. Lucha ainda estava tonta a entender patavinas.

O elfo se voltou ao debate ao ouvir algo ainda mais surpreendente, que pareceu dobrar o tamanho de seus grandes olhos e esquecer a boca aberta. Foi quando o debate se abrandou, pois as atenções votaram-se a Ridell.

A criatura de fogo pareceu repreendê-lo severamente com uma fala curta. O elfo respondeu sem baixar a cabeça, mas apreensivo e com muito respeito. Negou algo. A criatura pareceu satisfeita e voltou a conferenciar com mais calma, o que durou pouco. O furor aumentou novamente, mais gestos largos e excitação por tudo que era da mata.

Martius tocou o braço de Tonio, tentando um sinal que nem ele sabia o que queria. Tonio respondeu com um gesto vago. Lucha se levantava, finalmente. O debate continuava. Como todos, ela mantinha os olhos no elfo, que retribuiu o olhar ao mover devagar a cabeça até ela, procurando algo no fundo de sua expressão, olhar ou gesto. Lucha sustentou o mesmo olhar de indagação. Tonio, Ella, Martius, Heirich, Trobal, Tornald, Bell e os outros sem nome olhavam para ela, seguindo a liderança de Ridell. Ella foi a seu socorro, murmurando em seu ouvido:

- Acho que ele sabe o que você é capaz de cantar.

Lucha concordou com Ella quando detectou um tênue sorriso no canto da boca de Ridell. No entanto, não houve sorriso com os olhos, o que a fez duvidar da hipótese, porém sem saber qual seria uma outra possibilidade.

O silêncio repentino dominou o acampamento. Todos se voltaram aos conferencistas. Eles estavam conciliados, meneavam a cabeça de fogo e as cabecinhas brilhantes em aprovação.

Cabelos de fogo voltou o corpo para o centro do acampamento, ainda a fitar o povo da floresta que abria passagem e chamavam os bardos com pequenos gestos com as mãos. Logo, diversas luzinhas pálidas, outras mais brilhantes, uniram-se para levantar os instrumentos até as mãos de Martius e Ella, para guiar os cavalos e apontar o caminho que os bardos deveriam seguir.

O elfo esclareceu com duas palavras:

- Boa sorte.

Tonio já caminhava confuso quando se voltou ao elfo para constatar que ele era sincero.

Aos seus, Ridell anunciou:

- Vamos embora. Peguem Trobal. – Entre eles e os bardos, o vigilante de fogo conferia silencioso o deslocamento.

O anão não resistiu e perguntou:

- O que eles disseram esse tempo todo, afinal?

O elfo olhou para a criatura pálida que o fitava com o restante de suas forças, depois respondeu:

- Que você não vai recuperar o pé.

*

No poço sagrado de Ayaa'Pa Cewvy, fadas se enfileiravam. Cada voluntário se aproximou do poço e recitou a Sinária, a fada-mãe, uma proposta: coragem, perseverança, discernimento, sabedoria, amor, lealdade, bondade, honra, versatilidade, ousadia, força, alegria, vontade, paciência, atenção, prudência, entusiasmo, gentileza, respeito, tenacidade, generosidade, erudição, inspiração, velocidade, compaixão, sinceridade.

Sinária olhou para o visitante protegido por uma longa capa tão negra quanto seus cabelos descobertos em uma noite sem lua, a aguardar sua decisão. Ele fitava o vazio a refletir sobre as palavras que ouviu, após avaliar cada criaturinha brilhante que propôs sua diretriz. Satisfeito, ele assentiu ao cerrar os olhos, sem tirar a mão fechada apoiada no queixo:

- Honra.

Afastou-se, pois os bardos estavam a caminho.

*

Era dia quando chegaram à fortaleza descoberta de ardósia, aparentemente abandonada. Os musgos nas frestas e trepadeiras nas superfícies poderiam dar a impressão de ruínas, embora ela estivesse sólida. A princípio, viram apenas um paredão de pedras escuras empilhadas até a altura de dois homens, à exceção da escada de degraus amplos à direita

e a interrupção no paredão para o portão de ferro. O portão era ladeado por duas colunas octogonais também de pedra, porém sedimentares.

Ao passar o portão, tudo se tornava muito incomum. Uma passagem larga era ladeada por paredes alinhadas às colunas que sustentavam o portão, tanto à direita quanto à esquerda. As paredes eram espaçadas paralelamente a uma distância que permitia uma pessoa passar com conforto. À direita, eram apenas duas paredes de comprimento uma vez e meia a altura. À esquerda, eram quatro paredes de comprimento de metade da altura. O espaço entre as duas primeiras paredes curtas da esquerda criava uma passagem para uma câmara fechada pela ardósia, cujas quinas eram marcadas por colunas octogonais. A parede externa desta câmara delimitava o exterior da fortaleza. A interna, por sua vez, era também espaçada paralelamente por outra igual, em alinhamento longitudinal com a terceira parede curta da série à esquerda do portão. A quarta parede curta, assim como a primeira, não tinha outras alinhadas no sentido longitudinal. Enfim, eram quatro paredes curtas paralelas à esquerda de quem entrava, sendo as duas centrais ladeadas por paredes longas tanto à sua direita quanto sua à esquerda, após um espaço para circulação.

Transversalmente, e em profundidade para quem entrava na fortaleza, havia mais duas paredes alinhadas com o limite direito das paredes curtas. Porém, elas eram longas, e cercadas por paredes em ferradura a abraçar essas duas paredes internas centralizadas e isoladas do restante do complexo. A entrada da câmara oval era dupla, dividida pela quarta parede curta. Uma das paredes internas abrigava uma lareira, assim como uma das paredes da primeira câmara.

À direita deste pequeno labirinto, havia um pátio cercado contendo um pequeno portão de ferro à direita e outro grande de madeira ao fundo. O primeiro estava fechado, e o segundo, semiaberto, a abrigar a única edificação coberta da fortaleza: um templo em ruínas. Uma mesa cerimonial estava à frente da porta do templo, entre ela e o portão de madeira. Ao lado do portão de ferro havia um platô cujo acesso eram as escadas externas inicialmente avistadas. Esta estrutura completava o fechamento do pátio.

Tonio não conseguiu entender a lógica de proteção de uma edificação cujo acesso externo levava ao um panóptico disponível a visitantes ou invasores. Seria uma prisão? Ella se intrigou com as lareiras em áreas descobertas. Martius memorizou o labirinto ordenado caso um deslocamento rápido viesse a ser necessário, como uma fuga. Lucha se perguntava qual povo teria construído aquele local, pois estava óbvio que não eram as fadas.

Durante o dia, a luz tênue do povo da floresta desaparecia quase por completo, mas as pequenas criaturas eram intensas em se movimentar como beija-flores a visitar um orquidário repleto de variedades. Tonio se divertia com os pequenos. Sorridente, sentiu que os bardos não corriam perigo. As palavras de despedida de Ridell ainda martelavam na cabeça de Martius, mesmo quando Ella apontava a descoberta de mais um detalhe exótico que apenas as fadas poderiam prover. Ao alcançarem o pátio e Lucha esticar o pescoço para ver além do portão de madeira, foram abordados por uma criaturinha com brilho dourado, diferente dos demais e de maior intensidade mesmo durante o dia.

- Bem-vindos a Ayaa pa cewvy, ou como os antigos povos aqui chamavam, Humapaew'en kueve.

Martius pensou não fazer diferença, mas sorriu diante da gentileza da anfitriã. Ella tomou a frente, como haviam combinado:

- Agradecemos a recepção, principalmente diante do desconforto inicial que nos parecia longe de ser solucionado.

- Peço desculpas. Um mero conflito de interesses. – As asas de Sinária vibravam em alta velocidade para mantê-la estável no ar.

- Entendemos. – Nada haviam entendido, mas a gentileza do povo no caminho os deixou predispostos a esquecer o incidente. – Teríamos também evitado o conflito com nosso povo caso estivesse ao nosso alcance – disse Ella.

- Entendemos – repetiu a fada-mãe. – Ficamos felizes em prover auxílio, pois nos foi revelado que aqueles que trazem a alegria na música nos procuravam. Estávamos ansiosos para que chegassem.

Ella ficou sem palavras, olhou para os outros para dividir o alívio da boa notícia.

- Então, sabem de nós? Desde quando?

A fada-mãe olhou para Martius:

- Um de vocês, desde que tocava pequeno nas matas dos montes. Ansiávamos o dia em que o conheceríamos, pois nos é difícil viajar para desfrutar de tamanho prestígio.

Martius se espantou. Puxou fundo o ar para retomar seu centro. Sorriu, mas nada disse.

Tonio abriu a boca, mas a fada foi mais rápida, voando até ele:

- Já outros, tomamos conhecimento recentemente, e esperamos que possamos nos aproximar.

Tonio também sorriu, perdendo as palavras. Ella mantinha a liderança.

- Viemos por um motivo, senhora – disse a barda com toda elegância e reverência que aquela situação pedia.

- Não refutamos sua busca. Contudo, precisam descansar, comer e beber, sabemos que fizeram uma longa viagem. Nada pode ser trocado em meio à tensão e ao cansaço. O tempo requer seu quinhão.

Não havia o que discutir, foi a determinação de uma rainha. Dormiram no chão da câmara em ferradura, mais cansados psicologicamente que fisicamente. Não sonharam, pois a fantasia não poderia competir com a realidade que viviam. Não estavam em um mundo de fadas, mas claramente o mundo das fadas se misturava àquele lugar, indo até eles. Não se perguntaram, entretanto, por qual motivo.

*

Tonio foi acordado por uma leve coceira no nariz, que zumbia sobre o seu rosto curiosa com o gigante que roncava como um trovão. Ao abrir os olhos, ele sorriu divertido e saudou:

- Oi fadinha!

Brincou com ela, afastando-a gentilmente para se levantar. Ágil, ela não teria sido ferida de qualquer maneira. Os outros ainda dormiam, Tonio chutou o pé de Martius e falou às mulheres:

- Logo eu sou o primeiro a acordar?

- Você foi acordado, que eu ouvi – corrigiu Lucha abrindo um olho de cada vez.

Anoitecia. Martius ficou surpreso de dormir o dia todo. Aquela era a habilidade de Tonio, ele era do dia. Perguntou-se se alguma magia o fizera dormir tanto, o que foi prontamente respondido:

- Sim, vocês estavam cansados e esperamos ter sua companhia na noite. – Era uma das fadas que liderou a discussão na mata. – Importam-se? Demos a quantidade de sono que precisavam.

Martius ainda estava desconfortável em conversar com seres inteiros localizados na altura de seu rosto.

- Só tenho a agradecer a oportunidade de descanso.

Lucha se sentou no chão para limpar a espada, o que não tivera oportunidade de fazer até aquele momento. Algumas fadas próximas reagiram, encolhendo-se. Ela as contemplou:

- Não é isso que será perigo para vocês.

- Não é. É o gesto.

Ligeiramente incomodada pelo cancelamento de seus planos, Lucha embainhou a espada em respeito ao temor de suas anfitriãs.

- Obrigada. Pela não espada, e pelo não canto – agradeceram as fadas.

Ela começava a entender o nível de conhecimento das fadas. Confessou:

- Foi um cuidado excessivo, meio instintivo. Estou surpresa de que meu canto possa fazê-los mal, não imagino como possa afetá-los.

- Não afeta. É que não gostamos de sua voz – disse a fada próxima a Martius.

Martius gargalhou. Lucha torceu o nariz:

- Não posso condená-las por isso, não?

- Só teria poder de nos condenar no mar – esclareceu uma das fadas que rodopiava entre Martius e Lucha.

Ela percebeu a lógica do povo da floresta, e corrigiu:

- Não foi isso que eu quis dizer. Também não gosto de minha voz.

Uma fadinha de traje amarelo pálido entrou na conversa:

- Faz sentido. – E saiu a voar para o alto.

Martius interveio:

- Pequenas, delicadas e sinceras. A personificação da perfeição!

- Você está adorando, não? – Lucha estendeu o violão a ele. – Faça algo de útil.

Martius dedilhou as primeiras notas, com a intenção de descontrair. O sol se escondia do topo da montanha, onde a fortaleza milenar se localizava. Ella ouviu a música que vinha do pátio e controlou a vontade de se juntar a Martius, pois tinha muito a perguntar. Disputava a atenção de Sinária, que se voltava a Tonio com frequência.

- Como estão os elfos em Belerod?

Sinária se voltou curiosa com a pergunta:

- Ninguém sabe. Belerod foi fechada.

- Mesmo às fadas?

- Belerod é um mistério que nos entristece, mas os elfos decidem seu destino.

Sinária mostrou uma taça a Tonio. Ele encheu com a bebida desconhecida que ela também oferecia. Ella notou como as fadas tinham objetos de tamanho humano, assim como o sítio que ocupavam, embora não passassem do tamanho da mão de um homem. Fez bico, enciumada com a atenção a Tonio, e continuou:

- Já ouviu falar do Coração de Celiah? Ou de um dragão chamado Celiah?

A fada abaixou os olhos.

- O dragão. Lenda antiga.

- Qual a lenda? – perguntou o líder, incentivado pela curiosidade.

O interesse de Tonio foi cortado por Ella:

- Já conhecemos a lenda, a própria Celiah nos contou após a resgatarmos.

Sinária não se surpreendeu. Ella percebeu que ela já sabia. Saltou as explicações que esperava e determinou:

- Quero abrir a entrada para Belerod. Quero saber se podem me ensinar a entender como a gema pode ajudar.

A fada se aproximou de Ella, e a analisou devagar. Ella curvou a cabeça, como se sua proposta exigisse humildade. Sinária perguntou:

- É o seu coração?

- Está sob minha guarda.

Ela repetiu, incisiva:

- É o seu coração?

Ella enrubesceu:

- Não.

Tonio entrevistou:

- De que serve tanto poder se não para usá-lo para o bem?

- Bem de quem? – indagou a rainha.

Tonio não soube responder. Nem era certo de que Belerod estava em apuros, era apenas uma suposição de Leafir. Ella estava decepcionada:

- Não vai me ensinar a usar a gema, então?

- Seu conceito de resgate é peculiar, se pretende aprisionar o coração em novo encanto.

Ella sentiu um aperto no peito. Não havia cogitado que abrir a passagem poderia aprisionar o Coração de Celiah.

A fada sobrevoou os dois, aproximando-se da grande lareira de fogo baixo no verão da montanha.

- Gostamos de sua música. Vão tocar e se divertir. Não os recebemos para ouvi-la, mas é hora de celebrar. Todos, além de nós, já festejam.

Dispensada, Ella saiu frustrada da câmara cabisbaixa. Havia tentado discutir com as fadas no caminho para a fortaleza, e perceberam que não havia como insistir quando elas propunham algo. Tonio tocou seu ombro, solidário.

- Ela tem razão, Tonio. Não temos o direito de usar a gema, é o coração de outra pessoa.

- Outra criatura, Ella. O pior é que sabemos que ela quer algo. Está disposta a fazer o que a gema pede?

- Os irmãos? Não temos pistas, e não teremos depois de tanto tempo.

Tonio havia segurado sua crença por muito tempo:

- Se Labaki for Ricard, podemos ter a indicação por quem os procura há cerca de mil anos.

Ella refutou comentário. Estava certa de que não eram a mesma pessoa.

- Eu vi Ricard, suas expressões e seus gestos. Mesmo que se ele tivesse outra aparência, não seria Labaki.

Sentindo-se mal pelo comentário, Tonio se calou. Chegaram a Martius, que liderava um frenesi de luzes na noite fresca a dançar em voos rasos e rápidos em todas as direções. Lucha se divertia caçando as luzes que a cercavam a acompanhar o ritmo ditado por Martius. Ella e Tonio decidiram abandonar temporariamente as preocupações e juntaram-se a Martius. Ella tirou o violino e o arco do estojo enquanto Tonio procurava em que improvisar após puxar as baquetas das botas. Ele cambaleou, culpou a bebida estranha das fadas e sentou-se em uma pedra que pareceu apropriadamente colocada para ele, como a de Martius e Ella. A euforia tomou conta dos seres mágicos que pulavam e dançavam. Lucha os caçava no pequeno labirinto regular, Martius os desviava das cordas,

Ella se levantou e dançou com o violino nas mãos. Estenderam a alegria da noite pelo topo da montanha, que atraiu outras criaturas da floresta recebidas calorosamente para compartilhar a magia que trocava de corações.

Ao longe, cabelos de fogo admitiu que as ondas emitidas pela fortaleza do dragão eram produzidas por seres de valor. Admitiu também que o papel que teriam a cumprir, justificava sua existência no mundo, desde que se limitasse ao mundo dos humanos. Acariciou a onça deitada ao seu lado e foi correr pela mata da montanha.

Na fortaleza, Lucha continuava ora a caçar, ora a ser caçada pelas fadas ao som da música. Parou na câmara oval para descansar, deixou que as luzes cobrissem sua visão com uma cortina de seres alados admiráveis de essência etérea. Pareciam tão frágeis!

- Sabe que, olhando assim, pergunto-me por que não têm medo de mim. Sabem o que sou capaz de fazer, não?

Elas trocaram olhares para responder:

- Mais do que você.

Lucha estranhou a resposta:

- Não. Eu sei do que sou capaz. E vocês também. Tanto que me apontaram para aquele ser de fogo.

- Você trouxe problemas. Outros louvam sua intervenção. Era o que discutíamos. Se vocês trarão alívio ou mais terror. Até agora, falharam em aliviar o fardo dos que sofrem.

Lucha entendeu menos ainda:

- Nada fizemos para vocês. Mal chegamos aqui. Do que falam?

- Do que está por vir. E do que houve.

- Espere aí! Tudo o que aconteceu foi que fomos aliviar o sofrimento de um amigo. De um! E a partir daí nos envolvemos, digo, fomos envolvidos numa série de contratempos que estamos tentando resolver. Não falhamos ainda. Para evitar este terror a que você se refere, viemos pedir ajuda!

Às vezes elas falavam ao mesmo tempo. Uma pediu a palavra, estava irritada:

- Vocês a têm, como nos foi ordenado, mesmo tendo sido incautos. Não foram envolvidos, já estavam envolvidos. Como esperavam evitar problemas se o amigo perdido era conhecido afora pelo nome?

- Basra? Vocês sabem de Basra? – referindo-se ao amigo de infância de Tonio que foi escravizado em Fraga, Lucha foi incapaz de relacionar o resgate que empreenderam com o conhecimento das fadas. Teria a notícia sobre os vampiros rompido tantas fronteiras?

- Como não? Toda a floresta sabia! Alardearam suas intenções por onde passaram. E continuam a fazer sem nenhuma precaução. São incautos e inconsequentes.

Não era surpresa para Lucha ser acusada, tanto que imaginava ter sido pelo levantar dos vampiros, mas foi a outra parte da fala que despertou o seu interesse. Jogou um ombro à

frente ao unir o polegar ao indicador e ao dedo médio como a concentrar a atenção das fadas nas mãos, e moveu-a devagar a apontar cada palavra lentamente pronunciada, com receio de espantar sua audiência:

- Expliquem o que significa “toda a floresta sabia”. Quando o nome de Basra chegou até vocês?

- O nome de Martius chegou quando ele ainda aprendia a música e reunia as criaturas mágicas à sua volta. Martius foi uma benção que vimos nascer e crescer na mata. O nome de Lucha veio numa lufada do mar tempestuoso a prometer esperança, porém manchada de sangue e terror. O nome de Tonio veio das fadas que velam os Lanceiros Perpétuos, que se fortaleciam com os saltos do ar pela pressão de suas mãos. O nome de Ella veio dos jardins dos palácios e suas fontes de água corrente, onde os mais ousados dos nossos se reuniam para cruzar os arbustos e vê-la nas janelas, insatisfeitos em somente escutar. Entenda que, quando os bardos tocam, facilitam que nós fadas possamos transpor de nosso estado para a matéria de vocês. Não precisamos dos portais nos templos ou círculos de magia, como aqui em Ayaa pa cewvy. Desde que se descobriram, nós ansiávamos por um deles. E vieram todos! O que é natural, pois uniram-se ao se reconhecerem.

Lucha estava pasma, mas concordava com a coerência do que ouvia.

A fada continuou, embora algumas balançassem a cabeça a discordar daquela revelação. Outras se agitavam em voos circulares impotentes em impedir a locutora.

- O que nos surpreendeu foi você se unir aos bardos. Até o amigo perdido ser encontrado. Então entendemos que a música a atraiu também.

Lucha tinha tantas perguntas que pensava com cuidado para não perder a oportunidade:

- Repito: quando souberam de Basra?

- Quando planejavam ir até ele.

- Antes ou depois de chegarmos em Racina?

- Quando ainda não sabiam para onde ir.

- Antes de Valdoa?

- Desde que rechaçaram os mestres dos mortos, discutem sobre o amigo perdido.

Lucha pôs a mão na boca para abafar a palavra obscena que proferiu.

Na fortaleza, a festa avançava a integrar humanos e fadas, à exceção de Sinária que, do portão lateral de ferro do pátio, olhava atenta para Tonio. Ele voltou a cambalear. Sinária voou até ele e o convidou a se refrescar no poço. Embriagado, ele aceitou. Sentou-se ao lado do poço centralizado em uma nova câmara estreita também sem teto ao pé do platô. A parede oposta à entrada desta câmara era fechada com uma imensa porta dupla de madeira adornada com motivos naturais em turquesa, uma arte que Ella certamente apreciaria. Ele estudou a porta na tentativa de memorizar e descrever à violinista. Sua concentração afastou seus ouvidos da música que se distanciava, a porta iluminada

mostrava os veios da madeira única de cada folha a contrastar com a turquesa dos adornos delicados e ricos de detalhes.

Um estrondo o tirou de seu torpor. Ao olhar à direita, viu um grande dragão vermelho pousado no platô da fortaleza. Controlou um grito e correu em socorro dos amigos e das fadas, que não estavam no pátio. Tonio parou.

Era dia. Ao invés da festa intensa, uma mulher se encostava a um divã sem prazer no descanso e um homem pardo de magníficos cabelos crespos longos e entrelaçados a atingir a cintura fitava o dragão sem surpresa. O dragão se transformou em um homem que desceu as escadarias externas para entrar pela porta principal da fortaleza. No caminho até o pátio mobiliado ao ar livre, o homem-dragão se cobriu com uma capa a deixar um dos ombros à mostra.

A mulher se levantou do divã para saudá-lo:

- Vincent!

- Celiah!

Tonio gemeu de surpresa. Já percebera que os presentes não o viam, mas não havia se atentado ao que testemunhava até aquele momento.

- E Klaos?

- A caminho. Tivemos contratempos.

- Foram atacados?

Vincent baixou a cabeça.

- Não exatamente. Nós atacamos. Klaos foi em socorro de Hildrilam, junto com Vercrath.

Celiah lamentou:

- Como é incauto!

Vincent o defendeu:

- Estavam em perigo, o que fazer? Parece ser a guerra, Celiah.

- Mesmo que seja, temos muito o que discutir! Leopoldo, eles não conhecem esta montanha, conhecem?

- Sempre preservei minha casa, Celiah. É meu refúgio. Ninguém subirá a montanha para nos atacar.

Celiah voltou a seu divã, amargurada, confessou:

- Houve uma época em que eu seria um deles.

Leopoldo se ajoelhou à sua frente:

- E esta época passou. Ao contrário, você foi indulgente e nos reuniu. Nem me exigiu o perdão como condição para me aceitar novamente. Agora todos pagamos o preço da centelha que acendi. Não me vê lamentando. A batalha é outra e precisamos enfrentá-la. É nosso dever ajudar outros dragões, mesmo que não sejam irmãos de sangue.

Vincent reforçou:

- Como você certa vez disse, de que adianta termos sido abençoados com a magia da transmutação se nada fizermos para unir humanos e dragões?

- E se não conseguirmos unir...

Vincent a interrompeu:

- Destruiremos todos!

Antes de Celiah responder, um ruidoso bater de asas captou a atenção de Tonio. Tão grande quanto o vermelho, um dragão azul pousou no mesmo platô que o anterior. Sem se transformar, não usou a fala humana para que Tonio o ouvisse.

- Baai! Está ferido?

Os humanos lamentaram algo.

- Ambos? Tanto Hildrilam quanto Vercrath?

Celiah fechou os olhos. Leopoldo respondeu a Baai:

- Sim, a cura é mais rápida. Não podemos nos dar ao luxo da forma humana em uma guerra. Irmãos, é uma guerra, não há como negar.

Vincent se sentou no chão, dispensando o conforto dos bancos. Assim como os outros, ele ouvia Baai, mudo para Tonio.

- A altura pode captar o poder? – suspirou Vincent, sem revelar a Tonio se era uma pergunta ou uma dúvida lançada no ar.

Leopoldo argumentou:

- Estamos no alto de uma montanha, não captamos o poder de outras terras!

Outro silêncio, seguido de uma resposta de Celiah a Baai:

- Então vamos bloquear seus domínios! Ou quebrar o planalto! Soterrar o abismo! Qualquer coisa que interrompa o centro do poder!

Vincent ponderou:

- Celiah, nem duzentos dragões quebrariam o planalto cheio desta magia.

Vencida, Celiah lamentou:

- Então os dragões deixarão de existir.

Em seguida, seu rosto se iluminou com algo que ouviu:

- Sim, qualquer coisa.

Vincent se levantou:

- Somos também humanos por algum motivo, Baai. Eu retiro tudo que um dia lhe disse. Se for necessário, estou disposto ao sacrifício.

Leopoldo perguntou:

- Como seria?

Baai analisava suas feridas, lambia-se eventualmente, enquanto os outros ouviam atentos. Celiah correu para fora da fortaleza, subiu as escadas e foi ter com Baai. Do pátio, Leopoldo respondeu:

- O que for preciso!

Celiah acariciou Baai, que abaixou a cabeça para que ela tocasse seu rosto.

- Quando se curar, meu irmão, deixe que eu abrace Klaos uma última vez antes de entregarmos nossos corações para amaldiçoar aquela gente.

*

- Fraga?! A maldição de Fraga é dos dragões?!

Tonio não deu tempo para que externassem surpresa:

- Eles se uniram, os quatro irmãos dragões Celiah, Vincent, Leopoldo e Klaos, prepararam o encanto naquele templo ao fundo deste pátio, depois voaram até o mar e entregaram seus corpos para lançar uma maldição de milênios. Ella, eu acho que o Coração de Celiah é mais antigo que pensamos. Não há registro de quando os ventos em Fraga se iniciaram.

Ella esfregou o rosto:

- É isso que o coração quer? Que encontremos as outras gemas?

Foram até Sinária, ela respondeu:

- Se é como dizem, os dragões voltarão se libertarem o planalto do sul. Terão seus corpos de volta.

- A fada-mãe conheceu os dragões? – Ella queria o máximo de informações.

- Fadas não vivem tanto. Nestas terras, apenas uma criatura pode ter presenciado os dragões. Alguém que não falará com humanos.

- E fala com as fadas?

Sinária hesitou, depois concordou.

- Sigam seus caminhos. Eles são muitos e longos. Enviarei notícias quando as tiver.

Ella não estava satisfeita:

- Antes de irmos, mais uma coisa. Acredita ser correto procurarmos as gemas?

A fada estava insegura:

- Vocês libertaram poderes que estavam contidos. Não poderão mais parar, mas cuidado, poderão ainda trazer o mal se este poder, ou mais dele, for solto no mundo, seja no das fadas, dos elfos, dos humanos ou dos dragões. Eram dragões cheios de magia antes de nascer, eles carregavam o fardo de duas espécies e agiram como acreditaram ser melhor para ambas. Atentem que, neste momento, vocês se tornaram herdeiros deste fardo.

*

- “A palavra não tem controle quando solta, voa por asas invisíveis. Tanto a boa quanto a ruim.” Foi o que aquela fada miserável disse quando contestei a fofoca das florestas.

Ella a reprovou:

- Não fale assim, Lucha. Elas não têm culpa. Pelo menos sabemos como Labaki chegou a Comperteiro. De certa maneira, foi um alívio.

- Alívio de que ele tem acesso ao serviço de espionagem sobrenatural da mata?

- Poderia ser pior. Pelo jeito, ele ouviu o que fizemos com os necromantes e decidiu que seríamos seus mercenários para a Gema de Adália – disse Ella.

Foi a vez de Lucha a corrigir:

- Coração de Celiah, ele já sabia.

- Você havia dito que ele conhecia o nome Celiah, mas não sabia de quem era o coração.

Lucha fez uma careta:

- É verdade, mas juro, Ella, pareceu que ele a conhecia!

Ella se exasperou:

- Não pode ser Ricard! Não pode! Os irmãos foram encontrados pelo que disse Tonio. Então faz tempo que ele se tornou mortal, por certo viveu e morreu!

Martius chegou naquele momento e entrevistou:

- E se ele falhou na primeira vez? Se deixou Celiah insatisfeita, ele pode estar ainda por aí. Encontrar as gemas será a sua segunda chance de finalmente morrer.

Lucha se levantou, incomodada com o assunto.

- Então ele estaria querendo o mesmo que nós? – disse Ella cedendo à hipótese.

- Ou quer usar as gemas para se vingar – contrapôs Martius.

Ella mordeu os lábios e concluiu:

- Ele continua sendo uma ameaça.

Lucha decidiu expor sua opinião:

- Se for Ricard, é imortal. Não conseguiremos acabar com ele.

Martius não gostou da observação de Lucha:

- Será inútil, então? Devemos ceder e entregar a gema?

- Não, Martius. Eu quis dizer que, se ele é imortal, basta feri-lo mortalmente. Se ele sobreviver, é Ricard. Menos um mistério. Se não sobreviver, menos um incômodo. – Foi calculista para controlar um ódio ressentido. – Vou procurar uma cerveja.

Estavam na periferia da cidade espalhada por uma planície e cercada por resquícios das montanhas Carior e pelas águas salobras. A planície era interrompida por protuberâncias graníticas a cortar a paisagem que circundava a grande Baía do Pontal. Decidiram evitar o caminho por onde vieram para retornar a Katos por via marítima.

Um calor de 33 graus castigava moradores e visitantes, e não parecia que cederia aos ventos marítimos que já deveriam cumprir o seu papel de refrescar. As mulheres se trocaram para usar saias, que foram amarradas com um nó para deixar as pernas livres e receber o pouco ar que se movimentava. Os homens tiraram a botas e levantaram as barras das calças na altura dos joelhos, ansiosos para se livrarem daquele calor.

O tempo quente era somente um dos motivos para a irritação de Lucha. Quanto mais ela prometia afastar-se do mar, mais se via atrelada a ele. Para piorar, discutiam um assunto que a afetava diretamente.

Tão inquieto quanto Lucha, estava Tonio, que mexia em seu alforje sem intervalo. Lucha estranhou ele se omitir daquelas conjecturas. Ella justificava sua cautela:

- Se Labaki voltar, veremos o que fazer. Ele parece ter desistido por agora. Estamos desenterrando um fantasma, mas ainda precisamos saber sobre as gemas. Conte o que mais você viu, Tonio. – Ele não ouvia. – Tonio!

Tonio se voltou assustado. Era bastante óbvio quando ele escondia algo. Lucha foi até o alforje, e ele o puxou para si.

- Não! É privado.

- O que você tem aí, Tonio? – perguntou Lucha tentando espiar dentro do alforje.

Nada mais era preciso para que Ella tomasse a frente. Foi até ele de braços cruzados:

- O que tem aí, Tonio? – repetiu as palavras de Lucha.

Ele disfarçou mal:

- Nada. Coisa minha. Deixem que resolvo.

- Então há algo a ser resolvido? – espreitou a violinista.

Ella se inclinou enquanto Tonio passava o braço à sua frente para bloqueá-la. Sua atenção à violinista tirou o foco do alforje, e algo pequeno escapou voando. Ella gritou em repreensão:

- Tonio!

Ele saltou para defender, colocando-se à frente da fada:

- Acabei de descobrir! Não reajam! Vou mandá-la de volta!

Martius riu, encabulado em solidariedade aos apuros em que o mestre de armas se encontrava. Lucha tentou se aproximar, a fada voou para trás de Tonio, em um pedido de proteção.

- Não se aproximem. Ela é sensível.

Ella cruzou novamente os braços, avaliando a reação de Tonio.

- Como sabe que ela é sensível, se acabou de descobri-la?

Tonio permaneceu de boca aberta, demorou a encontrar um argumento:

- Sim, acabei de descobrir, há algumas horas. Estou tentando fazê-la retornar.

Ella apertou os olhos:

- Hum...

- Sério, Ella! Não sei o que mais dizer!

Martius alertou à gravidade da situação:

- Tonio, estamos entrando na cidade. Se ela não voltar, não será capaz de fazê-lo sozinha.

Ele suspirou. Voltou-se à fada:

- Fadinha, por favor, você precisa ir. Suba a montanha, você ouviu. É sua última chance.

A fada deu uma cambalhota no ar e desceu até a perna de Tonio.

- Quê?! – Tonio congelou ao sentir a criaturinha segurar sua perna.

Lucha tentou manter a seriedade:

- Eu acho que ela se agarrou a você.

Tonio tentou pegá-la e puxar, mas o fazia com tanto cuidado que mal a tocava. Chacoalhou a perna com a mesma efetividade de seus argumentos:

- Fadinha, vamos lá, voe para casa! Sua casa é tão bonita, fresca...

- Vai precisar melhorar o discurso – criticou Martius, que não ria, somente porque tinha consciência do risco que a fada corria.

Tonio se irritou:

- Ajude, Martius. Não atrapalhe. – Voltou-se novamente para sua perna com o pedacinho brilhante. – Por favor, Fadinha. Vamos viajar. Você não pode ir. Ella!

Ella tentou:

- Sua rainha ficará furiosa se souber que você fugiu.

Nada.

Martius:

- Ei, qual o seu nome?

A fada disse algo, mas sua voz era fraca fora dos locais de magia. Martius pediu para repetir. Colocou-se de quatro com o rosto na altura da canela de Tonio, cena estranha para transeuntes que não eram capazes de ver a fada.

- Alguma coisa... awmina... aulina. Pode ser Lina. Pois bem, Lina, ou você volta, ou deixamos você aqui. Nessa cidade horrível, cheia de pedra e de poeira, você não terá onde se esconder. E se ficar por muito tempo, um feiticeiro poderá capturá-la para comer, ou sugar seu poder. Você não vai querer isso, vai? O quê? Fale alto!

Martius se encostou na perna de Tonio, que a afastou:

- Chega disso, Martius!

- Estou tentando me comunicar – irritou-se pela intervenção de Tonio. – Ou acha que tenho gosto em encostar a orelha nos seus pelos?

- Tampouco eu de ter seu rosto roçando minha perna! Comunique-se de longe.

- Nem adianta. Ela não quer ir, Tonio! – levantou os braços, rendido.

Lucha se adiantou:

- Nina? É isso, Martius?

- Lina.

- Bom, Nina ou Lina, vamos para o mar. Você sabe o que eu posso fazer com você no mar? Acredite, farei! Estará condenada se entrar naquele navio. – Assumiu o ar mais cruel possível considerando a cena cômica com que se deliciava. – Eu vou acabar com você da pior maneira que imaginar!

A fada se encolheu e agarrou mais ainda a perna de Tonio, ansiando por proteção. Tonio sentiu o aperto e disse:

- Parabéns Lucha! Agora ela não me larga mais.

Realmente, não largou.

*

Celiah subiu as escadas helicoidais com o restante de suas forças. Saiu do pequeno templo de Humapaew'en kueve desgastada fisicamente, porém determinada ao sacrifício. Os irmãos Vincent, Leopoldo e Klaos haviam terminado os rituais preparatórios do encanto nos dias anteriores: quando seus corpos se dissipassem para gerar a tempestade, restariam quatro gemas com seus corações mágicos a preservar suas vidas para o futuro. Vincent acordara de sua breve hibernação para guardar os irmãos, a fim de que Celiah pudesse executar sua prática com tranquilidade e se transmutar em dragão para dormir por dois dias até se recuperar. Ao cair do sol nas montanhas do oeste, Leopoldo também teria despertado.

Desceram as montanhas de Carior em um cortejo secreto para embarcar em quatro navios, cada qual com o brasão da estirpe combinado ao da Ordem Draconiana bordado nas velas. Os membros da ordem, dividida em quatro estirpes, zarparam no Murmúrio da Brisa, no Perene Consulente, no Vigilante Firmamento e no Defensor da Costa. Cada dragão que abria caminho pelo ar era acompanhado pela sua embarcação adornada com uma carranca, a representar uma das cabeças do brasão da Ordem Draconiana a abrir caminho pelo mar. À latitude desejada, afastaram-se da costa.

Os navios posicionaram-se nas quatro direções cardinais, os dragões mantinham voos circulares sobre os navios. Um erro, e os corações cairiam no mar.

Não obstante os cuidados, os inimigos tinham espiões. O objetivo de aniquilar os dragões da terra, do ar, do mar e das profundezas escuras e geladas era compartilhado por muitos que almejavam sobrepujar o poder dos répteis e, tendo falhado, determinaram seu extermínio por meio de uma trama que, até o momento, prometia sucesso. Muitos dragões

havia caído, mas outros tantos foram aprisionados no platô para que seu poder fosse usado contra a própria espécie.

Assim, a Ordem Draconiana não era a única a velejar naqueles dias, pois murmurava-se aos ventos que o poder dos dragões-gente, deuses da temida ordem, estabeleceria o fim de todas as criaturas ou a sua sobrevivência.

- Isso não vai ser bom!

- Deixe-me contar! – protestou Tonio.

- Desculpe. – Martius se encolheu.

Os membros das Estirpes da Ordem Draconiana de Ruan, de Tenet, de Rivéria e de pa’Kueve seriam responsáveis de levar os corações a seus respectivos refúgios.

O dragão Celiah, de mesmo nome da mulher, posicionou-se a leste. A norte, Ostrebor, o dragão verde acinzentado como a ardósia de sua fortaleza. Melgrod, o dragão vermelho de Vincent, a sul e Baai, o quarto de seu nome com suas escamas azuis como mar profundo, a oeste.

Quando todos passavam concomitantemente sobre as embarcações, estancaram o voo sustentado pelas asas de membranas tensionadas e estufaram o peito para que suas garras rasgassem as escamas e arrancassem os corações petrificados em gemas transparentes. Elas adquiriram cor pelas escamas que as envolveram em um estratagema da natureza para evitar a separação da alma de seu invólucro. A alma absorveu a cor da última camada do invólucro e anulou a resistência corpórea, caindo em seguida em poder das leais Estirpes da Ordem que aguardavam abaixo. As carnes, ossos, vísceras, membranas e fluidos foram arremessados à direita das criaturas em uma aceleração brusca cujo momento diluiu a matéria, volatizada quando aproximava-se do ponto onde anteriormente o dragão seguinte havia se posicionado. A matéria volátil foi atraída para o vácuo daquela posição, e assim sucessivamente até que um redemoinho nasceu do movimento contínuo que concentrou a umidade do mar aquecida pela energia dos corpos e formou uma tempestade sem fim, alimentada pelo sacrifício dos seres que deveriam unir duas espécies, mas que se viram obrigados a desviar seus destinos em favor do povo em desvantagem.

Atormentadas pelo mar revolto, as embarcações afastaram-se rapidamente a fim de cumprir suas missões.

- Bom, neste momento eu percebi que não poderia ser onipresente, só poderia seguir uma das embarcações.

- Você pôde escolher?

- Não. Na verdade, em Carior, eu embarquei no Murmúrio da Brisa, pois segui a Estirpe de Tenet, de Melgrod desde o início.

- Algum motivo em especial?

- Foi o primeiro dragão que vi na minha vida! Acreditam que foi uma sensação tão forte que tive a impressão que ele olhou de relance para mim?

Martius uniu as sobrancelhas, incrédulo.

- Sim, há mais de mil anos um dragão previu que você teria uma visão do que houve com ele.

Tonio devolveu o olhar irônico. Martius esclareceu:

- Foi a bebida das fadas, Tonio. Você ganhou algo diferente de todos nós, porque elas queriam você!

Tonio ignorou o comentário acertado e continuou.

Embora as embarcações se afastassem rapidamente, não foi suficiente para evitar os inimigos que bloquearam os caminhos. O Murmúrio da Brisa, identificado pela vela principal a exhibir um grande M sustentado por um artefato, afastou-se do Perene Consulente e do Vigilante Firmamento em minutos, que tomaram outros rumos. Ao longe, era possível ver o Defensor da Costa em apuros, mas a tripulação do Murmúrio da Brisa tinha dificuldades próprias e acabou se afastando dos aliados. Desviado do curso original, rumou para Sul com o inimigo no encalço. Um erro e seriam alcançados. Prevendo que os perseguidores conheciam a costa próxima de onde hoje é Fraga, o capitão deixou que Murmúrio da Brisa rumasse para águas mais distantes. Ele era hábil e não hesitava em se consultar com os conhecedores da zona de rara navegação. Assim, previu os ventos certos e evitou uma corrente contrária que capturou o navio hostil e atrapalhou seu progresso.

Foi um alívio, porém temporário. Embora tivessem perdido o inimigo de vista, sabiam que a costa estaria apinhada de captores e o retorno seria um grande risco. O capitão decidiu rumar mais a sul para tomar distância em um desvio a leste. Este foi seu erro. Ao navegarem em águas desconhecidas, assumiram um risco ao parar para reabastecer, que só não era maior do que a certeza de dias sem víveres por longa distância no oceano do leste. A busca por comida e água os levou a desembarcar das águas geladas em uma costa branca com o interior coberto por um deserto gelado e seco, de solo amarelo com vida rasteira que luta para se manter no verão e desaparece no inverno.

- Dust! – Lucha pronunciou instintivamente ao reconhecer a descrição. Todos se voltaram a ela. Corrigiu. – Na verdade, o interior de Dust.

Tonio encerrou a narração:

- Seja onde for, nunca retornaram ao mar.

*

Lucha não foi a única a reconhecer um território familiar.

À espera de transporte para o sul, no confuso litoral do Pequeno Reino do Pontal, Martius repassava a descrição de Tonio enquanto afinava o violão, absorto em cenas imaginárias de um passado milenar. Assim como feito com a canção de Jeremias Contador, inspirada nas lendas de Fraga e abandonada após o infortúnio que viveram no resgate a Basra, Martius compunha trabalhos a partir das lendas que ouvia. A criação exigia uma lógica, mesmo que não repassada para a composição, a fim de que a obra fizesse sentido.

Assim, pensava e anotava suas impressões e suposições de como teria sido uma guerra entre humanos e dragões, e como criaturas magníficas e ferozes puderam estar em desvantagem. O número de humanos devia ser maior ainda naquela época, porém vários eram aliados dos dragões. Imaginou quantos répteis existiriam a conviver com pessoas naquelas terras, onde deveriam se concentrar, que relação os mantinha próximos e quais conflitos seriam mais comuns. Usaria a notória disputa por território e alimento? Não haveria nada mais emocionante e surpreendente que pudesse explorar? Mesmo que fosse poder, pois muitos invejariam o poder de um dragão.

Lembrou-se da menção a uma prisão onde o poder dos dragões era explorado para destruir sua própria raça. Sim, era um bom mote. Cantaria a conspiração nascida da ganância por poder a destruir criaturas raras em um passado que não retornaria. Uma armadilha a sul que trouxe dor e medo a campeões dos céus aprisionados e consumidos por uma magia tão terrível e permanente que só a Ordem Draconiana conseguiria destruir. O feitiço proposto pelo dragão Baai em Humapaew'en kueve seria o início da canção, a exortar seus irmãos a um sacrifício permanente, afinal, não traria a história para tempos presentes.

Cantaria a viagem e interpretaria os sentimentos das criaturas em voo enquanto recordavam as agruras que as levaram até a latitude onde a tempestade nasceria. Ali... Ali houve uma brusca interrupção, quando algo correu com mais intensidade em suas veias, das pontas dos dedos nas cordas a subir pelos braços até atingir o coração, que pulsou forte diante da descoberta. A pulsação invadiu as veias do pescoço como se fossem saltar e explodir sua cabeça.

Era perfeito! Seria? Não. Não era assim tão crédulo, mas era uma possibilidade tão forte e com tanto sentido, que o simples pressuposto o impedia de se manter sentado.

Correu até Ella, a primeira a receber a notícia de um Martius eufórico e esperançoso:

- Ella! Os dragões navegaram a sul, para combater uma armadilha mágica de um platô no sul! Criaram uma tempestade!

Ella o fitou surpresa, e confirmou em um movimento imperceptível da cabeça o que todos já sabiam desde a narrativa de Tonio no dia anterior.

O bardo continuava a exibir um sorriso largo como se tudo estivesse claro:

- Você não vê? A tempestade que não consegui controlar! Era porque já era cheia de magia! Ela fica na mesma latitude de Fraga, um platô a sul amaldiçoado por ventos que vêm do mar! Fraga está ligada aos dragões. Liberte um e libertará o outro!

*

Aguardavam no porto o navio que só atracaria ao final da manhã. A mudança dos planos exigiu diversas providências, desde uma mensagem para Leafir até a troca de cavalos por passagens até a Ilha das Flores. Embora Lucha tivesse restrições com o seu passado, e Tonio tinha mais ainda em relação à Ilha, era o local mais conveniente tanto para se prepararem para enfrentar Dust, quanto para encontrar algum meio de chegar até lá.

- Não será com gente de boa índole – alertou Lucha.

Aquela frase levou Tonio a se lembrar de George, o Rato, um aparente amigo até mostrar seu verdadeiro lado em uma tentativa de assassinato. A vítima teria sido o próprio Tonio, que inverteu o resultado atirando-o ao mar. Depois do ocorrido, deixou o porto, desgostoso com uma traição tão pífia. Ao se lembrar que estava novamente em um porto, tocou instintivamente o bolso onde a fada se escondia do sol forte e dos olhares que pudessem reconhecê-la. Fora conselho de Martius, vigilante com os seres da floresta, mesmo na cidade.

- Não sabemos que tipo cruel pode haver por perto.

Nem Martius soube se foi uma premonição, um instinto ou uma mera coincidência, mas de fato surgiram dois tipos.

Sentado sobre a bagagem, à pouca sombra de uma edificação, ele avistou duas figuras saindo de uma taverna de péssimo estado de conservação pouco a frente. Uma das figuras era altiva e destemida. A outra, atarracada, mancava apoiada em uma muleta. Um elfo e um anão.

Martius se colocou de pé em prontidão quando o elfo os viu. Ao contrário de qualquer reação esperada, Ridell esgarçou a boca pelo desprazer e se aproximou devagar, com gestos imperturbáveis e olhar ferino. Trobal o acompanhou ainda a se adaptar à nova limitação e, portanto, chegou aos bardos quando já estavam todos de pé e com um diálogo em andamento:

- Inesperado, mas longe de ser surpreendente – Trobal ouviu Ridell dizer.

Ao se lembrar de Lina, Tonio optou pela prudência em deixar que Martius tomasse a palavra até que a presença daqueles malfeitores ficasse mais clara:

- Para nós, surpreenderá menos do que da primeira vez. Quero ver se o seu bando está disposto a nos cercar aqui, na cidade à luz do dia.

O elfo foi enérgico em declarar:

- Não são mais nosso bando.

Trobal interpelou:

- O que não significa que você não me deva! Não estamos mais fracos por termos nos livrado daqueles estorvos, ao contrário.

Um gesto de Ridell acalmou o anão:

- Não importa. Não haverá conflito.

Martius respondeu, sem se intimidar pela ameaça de Trobal:

- Melhor assim. Não fugimos antes e não fugiremos agora.

Ridell parecia querer algo, ia desistir quando Ella percebeu sua hesitação:

- Não vai perguntar?

Ele pensou por segundos. Um malicioso sorriso unilateral despertou no canto de sua boca. Negou com um leve movimento da cabeça:

- Não quero os problemas em que se meteram!
- Problemas que nós desconhecemos. Por que não nos conta? O que foi aquela conversa?

Trobal respondeu:

- Não adianta pedir, implorar, ou o diabo! Ridell não contou nem a mim!
- Eu dei minha palavra – justificou o elfo, apunhalando-o com o olhar.

Tonio não estava satisfeito:

- E ela tem valor? – afrontou o bardo.

O elfo percebeu a provocação.

- Para quem eu jurei silêncio, muito valor. Eu nem sabia se vocês sairiam vivos de Carior, depois do que ouvi. Não sei de que lado estão, nem por quê. Então não me perguntem, pois só sei de fragmentos do que eles fizeram.

Lucha pensou o pior:

- E para quem irá vender a informação?
- Para ninguém, ou quebrarei a minha palavra e minha vida será cobrada. Portanto, viagem tranquilos, pois não tenho interesse em seus destinos.

Insatisfeita, ainda perguntou:

- Então por que não nos ignorou e seguiu o seu caminho? Por que veio nos interpelar?

Ridell teria se atrapalhado caso Trobal tivesse se calado.

- Por causa do pé que ele me deve! – apontou para Martius, que deu um passo à frente com a mão na espada.

Ridell, inalterado, repetiu o gesto para apaziguar os ânimos, valendo-se de tempo suficiente para pensar em uma boa resposta:

- Ao contrário do que diz meu amigo Trobal, para que saibam que não haverá emboscada ou uma faca pelas costas. Vão em paz.

Trobal rosnou até que o olhar gélido do elfo o sobrepujasse.

Mais tarde, Ridell ouvia enfasiado os protestos do anão, solenemente ignorados por não lhe ser permitido argumentar. Ele observava o navio que partiu com os bardos enquanto lamentava as amarras que lhe foram impostas. Aproveitou a pouca mobilidade de seu parceiro para se afastar ligeiramente, pensamento absorto no horizonte.

Não percebeu a figura que se aproximou silenciosamente:

- Navegar sempre é uma aventura, aquela será única – comentou o estranho, olhando para a mesma direção que atraía a atenção do elfo.

Ridell olhou com desinteresse para o intruso que interrompeu seus pensamentos.

- Se você diz. – Voltou-se para o mar, desejando que o homem fosse embora.
- Estou enganado, ou parece-me que tem um desejo de se juntar a eles?

Ridell riu:

- Não faz ideia do que está dizendo.

O homem foi seco:

- Eu faço.

Finalmente, conquistara a atenção do elfo, que o testou:

- Não tem como fazer sequer uma vaga ideia!

O homem moveu as sobrancelhas. O elfo se convenceu, já tendo deslizado os olhos sobre os trajes e acessórios que denotavam uma pessoa discreta e, principalmente, abastada:

- É uma pena que eu não esteja em condições de fornecer informações. Portanto, para evitar problemas para o senhor e para mim, tome o seu caminho.

O homem voltou-se para admirar o navio que desaparecia na mancha branca turva que costurava o céu ao mar.

- Não estou interessado nas suas informações. Já as tenho.

O elfo apertou os grandes olhos:

- Não creio.

- Por que acha que estou aqui? Você jurou silêncio, mas não jurou omissão. É conveniente para eu aproveitar seu voto de silêncio para que aja em meu nome.

Era verdade, não lhe foi exigido retirar-se de cena. Com tal oportunidade à sua porta, aproveitou a situação:

- Meu amigo, sou caro! – disse o elfo em tom debochado.

O homem não se abalou, continuava a admirar o mar tranquilo:

- Tão caro quanto pode ser um elfo ladrão em meio a um bando de humanos numa floresta. Entretanto, aceito o preço elevado, pois aprecio serviços de qualidade e sei que pode provê-los.

- Eu e meu amigo. – Apontou para Trobal, que olhava a conversa intrigado, embora soubesse quando ficar à parte.

- Um anão manco não me interessa. Se quiser que o acompanhe, será seu problema. Apenas lembre-se de que sua promessa exclui que ele participe conscientemente de seus compromissos.

- E se eu não for suficiente?

- Deixe que eu decida isso. – Pausou, para avaliar o elfo. – Então, vejo que aceita?

- Depende. Ainda não sei qual o serviço.

- Preciso de um elfo que cuide de outro elfo.

Ridell não se abalou:

- Conveniente. A propósito, sou Ridell.

- Eu sei. Sou conhecido pela alcunha de Sávio Labaki.

*

O navio balançava-se em uma preguiça insuficiente para garantir o bem-estar de todos os passageiros. Um distinto homem com excesso de modos ao embarcar perdera toda a sua elegância quando encurvado sobre o costado, frágil vítima de sua primeira viagem. Os sons que emitia desagradavam a Ella e convidavam Martius a se juntar ao estranho. Lucha e Tonio pouco se incomodaram. Ela, pela sua vida pregressa no mar, e ele, pelo teor da conversa.

- Não adianta me pressionarem. Depois que desembarcaram em Dust, ou em algum lugar como Dust, nada mais vi! – repetiu Tonio.

- Se as fadas deixaram que visse até lá, por que esse desejo sádico de parar antes de nos mostrar onde está a gema de Melgrod? – ponderou Lucha.

Tonio pensou nas palavras certas:

- Difícil explicar, mas é como se eu herdasse a memória de alguém.

- Como eu! Exceto que recebi as memórias de Celiah depois de ter a posse de seu coração. Foi como se eu tivesse vivenciado aqueles fatos. – Ella pensou ter comparado com sucesso.

Tonio reagiu:

- Não foi assim comigo, Ella. Primeiro, por não ter a gema, mas, principalmente, porque a sensação não foi de uma memória minha, era mais um sonho de outra pessoa que eu testemunhava. Eu fiz escolhas, como entrar no Murmúrio da Brisa, mas eu era eu, mesmo que me limitasse a ser um mero observador, enquanto você os viveu.

Martius coçou o queixo com uma careta pelo estômago que ameaçava revirar, mas não deixou de comentar:

- As fadas fizeram um encanto para que testemunhasse aqueles fatos. E temos uma fada lá na nossa minúscula cabine.

Tonio pigarreou.

- Ela está aqui. – Martius o encarou com reprovação. Tonio justificou. - Não vou deixar a fadinha só, trancada lá embaixo!

Na cabine que normalmente abrigava os cinco, quatro humanos e uma fada, Tonio retomou uma conversa privada com Lina:

- Se ao menos você falasse mais claramente, não é fadinha?

A fada se soltou de suas mãos e rodopiou sobre sua cabeça, até parar na orelha. Tonio riu:

- Sim, sim, desculpe, eu é que não tenho bons ouvidos. – Segurou-a carinhosamente. – Não precisa se justificar, nós é que somos o problema aqui. Mas diga aqui, bem pertinho, fadinha, o que foi aquilo que eu tomei?

A fada rodopiou novamente, arrancando um riso de Tonio:

- Vai, fadinha, diga!

Ela parou em sua orelha, e soprou o vento fraco de sua voz que fazia cócegas no caminho da pressão até os tímpanos de Tonio.

- E isso me enfeitiçou?

Novo sopro.

A cada pergunta ou comentário, Tonio a pegava na mão para que falasse diretamente a ela:

- Sim, claro, uma poção. O que mais aconteceu depois do que vi, fadinha?

O sopro foi mais longo. Tonio franziu o cenho:

- Que eram memórias eu percebi, e faz sentido que a poção tenha aberto caminhos na minha mente para receber estas memórias. O que não entendo é que vocês, fadas, não tenham controle do que eu vi. Se não é memória de vocês, e já sei que fadas não vivem tanto, como a fada-mãe de Carior disse, pergunto-me de quem é?

Surpreendida pela pergunta, a fada voou para o quão longe era possível na pequena cabine, girou, rodopiou, tentou sair por uma fresta. Tonio saltou para a porta, bloqueando a fresta:

- Não fadinha, é perigoso lá fora, não vá sem mim.

A fada continuou a girar pela cabine. Ele foi acolhedor:

- Está tudo bem, fique tranquila fadinha, não vou pressionar.

Pegou-a na mão, acariciou sua cabeça sem tocá-la de fato.

- Não há perigo, foi só uma pergunta, você pode não saber, não há problema, não ficarei bravo.

A fada se sentou na palma de sua mão, vencida e triste. Em seguida, voou para sua orelha novamente.

- Melgrod era quente, a chama que aquecia a vontade dos irmãos. Assim me foi revelado. Celiah inspirava, mas foi Melgrod que deu forças para que ela continuasse a busca.

Tonio se encostou no catre. Lina se sentou sobre seu ombro com as pernas cruzadas, uma de suas mãos repousou na orelha, preparada para uma longa história.

Melgrod era Vincent, um jogador. No início, Vincent não sabia o que era. Julgava-se um órfão das ruas de Tenetenfrat. Passou parte de sua juventude nas tavernas e bordéis, onde as habilidades adquiridas de um dragão adormecido eram lucrativas. Sua atenção aos mínimos detalhes do jogo de cartas, sua habilidade em jogar dados, sua pontaria nos dardos ou qualquer disputa que valeria uma aposta, garantiram o sucesso de seus esforços. Seus dias eram regados a rum e hidromel, as jogatinas atravessavam as noites, as mulheres eram prazer e recurso a explorar. Esses eram os ingredientes da receita das brigas ou qualquer tipo de rixa ou contenda que explodiam após serem aquecidos pelo gênio de Vincent.

Mesmo depois de adulto, ele mantinha seus contatos entre os que cresceram nos becos de Tenetenfrat. Tinha seus afetos e desafetos, protegidos e adversários. Ao contrário do garoto prestidigitador de antes, seu status de jogador, que não tinha necessidade de trapacear para vencer, lhe dava um sentimento de superioridade indolente que era eventualmente mal interpretada.

É claro que a vida boêmia atraía conflitos, e ele superou vários, ao vencer a maior parte e ao evitar uns poucos. Sua malícia o fazia bom entendedor dos perigos e sua ferocidade o fazia enfrentar tudo o que acreditava ser capaz, embora, sendo um dragão latente, ele era capaz de mais do que imaginava. Indomado, porém ignorante de sua origem, ele não foi além de seus limites enquanto possível, mas estes eram mais amplos que aqueles da civilidade.

Ao matar alguém de tanta influência por um incidente em uma noite de especial ferocidade que foi incapaz de se controlar, despertou a atenção dos poderosos.

Ele era sagaz. Fugiu a tempo e pediu santuário a um feiticeiro. Sem esconder seus motivos, colocou-se a seu serviço em troca da proteção de alguém mais poderoso e influente do que aquele que tinha sido morto. O feiticeiro aceitou sua proposta. E exigiu seu preço.

Foi a serviço deste mago que Vincent vivenciou seu pior lado, colocando-se em conflito por mais de uma vez. Aos poucos, percebeu que pagou um preço alto pela perda da paz que mantivera seu sono imperturbável na juventude. Por mais que tivesse aceitado agir contra sua natureza, justificava-a pela sua palavra e compromisso com seu mestre.

Um dia, a revolta por suas ações, a vergonha por sua culpa e a raiva pela sua covardia em dar um basta, encheram-no de fúria. Os sentimentos vazaram pelos poros de seu corpo coberto de pelos e as escamas tomaram lugar para conter o turbilhão de emoções que não mais blefavam. Elas tomaram o corpo transformado de uma criatura agigantada e vermelha como o sangue quente dos humanos que se resfriou sob a forma do dragão. Melgrod nascia para apavorar os facínoras que acompanhavam Vincent em mais uma simples missão, transformada em terror que se disseminou entre aqueles que tinham ouvidos.

Surpreso com sua própria metamorfose, Melgrod fugiu dos ataques infligidos pelos seus antigos comparsas. Propuseram caçá-lo, o feiticeiro proibiu, afinal, tinha um dragão a seu serviço. E exigiu de Melgrod a lealdade que Vincent jurara.

Foi o limite. O padecimento de Vincent não seria transferido a Melgrod como uma doença que se torna contagiosa pela incompetência de quem a enfrenta. Melgrod recusou a servidão. Não era o jogador ladino que sobrevivia resignado com sua pequenez humana desprovida de origem e fadada à mediocridade civilizatória. Melgrod era um dragão que impôs sua vontade e, como nas tavernas em que a aposta aumentava até interromper a respiração dos jogadores mais experientes, aceitou o jogo, certo de suas cartas. Conclamou a guerra. Construiu sua rede de colaboração baseada nos contatos de Tenetenfrat, presenciou, puniu e foi vítima de traições, encontrou lealdade em novos adeptos, desafiou, venceu e perdeu batalhas.

Era um jogador experiente, soube que ia perder a guerra. Afastou-se, decepcionado com o que viveu e com quem viveu, chegou à intensidade das emoções que um homem pode alcançar, sentiu o peso do que era ser um recurso como espécie rara no mundo. Isolou-se.

Longe de qualquer contato, Melgrod desapareceu incólume ao conflito por anos, até ser encontrado pelo inimigo obsessivo em sobrepujá-lo com a servidão ou a morte.

A notícia de que o dragão havia sido encontrado se espalhou e atraiu novos jogadores à mesa, pois naquela época, Celiah já estava à procura dos irmãos. Melgrod foi o primeiro a ser encontrado. Venceram o feiticeiro como aliados e iniciaram a busca aos dragões remanescentes.

*

Havia uma pressa em sair do Pequeno Reino do Pontal, pela insegurança da desorganização local e pelo perigo incerto de leis pouco praticadas, que postergou as decisões mais impactantes para a viagem. De fato, a reclusão na nave dava oportunidade para diversas considerações. As informações de Lina sobre Melgrod levou-os a ponderar ainda mais:

- Os elfos ou Celiah, Melgrod ou nossa paz – Ella ponderou.

Estavam no convés a refletir as possibilidades. Martius corrigiu:

- Melgrod, Baai, Ostrebor e Fraga, ou nossa paz – enumerou Martius, referindo-se a recuperar mais que o Coração de Melgrod, mas ainda outras duas gemas, cujas consequências trariam os dragões de volta, ao passo que libertariam Fraga de sua maldição.

O complemento realista piorou as perspectivas. Era um longo caminho.

- Não acho que teremos paz enquanto não resolvermos essa contenda em que caímos. As fadas não eram tão cordiais quanto quiserem aparentar – observou Lucha. – Presenciei aquela dissidência que deixou várias aflitas. E parece que o problema somos nós, embora sejamos também a solução... se não ferrarmos tudo.

- Está dizendo que não temos escolha, Lucha?

Ela meneou em confirmação à conclusão de Ella.

Tonio suspirou:

- Se ao menos a fadinha dissesse mais sobre os dragões.

- Não é o que me preocupa, Tonio. Quisera eu dizer que caímos acidentalmente em problemas alheios. Parece que fomos escolhidos para este trabalho desde o confronto com os necromantes. E acho que foi obra das fadas. Como Lina sabia do passado de Melgrod? Você perguntou a ela?

- Claro! E não pergunto novamente, com o risco de perdê-la neste navio. Ela se esconde como se eu a tivesse ameaçando! Ela disse que “assim foi revelado”, é tudo o que sei. Em uma cerimônia, ou talvez ela tenha tomado o mesmo que eu, não sei.

Martius discordou:

- Não, há algo nisso que não está claro. Se sua mente se abriu a memórias, foi de alguém. Mesmo que a fada-mãe, ou a própria Lina, tenham sido um canal para que elas chegassem até nós... – corrigiu – até você. Elas podem ter guardado essas memórias por décadas, até por séculos caso tenham passado de geração a geração, até encontrar alguém, ou um grupo, capaz de cumprir essa missão! Fomos escolhidos pelas fadas e, lamento Ella, os elfos não fazem parte dos planos do povo da floresta.

Ella se manteve calada, abaixou a cabeça. Martius continuou:

- E aí teremos paz. O que inclui pagar uma dívida com Fraga.

- E deixarmos de ser os vilões de Racina – Tonio ponderou.

- Ou arrebentar tudo de vez – acrescentou Lucha.

Olharam para Lucha, que havia se agachado para se encostar na parede do tombadilho. Ela viu os olhares e justificou:

- Foi o que as fadas disseram! Nem todas concordam com nossa interferência. Dizem que só fazemos me... coisas erradas, que somos incautos.

- Abrir o caminho para Belerod pode também dar errado. Uma guerra pode eclodir – Tonio lembrou.

- Não estou dizendo para desistirmos, só estou levantando todas as possibilidades – Lucha repetiu o que certa vez Martius usou com Ella.

- Vamos listá-las então – sugeriu Tonio. - Ajudar Leafir a usar a gema: Belerod livre e uma possível guerra contra humanos, ou atrair uma possível vida próspera em Belerod, ou explodir tudo por não sabermos como usar a gema.

- Bem colocado – Lucha observou.

Martius sugeriu outra possibilidade:

- Dar as costas a Leafir e à busca às gemas: deixar Belerod em apuros, ou explodir tudo por Leafir não saber como usar a gema, e transmitir a Leafir o estorvo chamado Labaki, e deixar Fraga com seus problemas mais uma vez, mesmo que sejamos a causa direta de um – Tonio bufou –, e ter um bando de fadas atrás de nós por não se sabe quanto tempo, talvez a vida toda.

- Promissor, Martius! – Ella ironizou antes de assumir a palavra. – Abandonar Leafir e ir atrás das gemas: abandonar Belerod à sua sorte, e ajudar Fraga, e ajudar dragões mágicos semi-humanos a retornar a este mundo, e evitar que o Coração de Celiah caia em mãos erradas, e ter apoio das fadas, e mandar Labaki à merda, que foi a palavra que Lucha gentilmente evitou há pouco.

Lucha fez um gesto vago. Era sua vez:

- Morrer ao adotar qualquer uma dessas possibilidades.

- Esse risco já corremos todo dia, Lucha – disse Ella.

- Então só nos resta votar.

Ella interrompeu:

- Há uma outra possibilidade. Encontrar as gemas, libertar Fraga, usar nosso sucesso para ajudar Leafir e Belerod.

- Isso é ambicioso. Quer pedir ajuda a quem? Às fadas? Já o fizemos e negaram.

- Negaram porque não demos nada a elas. E há os Betemares de Fraga, eles praticam a magia. E, raios, teremos libertado dragões! Pediremos a todos: fadas, magos e dragões. Todos irão nos dever! Vamos parar de pagar dívidas e cobrar as benesses que faremos.

Silêncio. Entreolharam-se. Era realmente ambicioso, mas de alguma maneira, o melhor a ser feito. Exceto se desse errado.

Ainda sentada no convés, Lucha esfregou os olhos a apoiar a decisão com um peculiar pessimismo profético:

- Que merda, Ella! Que merda vamos fazer!

4. O ELFO, A FADA E A SOMBRA DA MAGA

Na Ilha das Flores, tomaram o tempo necessário para se prepararem. Não seria fácil obter um transporte para Dust, embora a ilha fosse o local mais propício para encontrá-lo. Sem as facilidades do financiamento de Labaki, partiram para o método tradicional: a música.

Ao desembarcar, Tonio sentiu um frio na espinha pelo que fizera com o Rato. Embora muitos anos tivessem passado, havia sido um crime e ele era um fugitivo. Na época, não pensou dessa maneira, pois havia se defendido honradamente de um ataque furtivo, mas não permaneceu na ilha para se justificar às autoridades pelo desprezo à traição de George. Ignorou as technicalidades de sua morte e não se importou, certo de que jamais retornaria àquele lugar.

Felizmente, não se instalaram nos arredores do porto, mas na parte central e civilizada da ilha, onde as contratações dos bardos seriam mais fáceis. Isto o manteve longe de eventuais conhecidos de outrora, sorte auxiliada ainda, pela alta rotatividade de habitantes. A cidade era dinâmica e fervilhava em certas épocas do ano, porém a mudança constante de moradores não alterou tanto seu ritmo de maneira que Lucha e Tonio não conseguissem reconhecer a sua essência.

Hospedaram-se em um local discreto, por economia, porém digno, para evitar comprometer a imagem de artistas de valor. Levantariam recursos com o talento habitual no tempo necessário para que a mensagem enviada do Pontal a Leafir chegasse ao destinatário e o conduzisse à ilha. Era uma longa viagem, mas, como os recursos precisavam ser generosos para ir a Dust, o prazo estava condizente.

Havia uma orientação principal dividida em duas partes:

- Não chamar a atenção e não provocar confusão – orientou Tonio.

Difícil. A atenção era necessária para fazerem sucesso.

- Refiro-me à atenção desnecessária! Quando tocamos, podemos e devemos chamar a atenção para a música. Somente para música – Tonio ainda se lembrava do episódio que ferveu os ânimos em uma pequena cidade na Serra de Atavina.

Contudo, chamar a atenção exclusivamente para a música não é simples quando se carrega uma fada.

- Deixem a fadinha que eu protejo. Cuidem de vocês – Tonio praticamente ordenou, indisposto a negociações quando se tratava de Lina.

Todas as recomendações eram baseadas na insegurança, pois Tonio estava preocupado consigo mesmo. E com a fada. E com o crime do passado.

Ele cuidava da ansiedade gerado pelo último problema focando na proteção do primeiro, ou melhor, da primeira, que funcionava como uma compensação. Inseparáveis, ele a levava para todo lugar possível, a ponto de providenciar um exclusivo e gigantesco travesseiro para a pequenina por receio de esmagá-la, mas garantindo que ela não se perdesse à noite. Dormia ao seu lado, na cabeceira da cama. Martius olhava desconfiado:

- Elas dormem?

Tonio não se importava:

- Ela nunca reclamou.

Ao sair, carregava-a no bolso do casaco, que mandou folgar para que ela tivesse espaço. Estava constantemente preocupado com as asas:

- São muito frágeis, tome cuidado – repetia Tonio quando qualquer outro bardo ameaçava tocar em Lina.

Na primeira vez em que se apresentou, pensou em colocá-la dentro da percussão. Ao ver o olhar assustado da fada, arrependeu-se da distração. Entregou-a a Lucha, que se reconciliou com Lina.

Um dos bardos acompanhava Tonio obrigatoriamente em seus treinos, sem poder se exercitar de fato, mas somente para cuidar de Lina. Ele hesitava em deixá-la só entre as pedras da praia ou na mata que geralmente cercava a areia e, assim, ouvia conselhos de todos.

- Tonio, a mata é seu refúgio, é onde ela deveria estar.

- Em Carior ela estava cercada dos seus, não sabemos o que há nesses arredores – ele argumentava.

- Mato, Tonio. Árvores. Pedras. Animais. Galhos. Troncos. Folhas. Insetos. Musgos e líquens. Larvas. Fungos.

- Chega! Não vou deixá-la. Animais, insetos, larvas, podem ser predadores. A fadinha é minha responsabilidade – defendia seu ponto de vista.

Martius tinha pena da fada. Por muitas vezes, voluntariava-se como guardião de Lina desde que Tonio fosse treinar na praia. Martius se abrigava próximo da vegetação e deixava Lina solta a voar e se enfiar entre os galhos e arbustos para apreciar um pouco de verde, embora ela não parecesse infeliz longe de seu habitat.

Como Tonio era o mais notívago dos bardos, geralmente eles restavam sós pouco antes do amanhecer. Eram as horas em que tinham privacidade para conversar e brincar. Ele a ensinou jogos, que foram adaptados a seu tamanho. Tonio desconfiava que Lina usava a magia para descobrir as cartas de que precisava, mas a alegria da fada ao vencer compensava sua falta de honestidade. Na verdade, Lina não havia sido informada que não era permitido saber com antecedência, pois explicações dedicadas a uma criatura de percepção tão distinta à humana não era o forte de Tonio.

Entretanto, ele sabia do apreço de Lina pelos jardins da hospedaria, apontados por Martius como benéfica à fada, o que foi acatado por todos como importante critério de escolha das instalações. Ele passava as primeiras horas do dia vagando por entre folhas e flores a observá-la distraída em seus hábitos. Ele implicava, colocando o dedo a bloquear sua entrada em uma flor, ou impedindo-a de sair. Irritada, Lina saltava para o posto seguinte no primeiro caso, ou mordida o dedo no segundo caso. Às vezes ela o chutava quando queria atenção, e ele protestava fingindo uma dor que os dois sabiam não existir.

Tonio manejou para que Lina o acompanhasse na bebida. Neste caso, todos colaboraram, de maneira que ela se tornou o quinto membro do grupo, porém o único que consumia não mais que algumas gotas. Inicialmente, bebiam com Lina somente na segurança do quarto de Tonio. Certa vez, tentaram ir discretamente para o jardim dos fundos, já era madrugada, eles estavam eufóricos e todos os hóspedes e estafe dormiam. Os humanos evitaram ruídos altos por si mesmos, pois, a princípio, ninguém poderia ver ou ouvir Lina. Apenas não esperavam a reação da fada com a mistura da bebida com o pólen da flor da papaver, que ela aspirou. Lina começou a se mover aleatoriamente e agitada, mas logo subiu em linha reta até que apenas sua luz fraca era vista ao longe, costurou o ar ao desenhar o sinal de infinito e sobrevoou o telhado da hospedaria. Eles dispararam rua afora na madrugada, incertos se gritavam por Lina ou se empreendiam uma busca silenciosa com as cabeças para alto. Os dois casos seriam estranhos a transeuntes. Tonio ensaiou um grito:

- Fad.... – E foi interrompido por um tapa na nuca vindo de Ella, ou por anunciar uma fada à ilha inteira ou apenas por gritar na noite.

Foi esclarecido quando Ella gritou:

- Linaaaa!

O pequeno rastro de luz que ela deixou, feliz consequência do álcool, levou-os até a praça central cuja fonte estava salpicada de vagalumes temporários que iluminavam as gotas aspergidas por um ramo de flores da papaver, o símbolo da cidade. Ela saltava, voava, corria, nadava entre as gotas que se espalhavam pelo ar.

Decidiram que cerveja para Lina, somente dentro do quarto.

*

Tocavam no Celeiro da Roca, uma taverna refinada com três níveis de tablado em U cujos ocupantes eram distribuídos de acordo com o seu status. Um quarto nível mais baixo era o centro do U, onde a plateia de clientes menos abastados se concentrava. No canto do tablado mais baixo e ao lado do palco, estava a mesa de Lucha, que os bardos ocupavam nos intervalos. Sobre o ombro de Lucha, e escondida nos cabelos, estava Lina, ao alcance dos olhos de Tonio.

Ele estava ligeiramente perturbado com o imperceptível mover dos lábios de Lucha, que indicava uma conversa frutífera. Às vezes ela ria, disfarçando com um sorriso largo a simular apreço pela casa cheia, ou por qualquer pessoa atraente a trocar olhares. Apenas os bardos entendiam o que acontecia, e somente Tonio se incomodava.

Lucha ria mais. Ao ver a reação do baterista, pronunciou devagar a palavra provocadora para que ele lesse com clareza:

- Ciúmes!

Tonio aumentou a força de sua batida, o seu ritmo e a cor das suas bochechas. Ella improvisou um corte ao repetir o refrão e encerrar a música para anunciar um intervalo com o seu sorriso cativante. Pulou do palco até o primeiro tablado para ameaçar, antes mesmo de se sentar:

- Não provoque Tonio quando ele estiver tocando! Quer uma tragédia neste salão?

Lucha se encolheu antes que os outros dois chegassem à mesa. Devolveu Lina temporariamente a seu protetor. À Ella, ela se isentou:

- Você sabe. Ele é cheio de ciúmes se demonstramos intimidade com Lina. Só ele pode ser amiguinho da fada.

- Não. Enquanto. Ele. Toca! – silabou Ella.

Mais tarde, na hospedaria, Tonio remexia o assunto com Martius:

- Não foi ciúmes! Elas riam de mim! – protestava Tonio, com seu orgulho ferido.

- Mulheres riem, trocam opiniões, não há como evitar. Deixe de bobagem e vá dormir.

- Estou falando da fadinha!

- Se a fadinha fosse fadinho, eu concordaria.

Tonio hesitou.

- É uma fada, Martius, não uma mulher.

- Deixe-me dormir, Tonio! Vá ter com versão não feminina do povo da floresta. Ella quer descansar também.

Tonio deixou seu quarto e ia bater na porta do quarto de Ella e Lucha. Parou ao ouvir risos. Suspirou, impaciente. Bateu, Lucha atendeu.

- Mais calmo?

- Não enche. Vim buscar a fadinha.

Lina voou até o ombro de Tonio.

- Você está fazendo bico, Tonio.

- Afogue-se, Lucha.

Ele saiu andando, mas ainda a ouviu dizer:

- O termo é “afunde com os náufragos”.

No jardim, Tonio desabafou:

- Lucha não é boa companhia. Não. Digo, ela é, claro, para nós, mas não para você.

Lina revirou os olhos, o que deixou Tonio mais inquieto.

- Por que está fazendo isso? É ofensivo. Do que falaram?

- Sobre parceiros – sussurrou Lina em seu ouvido.

- Parceiros? Camaradas?

- Como são os parceiros em Ayaa pa cewvy. Como eles amam. Lucha perguntou.

- Fadinha! Não disse? Lucha não é boa companhia para você. Isso não é assunto para se discutir.

A fada apertou os olhos e provocou:

- Fadas não discutem. Não são assuntos. São ações.

- Chega dessa conversa! Não quero saber.

Lina nada respondeu, emburrada. Voou para um galho alto de maneira que Tonio não a alcançasse. Ele também estava bravo. De lá, foram dormir sem conversa.

Como de costume, Martius acordava cedo e, sempre que possível, Tonio esticava seu sono até após o almoço. Quando Tonio se levantava, Martius retornava para a sesta. Contudo, naquele dia, Tonio acordou com a batida de porta de Martius ao se retirar. Suspirou. Virou para o lado e viu Lina sentada sobre a cômoda, braços cruzados. Parecia estar na mesma posição que na árvore horas antes.

- Não conseguiu dormir?

Lina não respondeu.

- Certamente foram pesadelos. – Ele se virou para o teto. – Vou ter uma conversa com Lucha.

Ignorando o comentário, Lina voou até o travesseiro dele, colocando-se ao lado de sua cabeça.

- Toque para mim.

Ele estranhou:

- Aqui? Ainda é cedo.

- Toque baixo, só para mim.

Era um bom caminho para as pazes. Prestativo, ele pegou as baquetas e testou algumas superfícies antes de começar bem baixo um ritmo cadenciado e repetitivo. Simulava a festa na fortaleza das fadas do Pontal. Lina se deitou no travesseiro e deixou que a música tomasse o quarto. Pediu outra. Tonio decidiu caprichar, estava transformando a carranca em um sorriso. Mais uma. Animada, ela não dançava, mas permitia que o corpo respondesse ao ritmo com um leve tremor no tronco liderado pelos ombros e com a cabeça mais solta e com movimentos independentes. Na quarta música, Lina sobrevoou o quarto. Pousou no canto da cama de Tonio, depois sobre a cômoda, saltou para o chão.

Tonio esperava um rasante por baixo das camas, ou uma pirueta no ar, mas não imaginava que a energia que gerou seria usada para ela mudar de tamanho. De pequenino ser alado, tornou-se uma mulher de tez cor de oliva e sobrancelhas marcantes alinhadas ascendentemente aos grandes olhos negros amendoados.

Tonio perdeu o compasso e a habilidade de se expressar com clareza. Gaguejou antes de conseguir dizer:

- Fadinha! Eu não sabia que era possível – espantou-se Tonio.

- Possível não é habitual. Afora seus dons.

Ele hesitou. Não soube se entendeu:

- Está dizendo que eu fiz isso?

- Não. Digo que ajudou a fazer. – Fez pose, esticando as pernas e colocando-se na ponta dos pés e de lado, o que destacou suas asas. – Gosta?

Surpreso, começava a apreciar a visão.

- Claro!

- Estou bonita grande?

- Claro!

- Meu tamanho o incomoda?

- Clar... não! Por que incomodaria?

- Por sua reação, mas sim, agora disse algo mais, menos claro.

Tonio torceu o nariz. Nem sempre ela era clara.

- Ah! O que pode fazer nesse tamanho?

- Tudo.

- Tudo?

- Nem tudo é bom. Meu tamanho exterminou suas palavras.

Ele inspirou fundo.

- Não ligue, fadinha. Ainda estou surpreso. Não imaginava que fadas pudessem ficar do tamanho natural.

- Não é natural! É gigantesco!

Ele gesticulou em concordância.

- É um tamanho.

- Então gosta?

- Já disse que sim.

- O que mais gosta?

Ele ficou encabulado.

- Ah... difícil dizer.

- Eu ajudo. – Lina deixou a túnica escorregar até a cintura.

Ele ficou estático, mas conseguiu reagir ao falar:

- O que está fazendo?

Ela soou ingênua:

- Ajudando a se decidir.

As palavras desapareceram de vez, substituídas por interjeições e suspiros. Lina aguardava enquanto ele decidia do que mais gostava. Resolveu ajudar:

- Talvez, as asas. Nós fadas gostamos das asas.
- As asas! Claro! São bonitas!
- Quer tocá-las?
- Ah? Não! – encabulado, justificou. – São frágeis.
- Não são. São resistentes.

Levantou o voo do beija-flor, sustentada no ar por cerca de 300 batidas por segundo para suportar o peso em tamanho natural. Desceu devagar, para que Tonio pudesse se aproximar.

Com o mesmo cuidado com que tocava na fada em miniatura, ele encostou o dedo em uma asa. Ela sugeriu:

- Com a mão.

Ele deslizou a mão esquerda sobre uma asa.

- Sua mão é macia.

Tonio estranhou:

- A minha?
- Ah? Hum... está bem, não é, mas minhas asas são – disse com orgulho.

Ele já estava envolvido, tocou a outra asa com a mão direita:

- São aveludadas.
- Então, é o que mais gosta em meu novo tamanho?

Tonio sorriu:

- Tem tanta coisa que gosto em você.

Ela deixou o restante da túnica cair.

- Decida, então.
- Ahhh, não tem ideia do que está fazendo!

Ela o empurrou, as costas de Tonio bateram na cama. Suas asas a sustentaram no ar. Levitava sobre ele a uma distância de dois palmos.

- Acha mesmo que não?

Tonio se sentia deliciosamente acuado. Lina percebeu:

- Se meu voo o perturba, posso interrompê-lo.
- Ah, não, seu voo está bom assim.
- A vibração das asas não o incomoda?
- Nem um pouco.

As roupas de Tonio criaram vida e o abandonaram. Ele gelou.

- Lina!

O rosto da fada se iluminou:

- O meu nome!

- ãh?

- Disse o meu nome!

- Eu disse? Sim, mas escute. Se você usar a magia, eu não sei até onde isso vai! Vamos estabelecer um limite? Somente fadas que voam e roupas que andam. Nada mais. Está bem?

- Está bem, mas... está com medo?

- Medo? Não, por que eu teria medo?

- Então humanos se excitam expelindo suor?

- Não exatamente...

Ele moveu a mão até a testa para eliminar o suor que o denunciava, o que foi desnecessário pois, antes que terminasse de falar, Lina soprou sua testa e secou as gotas que escorriam pelas têmporas. Arrependeu-se em seguida, cobrindo a boca com a mão, em reflexo:

- Desculpe. Somente fadas que voam, roupas que andam e suores que secam. Nada mais.

- Isso. Ótimo. Só isso. Nada mais – ofegou Tonio.

- Então, o que mais agora?

Sem saber o que dizer, ele repetiu:

- Nada mais.

As asas pararam de vibrar e o gigantesco corpo da fada caiu sobre Tonio. Gigantesco para Lina, mas bastante apropriado para o bardo.

*

Esperavam Leafir a qualquer momento, qualquer dia ou qualquer hora. O prazo para que a mensagem chegasse e para que o elfo empreendesse uma longa viagem fora suficiente. Ella ansiava pela chegada tanto dele quanto do Coração de Celiah. Chegou a imaginar se algo tivesse dado errado. E se Labaki tivesse retornado?

- Fique tranquila, pensei muito, creio que Labaki testou Leafir naquele dia. Ele mesmo não pode tocar a gema, ele precisava de um guardião de confiança e creio que aprovou o nosso amigo.

Lucha completou as observações de Tonio:

- E ele deu a dica sobre as fadas. Ele quer que recuperemos a próxima gema. Se estivermos livres da primeira, será melhor.

- Será mesmo?

Este último ponto era incerto. Outra dúvida que Ella queria esclarecida antes de seguir para Dust.

Leafir realmente estava a caminho. Uma viagem tão longa gerava dificuldades, principalmente se havia pressa. Dirigiu-se a sul por Femon, acompanhou a divisa de Andreada com Racina e embarcou no Grande Rio logo após as Quedas. Voltou à terra em Atavina Média, pouco antes da Escarpa de Fraga comprimir o Grande Rio e impedir o desembarque até Atavina Sul. O trecho pelo Grande Rio foi grande economia de tempo, mas ainda precisava atravessar a porção mais estreita do Ducado de Atavina e o Ducado Form'exus a sudeste pelas estradas. Quando havia a possibilidade de acompanhar caravanas, o fazia pela segurança que elas provinham, mas não estava disposto a se atrasar. Sua ansiedade provinha do desconhecimento sobre as más notícias que o aguardavam em relação ao Coração de Celiah, e para rever Ella.

Foi em um trecho de cavalgada solitária que Leafir conheceu Inar.

Um elfo cruzar casualmente com outros de procedência e destino distintos era raro em Atavina, mas não a ponto deles se identificarem com suas origens e desejarem se aproximar. Ao se verem na estalagem, limitaram-se a uma troca de cumprimentos com gestos e seguiram suas vidas, um a continuar sua refeição, outro a requisitar um quarto para uma noite.

Leafir cavalgou o dia todo sem pensar novamente no elfo após ouvir que ele deixara a estalagem ainda na madrugada.

No fim do dia, o cavalo de Leafir interrompeu o trote rápido ao empinar e quase derrubar o cavaleiro, que o controlou com a atenção voltada à enorme queixada de chifres que correu para a estrada sob um grito para que se protegesse.

A flecha que acertou a coxa do animal serviu apenas para irritá-lo e voltar seus olhos vermelhos assassinos a Leafir. O animal se jogou sobre o cavaleiro, que saltou rapidamente enquanto desembainhava a espada e cortava o ar à sua frente em um gesto para manter a ameaça longe. Outra flecha acertou o dorso do animal que arrancava um relincho de dor do cavalo quando o mordeu. Ainda não foi suficiente. Leafir caiu sob um joelho e pegou impulso para desferir um golpe sobre a fera.

Ela foi rápida e se desviou, fez uma meia-volta instantânea e avançou sobre Leafir que recuou em um salto para que seu abdômen não fosse rasgado pelos chifres que desciam da cabeça a se confundir com presas. Ele aplicou um fendente sobre a cabeça da criatura a fim de cortar o focinho. O sangue jorrou sobre a terra seca da estrada, vindo de um focinho pendurado cujos danos interviam no rosnado da fera que chacoalhou a cabeça e fez menção de continuar sobre Leafir. Uma nova flecha sobre o que restou do rosto perfurou o animal abaixo de seu olho direito, fazendo-o finalmente cair. Mesmo assim, o animal tentou se levantar, e outra flecha o acertou no tronco, logo abaixo da perna dianteira. Ainda havia rosnados de protestos e pernas agitadas na tentativa de se levantar e sobreviver quando Leafir terminou com o sofrimento do monstro com outro golpe no pescoço.

Sem admirar a fera caída, ele se voltou defensivamente à direção das flechas, com a espada no ar. O elfo da estalagem estava parado a alguns metros, com o arco na mão e um sorriso de saudação no rosto. Leafir abaixou a espada e agradeceu.

- Eu é que agradeço. Distraí o monstro tempo suficiente para que eu pudesse finalmente acertá-lo. Ventos zênites sabem como esta fera era rápida!

- Monstro?

O elfo se aproximou para admirar o troféu:

- Não acha que isto é natural, não? Andou comendo pessoas.

Leafir observou o corpo e concordou, era um monstro. De cerca de 1,20 metros alcançados por uma corcunda, a queixada tinha chifres curvos estendidos até o lado da boca que adornavam as verdadeiras presas em um conjunto de quatro pontas mortais. A velocidade que ele testemunhou também não era comum para animais, e o fato de se dispor a comer tanto humanos quanto ele, um elfo, deixava claro que a fera se aproximava mais da classificação de monstro do que de animal.

- Como encontrou isso?

- Fui contratado pelo digníssimo Rinaldo Peternaldi, senhor das terras Atavinas de Xhacuaneira, que se estende desde a curva da Pedra Vermelha até a ponte do riacho Loquenifairamunte, para dar cabo do monstro que vinha aterrorizando as estradas e os camponeses. – Seu sarcasmo era óbvio. – Vale observar que o riacho tem um nome muito mais épico que sua relevância.

Um relincho interrompeu o deboche. Voltaram-se para o cavalo de Leafir, vítima da aventura dos elfos. Leafir suspirou, tirou a espada e resumiu o sofrimento de mais uma criatura. O elfo foi cortês:

- Lamento. Foi o segundo cavalo do dia, mas felizmente nenhum elfo tombou.

Leafir olhou para elfo, que abriu os braços a mostrar a idêntica condição em que se encontravam: a pé. Leafir também notou como o elfo estava sujo, rasgado e arranhado.

- Profissão difícil! – comentou o guardião do Coração de Celiah.

- Oportunidade difícil! O pagamento irá valer. Aceita um companheiro de caminhada?

Leafir meneou, abaixando-se para pegar seus pertences.

- Sou Leafir.

- É mais que um prazer encontrar um elfo nessas terras Leafir, é uma alegria! Sou Inar, grato pelo nosso infeliz incidente.

Leafir ajustou seu alforje nas costas, e seguiram em caminhada com uma conversa casual. Estando tão exposto sem montaria, era bom ter companhia na estrada. Calculou que o atraso seria pequeno, pois providenciaria um novo cavalo na próxima vila ou cidade. Ficou curioso com os planos de Inar.

- Recolher o pagamento e seguir em frente rumo a uma nova oportunidade.

- Há muitas criaturas que criam oportunidades por aqui?
- Não, esta foi sorte. E não vivo disso. Eu tinha um grupo que fazia serviços esporádicos para os bem-nascidos. Acompanhar caçadas, escoltar viagens, mas eles foram se dispersando pela vida. E você?

Leafir mediu as palavras:

- Estou a caminho da costa para encontrar amigos.
- Trabalho?
- Não. Sou marceneiro. Aproveito a oportunidade para ampliar as fronteiras, conhecer um pouco do continente. – Sua mentira causou estranheza imediata.
- Um marceneiro com essa habilidade na espada. – Inar assoviou.

Leafir deu um sorriso triste.

- Não viu a habilidade com o arco! – deu um esclarecimento limitado. - Estive entre os arqueiros na Guerra do Êxodo.

Inar parou e fitou Leafir, em reconhecimento pelo valor de seus passados, embora não tivesse mencionado o seu. Voltou a caminhar.

Fez um comentário seco:

- E virou marceneiro.
- Sim.
- Demorou a se cansar para procurar por emoção longe de Faemon.

Leafir não era ingênuo para se deixar envolver por uma amizade de estrada. No entanto, não viu problema em fornecer mais informação, desde que controlada:

- Bom, tem uma mulher.
- Ahhhh

Leafir riu:

- Não é para tanto. Uma mulher, não uma elfa. Porém, é um incentivo para me deslocar.

Inar aceitou a argumentação.

- Ela sabe que é um mero incentivo?
- Ela sabe que é um grande incentivo. Como ela não irá encontrar você, continuará a saber o que precisa.

Riram juntos. Inar ainda observou:

- Não que eu me sinta na posição de repreendê-lo, por favor, não me entenda mal, mas quando me lembro o quanto as humanas vivem pouco e o tempo que elas gastam se iludindo, quase tenho pena.

- Sua lógica está incorreta, Inar. Já que elas vivem pouco, o pouco que damos a elas é uma vida quase completa. Elas passam boa parte da vida amadas por um elfo, o que mais poderiam querer?

- Boa parte da vida?

- A juventude – ele falou despreocupadamente.

Inar riu em concordância.

Leafir sentiu-se melhor quando o assunto terminou. Ele gostaria de desabafar com alguém com honestidade, mas não via em um estranho, conhecido em um incidente na estrada, como um confidente em potencial, ainda mais ao estar de posse de uma joia que abriria a passagem de Belerod. Afinal, falar sobre Ella poderia abrir uma porta para uma sensação de confiança que levaria a outras confidências.

De sua parte, o silêncio preenchido pelos passos leves dos elfos permitiu a Ridell cogitar se Leafir falava de Lucha ou de Ella. Logo saberia.

*

Ridell não fora o único a conquistar oportunidades no sul do Reino de Katos. Trobal não esperava ser cooptado para trabalho semelhante. Viajara com Ridell, mas fora dispensado quando a garantia do pagamento ao elfo se materializou. Trobal se enfureceu momentaneamente, mas não viu diferença ser dispensado em Katos ou no Pontal.

- Não há espaço para você, Trobal. Este trabalho exige a discrição que um anão não tem naturalmente, quanto mais um anão sem um pé.

Trobal foi abordado em Atavina dias depois de Ridell desaparecer no interior. Ele pensou em se embrenhar nas florestas como em Carior para viver de pequenos assaltos até formar um bando, mas aquela terra era mais fria do que olhar de puta quando ouvia um pedido de desconto.

O homem chegou até ele com uma proposta de espionagem. A princípio, somente recolher informações e repassar. Trobal não estava bem informado:

- De quem?

- De tudo e de todos. Dos bardos, do que fizeram no Pequeno Reino do Pontal, por que retornaram para perto de Racina. O que fizeram no Ducado de Cerros e o que pretendem fazer aqui.

O anão engoliu em seco:

- Só sei o que fizeram no Pontal. Envolveram-se com fadas.

O homem, que se apresentou como Jessin, franziu o cenho:

- Apelaram às fadas?

- Ou apelaram às fadas, ou as pagaram muito bem. Têm a proteção das criaturas.

- Deve descobrir o que querem com elas – disse categórico.

Trobal reagiu à exigência, irritado com as chances de sucesso:

- Não tenho como saber. Lembro que eles são um desafeto meu. E acredito que o contrário se aplique.

- Use o seu amigo elfo.

- Ele está com outro. Um homem que o contratou, como você me contrata.

- Quem é este homem?

Ele fez um gesto vago.

- O nome?

Também não sabia. O próprio Trobal viu que não conseguiria grandes lucros com o trabalho sem resultados.

- Como ele é?

- Fisicamente, comum. Cabelos negros curtos, pele que nunca viu o sol, nariz fino e longo. Usa roupas caras, é seguro e controlado. Não cheguei a trocar palavras com ele.

- Talvez eu saiba quem seja. Consiga o nome.

Trobal aceitou a tarefa. Havia mais instruções:

- Aproxime-se de Ridell. Extraia o que ele passa para este homem. Atenção a tudo que se relaciona com Racina, Fraga, ou o nome Amanda.

Trobal estranhou. Jessin não explicou.

- Uma última coisa, como soube de mim para me abordar? – perguntou o anão.

- Os bardos o encontraram. No porto do Pontal. Onde eles estão, temos olhos.

Trobal se perguntou se aqueles olhos se estendiam às criaturas brilhantes da montanha de Carior.

*

O encontro de Leafir com os bardos se iniciou por Martius, o primeiro a se levantar diariamente. Leafir esperava no café da manhã, o rastreador perguntou pela gema:

- Aqui comigo. E Ella?

- Está bem, não costuma demorar a descer.

Martius desejava mesmo que Ella chegasse, ele não queria ser o portador da mudança dos planos. Ella tomou para si a tarefa, e pediu privacidade a Lucha para o restante do dia. Só voltaram a se falar quando se preparavam para a apresentação daquele dia.

Leafir estava normal. Nem cabisbaixo, nem feliz. Tonio sondou.

O elfo aceitou melhor que o esperado as mudanças habilmente explicadas mais cedo:

- É uma história fantástica. Não temos o direito de alterar seu rumo para nosso proveito.

- Está tudo bem, então? – Tonio queria uma confirmação.

- Não está. É uma jornada arriscada. No entanto, não vejo outra solução que consiga integrar todos os objetivos, desejos e necessidades.

Tonio entendeu. O pesar resignado diante da realidade não desapareceria, mas era aceitável se as escolhas fossem fiéis aos valores que proclamavam. Ele admirava a sabedoria de Leafir. Já este, não via sabedoria onde foi necessário sangrar e vagar pela terra por anos para aprender essa lição.

Quando só com Ella, ele confessou seu desconforto, mas de uma maneira a evitar que a violinista se sentisse pressionada. Afinal, ele criara a ilusão consciente de que a cada dia, um elfo caía em Belerod. Era uma concepção somente sua e não era para ser compartilhada.

- Não posso privar o dragão de retornar a este mundo, se é o que eu quero para o meu povo.

Ella estava recostada sobre seu peito. Envolvida pelos braços do elfo, deixara o violino esquecido ao lado. Havia tocado para ele, de maneira a resgatarem os dias em que o arco deslizava sobre as cordas no pátio de decoração élfica em Galianthiel. Leafir recebeu o sopro das vibrações no ar e deixou seu pulmão preencher-se com a magia que ele respirava e que era distribuída até os poros de seu corpo. Deles, exalava a paixão transformada pela química, mas alimentada pelo instrumento e criada por Ella. Geralmente, amavam-se, mas outras vezes, ficavam juntos a conversar, fosse para trocar opiniões ou para conhecer mais sobre os passados belos e turbulentos que viveram. Naquele dia, Ella precisava da opinião e apoio de Leafir.

- Parece-me que Celiah se torna consciente quando eu revelo minha vontade. É o momento em que ela a altera, sobrepondo a sua como reação ao que eu sugiro. É uma troca de sensações. Eu acho que é assim que ela consegue se comunicar. E andei pensando, eu gostaria de perguntar a ela sua opinião sobre Belerod, e o que ela prefere que eu faça. Nem sei se devo levar a primeira gema na busca pela segunda.

A possibilidade levantou o ânimo de Leafir, a quem a gema fora confiada. Significava que ele estaria livre para acompanhar a violinista, e até a própria gema, a fim de zelar pela segurança de ambas. Afinal, a notícia da nova aventura o perturbou tanto pela mudança nos planos para Belerod, quanto pela promessa do envolvimento de Ella em prováveis perigos.

- Agora? – indagou o elfo.

Ella concordou:

- É o que gostaria. Se você ficar ao meu lado.

Ele segurou suas palavras, pois queria sempre ficar ao lado da violinista.

Leafir foi até o casaco e abriu o embrulho para deixar o brilho dourado da gema preencher o ar do quarto da hospedaria, sobrepujando-se à luz da tarde que entrava pela janela e havia reinado até então. Ella sentiu o ar mais denso, envolvendo-a com uma sensação de aconchego. Inspirou fundo e tocou a gema.

Celiah desceu as escadas para encontrar Vincent na sala de armas. Era um ambiente retangular ladeado por janelas altas a sul, que fora sua primeira biblioteca antes da ampliação. Naquela época do ano, o sol percorria a sala transversalmente até atingir o pé da parede oposta, a formar rasgos intensos em contraste com as faixas escuras das sombras das paredes externas, que comportavam espadas cruzadas e escudos decorativos entre cortinas pesadas recolhidas aos cantos. Vincent estava sentado, abrigado em uma faixa de sombra, porém com as pernas expostas ao sol, apoiadas em uma cadeira convenientemente alocada para aquele fim. Tinha uma carta na mão e um sorriso patife a apertar o olhar direcionado à paisagem. Celiah gostava daquela expressão que indicava prazer em viver.

- Notícias de Tenetenfrat?

Ele despertou.

- Desconstruí Tenetenfrat há muito, Celiah. Antes mesmo de vencermos.

Ela o corrigiu:

- Ampliou os limites de sua influência, mas Tenetenfrat é sua referência. Mesmo que levante a fortificação no monte, a cidade será a âncora para suas ações.

Ele se espreguiçou:

- Tenet será maior que a cidade. Não em tamanho, mas em importância. Será o centro das ações mais impactantes da região, e o tema de canções em terras ainda desconhecidas por nós. O brasão de garras será reconhecido em lugares onde cidadãos de Tenetenfrat jamais pisarão.

- Você planeja que seja mais do que Ruan – afirmou Celiah.

- Isso a incomoda?

Celiah puxou uma cadeira.

- Ao contrário, alegre-me vê-lo empolgado e com planos. Não desejo reinar, tampouco ampliar minha influência além de Ruan. E está tão longe! Só temo que a grandeza de Tenet seja sua ruína.

- Se for forte o suficiente, irá se manter por séculos. Também não desejo reinar, mas sei que preciso comandar minha rede longe de seus domínios. Sei o que a incomoda.

Celiah ajeitou-se. Ele tinha razão. Embora tenham se tornado unidos nos últimos anos, pela identidade que criaram e pelos objetivos em comum, eram bem diferentes nas ações que adotavam. A rede de influência que Vincent criara pairava sobre Ruan desconfortavelmente, com pessoas e criaturas que normalmente não seriam aceitas na ordem, caso não fosse o seu irmão.

- Não nego a utilidade de seus contatos. Apenas lido com meus assuntos de outra maneira.

- Vão incomodar cada vez menos, eu prometo. Tenet não demora a ficar habitável e – balançou o papel na mão – creio que a agitação dos últimos meses em Ruan está para se dispersar. Ao menos, pelos meus.

Celiah nada comentou, a aguardar que ele continuasse.

- O IV Baai foi confirmado. É um dragão, o Flagelo Alado dos Oceanos. E a notícia mais interessante: o I Baai foi um delphinus. Como você sabe, delphini podem se transformar em humanos.

Era uma notícia auspiciosa. Celiah conteve as expectativas que tantas outras vezes a frustraram, tanto na busca por Vincent quanto na busca pelo próximo dragão.

- Conte tudo, Vincent.

- O IV Baai foi antecedido por um delphinus, uma quimera e uma harpia. Uma harpia! Dá para acreditar? Baai é o nome dado ao paladino de Rivéria, na costa de Daminer. – Ele soltou uma risada. – Dizem que o delphinus transformava-se em humano para ir à terra e seduzir as mulheres. Teve tantos filhos para proteger, que chegou um tempo em que não sabia mais quem não era sua descendência. Tornou-se então o defensor da população e da costa. Guardava o mar como delphinus e a terra como humano. Afinal, se ele podia se transformar em gente para foder, porque não para lutar?

- Por favor, tenha modos – refreou Celiah.

Ele não se abalou, Celiah vivia repreendendo seu linguajar.

- Enfim, o I Baai, o delphinus, pode ter tido este nome de fato, mas Baai se tornou para os seguintes uma espécie de título que foi incorporado como nome. Enfim, houve o primeiro, o segundo e o terceiro Baai. Chegamos ao IV Baai, um dragão azul. Ter um dragão como campeão é muito melhor que ter uma harpia, que foi o terceiro. E desde que perderam a harpia, a costa se tornou alvo de incursões de piratas e saqueadores. Muitas embarcações se foram sem jamais retornar. A chegada do dragão acabou com o caos.

- Como ele chegou?

- Não sei, ele surgiu, chegar é maneira de dizer. Um dia o Baai estava lá, não tenho estes detalhes. Concentrei as informações no que nos é mais útil. Ele vive nas falésias do litoral, de onde sai para proteger o céu, a terra e o mar. Navios testemunharam o Flagelo dos Oceanos emergir das águas quentes de ondas revoltas e das falhas nas falésias multicoloridas da região, onde estão as grutas úmidas e escuras que ele habita. Não há mais ataques, as plantações florescem, o povo segue sua vida, pois é frequente verem passar uma criatura camuflada no céu azul a bater devagar suas asas ou a planar absoluto sobre Rivéria.

Celiah ainda tinha restrições.

- O Flagelo Alado dos Oceanos pode ser um simples dragão. Sua pista de que o I Baai era parcialmente humano é o único diferencial. No entanto, estou disposta a rastrear

todos os dragões do mundo até sabermos o que aconteceu com cada ovo quebrado que existia naquela caverna.

Vicent mudou de postura. Abaixou a cabeça, pensativo.

- Você veio a mim quando soube que eu fui humano e, inexplicavelmente, virei um dragão.

Celiah entendeu:

- Eu teria ido a você de qualquer maneira, Vincent. Eu apenas alterei a ordem da lista. Como estou fazendo com o Baai. Saiba que eu faria o que fosse preciso para encontrar vocês, todos! Enfrentaria a guerra que fosse, como enfrentei a sua, seguiria a pista que surgisse, como estou fazendo, e iria aos confins do mundo por cada um, juntos ou separadamente. E acredito que, se preciso, fariam o mesmo por mim.

Satisfeito, ele concluiu:

- Então, é hora de organizar uma longa e cuidadosa viagem até Rivéria. Voamos ou vamos por terra?

- Humanos chegarão em Daminer. Quando estivermos certos de sua índole, iremos até ele pelo ar.

*

- Há falésias em Escarpado do Sul e Escarpado do Leste.

- Eram águas quentes, então Baai morava em Escarpado do Leste – Tonio concluiu.

Martius se impressionou:

- Tão perto de casa!

- Só que mais de mil anos antes, Martius. E pode haver outras falésias.

- Há outras a norte – esclareceu Lucha.

Ella confirmou a observação de Lucha:

- Sim, Lucha, a costa é longa, pode ser longe de Katos. E pior, não sabemos se estão falando de nossa costa. E se for outro continente? Onde ficava Daminer?

Silêncio. Tonio aumentou as possibilidades e, portanto, as dúvidas:

- Temos outras perguntas. Eles realmente foram para lá? O Defensor da Costa foi empurrado para o Sul, assim como o Murmúrio da Brisa. O Coração de Melgrod foi para Dust, mas e o de Baai? Acho difícil ter retornado a águas quentes.

Novo silêncio. A frase voltou a assombrar Leafir: “A cada dia, um elfo perece em Belerod”.

Inadvertidamente, Leafir chegou a comentar essa frase com Inar quando pararam para descansar num remedo de estalagem na estrada. Era precária, mas o estado dos dois evitava que se destacassem: empoeirados, rasgados, Inar com arranhões, ambos sem montaria. A atenção seria voltada às suas naturezas élficas, mas aquilo era inevitável.

Leafir percebeu a mudança gradual de tratamento desde que saiu de Femon. Incitava de surpresa a desagrado. Por mais de uma vez, sentiu-se como a atração de uma feira, principalmente quando apontado por crianças enquanto as mães batiam nos dedos a repreendê-los pela falta de discrição. Ele percebeu como os mais viajados não se importavam com sua presença, alguns mal o notavam. Gostou da parte em que mulheres se ataçavam à sua vista, ao contrário daquela em que alguns homens chegavam a ser agressivos. À medida que se afastava de sua terra, a agressão pela mágoa clássica decorrente da antiga guerra foi se substituindo pela repulsa diante do medo do desconhecido.

- Sim, somos um artefato raro nestas terras. Considero que estamos em melhor posição que os anões, pois ao menos nos acham belos – riu Inar, ou seria melhor Ridell. – Entretanto, eles conseguem trabalho com mais facilidade, pela força e pela resistência, enquanto nós, somente quando a agilidade é exigida. De qualquer maneira, vai sentir muita diferença de tratamento em um país estrangeiro. Será exótico ou estranho, uma novidade ou um mau agouro, um visitante ou um invasor. Tudo vai depender dos olhos de quem vê, independentemente do que você fizer ou disser.

Leafir olhou no fundo de seu copo.

- Já passou em sua mente o que Faemon seria caso não tivessem ido embora?

Inar se encostou na cadeira.

- Acho que já passou na mente de todos nós. Embora ninguém tenha a resposta do que seríamos hoje. Foi uma estupidez tão grande!

- A guerra? – perguntou Leafir.

- As guerras sempre são! E como esta, algumas são inevitáveis. Refiro-me ao êxodo.

- Você pôde escolher?

- Bom, estou aqui, não? Ninguém conseguiria me obrigar a retornar para aquela terra condenada. Não havia como se recuperar! – Inar desconfiou. – Por que fez essa pergunta?

- Eu estava preso. Todos os prisioneiros não tiveram o que escolher.

Aquele caso era novidade para Inar:

- Nunca cogitei que alguém ficou por este motivo. Deve ter sido difícil. Você teria ido, então?

- Não consigo me colocar naquela situação – negou Leafir. Até hoje, não sei qual teria sido minha escolha.

Ridell pensou em seu caso. Lembrou-se como acusou de covardia amigos e parentes por abandonarem o mundo que conquistaram ao se verem vencidos. Acusou-os de escolher o caminho mais fácil a curto prazo, mas que os mataria a longo.

- Eu nunca tive dúvidas. Não acho que tenham conseguido recuperar Belerod.

- Eu às vezes tenho um sonho, em que um elfo morre a cada dia em Belerod. Eu sonho que estou lá e que sou o último. E quando estou à beira da morte, eu encontro uma maneira

de recuperar o calor das fontes, mas não tenho mais forças nem para deixar nossa terra para a vegetação florescer.

Ridell mordeu os lábios.

- Podíamos ser a mais avançada das civilizações hoje. Já o éramos, desde o massacre da Baía Sugoy! Só não superamos os humanos em número naquela maldita guerra! Hoje, no entanto, seríamos os mestres, os líderes, os eruditos. Generais, magnatas ou políticos. Seríamos a nata a que os humanos almejavam, aqueles cuja maioria estaria limitada ao trabalho braçal, seriam a ralé. Seríamos nós que falaríamos de cima, daríamos as ordens e exigiríamos obediência de um povo pequeno de vida curta. Uma praga do mundo que seria controlada.

Leafir o fitava com repulsa.

Inar percebeu a extrema sinceridade de Ridell transparecer e sorriu para reverter a impressão:

- Agora somos a praga, meu amigo. Uma aqui, outra ali, a conquistar benesses de nossos benfeitores nos cantos em que somos bem-vindos. Às vezes uma criatura monstruosa nos une em uma estrada. E hoje, eu brindo a você, que conquistou seu próprio sustento e mostra aos humanos um caminho melhor a seguir.

Em pensamento, Ridell lamentou que um general pudesse ter descido tanto pela maldita escolha de seu povo.

Na Ilha das Flores, a frase martelava na mente de Leafir. Em contraponto, a perspectiva de sucesso que Inar profetizou para um presente fictício poderia ser o futuro a se concretizar, caso a passagem para Belerod fosse aberta. Ele fitou Ella, entretida com as hipóteses que analisavam. Inspirou por duas vezes para falar e desistiu.

Contemplou novamente a violinista. Ella fora a responsável por controlar Adália até que Tonio pudesse destruí-la. Martius fora atrás dela na toca do monstro, enquanto Lucha desaparecera no fundo de um brejo raso para pagar o confuso preço pela informação que levou Martius até Ella. Antes, eles haviam derrotado um grupo de necromantes. Entre essas duas aventuras, resgataram um escravo na região mais inóspita de Racina. Lá, ainda enfrentaram criaturas com sede de sangue em uma caverna.

A luta interior de Leafir foi vencida pela confiança nos bardos para proteger a violinista, assim como na confiança na capacidade de Ella.

Ofereceu seus serviços:

- Eu fico. Pesquisarei sobre o destino do Coração de Baai enquanto vocês procuram o Coração de Melgrod.

A conversa cheia de incerteza foi interrompida.

- Como é? Quer ficar? – irrompeu Ella.

- Não quero, Ella. Eu preciso. Gostaria de acompanhá-los, mas vejo que serei mais útil se conseguir elucidar a próxima peça deste quebra-cabeças do que se eu os acompanhar para carregar seus alforjes e baús. As fadas confiaram a vocês essa missão.

- Até porque, carregar os alforjes é minha função – divertiu-se Lucha.

Tonio ignorou a brincadeira de Lucha para corrigir Leafir:

- Não foram as fadas que nos confiaram a missão. Foi a visão. Cada vez entendo mais que elas só canalizaram o que eu vi. E interpretaram o que tanto eu, quanto Ella, vimos. Algo nos mandou essa visão por meio das fadas.

Lucha olhou para Lina, que se encolheu no ombro de Tonio, escondendo-se entre seus cabelos negros, longos e soltos.

- Você sabe mais, não é, Lina?

Tonio cortou a acusação:

- Deixe-a em paz, Lucha. Eu cuido de Lina.

Lucha aquiesceu. Tonio se tornara extremamente protetor da fada após a provocação noites antes, a ponto de deixar Ella cismada. No entanto, naquele momento, as preocupações da barda violinista estavam voltadas à proposta do elfo, que os separaria novamente.

- Acha que conseguiria encontrar alguma pista sobre Baai? – perguntou Ella, carinhosa, porém entristecida.

- No mínimo, encontrarei a localização de Daminer. Já fui um general, um marceneiro...

- Artista! – Ella o corrigiu.

Leafir aceitou a emenda:

... um artista. Por que não posso me tornar um erudito?

Martius corrigiu também:

- Um rato de biblioteca.

*

Lucha finalmente conseguiu uma embarcação para Dust para a semana seguinte. O Sombra Partida não era um navio de passageiros, mas o capitão aceitou levar os bardos quando soube que todos eram capazes de pegar em uma espada, habilidade possivelmente útil nas águas em que navegariam. A palavra de Lucha foi atestada pelos seus antigos contatos, que confirmaram sua capacidade de avaliar riscos, assim como sua experiência na cidade.

- Espero que não tenha deixado problemas em Dust – advertiu o capitão com um olhar de soslaio para a ex-maruja.

Lucha não mentiu:

- Quem não deixou? Ah, fique sossegado, foi há tanto tempo que duvido que haja alguém vivo que se lembre.

- Não foi algo marcante?

- Até pode ter sido, mas a vida em Dust costuma ser curta.

O riso baixo de concordância do capitão Velasco foi o sinal de ter conquistado as vagas.

- Será bom ter gente experiente no convés – confirmou o capitão.

A frase levou Lucha a se lembrar de Telmo. Um antigo companheiro de navegação que costumava dizer que os marujos experientes eram mantidos no convés e, os inexperientes, no fundo do mar.

Concluiu os últimos acertos com o capitão e aguardou o fim da chuva para deixar o porto. Caminhava a relembrar as viagens ao lado do saudoso Telmo e algumas de suas aventuras juntos, cativados pelos interesses em comum e algo mais. Boas lembranças passavam por seus pensamentos sem remorso ou tristeza por uma época de alegrias próprias, quando estancou no meio da praça central.

Próximo à fonte onde Lina dançou com as gotas aspergidas no ar, Lucha viu Sávio Labaki. Não houve tempo de se esconder, ele se voltou a ela como se pressentisse ter sido localizado, ou como se a esperasse.

A primeira interpretação confirmou-se quando viu Labaki praguejar pelo descuido. De sua parte, ele constatou muito tarde que a mensagem do servente da hospedaria estava errada. Nem todos repousavam durante a sesta.

Enquanto ponderava se iria correr ou enfrentar Lucha, a viu seguir até ele com a mão discretamente apoiada na espada e um chamativo ressentimento dos traídos a desfigurar sua face. Decidiu esperar. Voltou-se para os lados a fim de exibir o número de pessoas que frequentava a praça àquela hora, o que desencorajava qualquer confronto físico. Ela entendeu, mas não tirou a mão da arma. Em resposta, ele exibiu discretamente as mãos vazias.

- Continua em nosso encalço! – acusou, desejosa de estar em local que permitisse maior hostilidade.

- Vocês continuam com o que me pertence.

Lucha olhou para os lados, certificando-se das distâncias que os separavam das demais pessoas. Um homem de cócoras pensava na vida à beira da fonte, um casal enamorado circulava por perto, dois homens parados conversavam, uma vendedora oferecia seus produtos aos transeuntes, uma mãe olhava a brincadeira de duas crianças, uma jovem empertigada aguardava alguém com ansiedade, um artesão sentado ao chão trançava algo com as mãos.

- Você concordou em usarmos para abrir Belerod – justificou a ex-maruja.

Labaki se controlava para manter a passividade, mas sabia ser incapaz de transmitir o ar despreocupado de sempre.

- Concordei, mas não é o que estão fazendo, não é, Lucha?

Ele a desarmou. Sua respiração se alterou:

- Não é? Depende do que você queria que aprendêssemos quando nos mandou a Carior.

Ele mordeu os lábios, mas para conter o sorriso de satisfação ao ouvir notícias tão almejadas. Embora tivesse seguido os passos dos bardos no litoral do Pequeno Reino do Pontal, saber por meio dela que compreenderam o alcance daquela empreitada era bom agouro.

Lucha ainda observou:

- Certamente, foi uma estratégia mais hábil e mais barata do que pagar Comperteiro.

Ao contrário da revelação anterior, Labaki não esperava por aquela, um grave indicador das falhas de sua vigilância. Empalideceu, temeroso que a Ilha fosse o ponto a partir do qual eles desistiriam da busca.

Encararam-se em silêncio. Ele desejava sair, mas sabia que Lucha não permitiria. A não ser que ela o acompanhasse.

- Não vai conseguir nada aqui, Lucha. Há gente demais.

Ela molhou os lábios.

- Então vamos sair.

Ela agarrou o braço de Labaki como uma namorada, enfiando a mão debaixo de seu casaco. Ele deixou uma tensão no canto da boca escapar pelo deboche até sentir a fria ponta da lâmina encostar em seu lado. Caminharam devagar, atentos até à lagarta que se arrastava na figueira. Ele tentou arrancar algo mais de Lucha:

- Se sabe sobre Comperteiro, deve ter muitas perguntas.

- E as que eu não fizer dará a você o que sabemos.

- Pelo jeito, se esqueceu que nossos acordos são baseados na troca.

Ambos tinham a entrada de um beco em mente como solução para o impasse em público. Não foi preciso dirigir o outro para aquela direção. Ele mudou de tática, ansioso pela resposta:

- Então, desistiram?

- De Belerod? Estamos pesquisando outras possibilidades. Suponho que deixará a gema conosco até que consigamos abrir a passagem.

Entraram no beco. Ali ele poderia direcionar a conversa, e até dispensá-la.

- Não podem ficar com ela eternamente, Lucha.

- E você não pode tocá-la. Então, o que pretende?

Labaki não teve tempo de responder. A distração foi eficaz para que percebesse muito tarde a pressão da faca. Sentiu a lâmina penetrar veloz e impiedosa em seu lado, e ouviu o grito de dor gerado pela investida.

O grito de Lucha.

Perplexa, sem saber como fora atingida, ela fitava Labaki com horror enquanto escorregava ao chão. Ele a amparou, mas não foi capaz de evitar que ela se contorcesse de dor, enquanto o corpo pedia espaço no chão sujo de lama para se revirar e arrancar o tritão que retornara depois de anos. Sentiu o osso do quadril raspado pela espada dos piratas que rasgou fundo sua carne. O tritão que dançou em seu lombo, a espetar o osso por meses havia retornado. “Como ele acertou o mesmo ponto, o mesmo osso, como ele acertou?”

Labaki não permitiu que ela fosse ao chão. Segurou-a firme, puxando-a contra seu corpo. Lucha sentiu a pele molhada. Deslizou a mão à procura do corte por onde o sangue brotava. Não encontrou.

Labaki não suportou o pavor de Lucha ao constatar que era ele que sangrava. Puxou-a para mais perto, escondendo seu rosto sobre os ombros da barda. Os gritos atraíram curiosos, e Labaki oportunamente passou a gritar por ajuda. A ela, ele conseguiu sussurrar:

- Vai passar, Lucha. Vai passar. É somente dor. Desculpe-me, fui incapaz de evitar, desculpe-me. Vai passar.

Quando levantaram Lucha, ela tinha tanto sangue nas roupas quanto ele, e não perceberam quem realmente sangrava. Labaki entregou três moedas de ouro e disse o nome da hospedaria. Ao perguntarem o que houve, ele disse:

- Ladrões.

Foram vistos entrando no beco juntos e abraçados, então acreditaram de imediato que o mal não viera dele. Enquanto procuravam onde estancar o sangramento de Lucha, ele se afastou com a mão no lado, impotente para estancar sozinho a verdadeira ferida.

*

O moral no Sombra Partida era baixo. A constatação de que Labaki era realmente Ricard, um imortal que tinha a capacidade de transferir seus ferimentos para quem o atacasse, trouxera mais incertezas à viagem.

Ella se recusou a deixar Leafir só. Ele aceitou partir com eles e desembarcar em Escarpado do Sul, para então retornar à ilha onde encontrara arquivos históricos de interesse.

- Será um desvio, mas será eficaz para despistar Labaki. Poderei achar algo em Escarpado também. Além disso, se ele pensar que ainda tenho a gema, ele irá querer que eu a guarde para ele.

- Não sabemos o que ele realmente deseja com os corações, Leafir.

Sem resposta, o elfo usava um beijo para desviar o assunto, estratégia que Ella percebeu, mas aceitou sem protestos. Por ela, Leafir os acompanharia até Dust, mas ele estava firme em sua decisão de subsidiar os bardos com mais informações. Uma reflexão mais profunda a levou a desconfiar que a alma de guerreiro de Leafir, razão pela qual se deu

tão bem com Tonio e Martius, o sugeria ficar longe da ação ou entrar para matar ou morrer. O uso do termo “carregar as malas” indicava que ele teria dificuldades em simplesmente acompanhar, o que levaria a riscos maiores. Já ouvira como elfos eram visados em vários países fora de Femon, imaginava que seria pior em Dust. Além de alvo, ele seria alguém muito disposto à ação. Sua espada rápida e sua sagacidade de guerreiro não poderiam compensar a indiscrição da imagem de um elfo em meio a terra de piratas. Assim, Ella se convenceu de que ele estava certo em ficar para trás e ajudar de uma maneira mais discreta.

O que Ella não sabia era que Leafir tinha sua própria estratégia. O último episódio com Labaki comprovou a capacidade deste de rastrear os bardos por longas distâncias. Leafir entendia como este sistema funcionava que, em geral, levava dias para angariar as informações de diversos colaboradores e reuni-las com lógica. Este atraso era precioso para um contra-ataque. Mesmo Labaki sendo imortal, ele poderia ser impedido de seguir os bardos até Dust, até porque o ferimento que Lucha afirmara ter causado provocaria um atraso a mais. Talvez Leafir conseguisse atrapalhar os planos e eliminar a interferência de Labaki em Dust dando tempo aos seus aliados de encontrar a gema e guardá-la longe de seu alcance.

Ele riu de sua própria ingenuidade. Uma busca daquelas poderia levar anos! Cogitou o tempo que permitiria Ella procurar a gema antes de convencê-la a ter uma vida completa ao invés de tentar solucionar as vidas alheias. Então se lembrou de Belerod. Era também o que ele queria. Em nome dos antepassados de eras arcaicas, ele aprenderia a usar o Coração de Adália, Ella não recusaria essa dádiva! Não se a busca a Melgrod levasse anos. Belerod não tinha anos. Um elfo tombava por dia.

A voz de Ella o acordou de seu torpor. O Sombra Partida balançava sereno, os gritos dos marujos cortavam o ar eventualmente, o augúrio era bom. Seus pensamentos cercavam as suposições e deixavam de lado a certeza de mais alguns dias na companhia de Ella. Focou-se nas prioridades.

Outra pessoa que precisava de foco era Lucha. O tritão reduziu a intensidade de sua interferência, estava claro que a dor não duraria meses como da primeira vez. No entanto, ele era a lembrança constante de que Labaki era o covarde Ricard, o que lhe provocava asco e a enchia com arrependimentos abissais. Para piorar, em breve passariam onde esta mesma dor nasceu: o local do ataque dos piratas de Dust, que quase a mataram. A expectativa de reviver aquela sensação a amedrontava. A dor já estava presente, ficaria ela vulnerável como outrora?

Um fato curioso despertou Lucha naquele momento. Nunca havia pensado naquilo. A primeira vez em que falou com Tonio foi durante a contratação de marujos para aquela viagem que terminou em tragédia. E se Tonio tivesse aceitado sua oferta de navegar até Dust? Estaria morto agora, e ela não estaria ali. Nenhum deles. Lembrava-se de que Tonio não tinha a intenção de ir de imediato, mas ficara tentado e Lucha somente não insistira para ter um Lanceiro Perpétuo na tripulação devido à sua aliança com George, o Rato. Ela gargalhou. O Rato tentara matar Tonio, mas salvara sua vida. Então todos estavam naquele lugar graças ao desprezível e traiçoeiro Rato George! Ao ver que chamara a

atenção, mancou em direção de Tonio ainda rindo para contar o que considerou ter se tornado uma anedota digna de uma canção.

Lucha envolveu Tonio naquela conversa, e ele quis saber mais sobre aquele ataque. Depois, sobre a viagem a Dust. A dor intensa provocada pelo tritão impediu que Lucha fornecesse detalhes enquanto estava na ilha, o que os levou a imergir na conversa de maneira que não notaram o Sombra Partida passar pela tempestade ao longe, formada no meio do oceano.

Martius notou. Lembrou-se como tentou usá-la para quebrar o encanto de Amanda e acabou por reproduzir uma nova versão inspirada naquela tormenta permanente. A mágoa retornou, mas a imagem da nobre a contar sua história sentada em um banco estreito e exposta ao povo do Vale Cálido que tanto o feriu, dissipou qualquer sentimento negativo. E junto, a esperança de cumprir o desejo da maga, agora seu próprio, em libertar a terra amaldiçoada pelos dragões.

Olhou a tempestade. Martius sabia que chegou a afetá-la momentaneamente ao usar a música para atraí-la. Canções agressivas e cheias de fúria sobrepujaram a vontade da tempestade à sua, ele tocava e a tormenta, abalada, tragava o encanto. Aprendeu com ela e, ao perceber que o esforço seria superior a suas forças, reproduziu um furor semelhante, porém passageiro. Ella garantira a proteção ao navio com a ajuda de Tonio, enquanto Martius usou a força de seu próprio temporal para quebrar o feitiço dos Betemares. Como imaginaria que estava intervindo na força dos dragões? Não obstante, sabia que ela não passou incólume a sua perturbação, e dela assimilou os elementos necessários para produzir a sua respectiva versão. Era hora de retribuir o favor de uma estranha maneira: destruindo-a. Não. Corrigiu-se. Resgatando os criadores da tormenta.

O Sombra Partida deslizou incólume ao furor distante, com apenas um solene Martius a fitar a distorção na ordem natural velada ao mundo.

Na cabine, Tonio ainda pensava na ironia que o destino os pregou. Depois de admitir que poderia perecer naquele ataque, tinha que admitir também que logo o Rato salvara sua vida! Lina quis saber mais sobre aquela história e Tonio aproveitou o momento de privacidade para se encostar no catre e repousar a fada sobre o travesseiro. A cabine era dividida pelos cinco, mais a fada, que não ocupava espaço, e não era possível tocar para que Lina se transformasse. Tonio lamentou que nos últimos dias na Ilha ela tivesse se sentido cansada e também não estiveram juntos. Ele aguardava ansioso a oportunidade de ficarem a sós de maneira que pudesse enlaçar sua cintura e sentir a maciez das asas a acariciar seu rosto. Até lá, ele deslizava o polegar à frente de Lina, sem realmente tocá-la.

Ela parecia mais frágil a cada dia. Embora a atenção dele tivesse se intensificado, ele sabia que não podia lutar contra o mal-estar provocado pelo balançar do navio. Restava aguardar, além de tentar compensar seu desconforto. Lina não reclamava, mas era visível que precisava de repouso. Mal voava dentro da cabine e, quando no convés, não ousava enfrentar os ventos marítimos, pois permanecia sob a proteção dos cabelos de Tonio, que

os soltava a seu pedido. Comportamento bem diferente da primeira viagem, no trecho do Pontal até a ilha.

*

O capitão procurou no horizonte o que Lucha fitava.

- Não acho que esteja lá – brincou.

Era uma piada de marujos. Lucha esboçou um sorriso. A expectativa de que a viagem traria lembranças ruins, tanto ao se lançar ao mar quanto pelo tempo em que permaneceu na Ilha, não se confirmara. Ao contrário, os detalhes de piadas, dos xingamentos e dos hábitos dos marujos arremetiam a bons momentos que viveu e que se esquecera. As características marcantes do cheiro do mar, do balanço do navio e do som do vento também traziam à memória as risadas que dividiu com Telmo, Ana, Lomardo e o capitão Alvarez. Todos mortos. A maioria pelas suas irmãs.

Lucha se lembrou do que a incomodava no mar.

Embarcou na piada do capitão para fugir das outras lembranças.

- Olhe novamente. Estava lá agora há pouco.

Ele sorriu. Sim, lembrava um Telmo mais velho. As mesmas piadas, as mesmas expressões. Telmo estaria assim se vivo? Certamente seria capitão.

Apesar da dor incutida pelo tritão, Lucha foi voluntária para subir no topo da gávea do mastro, permissão facilmente obtida por ser considerada uma obrigação e, por vezes, punição. No caso de Lucha, seu desejo era simplesmente admirar a superfície do alto. A vista do caralho, que era o nome da cesta e motivo de piadas, era única! Em um dia de nuvens volumosas e egoístas, cada qual a formar sua massa branca, amarela e cinza apartada das vizinhas, a superfície do mar se tornava um intrigante mosaico móvel de sombras que dava calafrios aos menos experientes. Ela se pegou muitas vezes a brincar com as formas das sombras das nuvens sobre o mar, como em uma brincadeira invertida. Ela dizia que, quando as crianças crescem e se tornam marujos, elas encontram as formas no mar. O problema era quando havia uma forma móvel abaixo da sombra da superfície. Ela riu, vira uma baleia azul certa vez. Causara alvoroço em toda a tripulação. Novamente no ponto mais alto permitido a um marujo, a vista a alimentou da nostalgia que se impregnava em sua pele salgada pela maresia por encontrar sinais de sua vida pregressa naquela viagem momentânea.

Era a deixa do capitão. Dentre as variações mais comuns, a piada se tornaria suja, ou arremeteria à poesia do mar. Poucas vezes a menção às tragédias era usada, pois estragava o humor inicial proposto, enquanto a inclusão do rum era um convite que levava a três possíveis respostas, todas de concordância. Afinal, não se recusava o convite do capitão disposto a dividir seu rum, impreterivelmente o melhor do navio. Lucha torcia por esta variação. Outras eram raras, talvez ele nem conhecesse.

- Nunca esteve. Pode procurar na minha cabine, se quiser.

A surpresa apagou o sorriso de Lucha. Aquilo não era uma variação da piada, mas um convite direto.

O capitão Velasco subiu ao tombadilho para seus afazeres, dispensando Lucha da resposta.

- Pela medusa seca na areia! Ele usa até as mesmas táticas de Telmo!

*

Ella estava cabisbaixa. Leafir logo desembarcaria. Para decepção da violinista, ele estava firme em seu propósito.

Ele tentava consolá-la. Também sofreria com nova separação, mas seu senso de dever em proteger o flanco dos bardos era mais forte que seu prazer individual. A lembrança da arqueira era uma constante em sua vida e, depois de conhecer Ella, tornou-se a principal lição do que evitar. Não deixaria seus interesses à frente das necessidades de quem ele seria capaz de dar a vida. Belerod e Ella eram seus motivos para seguir em frente após uma longa vida, muitas vezes sem sentido. A guerra passada e a arqueira foram marcos que o mantiveram de pé, mas não eram mais parte do presente.

A parada em Escarpado do Sul seria a única dentro de Katos. A partir de então, terras ariscas formariam a costa a ser evitada até Dust. Dependendo dos ventos, atracariam mais uma vez, mas Velasco preferia evitar os entrepostos. Lucha explicou aos demais:

- Exploram nos preços, nos pesos, na quantidade. Nada é o que se compra.

Leafir se enervava quando ouvia tais comentários. Significava possibilidade de ligeiros transtornos, perigo iminente ou confronto aberto. Um dia, desabafou com Martius:

- Por que não me apaixonei por uma elfa quieta que se recusou a partir pelo amor de um humano medíocre já morto? Ela estaria solitária, carente, precisando de um elfo que a compreendesse!

Ao invés da esperada resposta de Martius, Leafir o viu se encolher. Olhou para o lado e viu o olhar inquisidor de Ella que já anunciara a acusação, julgara e estava pronta para a execução. Somente então Martius se pronunciou:

- Não gostaria de ser você hoje!

Leafir só não teve maiores problemas devido à cabine coletiva que abrigava quatro ocupantes, mais uma fada. O quinto ocupante já não dormia lá, o que Ella apoiou totalmente após a confirmação de quem era Labaki. Proibiu comentários adicionais na frente de Lucha.

Tonio não estava disposto mesmo a fazer piadas picantes. Ninguém descobrira sua relação com Lina, e ele preferia manter a discrição para evitar expor a fada.

Para piorar seu humor, Lina estava mal no dia em que Leafir desembarcou. Velasco informou que levaria um dia para reabastecer de víveres e água, o que levou Tonio a acatar a sugestão de Martius de levar Lina para um passeio em terra, em algum jardim ou floresta.

- O ideal é uma floresta, mas não vai encontrar uma tão perto.
- De qualquer maneira, não durmo esta noite no Sombra Partida. Ela precisa se afastar do mar.

Tonio se hospedou na vila, onde havia uma mata decorrente de desleixo humano como refúgio para Lina. Passou a manhã na mata, depois a recolheu para evitar o sol forte. Enquanto Lina dormia, saiu para comprar algo para comer.

Nenhum aviso poderia prepará-lo para a visão que teve ao retornar: Labaki estava encurvado sobre Lina, seu rosto próximo ao corpinho deitado sobre a cômoda. Tonio sacou a espada e se jogou sobre o imortal que aparou o golpe com um único movimento da espada e jogou Tonio a um canto com o outro braço.

Labaki estava indignado!

- O que está fazendo?! – exigiu explicações a Tonio.
- Vou acabar com você! Seja imortal ou não!

Antes que Tonio se levantasse, Labaki foi ameaçadoramente até ele.

- Refiro-me à fada!

Tonio havia se levantado e desferiu um fendente que foi novamente aparado por Labaki, sem que abandonasse seu olhar de indignação sobre Tonio, como se os golpes fossem meros detalhes. O fendente foi convertido em uma estocada que Labaki também defendeu com a espada na mão direita. Em uma velocidade inexplicável, ele usou o braço esquerdo para imobilizar Tonio, segurando o antebraço do mestre de armas com o cotovelo e o rosto com a mão.

- Ela está morrendo!

Tonio perdeu a capacidade de reagir. Levou pouco tempo para duvidar da palavra do inimigo:

- Mentira!

Imobilizado com os braços, tentou chutar Labaki, que afastou o corpo, arrancou a espada da mão de Tonio e deu as costas ao mestre. Foi seco:

- Awmeniewlyna está morrendo, Tonio.

Então encheu suas palavras de raiva, em uma explosão compatível com sua revolta:

- Por que raios a trouxe para cá?! Por que não a deixou em Carior?!

Tonio não tinha palavras. Olhou para Lina, tentou negar para si mesmo:

- É só o mal do mar!

A ira de Labaki era fria e cortante:

- Seu irresponsável! Não sabe que fadas não podem ficar longe de círculos mágicos por muito tempo? – voltou-se à fada, a voz em dor era sincera. – Por que fez isso, Awmeniewlyna? Por que não disse a ele?

A fada disse algo que pareceu que ele ouvira. Labaki fechou os olhos, aparentava ser por pesar. No entanto, não havia sentimento maior do que a culpa que Tonio começava a remoer dentro de si. Labaki continuou:

- É surpreendente que ainda esteja viva. Suponho que a música de vocês a tenha alimentado, embora tenha tido efeito temporário. Tocaram na presença dela?

Tonio engoliu em seco. Ele tocou, e usaram essa energia para ela crescer, não para economizar forças. Ele tinha apenas um fio de voz para responder:

- Se ela sabia, por que não me contou? – foi até Lina, lamuriando-se.

- Por que não disse, Lina? Por quê?

Labaki sentou-se na cama do quarto, desanimado. Respondeu o que a fada não diria:

- Porque fadas não saem de seus habitats. Ela provavelmente não sabia como sobreviver depois que embarcou no Pontal. Estava pronta para perder a vida.

Tonio sentiu escorrer lágrimas que brotaram em seus olhos fora de seu controle:

- Ah Lina, por que embarcou? Por que não se recusou?

Próximo dela, pôde finalmente ouvir a resposta:

- Honra.

Labaki pareceu ouvir também, pois se encurvou para apoiar os cotovelos nas pernas enquanto suas mãos sustentavam o rosto. Permaneceu um tempo naquela posição. Depois, levantou o tronco. Sua voz foi determinada:

- Tonio. Quer salvar esta fada?

Tonio sentiu o estômago revirar. Entendeu a proposta e o quão alto seria o preço, mas considerou o estado de Lina sua responsabilidade e estaria disposto a pagar.

- Desde que não envolva os outros. – A imagem de Melgrod pousado sobre o platô da fortaleza de Carior passou por sua mente.

Labaki continuou, severo:

- Pegue a fada e acompanhe-me.

Havia apenas um cavalo. Tonio foi na garupa de Labaki, que incutiu um galope desumano na montaria. Demorou a entrarem em uma floresta densa que impediu o avanço do animal após uma certa distância. Apearam. Tonio levava uma Lina quase desfalecida nas mãos, cuidando para que nenhum galho ou ramo a ferisse. Usava os cotovelos e os braços para protegê-la contra o corpo, sem se importar com os arranhões no rosto. Labaki ia em frente a abrir caminho com pressa.

Anoitecia. Tonio ouviu o barulho de um curso d'água em queda. Desceram um barranco e seguiram o leito do riacho. Separaram-se da margem para subir um outro barranco, mas feito de pedras pequenas que poderiam se soltar e rolar com Tonio até a água gelada que corria abaixo.

Durante a subida, Tonio se deu conta de que entrara em uma floresta desconhecida com seu maior inimigo, por uma promessa cujo preço desconhecia. E ainda nessas condições, não recuou. Era preciso salvar Lina.

Labaki estancou em um local sem referências notáveis. À pouca luz de uma lua crescente que mal penetrava pelas copas, a visibilidade precária impedia de ver além de formas básicas e contornos.

- Vá em frente – Labaki ordenou.

Desconfiado, Tonio perguntou:

- E você?

Viu Labaki abaixar a cabeça ligeiramente. Imaginou que ele tivesse abaixado os olhos.

- Minha voz irá guiá-lo.

Tonio seguiu com Lina nas mãos. Mal havia brilho emitido pela fada, mas ele aumentou ligeiramente após alguns passos em frente. Ele ouviu a voz de Labaki ao fundo:

- Coloque-a sobre o tronco caído à sua frente.

Toni obedeceu. Ficou imóvel, a observar Lina. Labaki respeitou o tempo até ouvir a voz do mestre de armas.

- O que acontece agora?

Encostado a uma árvore velha e com a cabeça a fitar o chão, ele respondeu:

- Ela deve ficar aí.

Tonio se alarmou:

- Só?! A noite toda? – uma série de predadores reais e fictícios passaram pela sua mente.

- Virão buscá-la. Já estão a caminho. Ela ficará com outro clã, elas cuidarão de Awmeniewlyna. E avisarão Sinária.

Tonio sentiu um aperto pela despedida. Murmurou:

- Não a verei mais, fadinha?

Labaki ainda conseguia ouvir, apesar da distância:

- Estará recuperada ao seu retorno. Deve devolver a fada a Carior. Ou ela ficará exilada por anos, até que alguém se disponha a resgatá-la. Não há mata contínua até o Pontal, e ela não conhece os pontos de energização no caminho. Dependerá de você.

Tonio se perguntou como ele sabia tanto. Percebeu também que ele mencionou a fada-mãe. Começava a ligar as peças:

- Por que precisou de mim, Labaki?

- Não tenho permissão para entrar.

Tonio concluiu:

- É o preço por ser amaldiçoado. Você consegue encontrar o caminho de volta por si, ou precisará de minha ajuda? – ignorou a pergunta de Tonio propositadamente.

Tonio se aproximou de Labaki, após deslizar o indicador sobre Lina uma última vez. Realmente, ela brilhava um pouco mais.

- E agora, o preço.

Labaki estranhou:

- O que?

- Por me ajudar.

Tonio pôde ver o reflexo da luz em contraste às sombras do rosto de Labaki.

- Ah, Tonio. Eu é que agradeço por me ajudar a salvar Awmeniewlyna.

Embora Tonio tivesse louvado a atitude do homem amaldiçoado, seus ciúmes o levaram a desejar que Labaki tivesse cobrado alto.

*

Tonio se atrapalhou para contar como Lina ficara para trás. Dissera que descobrira a causa de sua fraqueza e que ela não poderia retornar ao mar. Também informou que precisaria buscá-la no caminho de volta. No entanto, não soube como revelar que ele aceitou um acordo com Labaki sem nem perguntar o preço. Temia ainda ser cobrado pelo favor, mas quando se lembrava do que Labaki declarou, odiava-o ainda mais.

Ao resgatar Lina, teria muitas perguntas para a fada.

Aos bardos, revelou ainda que Sinária não era de confiança.

Martius foi natural:

- Por que seria?

- Æh? – espantou-se Tonio.

- Lucha mesmo disse que algumas fadas discordavam com nossa visita. Sinária nada nos alertou da dissidência, e não nos avisou que daria uma poção para você ver dragões. Queríamos aprender a usar o Coração de Celiah e fomos induzidos a procurar os outros corações. Realmente, não podemos confiar. Isso não significa que não a usaremos, como ela nos usou. E acredito que será bom para todos.

Tonio se recostou, intrigado com a naturalidade de Martius. Às vezes, ele simplificava as criaturas à sua essência e descomplicava as tramas. Entretanto, lembrou-se de Labaki.

- Não se Labaki estiver envolvido.

Naquele caso, sim, Martius concordava.

Ella estava com Lucha, as duas alheias às reflexões de Martius e Tonio.

- Anda pensativa, Lucha. Eu é que pensei que ficaria após deixar Leafir partir.

Lucha debruçou-se no casco:

- Eu conheço o fundo deste mar.

Ella não entendeu a princípio. Pensou ser uma das expressões figurativas dos marujos.

- Foi aqui que tive um acidente, certa vez. – Não foi capaz de dizer que foi um dos três sobreviventes de um ataque de piratas, embora tivesse resumido a parte para Tonio dias antes. – A dor era intensa, a solidão, não. Senti-me muito mais só em outros momentos no mar. Já se sentiu completamente só, Ella?

- Sim. Completamente. A ponto de nem a música confortar.

Difícil acreditar. Ella era o conforto em si. Lucha continuou:

- Não é ruim como dizem. A solidão é apropriada para certos momentos. Eu quis estar só aqui, eu e o mar. Admirava a corrente dos naufragos. A dor incomodava, a solidão, não. Ela permitiu que a minha percepção fosse apurada para o que eu seria incapaz de enxergar se tivesse companhia.

- E foi aqui?

- Incrível! Foi aqui, e hoje está tudo vazio! Não sinto mais nada, somente o balanço sensível do Sombra Partida. Nada mais me chama. O curioso é que até há dias, a dor estava presente, mas agora está tudo vazio. O mar não me abraça mais.

- O que isto significa?

Lucha pensou:

- Hum! Eu acho que vocês bardos me estragaram.

Sorriu, pois ainda havia muito a viver.

5. UM NOVELO CERCADO DE MAR

Leafir perdera Labaki por um dia. Não tendo como saber que este estava à espreita no desembarque, Leafir calculou que o pegaria no caminho à Ilha das Flores e partiu imediatamente após desembarcar.

No entanto, Labaki fora ter naquele mesmo dia com Tonio. Havia ponderado se devia seguir os bardos até o Sul, mas a viagem por terra era exaustiva e havia muito o que preparar no retorno. Embora estivesse finalmente convencido de que eles eram as pessoas ideais para resgatarem as gemas, havia muitos percalços que exigiam replanejamento. Quando saíram de Femon, os bardos gastaram muito tempo distraíndo-se em Valdoa e nos Vales da Rã e Cálido, o que o deu tempo de adaptar os planos. Labaki calculou que tinha prazo equivalente para ajustar os novos imprevistos, como Leafir.

Ver o elfo desembarcar foi uma surpresa, pois, a princípio, Lucha comprara passagem para quatro. Certamente, o contratempo no beco convenceram-os de que o elfo não deveria ficar na ilha. Labaki enviara mensagem a Ridell que aguardasse, pois Leafir retornava. Foi em seguida até a hospedaria que Tonio entrou para verificar se o Coração de Celiah estava lá. Caso contrário, teria que se certificar junto a Leafir. O imprevisto com Awmeniewlyn o atrasou, e perdeu o elfo que já pegara a estrada.

Da parte de Leafir, ele não cruzou com Labaki no caminho de volta à Ilha das Flores, como esperado. Cogitou que previra erroneamente. Embora a viagem pelo mar fosse mais rápida, o ferimento de Labaki não deve ter sido tão grave quanto Lucha acreditara, pois pareceu que ele saísse antes do Sombra Partida e devia estar a caminho de Dust.

Enquanto cavalgava, outra possibilidade passou pela mente do elfo: não era difícil saber exatamente onde o navio costumava reabastecer, pois havia poucas opções naquela região. Odiou-se pela sua ingenuidade, mas dois dias haviam se passado e nada poderia fazer a não ser confiar na capacidade de Ella e seus amigos em se defender do homem amaldiçoado. Além de, é claro, enviar uma mensagem a Dust para alertar os aliados de sua desconfiança: de que Labaki poderia tê-los seguido. O problema, que Leafir descobriu mais tarde, era que não havia mensageiros que se dispunham a ir a Dust.

O que Leafir não sabia era que Labaki estava pouco atrás, também a retornar à Ilha, onde aguardaria os bardos.

Além de Ridell e Trobal na ilha e de Leafir e Labaki a caminho, outra pessoa chegava ao centro do rastro dos bardos: Amanda de Aflatin, agora Condessa de Aflatin. Entretanto, ela não estava diretamente atrás dos bardos, mas fora atraída para lá por meio de Jessin.

Sua viagem se iniciou com uma última oração ao túmulo de Amália, uma despedida indispensável visto que não puderam de fato se despedir. Amanda estava no Vale Cálido quando Amália liderou uma incursão contra os vampiros nas ruínas da Terceira Guarnição de Fraga. Eles progrediam com dificuldades contra o vento, mas aproximavam-se mais da Muralha da Borda, o refúgio aos ataques e centro de comando desde que a Guarnição

fora destruída. Amália fora audaz e pagara caro. Amanda desconfiava que ela estava cansada do sofrimento e derrota de sua gente.

A nova Condessa de Aflatin também. Acumulava este o título com o de Grã-mestra dos Betemares, como seu finado pai. No entanto, suas obrigações para com o seu povo exigiam ações mais drásticas do que nos anos em que o conde se firmou como autoridade após a Guerra contra Katos. Ele também enfrentou problemas, como a crise econômica e o fim da escravidão, mas o terror em que o povo vivia sem a possibilidade de um sono tranquilo pela espera de um ataque de monstros no meio da noite destruíu tanto quanto os próprios ataques. Ninguém fora da muralha estava seguro, e as criaturas se aproximavam cada vez mais.

Amanda entendeu o desespero de Amália. No entanto, julgou que sua irmã confiava muito no Duque. Amanda o venerou por anos, mas começou a duvidar de sua capacidade após a fuga dos bardos. Ele fora complacente. Rêmuldo de Pisanti, Duque de Fraga, prometera à sua Grã-mestra que atrairia os bardos para seus propósitos por meios distintos aos empreendidos por ela, que falhou ao tomar iniciativa própria. Ele recomendou paciência e, principalmente, que não interviesse novamente em seus planos. Entretanto, a atual condessa tinha pressa por Fraga, agora assolada pelos morcegos gigantes como vampiros, razão pela qual seguira Martius tanto até Femon quanto até o Ducado de Cerros, embora tivesse fraquejado no último momento. Sabia que ainda poderia cobrar um favor, mas não uma dívida. Não havia promessas, mas ela quebrara as animosidades entre eles com a sua generosidade no Vale Cálido. O que ela fez não estaria à altura do que Martius teria que enfrentar, mas todos os caminhos que procurava a levavam aos bardos. Decidiu que era hora de agir, antes que Fraga Oriental fosse destruída de vez.

Mesmo com as recentes relações cordiais entre os reis de Katos e Racina, o ressentimento pelo passado ainda duraria décadas. No entanto, tais mesquinharias eram marcas do povo, não da nobreza. Sua superioridade também não permitiria que ela entrasse anônima em Atavina, tanto pela política quanto por sua vaidade. Já o fizera em Cerros por motivos muito particulares que não poderiam se repetir sob o risco da acusação de espionagem.

Amanda estava certa de que o Duque usaria este argumento para uma séria punição quando ela retornasse de Cerros, o que estava disposta a enfrentar. No entanto, encontrar o túmulo de Amália pareceu ser punição suficiente, pois ele nada mencionou sobre a temporada no exterior que certamente tivera conhecimento.

Por tais motivos, a visita da Condessa de Aflatin ao Ducado Form'exus, mais especificamente à Ilha das Flores, era oficial. Havia um sussurro na cidade de que a condessa buscava um casamento que a ajudasse a lidar com a crise em Fraga, sob as bênçãos do rei que via com bons olhos uma aliança com um dos ducados próximos. O que ela queria era, primeiramente, localizar o espião do Duque de Fraga, que ela já sabia se chamar Jessin, responsável pelo caso dos Bardos. A partir daí, procuraria Martius.

Amanda chegou em uma carruagem com ornamentos suficientes para anunciar que a nobreza exigia passagem, porém sem os exageros afetados de quem tinha necessidade de afirmar seu poder, pois Fraga não era terra de fracos com suas futilidades. Sua escolta na

cidade era pequena, pois deixou no continente, antes da carruagem passar pela ponte, cinquenta Guarnieiros que vieram de Fraga. A única ponte que ligava a Ilha das Flores ao Ducado Form'exus era formada por dois trechos consecutivos que se apoiavam em um aterro construído para permitir vencer o vão. De tempos em tempos, o aterro era reforçado pois o mar lutava diariamente para retomar o espaço que um dia lhe pertenceu. Trabalhadores ocupavam-se do serviço naquela ocasião, com as pernas afundadas até os joelhos na mistura de areia e água salobra, e levantaram a cabeça à visão da carruagem. Amanda estava na janela, curiosa pela sua primeira vez na Ilha das Flores, e deu a eles um breve vislumbre de uma vida muito distante da que viviam. Constatou com pesar a impressão equivocada que eles tinham da vida de uma nobre de Racina, certa de que nunca conheceriam a pressão de responder por tantas vidas que nela confiavam.

Ela recusou hospedagem da nobreza local, optando pelo luxo do hotel Palácio dos Jardins da Baía, para ter liberdade de locomoção sem maiores justificativas. Cumpriria a agenda social, mas cuidou de ter muito tempo livre para seus interesses particulares.

Sua carruagem passou pela praça onde Labaki fora descoberto por Lucha. Subiu a rua da biblioteca onde Leafir encontrou pistas na história antiga que ainda iria aprofundar. Passou por uma ferraria onde um anão experimentava um arremedo de pé de madeira apoiado em ferro. Ela desceu à porta do Palácio dos Jardins da Baía, onde um elfo na calçada olhou com uma mistura de despeito e desejo tanto para as posses da condessa, quando para a própria. Ela ignorou a afronta do estranho, embora estivesse envaidecida por chamar a atenção de um elfo, e foi escoltada para o hotel.

*

Labaki não demorou a saber que a Condessa de Aflatin estava na cidade. Ridell mencionou tê-la visto em sua chegada.

- Conheci elfas que a invejariam.

Labaki não estava interessado na aparência de Amanda, mas na influência que a condessa tinha sobre Martius. Não poderia ser coincidência ela vir logo para a Ilha das Flores!

Ridell percebeu que, quando Labaki gastava mais que segundos em um assunto, era importante. Ficou tentado a se oferecer para observar a condessa.

- Tinha uma grande comitiva?

- Além da guarda, quatro cavaleiros de destaque, os cocheiros, e uma criada, esta última viajava na carruagem. – Foi a deixa. – Posso procurar mais.

Labaki dispensou:

- Sua principal relação é com Leafir. Ele deve ter chegado faz dois dias. Não o aborde, faça-se visível e deixe que ele vá até você.

- E se ele não o fizer?

- Você criará mais de uma oportunidade.

Ridell assentiu. Labaki ainda completou:

- Desta vez, vou precisar saber se ele está com a joia da qual mencionei. É importante que esteja.

O plano de Ridell consistiu em negociar uma bainha para sua espada com um curteiro de feira. Por ser o único conhecido de Leafir na ilha, já bebiam juntos no final daquela tarde.

- Pois então, depois que recebi o pagamento, passei por duas “oportunidades” inúteis e decidi tentar a sorte em uma cidade maior. Não vou negar que você me influenciou quando disse estar a caminho da costa, mas nunca achei que iria reencontrá-lo.

- Ao menos, dessa vez, estamos em melhores condições.

- E sua humana?

Leafir não gostava do termo humana para definir Ella, mas sabia que era comum entre elfos.

- Não estamos mais juntos.

Inar não lamentou:

- Pensei que ela gostava de você.

- Eu também. – Deu uma risada para Inar acompanhar.

- Confesso que sou egoísta e fico mais satisfeito. Uma mulher não o deixaria me fazer companhia até tarde na taverna, o que garanto que fará esta noite.

Leafir fez um gesto de concordância. Inar não tinha terminado:

- Mas não aqui. Vamos a um lugar mais animado. Eu soube de três bardos muito bons que andaram tocando na ilha, posso ver onde irão se apresentar.

- Acho que sei de quem fala. Eles encerraram as apresentações.

Inar lamentou:

- Bom, sempre há outros lugares, se você quiser...

- Não estou interessado em bordéis. Estou aqui para estudar.

Inar estranhou:

- Não tinha um trabalho prometido, por meio de amigos?

- É esse.

- Um marceneiro?

Adaptou rapidamente, como uma casualidade:

- Faz parte do trabalho. É na verdade um tempo longe de meu trabalho. O refinamento da marcenaria, luthiers, esse tipo de coisa. Estou ampliando o leque, tenho novas técnicas a aprender. Gastarei muito tempo nos estudos, mas estou livre à noite, talvez até para passar em algum lugar mais animado.

- Não se preocupe com bordéis, Leafir. Nós, elfos, temos a capacidade de conseguir coisa melhor. Não duvido que não saíamos acompanhados daqui esta noite.

Leafir não estava com ânimo para tanto. Ella estava ao encontro do perigo enquanto ele, por motivo desconhecido, não assumia sua relação perante outro elfo. Refletiu se preservava ela ou ele, mas ainda não havia aceitado completamente aquela coincidência na feira.

Ridell o testou nos dias em que se seguiram. Chamou-o para beber nas noites subsequentes, deixou-o embriagado para que voltassem apoiados um no outro e contratou uma mulher para que o abraçasse. Esta última parte não foi possível, Leafir a rejeitou. Ela conseguiu, no entanto, jogar-se sobre ele o suficiente para afirmar a Ridell não ter sentido nenhuma pedra onde suas mãos conseguiram percorrer.

Labaki se enervou:

- Tem certeza?
- Até agora, nada. Posso procurar no quarto dele. Do jeito que estamos bebendo é fácil...
- Isso já foi feito – cortou Labaki, desinteressado nas suposições de Ridell.

O elfo percebeu uma profunda consternação naquele que era constante em sua serenidade.

- Eles não podem ter levado! Como são incautos! – queixou-se Labaki.
- Por que não quis que eu roubasse a joia enquanto estava com Leafir?

A pergunta chamou a atenção de Labaki para o presente:

- Porque você seria morto.

Ele duvidou:

- Você não conhece minhas habilidades.
- Eu me informei sobre Leafir. Um guerreiro experiente não deixa de o ser somente por escolha. – Omitiu que chegou a testá-lo. – Ele é um bom guardião para a joia.

Ridell quis mostrar que estava bem informado:

- O seu comprador demora muito?

Labaki entendeu a tentativa de Ridell em estabelecer uma linha lógica de raciocínio. O elfo considerava que Labaki não podia se comprometer com a posse da gema. Era conveniente.

Respondeu:

- O comprador só estará disponível quando o pacote estiver completo. Até lá, temos que zelar pelas partes. Continue festejando com Leafir, mas não exagere, Ella era mais boêmia do que ele.

*

Leafir investigava a história antiga à procura de alguma menção à região de Daminer ou Rivéria, ou até ao Baai. Havia uma linha de eruditos que negava a existência de dragões apesar dos rumores de serem vistos de tempos em tempos, então essa parte da história deveria ser procurada no setor de lendas. Eram cópias em livros que deveriam ser

investigados um a um, mais pergaminhos originais que, por ser raridade, precisavam de permissão especial cuja burocracia exigia alguns dias de espera.

À noite, acostumou-se a encontrar Inar para uma conversa casual regada a vinho, a preferências dos elfos. Leafir havia se adaptado à cerveja humana que os bardos consumiam com maior frequência, embora houvesse compartilhado o vinho quando ficava só com Ella. Na companhia de outro elfo, não se falava em caneco, mas em taça. Inar ampliou ligeiramente o círculo de amizades a fim de envolver mais Leafir, ao envolver pessoas cultas que despertassem o seu interesse. Ele ficou impressionado como as prostitutas tinham bagagem tão extensa na cama quanto nas palestras de filosofia ou direito. Essas eram caras, mas Labaki nunca barganhava. Ou negava, ou apoiava a iniciativa e, desde que bem empregada, ele não se importava em custear.

As conversas iam até tarde da noite, mas não terminavam na hospedaria de Leafir. Um dia Inar levantou a estranheza de mulheres tão bonitas e interessantes que claramente se colocavam disponíveis a ele. Levantou também as qualidades dos homens, insinuando não ser problema. Todos contratados por Ridell, porém sem que Leafir desconfiasse.

Naquele momento, Leafir se viu pressionado a confessar:

- Receio que minha antiga amiga possa retornar. Não quero me comprometer.
- Uma simples noite não é comprometimento. Por que não?
- Há outras coisas em jogo. Não sou casto, mas também não sou de correr riscos desnecessários.

Inar não insistiu, mesmo que o assunto fosse apenas mulheres. Seu verdadeiro foco era usar os diálogos na taverna para investigar sobre os estudos de Leafir, ao direcionar perguntas que o interessavam, como a história da humanidade e das civilizações inumanas.

Labaki ficou consternado:

- Tem certeza?
- É seu assunto principal antes de se embriagar. Ele sempre torce a conversa para isto.
- Preciso saber mais, Ridell. O que ele realmente estuda!
- Leafir pediu que eu não o interrompesse na biblioteca, mas não pediu às minhas amigas. Vou enviar uma para interpelá-lo.

Quando o perfume de Júlia Terra a antecedeu, Leafir fechou o livro, mas não teria tempo de se afastar da mesa. Ela carregava uma cópia do Tratado dos Princípios Vãos, de O Pranto do Sol pela Lua e da Efemeridade da Vaidade de Eliah Loch. Colocou-os à mesa de Leafir para cumprimentá-lo. Ele foi gentil, porém ficou visivelmente incomodado quando Júlia começou a discutir o conteúdo de interesse em suas cópias, e esticou o pescoço para os livros do elfo: Geografia Antepassada da Atualidade, A História dos Reis do Nordeste - Volume II, A Antiguidade Guiada pelos Devaneios Arqueológicos dos Mercadores e a Antiguidade Guiada pelos Devaneios Arqueológicos dos Mendigos.

- Uma distração. Às vezes me canso de estudar as técnicas de marcenaria. E algumas das figuras me inspiram.

- Mapas são inspiradores?

- Sim, as formas abstratas podem levar a resultados impressionantes. Deveria tentar!

Ridell ainda informou:

- Meu contato memorizou três palavras anotadas em um papel: Rivern, Riguider e Datiena. Havia outras, ela pode voltar amanhã, está tentando flertar com Leafir como pretexto.

Labaki repetiu:

- Rivern, Riguider e Datiena. E história, geografia e arqueologia! – expirou todo o ar dos pulmões, aborrecido. – Seu contato não volta amanhã.

- Tem certeza? Podemos tirar mais informações.

- Não é necessário. Sei o que Leafir faz.

Naquela noite, Labaki e Ridell arrombaram a porta da biblioteca. Ninguém em sã consciência rouba livros empoeirados, então não havia vigia. Enquanto o coração de Ridell pulsava pela transgressão, Labaki estava calmo, porém consciente da leve pressão no peito. Olhou à sua volta, pensando em Celiah.

- É uma pena.

- O quê?

Sem responder, Labaki entregou uma das garrafas que trazia a Ridell, e abriu outra. Dividiu também a estopa que carregava. Ridell entendeu ao sentir o cheiro do líquido da garrafa.

- Queimamos o quê?

- Em uma biblioteca? Tudo. Começamos pelo fundo.

As labaredas se estenderam por dois prédios vizinhos, queimando-os parcialmente. Foi uma noite infernal na Ilha das Flores, em que um acervo precioso da memória do Reino de Katos e do Ducado Form'exus foi consumido em poucas horas. A identidade do Ducado pereceu naquela noite, e mais que pesar foi sentido até por quem nunca tinha pisado na biblioteca.

Ridell não se importou com o trabalho, pois fora uma noite lucrativa, mas estava consciente dos danos que causou. Não resistiu em perguntar:

- Foi mesmo a melhor solução?

Labaki foi seco:

- Melhor que eliminar Leafir.

Ridell observou no dia seguinte:

- De certa maneira, eliminou. Ele está sem rumo!

- Informe – ordenou Labaki, sem mostrar qualquer interesse nas opiniões próprias de Ridell.

O elfo tentou ser direto:

- Não conseguiu alcançar seu objetivo antes da biblioteca queimar, seja qual for. Ainda se pergunta o que irá fazer. Parece que outros dependem desta pesquisa. Inar interpretou que o seu trabalho estava em risco e, portanto, o seu sustento, o qual ele confirmou.

Labaki estava satisfeito, mas Ridell ainda tinha desdobramentos da informação:

- Ele cogitou se mudar para continuar os estudos em outra cidade.

Ridell saltou diante da reação de Labaki, que praguejou de súbito.

- Não podemos queimar todas as bibliotecas do país!

O elfo ofereceu:

- Sabe que, a qualquer momento, posso resolver o problema Leafir de vez.

O empregador o olhou nos olhos.

- Faria isso? Mataria um elfo como você? – Labaki testava Ridell maliciosamente.

- Ele não é como eu. Eu sou profissional.

Labaki não ponderou a oferta, mas a capacidade de Ridell de cumprir o que prometia.

- Ainda preciso dele vivo. Queimamos todas as bibliotecas de Katos até Femon se preciso.

Ridell anuiu sem contestar.

*

A cidade ficou de luto pelo acervo perdido. As vítimas não tinham vida, mas davam vida ao Ducado. De diversos pontos de Form'exus, surgiram ações para amenizar as perdas: doações de obras, promessas de investimentos ou dinheiro para reconstrução.

A política mandava que a Condessa de Aflatin, em visita à cidade no momento da tragédia, tomasse alguma iniciativa. Singela, porém de significado.

Fraga era terra bruta de gente que luta para viver. Embora a nobreza fosse culta, sua gente não era. Amanda não cogitou tirar cópias de Fraga que registravam o outro lado da guerra para doar ao antigo inimigo, seria uma afronta. Além disso, o melhor acervo era cama para os chamados vampiros naqueles dias: a coleção do saudoso Guanabaro Gutavim estava enterrada na sede da Terceira Guarnição.

Assim, a Condessa de Aflatin anunciou que apadrinharia alguns frequentadores assíduos da biblioteca a fim de que tivessem condições de continuar suas pesquisas. Foi assim que Labaki uniu Amanda e Leafir.

Nos aposentos luxuosos no Palácio dos Jardins da Baía, Amanda recebeu seus afilhados um a um, que foram selecionados por meio dos testemunhos dos funcionários da biblioteca. Leafir era o quinto de sete beneficiados, mas ainda deveria defender sua motivação, e de maneira a evitar a verdade. Ele não poderia alegar a marcenaria, ou seria encaminhado a um tema distante de seus objetivos. Amanda prometeu financiar cópias

em outras bibliotecas do país para subsidiar as pesquisas, fosse por meio de aluguel ou da produção de novas versões que poderiam ser incorporadas ao acervo futuro após a reconstrução.

Leafir entrou na sala de visitas dos aposentos da condessa, iluminada por duas portas externas cuja varanda permitia tanto a vista dos jardins do hotel, quando da baía entre a ilha e o continente. Ele não se impressionou com a pompa da decoração, mas a primeira impressão de Amanda foi marcante. Seu frescor na tarde quente a diferenciava das criaturas comuns, fossem elfos ou humanos. O perfume do ambiente era de azaleia, e o da condessa era de baunilha e canela. Clássicos!

Amanda ficou interessada em financiar um elfo, uma raridade no Sul. Como ela selecionou outros seis naturais de Katos, um estrangeiro como ela, porém elfo, mostraria a ausência de preferências de raça ou nacionalidade e, portanto, seria bem visto na sociedade. Leafir mudou o seu discurso para admitir à condessa seu interesse por história. Alegou querer fazer um compêndio da história dos elfos desde antes de fundarem Faemon Handra e, para tanto, precisava conhecer os primórdios das civilizações anteriores à migração élfica. Amanda achou válido, e prometeu financiar. Como fez com todos os demais beneficiados, indicou um assistente para coletar obras pelas bibliotecas de outras cidades, para quem Leafir forneceria uma lista de assuntos de interesse, e pediu atualizações frequentes do andamento de seus estudos.

O elfo saiu do Palácio dos Jardins da Baía ciente do motivo de Martius ter caído sob sua influência, e de Ella desprezá-la. Ele, particularmente, era simpático à causa dos Ventos de Fraga, dentro da qual já estava envolvido e, curiosamente, se viu na posição de receber ajuda da condessa em curto prazo para retribuir o benefício em médio prazo.

Já Amanda não percebeu conexão alguma. Quando Leafir se despediu com uma reverência formal, a única relação que ela fez foi comparar sua elegância contida com a ousadia de outro elfo que se insinuava eventualmente na pequena parte pública dos jardins do hotel. Ou ele era completamente sem ocupação, ou acertava sua agenda com frequência impressionante. Era audacioso no exame cobiçoso que a desconcertava, mesmo ela estando na varanda parcialmente protegida pelo guarda-corpo de alvenaria, e ainda a fitá-lo de cima. Sem se intimidar, ela deveria se sentir ofendida e exigir que aquela criatura inconveniente fosse removida dos jardins. No entanto, Amanda se via na mesma localização no dia seguinte, a verificar se o elfo petulante estava lá para que ela se indignasse mais uma vez.

Este comportamento de Ridell não foi gratuito, mas incentivado por Trobal. Por sua vez, ele recebeu instruções de Jessin que precisavam ser cumpridas. Como um anão com uma prótese grotesca não teria chances de chegar à condessa, usou seu antigo parceiro que havia mencionado a visão da chegada de Amanda por mais de uma vez. Ridell aceitou a companhia do anão exatamente pela necessidade de desabafar sem precisar controlar suas declarações como feito com Leafir, para se manter fiel à caracterização de Inar, ou com Labaki, por respeito a quem o pagava. Ridell considerou que Trobal estava desocupado na ilha e o procurava por falta de opção, tanto de trabalho quanto de companhia.

- Por que veio atrás de mim na Ilha das Flores, Trobal? – perguntou o elfo.

- Por que não? Você está sendo paparicado com prata e sei que, na hora em que precisar sujar as mãos, virá a seu fiel parceiro e aliado. E aí haverá prata para mim também.

Por se tratar de Trobal, era uma sinceridade tão satisfatória quanto o seu incentivo para assediar Amanda.

- É tão bonita quanto diz?

- É o conjunto: beleza, sofisticação, juventude, poder. Não há como não virar o pescoço quando ela passa.

Trobal tentou materializar os adjetivos em sua mente. Não se esforçou muito, pois a conversa o interessava mais:

- O que o impede?

- Eu ser um nada! – confessou o elfo com amargura.

O anão soou arrogante:

-Você está nadando em dinheiro esses dias. Use-o adequadamente, oras!

- Uma mulher daquelas não é conquistada com dinheiro.

- Gente como ela precisa de gente como nós. Não use o dinheiro para mostrar o que não é. Ofereça o que você tem de melhor: seus serviços, e mostre que seus meios são... mais abrangentes que os da maioria!

Ridell ainda estava na fase de chamar a atenção de Amanda. O que ele conseguira. E Trobal começava a entender como o estilo de vida dos nobres se desencadeava.

O interesse de Ridell por Amanda foi alimentado pela notícia de Leafir que fora apadrinhado pela condessa. Os novos amigos de Inar e Leafir, aqueles financiados por Ridell, comemoraram a reviravolta após a destruição da biblioteca. Inar também comemorou, mas não Ridell. Embora a relação de Leafir com a condessa promettesse ser formal e esporádica, uma pontada de ciúmes espetou Ridell pelo outro elfo ter dividido o mesmo ambiente que ela, ter sentido o seu cheiro e provavelmente, beijado sua mão. Inar fez algumas perguntas indiscretas que Leafir desconversou por considerar rudes com quem havia sido tão generosa. E, mesmo que não tivesse sido, não comentaria por respeito a Martius.

O contato de Leafir com Amanda chegou logo a dois destinos: Ridell informou Labaki e, ao descarregar seu despeito sobre Trobal, Jessin também tomou conhecimento.

A partir daquele momento, o elfo entrava na rede de informações de Racina, mesmo que Jessin não soubesse da relação de Leafir com os bardos. Ao contrário do que mencionou a Trobal, rastrear o grupo era um processo frustrante e irregular. Rompera-se por duas vezes em Valdoa, a ponto de Jessin enviar novos espões para a cidade a fim de identificar o motivo pelo qual perdiam os Bardos sempre que eram localizados dentro daqueles muros.

Na primeira vez, foi após a fuga recente de Racina. Seus passos foram apagados. Na época, Jessin desconfiara do assistente de Comperteiro, sujeito esquivo que sumiu com o alvo a ser vigiado. Restara Comperteiro para tocaiar. E, por meio dele, os Bardos foram avistados por um momento fugaz, já que os espiões desapareceram após enviarem a mensagem. Os Bardos voltaram a ser identificados nos arredores do porto do Pequeno Reino do Pontal. Trajeto estranho que, aí sim, Jessin comprovou ter se originado do Vale da Rã. O que fizeram de volta àquela terra não fora esclarecido ainda, visto que outro espião desapareceu. Jessin não tinha como saber da interferência de Amanda, que deixou profissionais na região para o que chamou de limpeza de terreno. Jessin considerou que o bando era que era profissional, e mais perigoso do que o Duque advertira.

De seu ponto de vista, Labaki avaliou o episódio como uma possível fachada para Amanda e Leafir trocarem informações. Ciente do poder dos Betemares, Labaki temeu pelo que o elfo poderia contar sobre a relação dos dragões com Fraga.

Precisava controlar e, se preciso, intervir. Já tendo Ridell para vigiar Leafir, Labaki tomou a si a tarefa de interpelar Amanda. Nenhum inconveniente para uma pessoa com seus recursos, desde que tivesse um bom pretexto.

O melhor seria a proximidade física. Amanda e Labaki não se viram em Fraga Ocidental, o que o dava liberdade para se hospedar próximo à Condessa. Ele se lembrou da descrição de Ridell sobre ela e usou armas semelhantes para a sua chegada no Palácio dos Jardins da Baía.

Ela estava em um apartamento de cinco cômodos compostos de uma sala de visitas, uma sala íntima com estrutura para refeições, quarto de dormir, quarto de vestir e higiene, e o quarto da criada. Uma longa varanda conectava acessos alternativos à sala de visitas, sala íntima e seu quarto.

Labaki reservou aposentos de importância equivalente, porém requereu uma decoração frugal, mais masculina. Amanda saía acompanhada da criada e do secretário, que fora contratado na ilha, quando viu o cortejo de objetivos decorativos a ser removidos dos aposentos do distinto cavalheiro que aguardava no corredor protegido por sua capa negra e apoiado por uma bengala em aço e couro claramente ociosa, porém indispensável para a composição.

O cavalheiro fez uma contida reverência ao avistar a condessa e voltou sua atenção entediada aos objetos em procissão. Levantou o dedo a um criado que passava com uma cadeira de pintura em ouro de braços retorcidos e estofado de veludo, que estancou por reflexo. Apontou para que a cadeira retornasse, sendo prontamente atendido. Aos demais, levantou a mão para que parassem, novamente obedecido. Outro gesto levou todos a se encostarem na parede, para abrir espaço para a condessa e seu séquito seguir livremente até a escadaria curva que levava ao andar térreo do Palácio. Ao passar à sua frente, Amanda agradeceu com um meneio sem palavras, tendo sido respondida por outro cumprimento formal.

Não demorou para que dividissem a mesa no restaurante para discutir trivialidades. Sávio Labaki, o detentor da concessão de exploração das minas de Holian em Moros, tinha

cultura suficiente para entreter uma jovem condessa e evitar o tédio típico dos chás da parcela fútil da nobreza de Form'exus. Ao contrário, ele estava ciente dos problemas de Fraga Oriental, como as tragédias recentes, assim como das belezas de Fraga Ocidental, com seus vinhedos e campos férteis.

Labaki percebeu ser um interessante passatempo para Amanda e, Leafir, somente uma boa ação. Quando Amanda mencionou seu nome, não o diferenciou dos demais beneficiados, exceto ao comentar sua recente visita a Femon e, portanto, razão de sua solidariedade ao elfo. Foi quando ele percebeu que ela nada sabia da relação de Leafir com os bardos, e também que ela estivera no caminho dos músicos. Se Amanda os seguiu até Femon, foi sorte que ela não soubesse de Labaki. Ou era uma excelente atriz!

Ela não sabia. Sua preocupação na ilha era com Jessin. Ao interceptar as mensagens do espião para o Duque de Fraga, Amanda percebeu que era na ilha que o novelo se emaranhava. Mesmo sendo incapaz de enfeitiçar Martius novamente com a mesma facilidade, não deixaria que o Duque filtrasse as informações a que ela teria direito para determinar o futuro de seu povo. A miserável habilidade de controlar desejos e criar impressões por meio de histórias, que Rêmulos de Pisanti tanto se orgulhava, nada valia para esmagar uma ameaça não humana, como as que assolavam sua terra. Era no poder superior que ouviu sobre os bardos, e que testemunhou após a Chacina da Borda, que Amanda viu a saída.

Jessin já devia ter informado ao Duque todos os seus passos públicos, assim como a própria Amanda o fazia. Jantares, chás, passeios, banquetes, um baile e uma volta pela baía no iate do Marquês de Canas Vivas, na companhia da senhora Joaquina, que se inflava ao ouvir o título de Marquesa Mãe. Ela deixava que Jessin enviasse as informações ao Duque, visto que nada havia feito de comprometedor até o momento. Afinal, a inocente Amanda não sabia como o novelo havia se emaranhado com o patrocínio a Leafir e as horas dispendidas com Labaki. Ambos estavam na lista de Jessin.

Para ela, a ação começaria ao interpelar o espião. O capitão de sua guarda pessoal a havia informado de sua localização, mas Amanda não queria um confronto direto. Queria o controle.

Sua oportunidade surgiu quando Ridell, encorajado por Trobal, decidiu oferecer seus préstimos. Amanda passeava pelos jardins privados do Palácio quando viu o elfo a admirar a grevílea anã que crescia ladeando as paredes calcáreas da gruta artificial erigida com lascas de conchas.

Dispensou a criada e foi até o elfo com a petulância daqueles que nasceram com este direito. Ridell distraía-se sossegado, mas ciente de que atraía a mulher que caminhava resoluta até ele. Voltou-se com o sorriso mais simpático que já produzira, a contrastar com o tom pretencioso da condessa:

- O que faz aqui? Chamarei a guarda!

- Senhora, apenas pulei a cerca para admirar a beleza que é muito mais exuberante deste lado!

Ela não se abalou, embora tivesse apreciado a criatividade do elfo.

- Algumas belezas são exclusivas, senhor. Peço que se retire, por favor.

Fazendo-se de desiludido:

- Confesso que esperava mais deste lado.

Ela suspirou, simpática, porém firme:

- Não é a localização que muda as pessoas, senhor.

- E nem queria que fosse. Apenas esperava que este lado permitisse que meus ouvidos testemunhassem a doçura que meus olhos comprovaram. No entanto, embora este lado continue belo aos olhos, está amargo aos ouvidos.

- Os seus sentidos foram enganados. Lamento, mas a vida não é doce como as imagens que chegam aos olhos.

- E diz isso a um elfo? – ele riu. – Quanto tempo acha que estou na vida para que não tenha percebido a incompatibilidade das percepções? Daí eu precisar vir comprovar.

A voz da condessa se abaixara até alcançar a compreensão, porém as palavras eram taxativas:

- Lamento sua decepção, todos temos as nossas. Deve se retirar, ou chamarei a guarda.

- Lamenta pela segunda vez senhora, e ameaça também pela segunda.

Amanda se calou. Seu olhar de superioridade não sobrepujava o elfo. E como poderia?

- Estou dando uma chance de que saia discretamente. Já poderia tê-los chamado quando o vi ao longe.

- E ainda assim, veio até mim.

- Sim, vim por solidariedade. Não desprezo o povo comum, entendo que almejem coisas inalcançáveis, são tolos aqueles que pensam que podem mudar estruturas consolidadas há tanto tempo!

Ele sorriu, condescendente:

- Não pretendo mudar, condessa. Ao contrário, vim para me moldar à estrutura.

Amanda não entendeu. Explicou com uma pergunta retórica:

- Senhora, o que um elfo sem laços e sem povo como eu pode oferecer a tão nobre dama, além de minha vontade para que seja a sua?

Amanda se arrepiou e mentiu:

- Não entendi.

Ridell voltou a admirar os jardins à sua volta:

- Em algum momento, alguém inconveniente irá pular alguma barreira que ameaçará a sua paz, ou algo pior. Eu vim sem desejos ou objetivos, para me adequar ao que precisar. Duvido que a Condessa de Aflatin não precise de um instrumento.

Aquele encontro escapou a Labaki.

Concordaram que os jardins não eram discretos para os assuntos que travariam. Antes, Amanda testaria a lealdade de Ridell, que entendia que suas duas fontes de financiamento eram totalmente desvinculadas, exceto pelo contato acidental de Leafir. Para Ridell, a condessa era um capricho lucrativo que poderia se consolidar no futuro, já que a observação de Leafir estava monótona e desinteressava Labaki a cada dia que passava.

Ridell informou onde se hospedava. O secretário da condessa o abordaria se necessário. Naquele caso, ele deveria estar em um certo local a uma certa hora para saltar dentro da carruagem da condessa e receber instruções.

Primeiramente, Amanda o mandou localizar Jessin, embora ela já soubesse onde ele se escondia. Após o sucesso da primeira missão, a carruagem subiu a ladeira devagar para que o elfo saltasse para dentro. Ela vestia uma blusa branca de renda e saia azul marinho com laço, e pérolas a adornar o pescoço à mostra, presos desleixadamente ao alto da cabeça. Seu perfume de baunilha e canela compunha uma sensação de aconchego.

- Condessa! – Ridell se reclinou ao entrar na carruagem.

O olhar lânguido de Amanda denotava sua falsa necessidade de emoções, pois seu coração batia apressado diante da reunião a sós com o elfo. Estendeu a mão para que fosse beijada. Um leve arrepio subiu pelo seu braço, embora ela não admitisse o efeito que ele gerava.

- Às suas ordens.

- Fiquei satisfeita com o resultado de suas incursões, Ridell. Darei outro voto de confiança.

- Teste minha lealdade quantas vezes quiser – respondeu com uma mesura.

- O seu sucesso irá definir o número, Ridell. Darei uma tarefa mais difícil, conto com sua versatilidade.

Ele não a interrompeu, apesar da pausa.

- Este homem, Jessin, costuma enviar mensageiros a Fraga Ocidental. Preciso saber com qual frequência.

Ridell notou a mudança no som dos cascos dos cavalos, do calçamento para terra batida. Refletiu:

- Precisarei de tempo. Exige observação.

Amanda olhou pela janela para aparentar tédio:

- Você o tem.

Estendeu uma bolsa que tilintou, indicando que ele ganhava mais que tempo. A bolsa estava impregnada com o perfume de baunilha. O elfo percebeu que não era acidental. Levou-a ao nariz, inspirando discretamente. Ainda a fitar a paisagem, Amanda reteve a

tensão nos cantos da boca, mas ele percebeu. Nada disse. Sabia ser cavalheiro quando desejava.

Ele pensou que ela o dispensaria em seguida, embora tivesse notado que a carruagem fazia um trajeto que se afastava da cidade. Avaliou onde ela o deixaria.

- Eu posso ser mais ligeiro para saltar que para subir, ninguém verá. Não é necessário ir tão longe.

Amanda conferiu a maciez da pele de atrás de sua orelha, a exhibir o pescoço longo. Finalmente, interessou-se pelo elfo.

- Vou lhe contar uma história, Ridell.

*

Ridell já tinha seus colaboradores na cidade, e colocou-os para descobrir sobre Jessin. Entre eles, Trobal, que não resistiu a sua própria investigação:

- É para o seu senhor?

Apesar de aceitar conselhos do anão, ele não contava todos os segredos. Quis se gabar de Amanda, mas por algum motivo as palavras fugiam quando tentava proferi-las.

- Sim. Labaki quer saber mais sobre esse Jessin.

Ao ouvir o nome que deveria investigar, Trobal simulou um acesso de tosse para abafar a risada. Jessin não hesitou: se Labaki era o mesmo que resgatou os bardos em Fraga, Ridell investigava Leafir por ter relações com os bardos também.

- Alto lá. Este Labaki não é amigo dos músicos – alertou Trobal.

- Se fosse, não precisaria de Ridell para investigar quem parece ser amigo deles.

Trobal torceu o nariz, fazia sentido:

- Preciso dar informações a Ridell – pediu o anão.

- Dê as que quiser. – Jessin deu de ombros.

O falso sucesso de Ridell elevou sua imagem perante a condessa. Embora pudesse enviar o pagamento, marcou outro encontro onde nova bolsinha perfumada foi entregue. Ele repetiu o gesto como um prazer sutil dentre os vários que temperavam seus encontros, como o toque accidental dos pés na carruagem, o jogo de cabeças e olhares a alterar a vista da paisagem aos jogadores, ou o toque dos dedos ao passar a bolsinha de moedas.

- Tenho mais instruções? – perguntou Ridell, formalmente.

- Apenas os meus parabéns. Não devo demorar a utilizar seus serviços novamente – respondeu distante, como era esperado à nobreza se portar.

Com uma medida, ele reforçou:

- Do tipo de que desejar, condessa.

Amanda o fitou com superioridade. Concentrou sua firmeza no olhar desafiador para arrancar do elfo os limites de suas intenções, o que foi desnecessário. Ele permitiu que ela enxergasse o que desejava sondar. Com um arrepio, ordenou que saísse.

No trajeto de retorno ao hotel, Amanda deixava seus dedos repousados sobre a têmpora direita, enquanto pensava em Ridell. Era inconveniente, mas havia uma emoção em flertar com o elfo. Como não se permitiria ir além, sua vontade de sentir algo mais provocativo teria que ser entre personalidades que inspirassem maior confiança.

Mandou seu secretário convocar Leafir, pois queria conhecer mais sobre o seu trabalho.

Quando Ridell chegou até a mesa de seus confrades, o marceneiro se levantava com um sorriso tímido em meio a galhofas. Sua expressão interrogativa logo foi substituída por uma de desagrado quando ouviu dos demais:

- Convocado pela condessa!
- É chamar e obedecer. Não a deixe esperando.

Leafir não se importou, pois sabia que a brincadeira era inocente.

- Celebidades têm agenda intensa, deve ter tido um cancelamento e está me chamando para entretê-la. Faz parte do protocolo, não posso negar.

- Claro que não pode. É uma condessa ou nós! Quem você dispensaria, Inar? – disse um dos confrades.

Inar fingiu não ouvir. Passara uma tarde estimulante que fora destruída pela débil substituição que acabara de constatar. Ele estava certo de que a convocação de Leafir era consequência de sua tarde com Amanda, mas não podia sequer levantar a possibilidade.

Leafir encontrou uma condessa menos distante que da primeira vez em que avaliava o mérito das oportunidades que oferecia. O reconhecimento pelo seu trabalho foi a justificativa que ele encontrou para que ela oferecesse vinho, recostasse-se de lado na poltrona e puxasse os pés para o assento, mesmo mantendo os sapatos. Ele percebeu que ela carecia de uma conversa agradável e se esforçou para ser boa companhia. Ela perguntou sobre o passado dos elfos, o que Leafir respondeu por conhecimento próprio, e sobre o tempo em que eles ocuparam Faemon Handra, o que ele também se desembaraçou. Depois ele falou sobre a civilização humana na época, e sobre o valor do suporte de Amanda para avançar nos estudos. Sem jogos, Leafir a fez se sentir útil e recompensada.

Amanda notou como as oportunidades inesperadas surgem de incentivos não alcançados. Também notou que, naquela noite, foi ela quem ouviu uma história.

Ao se despedirem, a condessa fez questão de acompanhá-lo até o saguão de entrada, em reconhecimento pelas horas de leveza presenteadas sem maiores interesses, algo tão raro em sua vida cheia de jogos e dissimulações.

Labaki lia e escrevia cartas, inclusive para interceptar as encomendas de Leafir, quando reconheceu a voz da dupla a atravessar o corredor. Foi rápido em pegar a capa e bengala para abrir a porta no momento em que passariam. Leafir estancou pelo choque, embora

tivesse passado o braço à frente da condessa, em um instinto para protegê-la da ameaça. Ingênua, Amanda creditou a reação à saída inesperada de seu vizinho e amenizou a reação do elfo com um riso:

- Senhor Leafir, não é para tanto. Apresento-o Sávio Labaki, magnata das minas de Moros.

A tensão que se seguiu com o silêncio fez Amanda hesitar, mas o sorriso de Labaki a incentivou a terminar as apresentações:

- Senhor Labaki, Leafir é um dos meus protegidos após a tragédia da biblioteca.

Labaki inspirou fundo antes de responder:

- Que oportuno! Ontem mesmo elogiei a iniciativa da condessa ao grupo de damas da Benfeitoria das Azaléas Celestes. Destaquei como gentilmente valorizou propostas voltadas à memória de Katos. O que estuda, senhor Leafir? Marcenaria?

O elfo estava pálido e estático, embora sua mente voasse ao passar pelo confronto físico, pelo dever de proteger a condessa, pela revelação de que Labaki não seguira os bardos e pelas consequências de ele saber da pesquisa sobre o paradeiro do Coração de Baai. Pousou no presente a tempo de entender a risada de Amanda:

- Marcenaria? Labaki, de onde tirou essa pérola? Ele estuda história da civilização humana. Uma cortesia de um elfo a nós, pobres criaturas de vida curta.

O estrago estava feito. Leafir só podia recuperar terreno:

- Nem todos os humanos são pobres de vida curta! – Leafir acusou o imortal.

Labaki ignorou o comentário. Seguramente, Leafir sabia sobre Amanda e Martius, o que criou um bizarro triângulo de intenções retidas no espaço linear do corredor.

Amanda olhou interrogativamente para Leafir. Ele explicou:

- Minhas leituras mostram como a memória pode trazer vida ao que está extinto. Os povos não desaparecem, seus rastros podem ser usados para resgatar suas essências e expô-las ao mundo novamente.

Labaki pigarreou, mas não desfez o sorriso que congelou em sua face. Amanda e Leafir também sustentavam sorrisos estáticos diante da animosidade identificada no ar.

Amanda rompeu o impasse:

- Bom, eu acompanhava o senhor Leafir até o saguão. Junta-se a nós, senhor Labaki?

- Certamente.

Desceram a aristocráticos passos lentos e silêncio constrangedor mal disfarçado pelos sorrisos a revelar os dentes. Foi a escadaria mais longa de Leafir. Ele estava preparado para o que aconteceria quando Amanda se afastasse, e usou o tempo para pesar suas chances, já que não ousara levar sua espada na visita. No saguão, Labaki voltou-se à condessa, aparando a mão para receber a dela. Após beijá-la sem encostar de fato, despediu-se:

- Meu destino é o balcão. Foi uma alegria revê-la, condessa. – Girou-se a Leafir. – E um prazer revelador conhecê-lo, é como se já tivéssemos tido a experiência.

- Por certo, não teria sido tão agradável sem a presença da condessa – completou o elfo aproveitando a oportunidade para mostrar que estava disposto a enfrentá-lo.

Labaki não evitou o sorriso finalmente sincero. Leafir se despedia de Amanda quando ouviu a declaração propositalmente alta no balcão:

- Deixo o hotel hoje. – Voltou-se para o elfo, a fim de que este confirmasse que não haveria confronto naquela noite.

*

Labaki interpelou Ridell sem piedade:

- O que anda fazendo que deixou Leafir visitar Aflatin sem me avisar?

Ridell estava confuso:

- Isso não aconteceu. Eu o vi no início da noite, ele não foi a Aflatin.

Labaki apertou os olhos, feroz:

- A Condessa de Aflatin, seu estúpido!

Ridell prendeu a respiração. Nem passou pela sua cabeça avisar Labaki.

- Não me dei conta.

- Claro que não! – sussurrou. – O que anda fazendo?

Ridell defendeu-se, orgulhoso, porém ciente de ter falhado:

- O que me manda fazer. Foi um erro, não acontecerá novamente.

O elfo respirou aliviado quando viu seu chefe se sentar:

- Leafir e Amanda estão próximos. – Algo espetou Ridell. – Eles podem ter alguma aliança que precisa ser destruída. – Labaki se referia a Fraga e Belerod.

Ridell novamente ofereceu:

- Acabo com Leafir hoje.

Com exceção dos lábios, nada mais em Labaki se mexeu:

- Quando ordenei isso?

Ridell não respondeu. O chefe arrematou:

- Leafir não deve receber livros coletados pelos assistentes de Amanda. Bloqueie todos. Não importa que desconfiem de um complô. Eles não devem encontrar pista alguma até que os bardos estejam de volta.

Ridell acatou os detalhes das ordens em silêncio.

O frescor da noite não era suficiente para abrandar o furor que sentia dentro. Seu alvo seria Leafir, mas estava atado à vontade do homem que se tornara a maior fonte de

recursos que já tivera. Em contraste, sua lealdade pendia mais para Amanda do que para a prata, o que ele mesmo estranhava.

O conflito o levou a servir aos dois senhores: providenciou o bloqueio das obras e depois foi até Amanda.

Ela estava a caminho de uma caçada no sul da ilha, a convite de Joaquina, a Marquesa Mãe, que tomara Amanda como protegida, decidida a encontrar um bom marido para a condessa. Era uma estrada cercada de mata baixa misturada ao mangue alimentado pelas águas da baía. O emaranhado de troncos finos e cipós eram bom esconderijo para o elfo saltar até pousar com a leveza de uma garça na parte de trás da carruagem. De lá, abriu a porta e entrou com outro salto rápido, sem que os cocheiros percebessem até ouvirem o grito da criada. Pararam o carro, mas antes que apeassem, a criada saiu lívida de dentro e ordenou, com voz trêmula:

- A condessa exige que eu os acompanhe.

O cocheiro e o pajem entreolharam-se e consentiram, chegando para o lado para acomodar a criada que ainda tremia. O pajem, apertado entre os dois, aguardava com preocupação um novo flato como aquele que expulsara a criada do interior da carruagem.

Dentro, Amanda cravava olhos gélidos sobre o elfo, que foi rápido em se defender:

- Não me condene antes de ouvir – implorou.

- Qualquer coisa que tenha a dizer não justifica o seu desleixo. E se houvesse alguém mais comigo, além de Someca?

- Condessa, eu a encontrei no meio do nada, encharcado. Acha que não estava bem informado?

Amanda se calou para evitar concordar com a perspicácia do elfo. Inspirou fundo, para tomar tempo, mas sinalizar que ainda teria a palavra:

- E suponho que o que tem a me dizer justifique me expor dessa maneira?

- Eu venho lhe dar a maior prova de lealdade que pode vir a ter de mim, exceto se ordenar que eu tire uma vida.

A falta de tato em mencionar o que não se dizia alertou Amanda para a importância da informação.

- Acredito que a condessa não saiba ainda que o seu protegido elfo Leafir é um aliado de Sávio Labaki, com quem a senhora vem se socializando nas últimas semanas.

Amanda fracassou em agir naturalmente, confundindo seus ombros indecisos e o queixo agitado a procurar algo ao seu redor. Uma âncora, ou uma luz.

- Do que está falando?

Ridell não imaginava que Amanda pudesse ter conhecimento dos bardos. Para ele, a condessa era uma casualidade ligada a Leafir e, conseqüentemente, a Labaki, por meio da biblioteca.

- Eu não sei o interesse de Sávio Labaki, mas Leafir não é de confiança. Desconfio até que eles tenham alguma participação no incêndio, embora meus contatos ainda não tenham confirmado esta suspeita. Por enquanto, sei que a condessa é um alvo dos dois.

Os diálogos que se seguiram às apresentações no corredor do Palácio dos Jardins entre Labaki e Leafir foram repassados sob este ponto de vista. Fazia sentido, mas não totalmente. Tampouco as reações.

- O que mais sabe, Ridell?

- Por enquanto, é só. Aguardo suas instruções, mas desconfio que terei que investigar os dois mais de perto e, principalmente, zelar pela sua segurança.

Amanda foi seca ao levantar a mão em um gesto autoritário.

- Não faça nada.

Ridell apertou os lábios.

De cabeça baixa, ela pensava. Ele aguardou, incerto do que viria. Quando Amanda levantou o olhar ao elfo com firmeza, ele sentiu um calor no peito:

- Ridell, acompanhe-me esta noite para uma visita. Será minha escolta, e iremos a pé.

A adrenalina impediu que o elfo escondesse o sorriso.

Ele esperava a ordem de matar Leafir, ou até Labaki, que o atrelaria permanentemente à condessa. No entanto, acompanhá-la só pelas ruas silenciosas da ilha também era uma merecida recompensa.

Ele aguardava na ladeira até a carruagem chegar devagar e, ao contrário de ela manter um movimento constante para que pudesse saltar até a porta, ela parou. A abertura da porta lançou o perfume de baunilha e canela no ar, e uma mão que ele amparou. Amanda desceu debaixo de uma capa verde musgo com o capuz levantado e, sem que desse ordem alguma, a carruagem afastou.

Antes que ele pudesse cumprimentá-la, Amanda ordenou:

- Leve-me a Jessin. – Segurava o capuz pelas laterais, mas sustentava um queixo elevado sob a proteção da sombra.

A estrutura de informações de Jessin fora rompida por Ridell e, portanto, não estava preparada para aquele enfrentamento. Um espião, quando interpelado de surpresa, perde suas referências e segurança. Amanda usou sua autoridade desde o instante em que ele abriu a porta:

- Condessa de Aflatin?

- Sim, Jessin, sou eu. Já era hora de nos conhecermos, não? – levantou a mão enquanto entrava sem esperar convite, e sem se voltar a ele. – Não, não diga nada. O tempo urge. – Abaixou o capuz. – Não o gaste justificando quem é, há quanto tempo está a serviço do Duque e o que pensa de mim. Está falando com a Grã-mestra dos Betemares. Vamos ao que realmente interessa?

A experiência mandou Jessin prender a fala e fitar o chão quando ela se voltou para encará-lo. Ela conseguiu extrair o restante da umidade da voz:

- Pois bem, chegou a mim a informação sobre um certo elfo Leafir e um homem de nome Sávio Labaki. Como eles podem ameaçar Racina?

Jessin engasgou antes de finalmente se recompor:

- Senhora, estes nomes chegaram recentemente a meu conhecimento.

- Não ao meu conhecimento! E se me envolvem, já deveria ter rastreado a vida destes homens simplesmente por falarem comigo! Ainda mais quando o assunto envolve o reino! O Duque ainda não sabe quem eles são?

- Ainda não, mas será informado em breve, condessa. Até o momento, reuni poucos dados, aguardava que fossem mais consistentes.

Ela estava impaciente.

- Estes homens podem representar perigo? Qual a relação deles? Diga o que sabe, e não ouse valer-se de subterfúgios na minha presença.

Apesar dos pretextos, Jessin apresentou um relato mais consistente que o esperado pela condessa:

- Sávio Labaki resgatou os músicos de Fraga, facilitou a fuga a partir de Pisanti. – A pouca luz do cômodo impediu que Jessin visse a palidez de Amanda. – Enquanto o elfo Leafir veio recentemente de Galianthus e passou uma temporada na companhia dos mesmos músicos. Hospedou-se no mesmo local e, ao que parece, nos mesmos aposentos que a violinista. Quando eles partiram para o Sul, ele também foi. Retornou à ilha depois de dias, ao contrário dos músicos.

Amanda disfarçou a voz trêmula:

- Então eles estão no Sul?

- Sim, condessa. Sobre eles, o duque já foi informado. Em um navio a caminho de Dust. Quanto aos outros dois, providenciarei imediatamente a mensagem.

- Sim, faça isso. Sem mais delongas. O Duque Rêmulos aguarda atualizações.

Foi até a porta e aguardou que Jessin a abrisse. Na verdade, temeu que não tivesse forças para puxar a maçaneta. Desceu a escada estreita abalada, apoiando-se na parede. Na rua, recuou para a sombra e tentou localizar Ridell. Ele apareceu atrás dela, surpreendendo-a intencionalmente.

- Condessa. Correu tudo bem?

- De certa forma, Ridell. O estrago pode ser consertado. – Tocou o braço do elfo, que percebeu o tremor nas mãos pequenas. Ela soava frágil, molhou os lábios antes de confidenciar. – Preciso que faça mais um serviço, esta noite ainda. Agora.

Ele aquiesceu, a aguardar a ordem.

- Entre lá e mate Jessin... para mim.

O sangue de Ridell ferveu por um estranho deleite.

*

A carruagem os esperava junto à fileira de coches do mercado. Os primeiros peixeiros começavam a trazer os produtos pescados na madrugada. Protetoramente, o elfo passou o braço sobre o ombro de Amanda com uma leveza que mal a tocou, mas que mostrou que estava presente. Caminhavam rapidamente desde que Ridell terminara o serviço, seco e silencioso. Amanda não fez perguntas.

Próximo da carruagem, ele decidiu falar:

- Aguardarei a próxima vez que precisar de meus serviços. Sabe agora como pode confiar em mim.

- Sim, em sua eficiência e discrição. Estou muito satisfeita.

Ele esperava maior reconhecimento:

- Quantas vezes a condessa precisar.

- Espero que não seja mais necessário – suspirou, murmurando para si enquanto subia na carruagem – que Martius não precise mais.

Os ouvidos aguçados do elfo captaram aquela frase. A palavra. Martius.

Ficou a ouvir o nome do bardo entre o som dos cascos dos cavalos sobre as pedras do mercado. Martius. Lembrou ser o nome dirigido àquele que cortara o pé de Trobal. Que injusta coincidência! Mais uma vez, o destino pisava em suas expectativas e nas promessas de sucesso sem qualquer abalo nas vidas alheias. Somente ele pagava o preço dos desvarios do acaso.

Mesmo que tivesse mais opções, o incidente com Trobal levou-o a uma natural procura até o anão para descarregar sua amargura.

- Acredita, Trobal, que depois de um serviço perfeito executado para ela, tive que ouvir que foi feito para o músico?

- Que serviço, Ridell?

O elfo riu com malícia:

- Trobal, estou abrindo o meu coração. Não pense que fechei minha mente.

Trobal desdenhou com um balançar dos ombros. Ainda não soubera que sua fonte de renda fora cortada pela lâmina de Ridell. Alheio ao seu envolvimento, comentou:

- Aqueles músicos estão em nosso caminho há muito mais tempo do que costumo aceitar. Estou salivando para cobrar minha dívida.

Ridell sorriu:

- Quando eles voltarem, porque dizem que voltarão, terá sua chance. É o mesmo Martius que lhe tirou o pé. Eu até ajudo – levantou o dedo –, com um pequeno desconto.

- Quando eles voltam, Ridell?

- Não sei. Ninguém sabe. Estão em uma missão... – Ridell lembrou-se de seu juramento em Carior. - ... a cada dia mais longe daqui. Vão demorar.

Trobal ruminou algo:

- Você está mesmo obcecado por esta mulher, não? Quem diria!

- Nem eu diria, parceiro. Aquele perfume me deixa louco, mas aquela voz me acalma. É como se ela me dominasse. Até o som de suas saias mexem comigo.

- Uau! – Trobal gargalhou. – Você realmente está obcecado por essa humana!

Ridell deu as costas para proteger seu orgulho, a imaginar quando seria chamado novamente. A piada o impediu de perceber a maquinação de Trobal, que acabara de ser semeada. Até que germinasse, Amanda teria mais um trabalho para Ridell, encomendado logo no dia seguinte.

Ela desejava saber mais sobre Sávio Labaki. Ridell admitiu para si que sua ansiedade em anular a dita aliança entre Leafir e Amanda prejudicava seus próprios negócios, pois incluiu Labaki desnecessariamente na denúncia. Não conseguiria recuar com facilidade, pois abrangera até o incêndio no rol de informações à condessa.

Ele também não entendeu a profundidade da menção a Martius, que fizera a condessa ordenar a eliminação de Jessin, apesar de ter admitido que os ciúmes foram despertados. Como Labaki era por demais fechado, Ridell teria que ser cauteloso nas próprias palavras, para não se enterrar.

- Talvez eu deva investigar Leafir primeiro – ofereceu Ridell.

Ela foi incisiva:

- Não! Labaki! O elfo não entrevistou em Fraga.

Piorou. Ridell pediu mais explicações, que foram negadas.

- Condessa, para que eu possa investigar, preciso de uma base – justificou.

- Foi você quem encontrou a base ao ligar Labaki e Leafir. E estava certo. Siga esta pista. Lembre-se de que você me abastece de informações, não o contrário.

Como tudo o que eles tinham em comum eram os bardos, o elfo não viu outra saída senão investir nessa verdade. Gastou um dia para simular ter investigado:

- Ambos seguem a pista dos músicos que partiram para Dust. Ambos aguardam o retorno deles.

- O que esses dois querem comigo?

Arriscou por falta de opção:

- Intervir em Fraga novamente.

Ridell nunca acertara um alvo tão distante em lógica, ao passo que errava em veracidade. Uma ponta de esperança nasceu em Amanda, porém ainda incerta:

- Este Labaki é poderoso, tem conexões e parece ter influência. No entanto, Leafir parece simples!

- Não se engane com o que vê hoje, Condessa. Leafir foi o mais alto na linha de comando dos arqueiros élficos da Guerra do Êxodo.

Chocada, Amanda interpretou segundo a sua realidade:

- Um comandante élfico? E hoje... então... espões? Talvez um golpe?

Ridell não ousou ir tão longe, deu de ombros. Amanda se encostou na poltrona da carruagem, seus dedos agarravam as pérolas de seu colar.

- Como os bardos se encaixam nisso?

- Talvez sejam espões também. – Ridell embarcava irresponsavelmente nas tramas que o convinha.

- Não, eles são muito mais. Têm poder de destruição – refletiu alto a condessa.

Desistindo de apostar em deduções, o elfo nada disse. Entretanto, as palavras proferidas por Amanda dispensaram a contribuição de seu subordinado ao alimentarem suposições próprias erigidas sob a lógica de quem está próxima do poder. Tal raciocínio a guiou para uma conclusão cabal:

- Um general, um espão e sabotadores. Katos planeja atacar Racina novamente?

*

Amanda estava destruída moralmente. Enviou Jessin à morte para proteger Martius e desobedeceu seu duque e líder religioso para ir ao Vale Cálido usar um poder sagrado com banalidades. Era hora de se redimir e avisar a Rêmulos do complô centralizado na Ilha das Flores.

Obviamente, a informação era um indício a ser comprovado, mas explicaria os ataques dos bardos e o controle que tinham sobre os vampiros. O poder de Jeremias usado para o mal. Era perceptível a estratégia: o maior reforço de Domênica na eventualidade de um ataque pelo Leste estava sendo aniquilado antes mesmo que tropas Katenses comessem a se mobilizar na fronteira. Não começaram? Melhor conferir.

Ela escrevia rapidamente e enquanto pensava, riscava, amassava e começava uma nova mensagem. Inspirou profundamente e devagar para recompor o pensamento. Rêmulos a acusara de precipitação por mais de uma vez desde que ela conheceu Martius, não a acusaria novamente. Seria cautelosa. Levantou uma série de suposições baseadas nas evidências que encontrou, recomendou comprovação, e admitiu que sabia de Jessin, mas não conseguiu localizá-lo na ilha até aquele momento. Continuava procurando. Riscou esta parte.

“Melhor saber se anunciaram publicamente um corpo antes de escrever esta bobagem”. Mandaria novamente Ridell aguardar sua carruagem.

Labaki também convocara o elfo, que atendera sem disposição. Em breve ele se desvencilharia do lamentavelmente lucrativo trabalho, mas, quem diria, se colocaria a

serviço permanente de Racina. Fantasiava ser um guarda-costas da condessa, seu homem de confiança para negócios escusos, a sombra para confidências não pronunciadas. Era um caminho certo desde Jessin.

Labaki o tirou de sua utopia em construção:

- Estou preocupado com Leafir, Ridell. Ele não pode terminar a pesquisa que iniciou.

Ridell garantiu:

- Nenhuma obra chegará até ele.

- Não agora. E depois? Teremos capacidade de bloquear dezenas de encomendas? A Condessa de Aflatin está usando a ação como uma obra beneficente, receita que ela se empolgue e transforme sua pequena iniciativa em uma causa coletiva junto à sociedade.

Ridell pensou em sugerir o de sempre, mas sabia ser inútil. Labaki tamborilava os dedos em uma mesa de canto enquanto refletia confortavelmente em uma poltrona, pernas cruzadas, uma fala serena que preenchia o novo aposento da hospedaria mais discreta que o Palácio dos Jardins. Voltou-se ao elfo.

- A Condessa pode atrapalhar nossos planos.

A pulsação de Ridell se intensificou. Se Labaki sugerisse, morreria antes mesmo de descruzar as pernas. Sem mudar de posição, preparou os músculos para o bote.

- No entanto, ela é afeto de Martius – proferiu Labaki o sacrilégio com a tranquilidade dos ignorantes. – Sabia que foram amantes em Fraga?

Ridell ficou vermelho, seus punhos se fecharam e lutou para se controlar. Labaki não se alterou, absorto em seus pensamentos, nada estranhou.

- Quero preservá-la para outro momento, em que seja útil para controlar Martius. Portanto, não vejo outra saída. Vou acatar sua sugestão. – Olhou fundo nos olhos de Ridell. – Um elfo morre esta noite!

Colocou dez moedas de ouro antigo na mesa e saiu, não antes de dar um tapinha no ombro do elfo.

Saber de Martius reduziu o prazer que Ridell teria em matar Leafir, mas o pagamento era recompensador e um bom desfecho para os serviços a Labaki. Ele poderia alegar que fora visto e iria se afastar da ilha.

Como Labaki comentara a capacidade de luta de Leafir mais de uma vez, Ridell achou que uma armadilha seria mais prudente do que o imprevisto da ação contra Jessin. Foi até Torbal, que ficou surpreso com a visita.

- Tenho um trabalho para nós. De limpeza. Para hoje.

Torbal pigarreou.

- Bom, até que enfim. Paga bem?

- Muito bem. Está preparado?

- Nem se não estivesse, meu antigo empregador foi encomendado para o outro mundo. Preciso de novos contratos. O que faremos?

Ridell olhou à volta do quartinho onde Trobal se escondia, à procura de um lugar para sentar que não fosse o catre sebento. Escolheu uma fraca cadeira.

- Acabaremos com Leafir. – Levantou-se. Não havia conforto naquele lugar. Preferiu o chão, tinha que relaxar as pernas tensas. – Não será difícil, ele confia em mim.

Em uma posição abaixo do tampo da mesinha de apoio, refeições, iluminação e qualquer outra coisa que Trobal precisasse, Ridell viu um embrulho colado. Ficou curioso.

- O que tem aqui, Trobal?

Trobal foi casual.

- Uma encomenda. Não será usada, empregadores mortos não pagam. Nem sabia como iria pagar essa porcaria, se não fosse sua apreciada visita – trocou o tom jocoso por um sério e pragmático. – Como quer fazer? Emboscada?

- Vou embebedá-lo antes. Você espera em um beco. Há uns três entre nossa taverna e a hospedaria de Leafir. Será rápido.

- Espadas?

- É suficiente, não? Se bem que eu gostaria de vê-lo usando aquela maça.

Trobal riu entre os dentes, como se fosse segredo:

- Ela não está aqui.

- Espadas serão suficientes. Quero comer antes, reforçar o estômago antes de beber. Dá para pedir comida neste quarto?

- Dá, mas é mais caro. Vamos descer.

- Não. Temos que discutir detalhes. Sem testemunhas. Deixe de ser sovina e encomende algo para nós, já disse que será bem pago.

Trobal resmungou e saiu. Ridell não perdeu tempo. Esticou o braço para puxar o embrulho e verificar o que era. Cheiro de baunilha e canela. Ridell não pôde acreditar.

Abriu cuidadosamente o envelope para ver uma blusa de renda amassada e uma garrafinha transparente com um familiar pó azul. Uma voz passou pela porta entreaberta:

- Tudo incomum leva à desconfiança, seja um pacote fechado ou uma insistência por comida ruim. – Trobal tinha a maça nas mãos.

Ridell tentou saltar, mas a maça desceu rápida sobre sua perna.

- Trobal!

A frieza do anão não combinou com o rosnado de urso:

- Não queria isso, amigo!

Ridell rolou para o lado no pequeno espaço que tinha disponível. Tendo errado o segundo golpe, Trobal pisou com força na perna esmagada do elfo, que gritou e não pôde controlar a espada que entrou em sua bacia.

O elfo não conseguia se mover, sequer se arrastar. Trobal se deu por satisfeito.

- Lamento, sei que não deixaria. Só que alguém precisa perder algo! Aquele músico precisa perder mais do que o pé!

- Mate o músico. Eu ajudo!

- Não, meu amigo. Vai doer mais se eu tirar a mulher. Sempre é pior.

Ridell olhou à sua volta à procura de sua espada, que Trobal percebeu e chutou para longe. A intenção foi a distração necessária para enfiar a mão na bota e tirar uma faca, mas gritou de dor.

- Não vai conseguir, parceiro. Fique em paz, meus bens, apontou para o quarto, são seus.

Ao bater a porta, ainda se despediu:

- Um dia nos vemos pela vida. Espero que, até lá, tenha me perdoado, pois daremos uma boa dupla de mancos.

Ridell gritava horrores enquanto Trobal descia a escada estreita que ligava seu sótão ao mundo exterior.

*

Em uma hospedaria mais aprazível, Leafir escrevia uma carta encurvado à mesa próxima à janela de seus aposentos. Labaki observava-o do outro lado da rua, perguntando-se onde estaria Ridell. Suspirou quando finalmente viu um garoto entrar correndo na hospedaria, e segundos depois, ver Leafir se levantar da mesa.

Quando Leafir saiu apressado com a espada na cintura, Labaki o chamou.

- Elfo!

Leafir se voltou à conhecida voz, já arrepiado e com a raiva começando a borbulhar, agarrou o punho da espada para usá-la se preciso, mesmo à frente de outros hóspedes que entravam e saíam.

- Você tem algo a ver com isso, Labaki?

- É claro que tenho. Onde Ridell ficou de encontrá-lo?

- Quem?

- Inar! – corrigiu Labaki.

Leafir se aproximou sem medo, cobiçando desembainhar a espada:

- Então o que o bilhete diz é verdade? Chegará ainda a um nível mais baixo?

Labaki vacilou, mas respondeu:

- Que ele quer matá-lo? Por que duvida? Ele o espiona há semanas!

Leafir também não entendeu, mas seu controle não seria contido se não liberasse parte de seus desejos, e esperou por explicações com a espada posicionada em local mais apropriado:

- Seu cão amaldiçoado! – levantou-a até o peito de seu inimigo.

Labaki não se abalou, mesmo vendo Leafir tremer com ódio nos olhos, encostou a mão de leve no fio da lâmina para contestar sem medo:

- Cuidado Leafir, não vai querer fazer isso. Já o conheço, sei que se arrependerá profundamente!

O elfo se lembrou de Lucha. Conhecia o preço por ferir Labaki:

- Se fosse para sangrá-lo, já valeria sentir toda a dor do mundo, mas tem razão, não vou abandonar a condessa.

Labaki julgou que Leafir fora infeliz na escolha das palavras, e decidiu esclarecer:

- Meu caro, a condessa nada sabe! Ridell, ou Inar, espionava para mim. Ele se converteu a ela faz muito pouco tempo.

- O quê? – espantou-se o elfo, desorientado em ligar aquela informação tão insólita a qualquer realidade conhecida.

O desafio, pois não se podia chamar de uma conversa, ficava cada vez mais confuso. Labaki foi paciente pelo interesse em esclarecer a trama para o elfo:

- Não se aflija. Só estou aqui para garantir que nada saia do controle. Meu prazer consiste em vê-lo acabar com Inar, porque Ridell deseja sua morte faz mais tempo do que ele supostamente trabalha para Amanda de Aflatin. Sei que você acabará por ter prazer nesta morte também.

Leafir abaixou a espada.

- Está me dizendo que pode ser uma armadilha?

- Estou afirmando que é uma armadilha! Não seja ingênuo, é um teste. Meu! Você irá matá-lo hoje para que eu saiba que posso confiar o Coração de Celiah a mãos apropriadas – e justificou – Tonio entrevistou demais da última vez.

Leafir murmurou com um aparente rosnado:

- Eu deveria acabar com você!

- Não tente, Leafir. Apenas mate Ridell antes que ele tire sua vida. Ajudarei caso você precise, mas sei que não será necessário.

Leafir abaixou a cabeça, tentando organizar o raciocínio. A vida de Amanda dependia de sua frieza naquele momento. Sua voz trêmula de raiva contida não perdeu o tom ameaçador:

- Não ouse se envolver mais, seu covarde! Apenas me diga onde ele irá me emboscar.

- Ele não disse no bilhete?

- Nos aposentos da condessa? Seria impossível sequer entrar! – Leafir tentava desvendar a charada que divertia Sávio ao fornecer pequenas doses de verdade.

De sua parte, Labaki estranhou o contexto da resposta do elfo:

- Como é? Como ele a envolveu?

- Pelo anão! – Leafir levantou o bilhete manchado de sangue.

Labaki não soube como reagir. Apesar de estar ciente dos serviços de Ridell para Amanda, não via como ela se beneficiaria ao apoiar um elfo tirar a vida de outro. Analisou, perturbado:

- É um plano incomum. Eu pensei que Ridell estaria aqui nos arredores. Por que Aflatin concordaria com sua execução?

- Você disse que ele espiona para a condessa?

A voz amaldiçoada saiu seca:

- Sim, Ridell e Aflatin andaram matando alguém. Esgueirando-se juntos na noite. Segui-os. – Voltou a fitar o bilhete, a procurar alguma resposta velada no papel amassado.

Leafir não pôde acreditar, mas não via simulação no inimigo, que se voltou a si mesmo para refletir:

- Na frente do hotel... no quarto da condessa... Talvez se você subir pelos jardins até a varanda. – Moveu a cabeça a rejeitar tal lógica. – É tudo muito público para uma armadilha! Não se encaixa.

Leafir finalmente entendeu.

- Não era o que você esperava! Tampouco planejava.

O instinto mexeu fundo com Labaki:

- Nem um pouco! Desculpe meu caro, mas seu compromisso está cancelado. Devo conferir o que está acontecendo.

- Não pense que dará um passo sem mim! – Leafir desafiou, sem protestos do inimigo.

Com a boca seca por aceitar uma trégua com Ricard, Leafir soltou o bilhete que flutuou devagar até o chão. Ele dizia:

“Leafir,

Sua protetora, a Condessa de Aflatin, será assassinada por um vilão esta noite. Tentei impedir, mas fui gravemente ferido. Consigo apenas ditar esta mensagem. Vá à condessa imediatamente e impeça Trobal, um anão grosseiro e selvagem. Iria tentar envenená-la, mas atrapelei os planos, receio que agora ele será brutal, poderá invadir os aposentos da dama. Como prova, diga que Ridell o enviou. E que sua blusa de renda está desaparecida.

Proteja-a.

Inar”

Ao chegar ao hotel, Labaki contemplou o edifício. Abaixou-se, pegou uma pedra e enrolou no seu lenço, guardando-a no bolso da capa. Alertou:

- Aja com naturalidade e deixe que eu fale para sermos rápidos.

Correr saguão afora ou esgueirar-se pelos cantos levaria a impedimentos ou perguntas. Assim, Leafir considerou o alerta sensato. Labaki chegou ao atendente e pediu os aposentos de antes, se disponíveis, ou algum perto, com um ar preocupado. O atendente disse que havia um ao lado, de mesmo padrão. Ele tinha uma voz cansada a Leafir:

- Suba imediatamente e prepare tudo. Misture-os, pois irei assim que terminar as formalidades aqui. Dê-me a chave, garoto.

O homem, aparentemente da idade de Labaki, ficou impressionado com a gravidade da situação e entregou a chave sem discutir. Leafir nem respondeu. Agarrou a pedra embrulhada e a chave e subiu o mais rápida e discretamente que pôde, mas em direção aos aposentos de Amanda.

No saguão, Labaki deu um profundo suspiro, aparentemente de dor, e se voltou ao atendente, que foi cortês:

- Senhor, podemos cuidar de qualquer formalidade mais tarde. Fique à vontade se tem urgência. E não hesite em chamar em qualquer necessidade.

Labaki agradeceu com um aceno de cabeça e subiu, sem ter mais o elfo à vista.

Leafir correu quando se pegou só no corredor e abriu a porta sem cerimônias. Encontrou a sala vazia e vozes femininas no quarto. Nada de anormal. O som de sua entrada bruta alertou a criada que foi até a sala e gritou. Amanda se adiantou e, ao ver o elfo, murmurou em alerta a si mesma:

- O general!

- Condessa, está em perigo de mor.. – Nada mais disse ao ver o punhal que Amanda sacou. Ela o apontava protetoramente a ele. – Não sou eu, cond...

Sacou a espada ao ver um balançar da cortina alertá-lo para aparar inutilmente um golpe da maça ascendente que jogou a espada longe, mas serviu para que pudesse recuar antes de cair sob o impacto destruidor da arma. Leafir deslizou as pernas dentre as do anão para desestabilizá-lo, o que não seria possível em condições normais mas, na falta de um pé, a massa atarracada e pesada se deslocou de seu centro com eficiência: Leafir fez uma alavanca ao fazer um gancho com o pé esquerdo enquanto o direito empurrava a perna mutilada. Com os dois ao chão, o elfo se jogou sobre Trobal com o seu próprio punhal, que o anão agarrou com as duas mãos. Mediam forças enquanto Amanda gritava por socorro e Labaki entrava nos aposentos para correr até os dois. Levantou o pé sobre o rosto de Trobal que, ao antever o impacto, fechou os olhos disposto a suportar o choque. O que ele não esperava era que tal choque quebrasse os ossos de sua face. Ele gritou e soltou as mãos, e Leafir cravou a faca em sua garganta. O anão sentiu o gosto do sangue que chegou à sua boca e rolou para o lado. Sem dar trégua, e enquanto outros chegavam

para testemunhar a luta, Labaki tirou sua espada e mirou na axila, onde a cota de malha do anão nada protegia. Ele deu um urro abafado e ajoelhou antes que Leafir o golpeasse na perna, abaixo da malha. Estava de joelhos quando caiu de vez.

Não houve tempo para conferir o estado de Trobal, pois ouviram Amanda gritar:

- Ajudem! Querem me matar!

Os seguranças a cercaram para defender sua senhora e, antes que Leafir pudesse explicar, ele ouviu:

- Um atentado contra mim! Contra Fraga! Uma declaração de guerra! – apontava Leafir.

O elfo negou com a cabeça, mas não o deixavam falar. Labaki recuou, prevendo o desfecho daquela anarquia. Leafir gritou:

- Foi Ridell! Ele nos alertou!

Amanda se calou, mas os outros continuavam a ameaçá-lo. Já tinha lanças sobre seu peito quando Labaki gritou:

- Sim, foi um atentado! O assassino está aqui – apontou para Trobal – um vilão contratado para acabar com a Condessa! Seu homem, o elfo Ridell, descobriu a trama e nos avisou. Um herói!

Amanda o olhava chocada. Ele lamentou:

- Nem sabemos se está vivo, condessa, ele pode ter se sacrificado pelo seu bem-estar. Temos que socorrê-lo! Ele conhecia Leafir e o alertou – ordenou. – Leafir, o bilhete.

Leafir fechou os olhos e balançou negativamente a cabeça. Então a memória de Labaki resgatou o destino do papel. Amanda tinha um fio de voz, sussurrado entre os dentes para os ouvidos próximos:

- Eu sei o que vocês são!

Labaki não hesitou. Virou-se e desapareceu corredor afora tão rápido que fomentou outro rebuliço tanto em seu encalço quanto para impedir que Leafir fizesse o mesmo. O elfo praguejou, mas não se surpreendeu em ser deixado só, desprezando a aliança inútil para salvar quem passou a condená-lo.

Foi levado às masmorras da prisão da Ilha, jogado numa cela escura à espera do interrogatório que, a princípio, seria fomentado pela acusação. A Condessa estava perturbada, mas deixou transparecer uma firmeza admirável considerando o perigo que correu. Sua segurança fora reforçada pela sua guarda de confiança, mas a confiança em Katos já fora estremecida.

Na defesa da Ilha das Flores, e de seu país, o prefeito argumentou:

- Um elfo de Femon e um estrangeiro de Moros! Não são katenses, Condessa! O anão, sabe-se lá de onde é! O Reino de Katos é amigo de Racina, e esperamos que este pequeno incidente não abale nossas relações construídas com tanto esforço.

Amanda recobrou sua firmeza, era pura ira:

- Pequeno? Não há mais relações pequenas a meu ver, senhor prefeito. Em seu país, a ordem é que a nobreza de Racina seja morta!

- Não senhora! – negou veementemente o prefeito.

- Estou saindo ainda esta noite. Não me importa como irá lidar com o atentado, pois Racina já sabe o que fazer!

O prefeito suava, tinha ímpetos de agarrar a bagagem que era preparada e desfazê-la em desespero para impedir um desastre. Desejou que qualquer divindade descesse dos céus ou do fundo da terra, dos jardins ou de debaixo da cama em seu socorro. Qualquer uma! De qualquer lugar!

Pois ela veio da varanda. Se o prefeito se surpreendeu com o homem sentado à porta, Amanda deu um pequeno grito e pegou sua arma novamente.

Labaki tinha as pernas cruzadas em uma cadeira que puxou à vista da porta, protegido pela penumbra da madrugada, mas revelado pela lamparina da sala, cuja luz unidirecional escapava para a noite. Exibia um bilhete na sua mão. Quando Amanda o viu, ele descruzou as pernas com agilidade, levantou-se e caminhou decididamente até ela antes que esboçasse outra reação.

- A prova... – gritou, porém sem agressividade – ... de que Leafir veio salvá-la! – desceu a mão suave e solenemente até a altura do rosto da condessa, de maneira que ela não pudesse ignorar.

O prefeito olhou para o lado a procurar a guarda da cidade que o escoltou, ou a da condessa, que até há pouco estava visível. Ninguém por perto.

Amanda ia abrir a boca, mas ele foi mais rápido:

- E Ridell está vivo. Localizado, porém muito ferido, o pobre herói! Posso trazer aqui o seu secretário muito pessoal quando estiver bem, Condessa ... – deslizou os olhos pela bagagem e abaixou o tom de voz em um murmúrio contido no sorriso malicioso – ou apresentá-lo às autoridades, já que está de partida.

Amanda o odiou ao ver que ele não blefava. Ela pegou o bilhete nas mãos, fingiu analisar. Afirmou com superioridade:

- Parece ser a letra dele.

Ela não fazia ideia da letra de Ridell! Labaki sustentou o sorriso com seu sarcasmo, pois o bilhete dizia que foi ditado a alguém. Ele percebeu o abalo da condessa ao constatar que ela nem leu a mensagem.

Ela levantou ainda mais o queixo:

- Prefeito?!

- Condessa.

- Parece que o elfo preso é inocente. Não mantereis as acusações contra ele, embora a ofensa a Fraga continua! Fui vítima de uma tentativa de assassinato e um elfo errante de

Femon foi obrigado a intervir onde Katos não se levantou. Esta afronta não ficará sem resposta!

O prefeito não sabia se estava aliviado, mas aceitava qualquer atenuação do caso. A Condessa de Aflatin finalmente se deu conta de que sua guarda havia desaparecido.

- Onde estão todos?

Labaki se aproximou com olhar ameaçador, mas somente para sussurrar:

- Estão bem, condessa. Contudo, ensine-os a ficarem mais alertas, pois a condessa não sabe o que somos!

*

Ridell acordou com o som de um alaúde. Labaki dedilhava grosseiramente. Ao ver o elfo acordado, ele elogiou, sem levantar a cabeça:

- Instrumento de origem antiga, som puro. Eu aprecio. Não comigo a tocar, é claro. O violão lamentavelmente o substituiu nos dias de hoje. É também belo, mas lamento as raízes que se perdem por essas novas gerações não apreciarem a poesia do tempo. Como um elfo, imagino que compartilhe meu sentimento.

Ridell nada disse. Estranhava Labaki naquele lugar.

- Paguei pouco por ele, não é mais valorizado. Triste, não? Mais triste ficaria Martius caso acontecesse algo com a Condessa de Aflatin. Aquele que toca violão, você sabe, o que esteve em Carior. – Largou o instrumento. – Ontem você foi generoso, fez uma boa ação ao bardo, Ridell.

O elfo abaixou os olhos. Decidiu se justificar:

- Trobal veio comigo do Pont... – foi interrompido.

- Eu me lembro do anão. – A gentileza desaparecera.

- E sabe que foi o músico que tirou o pé dele? Pois bem, eu descobri...

Labaki retomou a cordialidade, exclamou em tom compreensivo:

- E foi fiel à sua senhora. Está de parabéns!

Ele se mexeu na cama, fez uma careta de dor enquanto Labaki aplaudia com palminhas encenadas.

- Eu só queria...

- Protegê-la! – exclamou caloroso.

- Estava a caminho...

- Quando chamou o anão para ajudá-lo na emboscada. – Novamente frio.

Ridell entendeu. Não havia nem para onde mentir.

- Vai me matar?

Labaki riu para resgatar a naturalidade na fala:

- Você já estaria morto, Ridell! Sua paixão pela condessa o salvou!

Ridell fez uma careta de rejeição à acusação de Labaki. Viu o sorriso desaparecer do rosto de seu antigo benfeitor:

- Seu idiota! Ela o enfeitiçou! – disse em tom de escárnio.

Ridell inspirou até onde a dor permitiu. Labaki não deu trégua com o desprezo:

- Eu vi até onde ela pode manipular, e testemunhei o preço para quebrar o encanto! Meu caro, você é um nada! Não é capaz nem de lutar contra o feitiço!

Interrompeu a acusação que se encaminhava para a cólera, espelhou Ridell na inspiração, mas olhou casualmente para a janela. Disse mais casualmente ainda:

- Pergunto-me se devo matá-lo.

Para aquilo Ridell tinha uma resposta:

- Pergunte se o beneficiei mais que prejudiquei.

Qualquer emoção parecia vir carregada com um perigo bizarro. No entanto, a distância natural de Labaki não significava segurança:

- Bom argumento – ele fingiu precisar de tempo para pensar. – Para deixá-lo vivo, deve haver uma condição.

- Parece justo.

- Também acho justo: se me trair novamente, não serei rápido.

*

Quando Ella e Martius chegaram à Ilha das Flores, foram ter com Leafir ávidos para contar as novidades. Entretanto, Martius recuou para dar o devido espaço a Ella, cuja preocupação a fez usar a oportunidade a sós como o próprio rastreador teria usado: para saber de contratempos ao plano inicial.

Leafir optou por tranquilizar a violinista aflita:

- Aqui foi tudo bem.

Aliviada, comentou:

- Não imagina o quanto é bom ouvir isso! – Abraçou-o. – Estava preocupada por você voltar à ilha.

- Não tinha por que se preocupar. Os pequenos problemas foram contornáveis. Ou quase todos. – Ele havia ensaiado em como se desculpar. – Ella, preciso confessar, não consegui informações sobre o local onde Baai viveu.

- Não? Nada?

Ele não ensaiara além daquelas poucas palavras. Mostrou as mãos:

- Pistas sem fundamento, somente. Estava indo bem, já teria algo, caso a biblioteca não tivesse sido incendiada.

- A biblioteca foi incendiada?! – perguntou Ella deixando o queixo cair.
- Sim, mas esse problema foi contornado com o financiamento da Condessa Amanda de Aflatin.
- O quê? Amanda? Ela está aqui?! – levantou-se como se a condessa estivesse no recinto.
- Estava, mas não vão encontrá-la, fique calma. Deixou a ilha após a tentativa de assassinato contra ela.
- O quê? Quem tentou matá-la? – quase se jogou sobre Leafir de tão perto que chegou.
- Um anão, mas esta história já acabou. Fui inocentado, não passei mais que uma noite na prisão. Graças a Labaki.

Ella tinha os músculos tensos sob o comando dos ouvidos:

- Labaki? Prisão? O Labaki? Sávio Labaki? Ricard?
- Tentei evitá-lo, depois tive que me conter como nunca ao tê-lo na ponta de minha espada quando ele ordenou que me matassem. Então não tive escolha, vimo-nos obrigados a nos aliar para salvar Amanda de Aflatin. Só não conseguimos impedir a crise política.
- Leafir, entre ele encomendar a sua morte e haver uma crise, o que devo perguntar? – perguntou a violinista cautelosa a qualquer outra reação que não fosse uma atenção completa somada a um tremor na voz.
- Não é o que parece, apesar de sua mente doentia, ele não me queria realmente morto. A crise com Racina, que declarou estado de alerta por Katos é o mais importante. A pré-guerra, como estão chamando.

Ella teve medo de ir além. Sobrou um fio de voz:

- Tudo isso e, ao me encontrar, você começa dizendo que não houve nada?

Ele se deu conta da simplicidade de seu relato originado do seu envolvimento absoluto nas tramas. Justificou com destreza para aplacar a fúria crescente que estava prestes a tomar a barda:

- Bom, não houve nenhum vulcão!

6. PEREGRINOS

Em termos de organização política, Dust se assemelhava à capital do Pequeno Reino do Pontal, embora com mais golpes que alternaram o poder randomicamente nos últimos trinta anos. O intervalo de estabilidade entre um e outro governo variou de cinco anos a cinco meses, o que levou os locais a conceber o termo Meta dos Cinco: manter o poder por mais de cinco meses, para não passar vergonha, e por mais de cinco anos, para quebrar o paradigma. Houve casos em que a Meta dos Cinco foi aplicada ao período de vida que o governante alcançava após deposto, o que tornava a expressão mais preocupante.

Dust não tinha este nome gratuitamente. Quanto mais se afastava do mar, mais a terra ficava seca e gelada, o que enchia o ar de uma poeira fria que penetrava pelas roupas dos menos aparelhados. Os bardos estavam bem munidos de trajes para enfrentar o litoral e interior de Dust, graças à experiência de Lucha. Ela também os preparara para o que veriam:

- Não esperem nada bonito.

Ruas estreitas sem calçamento, casas de adobe com telhados inclinados sem proteção de beirais, de maneira que o sol chegasse às estreitas portas retangulares e pequenas janelas quadradas. Nas casas maiores, era possível ver no segundo pavimento as janelas cobertas por escamas de peixes sobrepostas para que um pouco do sol baixo penetrasse pela superfície translúcida à maneira dos caros dos chifres lascados e lixados de Katos, Femon e Racina, até atingir uma transparência parcial.

A cidade cheirava a peixe. Os três canais que formavam o pequeno delta do Otreche exalavam o cheiro do peixe fresco até o podre, passando por outras podridões vindas de corpos dos seres racionais ou irracionais que boiavam com frequência. Ninguém comia peixe que soubesse vindo do delta. Rio acima a água era limpa e inodora, nascida em terras inabitáveis e estéreis. O mar também era fonte abundante de cardumes dos mais variados tipos, a depender da época do ano e da distância disposta a enfrentar para uma boa pesca.

Além de peixe, o rum era apreciado. Qualquer bebida quente seria, mas o vinho de Racina era caro, a cerveja era leve para enfrentar o frio e o conhaque era raridade. O trigo era voltado ao pão, acompanhado também de manteiga ou margarina de baleia, cujo óleo era também usado para muitos fins além da alimentação. Sementes e frutas secas complementavam a base alimentar.

A aparente escassez de Dust mascarava a variedade de riquezas do entreposto que trazia especiarias vindas de terras distanciadas por grandes mares pela audácia de seus cidadãos, assim como sedas e bordados incomuns nas terras nortistas. Algumas mulheres mais ousadas se prostravam na soleira de suas portas com amostras destas preciosidades que valorizavam a textura de suas peles expostas ou desviavam a atenção das imperfeições que não queriam destacar, a fim de aumentar seus preços.

À medida que entravam mais na cidade, afastando-se do porto, menor era a frequência desta gente, somada aos bebedores de tavernas e faces pouco amigáveis. Não havia face amigável em Dust, mas a sensação de ser esfaqueado por simplesmente fixar o olhar em algo indesejado ou em alguém indesejável foi reduzida.

Hospedaram-se longe do porto, em um local minimamente limpo e com boa comida. Estavam incertos em como iniciar a procura.

Quando Ella conseguia se conectar com o Coração de Celiah, as partes de sua vida que eram mostradas pouco ajudavam: era sua busca infrutífera por Vincent, a notícia do dragão que fora um dia humano e que travava uma guerra com um feiticeiro, o encontro do primeiro irmão, a aliança dos dragões e a longa guerra contra o feiticeiro.

Já Tonio nada mais sabia sobre os corações após a perseguição.

- O efeito das fadas sobre mim acabou – ele disse amargurado, pensamento preso na fadinha que deixou para trás.

- Não podemos sair perguntando sobre uma joia do tamanho de um punho humano nem no Vale da Rã, quanto mais em Dust. Precisamos de uma pista – Lucha arriscou – de algo marcante que aconteceu há mil anos.

Tonio a corrigiu:

- Mais de mil anos!

Desanimado, Martius balançava negativamente a cabeça:

- Vai levar outros mil para encontrarmos.

Ella cortou a negatividade:

- Deixem disso. O Coração de Celiah foi tão forte que fez a lenda de Adália se procriar em versões por diversos lugares. Em algum lugar aqui há uma lenda, ou um indício para que procuremos. Que seja na cidade, no interior ou no meio destes canais fedidos! Há um sinal que temos que identificar!

Eles sabiam que era verdade. Iniciaram um exercício mental que rendeu pouco:

- Alguém abastado.

- Ou alguém poderoso.

- Ou alguma criatura mágica.

- Um fantasma, ou algo sobrenatural.

- Uma tragédia!

- Consolidada há mil anos.

- Uma família então.

- Ou uma ordem.

- A Ordem! De Tenet.

- Aqui?

- Não podemos descartar nenhuma possibilidade.

- Isso aqui era terra de piratas. Eles podem ter levado para o mar e para qualquer outro lugar – disse Martius.

Tonio corrigiu:

- Dou certeza de que não foi ao mar novamente.

Lucha deduziu:

- Duvido que esta era terra de piratas há mil anos. O que era?

Entreolharam-se. Muitas perguntas, muitas possibilidades, não descartaram nenhuma. Passariam o próximo mês cavando o passado da cidade. O motivo? O de sempre: uma nova canção.

*

- Não acredito que irão se apresentar em Dust – Lucha era contra.

- Você só conhecia o porto e os mercadores em Dust, Lucha. A cidade é como qualquer outra, bem digo, quase, pois querem se divertir e apreciar boa música – esclareceu Ella.

A barda já conhecia a cara da cidade pela briga de Martius na taverna da Pedra Esculpida, que ele pensou que seria boa fonte de pistas, mas foi fonte de uma cicatriz no ombro. Também enfrentou com Tonio admiradores excessivamente apaixonados pelo seu sorriso, que ela controlou quando se ofereceu para tocar a eles, reduzindo tanto o ânimo dos homens quanto a raiva de Tonio. Entendeu como as velas funcionavam para escapes ligeiros quando Lucha chegou suja de areia e urina, mas não tanto quanto as palavras imundas que proferia contra os mascates de Abridohnor, que a fizeram saltar da janela do pavimento superior e rolar no chão do beco para escapar de maiores problemas que a levariam a testar sua voz.

- Você fez bem, mas não vá mais só – acrescentou Tonio.

Lucha resmungou baixo, a concordar com a ordem. Tinham conseguido pouco em uma terra onde qualquer pessoa estranha é uma ameaça. Não viram outra saída além de explorar suas habilidades para conquistar o apreço dos cidadãos.

- Lembrem-se, estão em Dust! Não vão exhibir mais do que o necessário! Magia bem fraca, conquistem pela música! Não se exponham! – advertiu Lucha a parafrasear Tonio na Ilha das Flores.

- Fique tranquila, Lucha, só vamos deixá-los felizes para que abram seus corações para nós – Martius brincou.

Tonio não deixou por menos:

- Espero que sim. Porque, até agora, só abriram a bainha da espada para você.

A música fluíu animada, a fim de elevar a plateia no início antes que ficasse por demais bêbada. Os hinos ao rum, ao companheirismo e à cumplicidade entre marujos e à suas

aventuras canalhas com mulheres, fossem esposas, amantes ou estranhas, foram os temas prediletos, cujos refrãos eram simples para que o público se juntasse como uma segunda voz à de Martius. Tiveram que repetir a história cantada de Roger del'Ville, o Orquídea do Mar, um estrangeiro que chegou a Dust na era de ouro dos piratas. A história fora contada a Lucha nas suas viagens passadas, regada ao rum de qualidade que ela apreciava, ao contrário da bebida barata que por vez se vira obrigada a entornar goela abaixo. Ela contou a Martius e Ella, que compuseram a versão musicada da aventura e fama do Orquídea. O nome era pejorativo. Ele veio de águas quentes, aparatado de acessórios e roupas de cores chamativas para se destacar dos piratas da época pela vaidade. O nome tornou-se sinal de respeito com o tempo, quando ele se destacou também pela sagacidade, habilidade em lidar com a tripulação e, o mais importante, por entender o mar e seus caprichos. Conquistou vitórias inesperadas e fortunas generosas por saber quando seguir reto, converter aos bordos, retardar a embarcação ou acelerar rumo ao inimigo. Sua lâmina era afiada, seus modos elegantes e o destino de seus prisioneiros, hediondos. Conquistou mulheres e homens, admiradores e inimigos. Levou seus marujos a uma vida de aventuras e riquezas, e a si, de desembaraçada libertinagem. Morreu de uma doença venérea de grande sofrimento, e esta parte foi incluída na canção de maneira cômica, sob a moral de que aquele é o destino que resta a piratas sem adversários à altura. A música recomenda então, que todo pirata encontre pelo menos um adversário na vida que possa sobrepujá-lo, a fim de conquistar uma boa morte.

Após um intervalo, retornaram com canções mais épicas. Clássicos ganharam novos arranjos e outras composições originais sobre temas conhecidos como caçadas a tesouros, lutas a monstros marinhos e fama de grandes piratas foram introduzidas. Se antes exploraram o prazer superficial do público, mergulhavam finalmente no orgulho dos homens do mar pelas suas lutas corriqueiras, mas cheias de perigos, pânico e coragem, seguido de alívio pelos que escaparam e honrarias aos que afundaram. O violino frenético da primeira parte correu mais lentamente e foi tomado de altivez, o violão explorou batidas mais complexas e a percussão foi menos repetitiva, ganhando momentos de expansão e destaque, principalmente quando o violino se calava.

Um novo intervalo. A parte final foi voltada à lamúria das dores do mar. Martius dedilhou a tristeza pela saudade dos amores sinceros e por perdas de amizades e parentes, em especial devido aos desaparecimentos que jamais viriam a ter explicação. O violino simulava o choro das personagens fictícias que representavam a vida com fidelidade. A última canção levou a uma identificação geral. Quem não viveu, ou conheceu uma criança que perdeu o pai para o mar? Fosse, marujo, pirata ou pescador? E depois de conhecer a decepção e passar pela revolta até chegar a aceitar o motivo da perda, entrou no ciclo das gerações e se viu sendo o pai a se despedir de seu filho. Ao embarcar, imaginou se voltaria para casa ou se chegara a hora de rever o seu próprio pai para contar do neto que não conhecera. A canção era forte e, após aplausos e assovios, cumpriu o seu papel de evitar confrontos em uma plateia que saiu cabisbaixa a pensar nas suas próprias inseguranças.

*

A aceitação aos bardos melhorou depois desta e de outras apresentações. Eram abordados de maneira mais amigável nas tavernas, respeitados na hospedaria e cumprimentados nas ruas. Às vezes, uma bebida gratuita surgia de um admirador agradecido por uma canção que proporcionou ou resgatou uma sensação em particular.

Esta aproximação permitiu três episódios isolados que, costurados, fizeram algum sentido.

Em uma apresentação dos bardos, Lucha percebeu um velho de rugas curtidas pelo sol e sal que não era arrebatado pelas canções como o restante do público. Ele a contemplava indiferente, a usar a música como um preenchimento do espaço sem palavras. Por traz da ausência de expressão, Lucha sentiu que havia muita compreensão, porém ainda com grande curiosidade, sobre ela. Incomodada, sabia que tomar satisfações poderia trazer problemas, mas não maiores que ignorar. Decidida a aguardar o intervalo, circulou pelo fundo para sair da linha de visão do velho, embora soubesse que ele estava ciente de sua posição.

Ele estava só e a aguardou em sua mesa. Lucha se aproximou devagar e ligeiramente desconfiada, mas o homem continuava imperturbável. O abordaria diretamente: “Suponho que nos conheçamos!” quando ele apontou a cadeira e se adiantou:

- Sente-se, maruja.

Estranhou, mas não muito. Sessenta por cento da cidade navegava por algum motivo. Sentou-se calada, a esperar. Ele a contemplou, finalmente exibindo um leve sorriso de satisfação. Ela não suportou e disparou:

- Suponho que nos conheçamos.

Ele moveu a cabeça devagar, em afirmação:

- E você conseguiu!

Ela estava perdida. A impaciência que normalmente sentiria estava mascarada pelo temor de uma ameaça velada combinado à objeção de ser um perigo. Sem nada dizer, o fitava a pedir explicações.

- O mar a rejeitou, ou a consumiu por completo?

Ela murmurou:

- Do que está falando?

- Do que o mar fez com a oferenda.

A frase que a acompanhou por meses, junto do lamento dos espíritos e do raivoso tritão, urrou novamente em sua memória: “Não se rouba a oferenda que é do mar”!

Ela se arrepiou:

- Sua voz!

- Mais rouca agora, foram muitos anos. A cor dos cabelos também não é a mesma, assim como o medo naquele dia, que se apagou. Então, o mar a devolveu! Impressionante!

Ela mal respirava, incapaz de acreditar que à sua frente estava o desconhecido que impediu que ela morresse pelas mãos de piratas. Pelas mãos de seus comparsas.

- Mais de uma vez – ela respondeu provocativa.

Ele enxergava fundo nos olhos pasmos de Lucha, como se compreendesse a vida dela. Desligou-se ao se voltar para dar um gole do rum.

- Imagino que sim, já que está aqui.

Lucha resolveu avançar:

- Como sabia?

- Sabia do que?

- O que eu era? Nem eu sabia!

Ele foi sincero:

- Eu não sei o que você é. Eu apenas senti que você não pertencia a nós, pois a força vinda do fundo do mar a chamava naquele momento. O chamado era forte, e aterrador. E nos destruiria se o impedíssemos de possuí-la. Estava claro que nos levaria junto, se preciso.

- Não havia nada lá!

- Não? – desafiou o velho.

Ela se arrependeu pela negativa. Foi a primeira corrente dos naufragados que vira, aquela que apontou as angústias que a levaram a outras aventuras no oceano. Corrigiu-se, olhos baixos envergonhados:

- Havia! Eu vi coisas, senti outras – encarou-o para mostrar sinceridade ao informar –, mas elas desapareceram, não estão mais lá.

Ele apertou os olhos em um prazer visível pelo conhecido esclarecimento:

- Sim, depois de você, a vontade do mar desapareceu.

Lucha não estava certa se falavam da mesma sensação.

- O que quer dizer? Faz pouco eu passei por lá, o mar não quer mais nada de mim!

O velho inclinou-se sobre a mesa:

- Maruja, eu já vivi muitas aventuras. No início, era apenas um grumete que comeu a bosta do kraken para sobreviver: ou a fome, os furtos e a fuga constante dos guardas portuários, ou o mais baixo posto em um navio. Escolhi o segundo depois que o primeiro quase me matou. De todos os trabalhos sujos que me davam, preferiria lambar o convés a testemunhar a caça às baleias, a carregar as placas de gordura fedorenta recém arrancada de seus corpos ainda quentes. Um dia, fui colocado dentro de uma para cortar as placas do fundo. Eu sentia tão forte a dor das vítimas dos pescadores quanto se ouve os lamentos impotentes dos cetáceos em fuga enquanto seu parente é assassinado! Mande o mundo à merda e decidi fazer com os homens o que eles faziam àquelas criaturas. O que não percebi era que só eu sentia aquela dor! Assim como só eu percebo o que os seus amigos fazem naquele palco. Já ouvi o chamado da morte e mandei desviarem o navio, vi o mal

se aproximar quando uma bruxa no porto apontou para nós enquanto zarpávamos, e enxerguei a sombra da morte quando ela se aproximou dos moribundos. No caso da bruxa, fui o único sobrevivente, pois saltei do navio quando ninguém acreditou que uma maldição vinha pelo ar. No caso dos moribundos, não me aproximo mais, pois não gosto de previsões.

Ele fez uma pausa para outro gole. Lucha respeitou. Ao fundo, Tonio observava atento o desenrolar daquela estranha conversa, nem amigável, nem hostil.

- A dor que eu sentia pelas criaturas alimentou minha raiva dos homens e me fez um pirata. E nisso eu era muito bom! E assim nos encontramos naquele navio, em um confronto que me deu pânico enquanto via nosso navio alcançar o seu. Eu a senti de longe e logo onde eu sempre sentia o mar! Era ali que a alma do mar habitava. Durante minha vida toda até aquele momento eu passava por aquele lugar, indo e vindo como a maré, e o chamava de águas onde o mar sente o mundo. Às vezes ele me dava paz, às vezes eu sentia uma ameaça, já passei pela fúria que gerou ondas abomináveis, ou pelo alerta que antecipava uma condição, fosse boa ou ruim. Eu fiz oferendas que o aplacaram. Em outras vezes, nada controlava seu desgosto e algo acontecia, mas nunca a mim. Porque eu entendia o oceano. Naquele dia, eu senti ainda de longe a sua loucura, maruja, sendo alimentada pelo mar que a alertou, a preparou e declarou: lute! A mim, pensei tê-lo ouvido pela primeira vez, tal a força com que ele tocou minha alma: “Proteja-a, ela é minha! Ou todos vocês serão!” E quando eu impedi que a matassem, eu senti: “Deixe-a para mim”. Depois daquele dia, passei por lá inúmeras vezes, e a alma do mar havia deixado aquele local. Deduzi que tinha partido com você, fosse com sua morte ou a carregar sua alma para aplacar seus desejos. Mas eis que a vejo!

O silêncio entre os dois era disfarçado pelo burburinho do restante da taverna. Os bardos retardavam o retorno ao palco, queriam saber o teor da conversa. Lucha estava com o amuleto invertido, eles não conseguiriam ouvi-la mesmo com a magia. Viram-na tomar a palavra depois da longa pausa, empertigando-se:

- Não espera que eu acredite nessa bobagem, não é?

Ele nem se mexeu:

- Não espero nada. Eu vejo que você sabe do que falo.

Hesitou. Fechou os olhos. Confessou:

- O problema é que não sei. Eu concordo, você está certo, não há nada lá. Nada do que houve, mas... não sei o que eu fiz. Só se...

O velho apertou o tampo da mesa pelos lados, Lucha percebeu seu interesse e acordou para os seus próprios objetivos a tempo de propor:

- Eu tenho uma suposição que troco por informações.

Hesitante, ele respondeu:

- Se eu souber.

- Você sabe. O que fizeram com aqueles que levaram?

Suspirou e ajeitou o corpo:

- Foram vendidos.
- Como sempre! Para quem? Para onde eu teria sido vendida?

O homem não se alterou. Bebericou um pouco mais antes de responder:

- Você nunca teria sido vendida. Se não fosse o chamado do mar, eu ou algo mais teria visto que você valeria mais que dinheiro.
- Está enrolando.

Ele concordou, levantando um dedo para destacar:

- Não por má vontade. Para puxar pela memória. Creio que aquela foi a época que enviamos vários escravos ao interior. Mulheres, em geral.
- Interior onde? O que há lá?
- Nada! O meu capitão enviou três de nós, eu não fui.
- O que os seus disseram sobre o fato?

- Nada. Nada sei. Levavam pessoas, retornavam com mercadorias. Os seus não chegaram a dez. Não pense que estão vivos. Veio por eles?

Ela negou, envergonhada. Sempre pensara neles como perdidos, pois teve seus próprios dramas na época.

- Não, só curiosidade. – Tomou um gole. – Sobre o mar vazio de sua alma, penso que ela possa ter migrado com a corrente dos naufragados para outro lugar.

- Corrente dos naufragados?
- Eles vagam à procura da saída do mar para o além. Às vezes circulam por muito tempo, ou por muitos caminhos, não sei, até encontrar a corrente certa. É um longo percurso. Alguns acham rápido, outros não enxergam a corrente. É... uma experiência individual.

O homem gostou da revelação:

- Eu nunca pensei assim. Sempre achei que você aplacou a angústia daquele trecho do oceano.
- Já afundou?
- Não.
- É por isso. Você veria, como eu vi. Talvez a alma do mar use as correntes para se deslocar. – Ela riu, ácida. - Aplacar. Mais provável que eu a tenha decepcionado. - Deu uma risada sem graça antes de continuar. - Tem certeza de que o mar queria a mim?
- Tanta certeza quanto tenho de que este rum está batizado.

Ela riu mais abertamente. Então concluiu com tristeza, mas alívio:

- O oceano não me quer mais.

O homem se levantou, espalmando as mãos na mesa:

- Isso é uma boa notícia! Aproveite.

Com um tapinha no ombro de Lucha, o velho se afastou. Arrastava uma perna e deixou um cheiro nauseabundo no ar quando passou. Observando-o, Lucha percebeu que, se estivesse no mar, talvez visse a sombra da morte que o acompanhava.

*

O segundo episódio foi com Ella, enquanto ensaiava na taverna vazia pela manhã. Só ficava na taverna naquele horário quem estava lá desde a noite e, como ela foi fechada, Ella tinha privacidade quase total. Suas companhias eram a menina que limpava o chão e o menino que repunha as bebidas. Em breve chegaria aquela que era mãe dele e tia dela para começarem a cortar cebolas e amassar a farinha.

Não era preciso ser observador para saber que os dois tinham brigado, embora não estava claro se eles eram um casal ou dois adolescentes naturalmente implicantes. Ella ouvia a conversa enquanto limpava o violino:

- O tio não vai gostar de tanta mudança. Ele não vai achar uma garrafa certa.

- Ele me deu o balcão para esta semana – disse, orgulhoso. – Vou fazer um trabalho tão bom que vou parar de servir mesas de vez!

Ela parecia enciumada:

- Não sei por que quer deixar as mesas. É melhor circular do que ficar preso aí. Vai ter que cuidar dos toneis do fundo.

- Eu já cuido.

Ela torceu o pano encardido no balde:

- Quando você começar a trocar as bebidas e enviar às mesas erradas, o tio vai te devolver para o meu lado.

Ele se ofendeu:

- Você não deveria desejar que eu regrida. Quer mesmo aquele casaco? Eu posso te dar se eu ganhar melhor.

Ela murmurou, desdenhosa:

- O casaco não é importante.

Ele riu:

- Só se você for de Riff-pei para um casaco não ser importante.

A jovem se transformou:

- Dá-lhe longe! – cuspiu no chão, bateu três vezes na madeira e invocou um sinal de proteção. – Rasgue o Credo dos Originais e coma as páginas de fé para nos manter longe do mal! – Fez outro sinal. – O que há com você para invocar aqueles bruxos?! Quer nos danar?

Ele aparentou irritação:

- Nem disse os nomes!
 - Quer que eu vá para lá? – aparentando mais irritação ainda.
 - Não fale bobagens. Só comparei!
 - Eu com eles? Eu me aqueço certo, não uso espíritos do mal!
 - Eles também se aquecem! Tanto que estão presos. Não podem atravessar o frio até Dust.
- Ela se acalmou, mas desenhava sinais no ar e em seu corpo repetidamente.

- Valha-me. Você fala de coisa séria. Isso atrai. Já imaginou se eles atravessam até Dust? Ella já havia interrompido seus afazeres e assistia ao espetáculo privado intrigada. A jovem finalmente percebeu:

- Senhora, não ligue. Ele não fala sério. Não há com o que se preocupar, ninguém nunca atravessou até Dust.

Ela sorriu, simpática:

- Eu nem sei do que dizem. Só fiquei curiosa.

O rapaz pigarreou:

- Não é coisa para ser mexida, senhora. Não há perigo aqui, então não tem com o que se preocupar.
- E do que se trata? Se eu viajar, não é bom que eu saiba?

Os dois se alarmaram:

- Vai viajar para o interior? Não há nada lá! Não há por que ir.
- Vocês acabaram de me dizer que há algo, e me interesse por histórias fantásticas para criar novas canções. Você mencionou bruxas?
- Eu não! Ela! – Apontou para a jovem. – São do mal, dizem que não usam qualquer tipo de agasalho, ficam com a pele descoberta ao vento gelado para que seus corpos agradem aos espíritos do mal que os aquecem com sexo.
- Não – ela retificou. - Com os prazeres da carne!

Ele lançou um olhar zombeteiro que ela ignorou, mas que denunciou que se tratavam como mais que primos. Ela manteve a linha:

- Foi assim que o clérigo disse naquele sermão da praça.

Ele riu:

- Aquele sermão que o expulsou de Dust para sempre.

Ella intensificou sua expressão interrogativa, que requereu uma explicação:

- Tem tempo, senhora. Uns dois anos. Ele fez um bom sermão, mas as pessoas não gostaram.
- Dangol Gialmeter não gostou!

Mencionou um dos contrabandistas poderosos de Dust daqueles dias. Ele não estava no topo, mas já criava ardis suficientes para planejar sua Meta dos Cinco.

Ella completou, interessada na informação sobre o homem:

- E ele o expulsou por quais motivos, especificamente?
- Libidinagem, trapaças e ganância. As palavras principais do sermão.
- São acusações fortes, não me surpreende que ele tenha sido expulso para o mar.
- Não foi para o mar. Foi para os bruxos! O senhor Gialmeter disse que, já que ele queria salvar almas, ele deveria ir ao centro do mal. Prendeu o clérigo e o enviou para Riff-peí. O homem nunca mais voltou! Deve ter virado banquete na orgia da meia-noite sob a lua nova. Neste banquete, eles não usam nada de nada, nem no inverno! Esfregam suas peles nuas uns nos outros não importando se homem ou mulher ou se pai ou filho, usam a noite escura para não se reconhecerem e tudo ser liberado. – Limpou uma gota de suor. – Tudo mesmo. Fazem coisas inimagináveis entre si e com os espíritos que saem de suas tocas e se fartam – olhou para a prima – dos prazeres. E não – olhou de soslaio novamente – negam nada um ao outro. Chegam a perder partes de sua própria carne para alimentar as criaturas do mal. Então é importante que comam pessoas para repor suas partes. Daí ninguém poder chegar nem perto. Será comido!

A jovem fazia novamente seus sinais de proteção. Ele expirou em sopro tenso.

Ella concordou:

- Parece realmente terrível! Eles não vêm para Dust mesmo?
- Nunca vieram! Jamais – garantiu a jovem, acreditando acalmar a violinista.

O rapaz cortou a conversa:

- Estamos atrapalhando seu trabalho, senhora. Sei que falamos demais, desculpe. E temos muitas tarefas ainda. Vamos deixá-la, temos que ir lá no fundo, na despensa.

Agarrou a mão da prima, que não foi capaz de esconder a surpresa:

- Agora?!
 - Sim. A mãe já chega e temos que contar os grãos para o pão. Venha logo, há muitos grãos a contar. – Puxou a perna da calça que parecia incomodar seu passo apressado.
- Eles cuidaram dos grãos ao som do violino, que distraiu a mãe até que pudessem terminar a contagem. Levou uns nove meses para que a tarefa rendesse um pãozinho rechonchudo que correria entre as mesas da taverna nos anos seguintes.

*

Martius treinava quando seus pontos, adquiridos da contenda mal interpretada na taverna da Pedra Esculpida, romperam-se com um esforço inadequado. Tonio conferiu e o repreendeu:

- Eu avisei que não estava bom.
- Não vou perder o ritmo por um cortezinho.

- Que está sangrando! Vá refazer essa costura.

Martius fora costurado por um assistente, cujo mestre de curas não estava presente na madrugada do confronto. Encontrara o mestre na segunda vez:

- Se você é do tipo agitado, vou trocar os fios. Linho é realmente muito fraco. Temos que mantê-lo tocando, não?

- Sabe que toco?

- Quem não o viu em Dust ainda? Farei um bom trabalho, com crina de cavalo, ninguém irá dizer que perdeu um braço por minha culpa.

Martius fez uma careta, ele corrigiu a piada:

- Não vai perder o braço.

- Estou interessado na crina de cavalo.

- Ah sim, sem problemas, desde que muito bem limpa. Ela é externa, não vai afetá-lo. E vai ficar uma bela cicatriz para seduzir as mulheres de coração duro que não caírem pela sua música.

Martius riu:

- Prefiro mesmo as que não caem. Mulher boa tem faísca nos olhos!

- Então vai me agradecer. Posso até aumentar a cicatriz, se preferir.

Riram.

- Essa aqui está de bom tamanho. Deixe que eu tenho competência para providenciar minhas próprias cicatrizes.

- Não duvido. E é melhor assim, meu papel é ajudar, não atrapalhar. Por mais difícil que seja, tento enquanto puder.

- Acredito. O que já pegou que foi muito difícil?

- Simplificadamente, todos os que morreram – o homem falava enquanto puxava um fio cuidadosamente de um novelo. – Alguns casos tiraram meu sono, mas isso era mais comum quando eu era jovem. Quando vemos entranhas abertas, ou quando a morte é lenta. Acidentes podem nos afetar também, outros não. Este rapaz que é meu assistente, Meneguti... Ô, ô Meneguti, coloque a chaleira para bulir. Tenho que limpar o fio. – Voltou-se ao fio esticado em suas mãos, analisando-o contra a luz. – Esse rapaz, já perdeu o sono várias vezes, em outras o peguei gritando enquanto dormia. Acho que não tem estômago, mas eu também passei meus apertos quando comecei.

Calou-se, observando atentamente o fio. Rejeitou com a cabeça e largou no chão. Pegou outro com o mesmo ritual. Martius continuava pressionando o ombro com um pedaço de linho limpo.

- Você deve ter percebido que Dust não tem muitas oportunidades de estudo. Aprendi com um mestre também. Ele era duro, pois a época era mais dura. Hoje temos arremedo de piratas. Imagine o que era ser um aprendiz na época de ouro dos piratas! Não fui eu,

foi meu mestre! Ele era uma das poucas pessoas que falava duro com gente que você nem imagina. Minhas pernas tremiam.

Ouvindo atento, Martius desejou que o fio perfeito estivesse lá no meio do novelo.

- Você imagina o que é um homem entrar andando enquanto segura um braço esmagado preso ao corpo, senta em uma cadeira e coloca o braço morto na mesa e ordena: “Corte fora!”. Eu gelei e caí para trás – gargalhou o mestre. – Um vexame. Foi o meu baque no chão que atraiu o meu mestre, que chegou calmo a perguntar: “O que cortaremos hoje?”.

Ele aprovara o fio. Prendia-o a duas hastes metálicas.

- E essa não foi a pior que ficou na minha memória. Hoje, se alguém entrar nessas condições, pretendo usar a mesma expressão.

Martius ria, ligeiramente culpado a se divertir com a desgraça alheia.

O mestre de curas conferiu a chaleira e voltou à conversa:

- Temos que esperar chiar.

- Hoje você não hesita?

- Ah, somente se eu não fosse humano! Você também hesitaria nessa profissão. Até o meu mestre certa vez hesitou. Ficou perdido! Eu nem acreditei quando ele contou. – Corrigiu-se. – Mentira, eu acreditei, porque bêbados não mentem... com facilidade. Ele desabafou todos os seus temores naquela noite. Tudo por um homem que chegou com hipotermia. Hipotermia é... – interrompeu-se quando viu o aceno positivo de Martius. – É, o homem atravessou uma distância inimaginável sem nenhum agasalho neste frio do sul. Não sobreviveria, estava azul, já tinha perdido as extremidades. Usava menos roupas que usamos perto da lareira. Meu mestre... – parou para pensar – meu mestre pensou que ele fora assaltado, mas ele disse que fugira. Quando um cobertor de pele foi colocado sobre ele, comentou que fazia décadas que não sentia tanto peso sobre o corpo. Já imaginou? Neste frio? Como sobreviveu? Bom, realmente não sobreviveu para responder às perguntas de meu mestre, mas de alguma maneira, para ele, aquilo foi mais impressionante que o braço esmagado de um pirata raivoso.

A chaleira chiou. O mestre apoiou as duas hastes acima da chaleira, de maneira que a crina recebesse o vapor. Sentou-se ao lado de Martius a aguardar. Martius comentou:

- Talvez porque ele fosse inocente.

- O quê?

- Porque a hipotermia foi mais impressionante que um braço esmagado: dói mais quando a vítima é inocente.

*

As pistas não foram cruzadas instantaneamente. Elas fizeram parte de anotações e diagramas que foram analisados naquela semana, enquanto outras das semanas anteriores foram revistas e comparadas.

- Escravos vendidos para um interior que não existe, uma lenda de um lugar amaldiçoado cheio de criaturas terríveis, e uma pessoa que quase viveu após escapar. Alguém pode estar usando o Coração de Vincent e acabou se transformando também.

- O que me preocupa é que são várias criaturas. A gema pode ser partida? – perguntou Ella.

- Espero que seja um grande monstro que gera seus asseclas, Ella. Não posso imaginar a gema partida em pequenos coraçõezinhos – respondeu Tonio.

Lucha entrevistou:

- Espero que não seja tão grande monstro como você deseja, Tonio. Acredito que Adália tenha dado trabalho suficiente.

Martius tentou ser mais realista:

- E se forem bruxos? Alguém sabe lidar com bruxos?

Entreolharam-se. Lucha perguntou:

- Necromantes? Betemares?

- Uma coisa são feiticeiros de ordens, outra é um covil de bruxos. Bem diferente do que já enfrentamos.

- Demétrio era um bruxo, Martius. Quando falei necromantes, referia-me a bruxos. E os Betemares são magos, ou feiticeiros, não sei a diferença, mas se aproximam de bruxos – disse Ella.

- Não compare Betemares a bruxos. Estes últimos se aliam a espíritos malignos, não sabemos o que encontraremos lá! – completou Lucha.

Tonio ouvia enquanto avaliava as possibilidades. Lucha continuou:

- Martius, se forem bruxos, saberei antes de pisarmos lá. Teremos como nos preparar. E vocês podem fazer melhor e tocarem para se certificarem.

Martius acenou positivamente, alinhado com o pensamento de Lucha, ao contrário de Ella.

- Como? – questionou à violinista.

- Vocês têm como sondar um espaço com a música.

Ella entendeu rapidamente, mas contestou:

- Quem estiver no espaço investigado irá nos ouvir.

Lucha concordou:

- Irá. Em contrapartida, você saberá quantos são, o peso, altura, e porte físico. Se tem algum defeito de locomoção e o quanto estão afastados ou agrupados. Já vi Martius sondar o ar assim.

Ele acenou positivamente:

- Dá até para saber o que comeram.

Impressionada, Ella queria detalhes:

- Dá?

- Os gases alteram a densidade do ar...

Não terminou pelo safanão de Ella. Tonio havia jogado a cabeça à frente para soltar o riso.

*

Difícil planejar uma viagem a um lugar que não deveria existir. Lucha procurou o velho pirata, não o encontrou. Julgou que a origem da sombra o havia alcançado.

Ella lembrou:

- Dangol Gialmeter enviou um clérigo para lá há poucos anos. Se o incomodarmos, ele nos enviará também.

Tonio avaliou:

- Provavelmente vendido. Ainda comercializam pessoas. Sugiro irmos de outra maneira.

- Se ele conhece a rota, dependeremos do homem. Temos algo que ele queira?

- Somente a música para negociar.

O pedido foi mais que incomum. Foi estranho, suspeito e inquietante: acessar a rota até Riff-pei.

- Nem o duende mais esperto da campina queimada saberia o que alguém quer em Riff-pei, se não para comercializar. Qual o plano de vocês? – apertou o traficante logo de início.

Dangol Gialmeter era um homem direto e rude. Ninguém duvidava de sua sagacidade.

- Não queremos tomar sua rota. Tem algo lá que nos interessa – Tonio respondeu com segurança para transparecer o máximo de sinceridade.

- Não diga! Nunca imaginaria isso! Pensei que queriam férias de Dust! – ele bateu a mão na mesa. – Pessoas morrem lá! Vocês sabem como é Riff-pei?

Tonio não se abalou:

- Esperamos que nos diga – disse sem tirar os olhos do homem duro.

- Este é o problema! Eu não sei! Ninguém sabe! – abriu os braços, bastante expressivo em sua opinião. – Entregamos as mercadorias na entrada, recebemos o pagamento e damos meia-volta. Agora me diga, por que eu dividiria a informação de Riff-pei com vocês?

Lucha pensou “Acaba de dividir parte dela”.

- Nós queremos entrar. E sabemos bem que, quem entra, não volta.

O homem grande deixou seu corpo pesado cair na cadeira.

- Estão dizendo que querem morrer lá? E que acham que eu acredito nessa completa imbecilidade vinda de músicos como vocês, que podem ganhar a vida em qualquer lugar?

Lucha entrevistou:

- Sabemos que há algo lá. Algo maior do que encontramos nos palácios ou salões ávidos pelo que nem sabem ao certo se existe. Presenciamos tentativas medíocres de alcançar a grandeza. Desconfiamos que nosso destino termina em Riff-pei aos olhos do mundo, mas é onde ele irá começar para nós. Queremos ser parte do que eles são.

O homem fitou Lucha agressivamente pela mentira. Ela foi firme:

- Venderemos nossa alma pelo poder e prazeres que prometem.

Algo subiu em sua espinha, ele começou a acreditar naquele olhar perversamente suicida:

- Sabem que, se entrarem, não saem mais! – advertiu.

Lucha estava em seu lugar de conforto:

- Seremos nós que não deixaremos nada mais sair. Exceto o seu pagamento, toda vez que nos entregar mais escravos.

Ele hesitou:

- Faz anos que não há escravos disponíveis.

- Tenho fé que os encontrará para nós.

Lucha falava baixo, envolvida pelo prazer de seu blefe. Tonio permanecia de braços cruzados e aspecto arisco dos chefes que delegam a palavra a suas marionetes. Viu o homem fazer um sinal discreto com o dedo enquanto inspirava fundo. Era o mesmo sinal que Ella vira ao conversar com a jovem da taverna.

- No dia em que o céu encontrar o mar, consumido pelas chamas do ódio, a vingança irá soprar as almas dos vivos e vocês estarão no centro do mal libertado ao mundo.

Lucha e Tonio estranharam. Ele explicou:

- É uma profecia antiga. Combina com vocês.

Tonio cortou o misticismo que Lucha jogou no ar e que o contrabandista surpreendentemente captara:

- Iremos com ou sem sua ajuda, mas talvez queira lucrar com nossa viagem.

Ao sair, Lucha alertou Tonio:

- Ele vai nos vender.

Tonio concordou:

- É um bom método.

*

- “No dia em que o céu encontrar o mar, consumido pelas chamas do ódio, a vingança irá soprar as almas dos vivos e vocês estarão no centro do mal libertado ao mundo.” Fácil. –

Martius comentou enquanto cavalgava. – Os dragões aprisionados foram libertados ao mundo a partir dos ventos que sopraram em Fraga, a vingança foi soprada sobre as almas dos vivos em Fraga: tanto humanos quanto dragões. Isso aconteceu no dia em que o céu encontrou o mar, formando a tempestade que dura até hoje. O mar consumido pelas chamas do ódio é uma menção ao fogo dos dragões e o ódio dos homens que quiseram destruí-los. O consumido é pelo mar ser dragado para formar a tempestade. Quem esteve no centro de tudo? Os nossos dragões, no centro do mal. Como somos atualmente seus representantes, a profecia combina conosco.

Ella estava pasma. Martius interpretou com tanta precisão que só poderia haver algo de errado em tamanha facilidade. Encaixava-se perfeitamente, era possível ou foram condicionados àquela interpretação? Depois comentou:

- Brilhante. Preocupante. Apavorante!

- O que houve, Ella?

- Este homem no fim deste mundo conhece uma menção à origem dos ventos que nem Fraga sabe existir!

Martius se calou. Tonio sorriu.

- Estamos no caminho.

Ella continuou:

- E ele acha que combina conosco! Será que ele sabe do Coração de Celiah?

Lucha alertou:

- Se você continuar nesse volume, a caravana inteira logo saberá.

Caravana era um termo generoso. Seis pessoas acompanhavam os bardos munidos de mercadorias sobre vinte mulas mais algumas carroças em uma paisagem que não era monótona, mas estática. A terra cinza de pedregulhos e ocre da terra seca sobre um leve matiz de verde limão pardo da vegetação rasteira era rompida pela linha reta do horizonte que anunciava o cinza de um céu permanentemente nublado. Por vezes, o azul rasgava o tapete felpudo de nuvens em veios que apontavam a direção do vento em altura. Era um teto infinito batizado pelo sol baixo de luz cinza que, intimidado, evitava anunciar que vibrava soberano em outros céus sobre uma abóbada saliente.

A parte mais emocionante da viagem foi a depressão para travessia do leito seco de um riacho de cerca de cinco metros de largura que deveria ser funcional no período de chuvas. Não parecia chover naquele lugar, mas a água brotava de algum ponto para alimentar o riacho e justificar aquele curso.

Quando o tédio da paisagem chegava no limite, alguém dizia:

- Lembre-se do charco.

A viagem se tornava imediatamente emocionante, pois o balanço das ancas dos cavalos permitia uma dança a qual o cavaleiro se adaptava para criar uma coreografia própria. A paisagem fornecia diversas opções de arranjos de pedriscos alternados à vegetação

rasteira, ora agrupada, ora esparsa sobre pequena área, ou a cobrir um grande espaço cuja escala ampliada gerava um tapete verde-limão pardo salpicado de poesia. O céu se tornava um tapete protetor que apontava o Norte a permitir uma brincadeira de adivinhar onde o sol se escondia naquele horário. Os rasgos de azul indicavam a intrigante falha na trama das nuvens, que dava margem a cogitar qual criatura havia perfurado o teto para se divertir a observar as criaturinhas minúsculas na terra.

Bastava lembrar do charco e até a luz cinza brilhava com ardor.

Com os ânimos elevados por um ponto de vista induzido, resgatavam a conversa descontraída de outros tempos, faziam as piadas de sentido duplo e contavam os casos despojados de Dust. Lucha quis saber de Lina, Tonio deu uma desculpa e desviou a conversa a perguntar do capitão Velasco, quando foi cortado:

- Eu pergunto de nossa amiguinha que ficou para trás, e você se lembra do capitão?

Ele desviou a atenção para a paisagem longínqua, inspirando o ar gelado e limpo a se distanciar de Dust. Lucha prendeu os lábios forçosamente com a intenção de ignorar o advento de uma suspeita. Ao contrário de Lucha, Martius abriu um sorriso largo e silencioso de quem entendia a correlação.

De sua parte, Ella disfarçava as saudades de Leafir, e se perguntava o quanto ele se entediava enfurnado dentro de uma biblioteca cheia de poeira, ou se conseguia arrancar alguma emoção das descobertas bibliográficas sobre o passado dos dragões. O passo lento dos cavalos dava muitas oportunidades de introspecção e, vez por outra, Martius emparelhava seu cavalo na retaguarda da caravana para que ela pudesse deixar seus sentimentos fluírem em uma conversa curta ou na simples companhia silenciosa. Às vezes, o silêncio dava margem a um cantarolar sem palavras que embalava a viagem.

Seguiam neste ritmo intercalado por seis noites de acampamento até avistarem Riff-pei.

Pouco antes, já haviam previsto que se aproximavam pela mudança no comportamento dos batedores. Trocaram olhares e nada disseram. Uma tensão surgiu no ar entre os quatro e os demais, o que claramente definiu os papéis naquela caravana. Qualquer instrução aos bardos era mal simulada, qualquer ausência de instrução indicava maiores intenções. O momento de contemplação acabou. Os bardos sabiam o que fazer.

O alforje de Tonio estava mais leve. Ele deixara um pacote de agasalhos enterrado na última parada. Lucha fizera o mesmo na noite anterior, porém com armas. Na parada seguinte, após perceberem mudanças no comportamento dos batedores, Martius enterrou os instrumentos bem protegidos da terra, que preservaram dos olhos dos demais viajantes ao longo do trajeto. Em todos, havia comida e água. Por fim, quando Riff-pei estava à vista, Ella disfarçou para guardar a gema a uma pequena profundidade, arrependida de não a ter deixado aos cuidados de Leafir. O trajeto árido e sem possibilidades de ações furtivas, assim como a possibilidade de serem vendidos como escravos, os convenceu de que expor o Coração de Celiah fora uma péssima estratégia. Restava remediar. Não havia como cogitar matar os viajantes e entrar furtivamente em Riff-pei por dois motivos: ninguém estava disposto a tirar vidas desnecessariamente e não tinham ideia do tempo despendido a averiguar assentamento tão ocluso.

A vista à cidade, talvez ao forte ou à vila, impedia identificar o que Riff-pei era. Estava sobre um elevado de menos de três metros de altura cercado por um muro liso e reto de adobe de outros três metros. Não havia possibilidade de estimar a forma do local, exceto se o circundassem, pois o alinhamento dos muros era descontinuado por quinas sem regularidade geométrica. Parecia largo, mas a extensão não era visível. Parecia sem vida e sem ruído, ausente de janelas, frestas ou seteiras, nenhuma torre ou ponto de observação. Era um volume de geometria incerta no meio do nada, onde apenas um grande portão de ferro natural se destacava em uma das faces. Também não havia trilha, mas um talude natural pouco demarcado pela falta de uso daquele acesso.

Os bardos se entreolharam a se perguntar pela qualidade de suas escolhas.

Os viajantes experientes aproximaram-se em silêncio, atentos aos bardos. Um não resistiu:

- Têm certeza do que estão fazendo?

Tonio perguntou, duro:

- Se não, há tempo para arrependimentos?

O homem não respondeu. Ao que parecia, ninguém estava disposto a recuar.

Aparearam para galgar o talude a pé. Bateram no portão com o cabo de uma espada com esforço, cujo estrondo rimbombou pelo vazio às suas costas. O vento leve soprava uma canção monótona. Não ouviram os passos que antecederam o rangido do portão.

Um único homem alto e magro surgiu à porta. Tinha um capuz pardo a proteger as orelhas, que segurava com as mãos preparado para vencer o vento do exterior. Deslizou os olhos sobre as figuras familiares e os estancou nas quatro novidades curiosas a fitá-lo.

- Trouxemos as encomendas.

- E esses?

- São para vocês.

- Por que não estão amarrados?

- Porque não é preciso.

Tonio se adiantou:

- Queremos nos juntar a vocês.

O homem olhou desconfiado os quatro de alto a baixo, como se avaliasse uma mercadoria estragada. Ele visivelmente não sabia como proceder.

Olhou para os mercadores regulares, pedindo instruções. O líder fez um sinal a indicar que custaria dinheiro e deu de ombros, pois era só mais um produto a ser entregue. O homem hesitou, e resolveu retornar a seu assunto de conforto:

- E o restante da entrega, é como sempre?

- Ah sim, o restante é sem surpresas!

Aquele tom deixou o homem mais inseguro, mas o fez tomar uma decisão:

- Esperem!

Fechou o portão. Depois de vários minutos, começaram a se sentar ao chão.

*

Duas carroças passariam facilmente com velocidade através daquele corredor sem teto de paredes lisas como as externas. Era uma estranha rua confinada nas laterais, sem calçada ou janelas. Depois que tiveram permissão para entrar, eles foram escoltados por quatro homens até o primeiro vértice obtuso desviando-se à direita, onde sumiram da vista das negociações no portão para avistarem uma solitária porta em mais vinte metros de paredes cegas que desapareciam após outro desvio, mas à esquerda. Martius imaginou um zigue-zague daquela rua e outras portas à frente, mas não pôde conferir, pois entraram pela primeira e única até aquele momento, onde os agasalhos foram requisitados e os homens foram empurrados com certa deferência contra a parede para uma revista. Fizeram menção do mesmo com as mulheres, que naturalmente aguardavam o mesmo tratamento, mas hesitaram. Um homem que parecia um líder disse, com pouca segurança:

- Olhem para baixo, toquem de leve com o pensamento aquecido. Não há problema se não há intenção, assim ordena a necessidade.

Os excessos foram amenizados de suas consciências após encontrarem armas nas cinturas, botas e outros cantos dos corpos das mulheres. Lucha não conseguiu segurar o riso quando Ella, orgulhosa, piscou a indicar a igualdade de direitos, deveres, conquistas e desgraças. Todos pararam tensos e se voltaram a ela, que justificou a simular constrangimento com a cabeça baixa:

- Cócegas!

Foram separados para um interrogatório de respostas prontas:

- O que vieram fazer aqui?

- Queremos nos juntar a vocês.

- Viajamos por longa distância para encontrá-los.

- Ouvimos que aqui acharemos o que procuramos.

- Por quê?

- Estamos cansados do mundo exterior.

- Não há nada lá fora que nos interessa.

- A vida cotidiana tem um tédio que não conseguimos preencher.

- O que esperam encontrar aqui?

- Um caminho a seguir.

- Uma saída do inferno do mundo exterior.

- Nosso destino.

- Uma vida sem mediocridade.

Parecia não funcionar. Hora do plano B:

- Mais que a superficialidade do mundo exterior.

- O fim das tentativas vãs que só trazem dúvidas.

- A saída para nossas angústias.

- Uma vida superior.

- O prazer máximo que prometem.

As palavras ligeiramente menos vagas deixaram os interrogadores mais satisfeitos. Caso estivessem juntos, os bardos teriam notado que todos estavam sérios, andavam de cabeça baixa, mantinham os ombros encurvados e vestiam roupas sóbrias e leves. De fato, os cômodos internos eram termicamente confortáveis e dispensavam tanto isolamento corporal. Roupas semelhantes foram providenciadas aos visitantes, que se reencontraram para uma refeição.

Martius estava de pé, apoiado em uma mesa com 10 assentos, quando viu Ella entrar de touca e vestido cinza fechado até o pescoço. Mangas compridas, porém, de tecido leve e saia rodada de cintura alta até os pés, garantiam que apenas suas mãos e rosto ficassem à mostra. Ele tentava segurar o riso quando Lucha entrou de outra porta com roupa igual, e Tonio veio de uma quarta. Os homens vestiam camisa abotoada até o pescoço, calças retas e sandálias. Cada qual não sabia se ria de si ou dos outros. Ella levantou os braços e girou, exibindo seu novo modelo. Lucha se sentou sobre o banco, enfiando o tecido farto entre as pernas, para se encostar despojadamente na tentativa de compensar aquela fantasia. Tonio se sentia mal com o corte pobre de tecido barato que prendia os movimentos, levantou os ombros tentando soltar o tecido ou adaptar o corpo àquilo.

- O que é que está acontecendo?

Uma das portas se abriu e mulheres e homens com trajes semelhantes entraram, alguns carregando tigelas e copos, outros com panelas quentes que inundaram a sala com um cheiro hospitaleiro. A expectativa da comida quente e saborosa os calou. Imitaram os anfitriões que, de cabeça baixa, sentaram-se silenciosamente, mãos recolhidas sobre as pernas, aguardaram que uma mulher servisse e passasse cada tigela à frente até que todos estivessem servidos. Do outro lado da mesa, um homem fazia o mesmo com o vinho. Uma sopa forte e um vinho aguado os recebeu em meio a nenhuma curiosidade aparente. Por vezes, um deles levantava o olhar para cruzá-lo com o do homem sentado na cabeceira, que fazia um sinal para baixarem novamente para a comida. Ella se sentiu repreendida por um tutor. Lucha pensou se seria castigada com uma vara no fim da aula. Tonio esperou por explicações que não vieram. E Martius se perguntava por quê obedecia.

À medida que a refeição terminava, cada comensal repousava as mãos com os dedos cruzados sobre a mesa, novamente a aguardar. Os novatos imitaram, após algumas conferidas à volta e sinais entre si cortados pelo olhar disciplinador do homem da cabeceira.

Tendo o último indicado o encerramento de sua refeição, o chefe pôs as mãos nas laterais da mesa. Todos levantaram-se ao mesmo tempo, exceto os aprendizes que o fizeram descoordenadamente. Então ele levantou e disse:

- Agradeço a companhia de nossos valorosos de vida plena que recebem com exultante alegria as novas almas agasalhadas pela nossa partilha.

Todos moveram a cabeça, ainda a fitar as tigelas vazias. Ele continuou:

- Sejam bem-vindas as novas almas adeptas. Sabemos como a viagem é dura, descansem esta noite, amanhã suas angústias serão sanadas.

Cada presente tocou de leve o ombro de um, e foram levados separadamente para quartos com duas camas. O guia silencioso tomou uma e apontou a outra para o visitante.

Ninguém dormiu naquela noite.

*

Na manhã seguinte, encontraram-se todos, novatos e veteranos, na mesma mesa para dividir um pão seco amolecido com um suco ralo de sabor indefinido. O protocolo foi idêntico, porém sem a expectativa cômica que antecederia o jantar. Ao contrário, eles estavam aliviados de ver todos inteiros e bem. Calcularam que o mesmo acontecera com os amigos: absolutamente nada.

Ao se levantar, o líder meneou a cabeça e todos, à exceção de quatro, dois homens e duas mulheres, recolheram os utensílios, limparam a mesa e deixaram o salão. O homem se apresentou:

- Sou Alton, responsável por esta agremiação de paz e de calor a que vocês, voluntariamente, se entregam. Estou certo disso, é voluntário?

O silêncio mostrou não ser uma pergunta retórica. Tonio tomou a palavra:

- Esperamos que aqui...

O gesto discreto da mão levantada foi acompanhado das palavras em volume baixo:

- Sim ou não.

Intimidado pelo protocolo, Tonio soprou um singelo:

- Sim.

Os demais balançaram a cabeça positivamente.

A formalidade de Alton combinava com a paz que procurava emitir:

- O gesto de desapego nos aquece!

Os quatro acompanhantes confirmaram com a cabeça, murmurando algo incompreensível.

- Embora desapegado, sabemos que têm muitas perguntas. As almas perdidas são raramente resgatadas, imagino que o mundo gélido os tenha açoitado por anos até que pudessem enxergar o verdadeiro caminho para aquecer os corações.

A pausa foi preenchida apenas com o menear positivo da cabeça de Tonio apoiada pelo olhar atento dos outros três. Lucha mantinha a cabeça baixa e olhos levantados, a combinar a intenção de respeito com a necessidade de se manter atenta. Ella levantava a cabeça eventualmente e Martius não a abaixou em nenhum momento, mas elevou o queixo curioso a captar os detalhes de todos os envolvidos. Alton percebeu, mas ignorou com um sorriso tolerante.

- Estes são Zelda, Velma, Zirgur e Virgur. São seus guias. Perguntem a eles, orientem-se, aceitem a experiência que têm a oferecer. Vocês vieram juntos, mas são agora parte única de uma massa de almas febris cuja estima é aquecida pelo todo e que, individualmente, aquece o vizinho. Seu vizinho é sua sobrevivência. E você é a sobrevivência de seu vizinho. Juntos, mantemos a unidade de Danati.

Por fim, ele fez Martius dar um salto quando se dirigiu a Lucha, Ella, ao próprio Martius e a Tonio:

- Xilena, Moliena, Tirmor e Sirmor, vocês são agora parte da Plêiade de Danati.

*

Se Martius quase pulou quando conheceu seu novo nome, Zirgur piorou as notícias:

- Cortar os cabelos?! Nem pense em chegar perto! E não pense que Tonio vai facilitar mais do que eu.

- Sirmor! – corrigiu o guia.

Martius o olhou com desconfiança. Zirgur prosseguiu.

- É o seu amigo. Você é Tirmor. Irá se acostumar. Também com a ideia de cortar esses cabelos longos e a barba. Geralmente, cortamos imediatamente até das mulheres, por que há tantos homens de cabelos compridos em sua terra? No caso específico de vocês, Alton ordenou que fôssemos pacientes, já que vieram por vontade própria. A adaptação de vocês é diferente do que estamos habituados, queremos que sejam felizes desde o primeiro dia. A Regência deseja uma experiência reconfortante em sua adaptação, embora queiramos entender melhor os motivos que os trouxeram. Se o mundo está mais gélido, novos voluntários podem estar a caminho e finalmente poderemos prover as almas como almejamos. No entanto, precisamos estar preparados, e vocês irão nos preparar para os futuros adeptos assim como nós os prepararemos para a comunhão máxima.

Em outro canto dos cômodos escuros iluminados por fracas lareiras que surpreendentemente aqueciam apropriadamente os recintos, Tonio perguntou a Virgur:

- O que é a Regência?

- A orientação máxima da Plêiade de Danati. Irá conhecer seus membros, iniciando pela honra de ser recebido por Alton.

- E Riff-peí?

- É como nos chamam no mundo frio. Ignore tudo o que vem de fora. Se pudéssemos, ignoraríamos os recursos, mas dependemos deles. E é o meio para resgatarmos as almas que anseiam o calor de nossa agremiação.

Em outro lugar, Ella perguntou:

- Refere-se aos escravos?

- Não temos escravos, Moliena, não faria sentido com nossa fé. Queremos compartilhar o calor que aquece as almas. Escravos são gélidos, almas desesperadas e soltas no mundo. Alguns adeptos enfrentam um caminho mais difícil, mas os percalços são parte da descida até Danati.

Ella duvidou daquela elevação espiritual por meio de uma descida:

- E como foi para você?

Velma foi natural:

- Eu sou abençoada, Moliena. Tive a sorte da vida plena desde o primeiro dia de minha existência.

Lucha fitava o cabelo curtíssimo de Zelda.

- Isso não vai dar certo.

- Vocês têm tempo, Xilena.

Lucha odiou aquele nome.

- Quem definiu os nomes?

- Vocês são adeptas, são en. As nascidas são el.

- E os homens são ur e or.

- Em geral. Alton ascendeu à Regência.

Lucha coçou a nuca, imaginando a pele descoberta caso tomasse a base da cabeça até a raiz. Zelda removera a touca para que ela visse:

- E quando vamos cortar?

- Quando sentir que está disposta a entregar seu calor e receber em troca.

Lucha suspirou:

- Pode ser mais clara, por favor? Eu não conheço essa linguagem, não sei exatamente o que significa.

Zelda a fitou insegura. Ela não sabia se expressar de outra maneira.

Martius quase bateu a cabeça propositadamente na parede:

- Casamento?

- Por que a surpresa? Não veio se entregar à nova vida cheia de calor e...

- Sei, sei dessa parte, mas chegamos ontem! Já decidiram com quem nos casamos?

- Somos poucos, os recursos são poucos, tudo deve ser bem planejado, muito contado. Desde o nascimento temos a lista, e adeptos são sempre uma benção para preencher as lacunas que não conseguimos com os nossos.

- E por que não podemos escolher? – perguntou Martius.

- A Regência nos mostra que a união deve ser por meio do aprendizado. Os adeptos trazem tanto quanto os de vida plena, a sobrevivência depende da união das mentes e almas, mas também dos corpos. Alimentar a separação por grupos de adeptos longe daqueles de vida plena é danoso. Devemos unificar as origens e romper as divisas que geram identidades distorcidas. Somos todos mantidos pela fonte. O que importa onde estivemos antes de aquecer nossas almas?

A tensão de Martius contrastava com a calma de Zirgur.

- E quando é esse casamento?

- Quando você estiver pronto.

- Na prática, Zirgur! Quanto tempo, em geral, ocorre um casamento depois de um adepto passar por aquele portão?

- Uns dois sóis altos. Talvez com vocês, que vieram de coração aberto, um sol alto, no mínimo.

Martius relaxou. Se o sol alto for a menção do ciclo de um ano, de um solstício de verão até o outro, ele não se casa antes de cortar os cabelos.

Ella tentava ser mais realista:

- Então vocês têm filhos, vivem em comunidade, comem, bebem, e praticam a... fé?

- Temos pequenas chamas que aquecem nossos corações, vivemos na Plêiade, comemos, bebemos e amamos com aqueles que compartilham nosso calor nos diversos níveis de trocas que praticamos. Nossa fé é na fonte, nossa vida é entre os que amamos. Praticamos a troca, a paz, a plenitude do toque casto.

- Æh? – foi o que pôde dizer, sem ser capaz de captar a última parte.

Era o que Virgur explicava a Tonio:

- As trocas são sagradas. De experiências, de palavras, de olhares e de calor. Não as desperdiçamos. Eu, Velma, Zelda, e Zirgur fomos honrados com a oportunidade de trocar palavras e experiências com vocês além do habitual, pois são um caso especial. Por sermos preparados – a mim prometeram uma das Regências quando estiver pronto – saberemos como evitar nos perder na insanidade do desperdício que vocês trazem. Medir nossas palavras, nossos gestos, nossas trocas em geral é essencial para concentrar nosso calor para o que realmente importa, mas não pense que somos radicais. Observe que é necessário que eu me aventure a tocá-lo para seu aprendizado.

Tonio franziu o cenho:

- Virgur, você tocou de leve no meu ombro somente uma vez!

- Exatamente. Sei me controlar.

Tonio inverteu a direção das sobrancelhas antes unidas, inspirou fundo, encostou-se à cadeira dura e abriu os braços. Foi corrigido:

- Os gestos também não são desperdiçados. Você aprenderá.

Tonio recolheu os braços e encurvou os ombros. Levou segundos para refazer o raciocínio:

- Então, caso você tocasse os meus braços para que eu os retraísse... – deixou as palavras no ar.

- Poucas palavras resolveram, sem que eu precisasse encostar. Não sou um depravado.

Lucha também inspirava fundo, mas encolhia o corpo como a prender a sanidade para os próximos dias:

- Palavras, olhares...

- Seja contida, Xilena. Você tem muita expressão corporal. Vai aprender. Há um exercício mental que deve fazer. Repita a cada hora: recato, recato, recato. Ao perceber alguém vindo: recato, olhe para os pés. Os seus pés, tire os olhos dos meus. Não gaste sua energia com curiosidade. Não cabe a nós observar, mas à Regência. Braços junto do corpo, passos leves, evite movimentos bruscos: recato ao se deslocar para evitar atenção desnecessária. Quando precisar receber algo, aí sim, é o momento de estender as mãos para evitar aproximar o corpo: recato na praticidade do cotidiano. Faça-o sem abrir os braços, gestos largos são desperdício de calor em uma função desnecessária. Guarde o seu calor para trocar com aqueles a quem ama.

Ela se manteve séria pela surpresa nos ensinamentos, quando largou sua ironia:

- Não imagina como ansiava por esta troca casta de Riff-pei que tanto falam afora destes muros.

Tonio ainda queria saber:

- E meus amigos?

- Serão bem orientados. Você deve se preocupar com sua própria adaptação. Ela é lenta, é uma transição dolorosa, adeptos chegam com muitos vícios.

- Então, não é bom que nos apoiemos?

- Se você se apoiar em alguém que está frio, irá perder o seu calor.

- O que significa...

Virgur suspirou, precisava manter a paciência. Tonio percebeu e se justificou:

- Nem sempre as metáforas...

- Sim, sim, eu sei. Se você se apoiar em quem está fraco, ambos irão cair.

Tonio balançou a cabeça para concordar. Virgur o corrigiu:

- Um movimento contido é suficiente, Sirmor. Você moveu três vezes desnecessariamente. Foram curtos, mas pode ser apenas um, e mais lento. Seja contido.

- Vou tentar me lembrar. – Tonio já conversava com as mãos presas entre as pernas juntas, ombros arqueados e cotovelos unidos ao tronco.

Quando Ella perguntou a Velma:

- Como é que não sentimos frio?

Ela respondeu com segurança:

- Pela fé.

- Eu ainda não tenho fé. Quero ter, mas acredito que ainda precisarei de mais tempo.

- Nós temos fé suficiente para todos vocês.

Quando Tonio perguntou a Virgur:

- Quando conheceremos os Regentes?

Ele foi vago:

- O mais importante é que a Regência já conhece vocês.

- Posso perguntar como?

- Boa vontade não implica em ingenuidade, Sirmor.

Quando Lucha perguntou a Zelda:

- Com quem vou me casar?

Ela foi direta:

- Com Virgur ou Zirgur. Assim como eu, com Tirmor ou Sirmor. Você poderá me passar algumas indicações do que eles gostam...

- Só conheço as preferências musicais. No frio lá de fora, somos libidinosos somente com o resto do mundo todo.

Quando Martius perguntou a Zirgur:

- E música? Vocês têm música?

Ele riu:

- Já pensou no gasto desnecessário de calor da música?

- Não. Vejo que ela gera calor e intensifica as trocas. Isso é bom, não é?

Zirgur reagiu como se um sacrilégio fora dito. Martius começava a aprender o que podia ser dito.

*

Viram-se algumas vezes, faziam gestos recatados a trocar mensagens, principalmente que estavam bem. Levaram dias para terem oportunidade de se falar. Tonio sinalizou a

Martius e derrubaram uma pilha de toras de madeira cujo custo energético era justificável para que fossem deslocadas. A confusão fez com que se unissem para trocar informações.

- Todos bem? – Tonio quis conferir.
- Bem ociosos! Não há nada aqui de útil!
- Há algo, nem tudo se encaixa, Lucha.
- Essa touca horrível não se encaixa. Nosso silêncio não se encaixa. Estou quase gritando de loucura – disse Ella entre dentes.
- Calma Ella!
- Eu não vou cortar meus cabelos! – exasperou-se a violinista.
- Esqueça isso. O que descobriram? – Tonio tentou direcionar a discussão.
- Que Martius vai se casar.
- Você também Lucha, sei com quem, mas não conto.
- Ei!
- Tonio, você vai cortar seus cabelos? – duvidou Martius.
- De jeito nenhum, mas não é o importante!
- Eu corto, barba, cabelos, depois cresce. Nem me preocupo – esnobou o rastreador despreocupado.
- Concentrem-se no objetivo! O que descobriram?
- Que não sou espiritualmente elevada para me manter em silêncio – confessou Ella, segurando a touca.
- Espiritualmente aquecida! – corrigiu Lucha a levantar o indicador sem recato algum.
- Foco! – sussurrou Tonio.
- Tonio tem razão! Estamos gastando nosso calor nas trocas erradas.
- Pare, Martius! Está levando muito a sério!
- Temos que nos adaptar, Ella.
- Aprenderam a Revelação? – Lucha se lembrou da oração que decorara.
- Foco! – insistiu Tonio.
- Eu aprendi. Só não vou interromper a respiração – ponderou Martius.
- Estão olhando para nós.

Tonio estava tão vermelho de raiva pela oportunidade perdida que Martius não entendeu como ele não foi repreendido pelo calor que despendeu do rosto.

Revelação de Danati

Pelos dias que caminhei,

*Dos séculos que atravessei,
Fui e voltei,
Lutei e chorei,
Quando a esperança se foi.
Tolo!
Feche os olhos,
Cubra os ouvidos
Segure a respiração,
Sentirá na pele a verdade,
Que o frio cobria com a falsidade.
Não se vá,
Nada há,
Os que foram se perderam no passado,
E o calor, somente a nós, é reservado.*

Ella pensava na Revelação deitada para tentar chamar o sono. Estava irritada, pois nada podia fazer além de trabalho braçal quase escravo, a olhar para baixo e fingir alegria em uma prisão do próprio corpo. Sem nada a fazer, repassou os versos. “Sem métrica decente, rima pobre, como falta musicalidade nessa seita. Se cobrir os olhos, os ouvidos e a respiração, como Martius comentou, ou seja, o olfato, só sobra mesmo o tato. E eles fazem isso por séculos?”

Seu senso crítico estava muito aquém da imparcialidade, mas a análise a ajudava a manter a sanidade com o pouco material que tinha. Continuou o exercício de pensar mal da Plêiade.

“Humpf! Não é à toa que só conseguem escravos para este lugar. E usam essa oração para convencer os outros a não fugir, já que um imbecil diz que foi e voltou? Quem sairia e estaria disposto a retornar? Eu jamais! Duvido que alguém tenha volt...”

Sentou-se de prontidão na cama a procurar os versos no ar. Repetiu algumas vezes, depois refez a ordem mentalmente. “Fui, caminhei por dias, lutei, quando a esperança se foi, voltei, e séculos atravessei.”

Quando Ella contou a Lucha, ouviu uma novidade emocionante se comparada à rotina recatada da Plêiade:

- Que a carne queimada pela medusa seja espetada pelo ouriço!
- Essa eu não conhecia, Lucha!

Lucha a ignorou.

- Ella! Cubra olhos, ouvidos e nariz, o que sobra senão o tato? Você tem razão, ninguém sai, pois é inútil, os irmãos que se foram estão no passado! As outras gemas não voltarão. Só restou o calor, Melgrod...

- ... somente a nós é reservado – Ella completou empolgada.

Uma adepta passou sorrindo discretamente ao vê-las recitar a Revelação com tanto fervor. A troca pelas orações era bem-vista.

- Martius vai amar!
- Falar com os homens é mais difícil.
- É hora de ousar – incitou Lucha animada a uma transgressão maior do que os espirros que alegava incapacidade em segurar.

Não havia muito o que ousar. Sem malícia, Zelda deixou a chave do quarto onde dormiam ao alcance. Escaparam furtivamente depois que suas companheiras de quarto dormiram, e se encontraram para seguir até o que deveria ser um alojamento masculino.

Elas observavam os acessos há dias. Já tinham notado que não havia casas, os prédios térreos eram conectados uns aos outros ao longo da rua que ziguezagueava em uma espiral dura. Sem vazios, exceto pela rua, o calor circulava de ambiente a ambiente conectados por portas e venezianas. À medida que entravam pela espiral, testemunhavam maior conforto e recursos, como tapetes nos pisos e madeira em algumas paredes. Embora de aspecto frugal, a Plêiade admitia alguma comodidade para seus membros mais fervorosos.

Ao chegarem a um corredor idêntico ao dos dormitórios das mulheres, cruzaram olhares autocríticos.

- Deve ser aqui que os homens dormem. Escolha uma porta.
- Não podemos errar, Lucha.
- A desculpa do sonambulismo não daria certo?
- Não é hora de comentários estúpidos.
- É minha linha de raciocínio se desenvolvendo.

Ella bufou. Desejou o violino. Lucha arriscou, em continuidade à sua linha de raciocínio:

- Sei o que está pensando. Tocaria para revelar onde eles dormem, mas depois teríamos que sair correndo para retornar outra noite.

Inspirada pela descrição de Lucha, Ella sorriu em agradecimento à sugestão.

Ella não cantava, mas cantarolava. Era mais limitado, mas sua intenção era apenas usar o poder dos amuletos que não foram tirados pelo mesmo motivo que os cabelos não tinham sido cortados. Esticou o braço até o pescoço de Lucha, que permitiu intrigada que a violinista o ajustasse. Ella usou apenas um murmúrio vibrante da garganta para produzir uma música leve que foi captada e ressoou em cada um dos vértices de uma rede que permitiu identificar a posição dos bardos.

Em seguida, apontou:

- Tonio ali, Martius lá.

Lucha testou a porta, trancada. Arranhou levemente para chamar a atenção de quem quer que fosse. Quando Virgur atendeu, ela cobriu a boca com o dedo e disse antes que ele se desse conta do que acontecia:

- Não acorde Tonio! Silêncio!

Empurrou-o para dentro do quarto, mas deixou a porta entreaberta. Não podia dar tempo para que falasse. Para intimidá-lo, encostou seu corpo ao dele:

- Eu sei que é você! Precisamos nos falar, você deve saber tudo sobre mim!

O homem ficou estático, olhou para Tonio em pânico.

- Não o acorde, olhe para mim! Eu serei sua, preciso dizer tudo.

Lucha percebeu que Virgur começava a mostrar sinais de repulsa.

- Não é o que está pensando! Fiz tantas coisas erradas. Tão frias! Preciso que me perdoe. Que saiba tudo para que nosso calor seja sincero, sem mentiras, você precisa me conhecer.

Ele a segurou pelos pulsos.

- Mulher, não é assim!

Por uns segundos, Lucha experimentou a sensação de quando Labaki fez o mesmo. Recuou, mas usou as palavras para retomar o terreno:

- Foi tanto frio, tanto gelo nos corações. Vaguei por ruas álgidas, o vento frio me cercava! Cheguei ao desespero! Estou perdida. Eu fui a perdição! Você precisa saber, não quero que seja enganado! Quero que me perdoe antes de qualquer coisa.

Algo acontecera, ela o atingira. Ele a fitava, surpreso, porém compreensivo.

- Acalme-se.

- Não posso me acalmar. Não quero mentir! Não quero enganar! Não quero sentir frio nunca mais!

- Fale baixo!

Embora tenha sussurrado ríspido, ele ensaiou um abraço terno que rejeitou em seguida, encabulado.

- Calma. Não é assim! Teremos tempo de nos conhecer.

- Não poderei esperar! Rejeite-me agora, ou me dê a certeza de que perdoa meu passado.

Ele segurou os ombros de uma Lucha insegura e encolhida. Sentou-a na cama. Ela se posicionou de maneira que ele ficasse de costas a Tonio.

- Confie no calor que a Plêiade tem para você. Há tempo, você deve ter paz antes de emanar seu calor. Não saberá como fazê-lo sem que se prepare. Deve aprender as trocas mais superficiais, mas também importantes, antes de termos uma profunda e definitiva, entre homem e mulher. Eu saberei esperar.

- E saberá perdoar meu passado?

- Xilena, qualquer coisa que tenha feito foi no frio da noite, já ficou para trás. Aqui, só há calor para aconchegá-la. Aqueça-se. No tempo certo, eu pessoalmente a aquecerei.

Lucha esperava uma reação lasciva, ou uma compreensão patética, mas testemunhava uma serenidade e força na voz emitida e nas mãos que a protegiam com gentileza. Arrependeu-se de sua encenação. Embora não estivesse disposta a recuar, abandonou a lista de pecados escandalosos que criara para chocá-lo, e adotou um tema mais próximo da sinceridade.

- Eu fui cruel com aqueles que quiseram aquecer meu coração. Não meu corpo, meu coração. Como se eu tivesse roubado o agasalho de tantos, dei tantas esperanças para depois deixá-los no frio. Depois eu mesma me perdi no ar gelado da noite, sem rumo, ia de porta em porta a procurar outros calores para roubar. Os consumia sem reservas, passava adiante, faminta do fogo que eu mesma apagava dentro de mim.

Ele tocou sua mão.

- Então vamos falar sem metáforas.

“Ahá!! Então vocês também se cansam!”

Ela suspirou.

- Amores. Eu sempre usei os homens. Mulheres também, usei aquelas que me ofereceram amizades sinceras. Joguei umas contra as outras. Incitei homens a me defender enquanto difamava outros. Quando os destruía, deliciava-me pelo meu poder, mas logo vinha um vazio! Entediada, ia atrás de outras emoções, sempre queria mais, emoções, dramas, epopeias de uma vida sem sentido. Não há fim! Um dia, olhei à minha volta e nada era satisfatório. Eu era o próprio vazio que consumia os amores que me ofereciam generosamente, eu trouxe toda a alegria daqueles que me amaram. Já imaginou você olhar no espelho e se descobrir um monstro? Que seus mais sinceros amigos foram destruídos por você?

Algo deu uma pontada em seu lado após aquela frase. A fantasia pareceu distantemente familiar.

- E sua família?

Ela hesitou. Fez-se encabulada.

- Nunca tive.

- Terá agora. – Ele apertou sua mão, aumentando o calor trocado entre si. – Serei sua família, e farei com que esqueça seu passado e seus temores. Aqui você será outra pessoa, não é mais... ah...

- Lucha?

- Exato, não é mais Lucha. É Xilena. Aliás, não vai mais ouvir esse nome desprovido de ardência. Somente Xilena.

Lucha se sentiu ridícula.

- O importante é que não precisa de perdão. Na verdade, precisaria pela loucura que fez hoje. – Deixou um riso contido e condescendente deslizar de seus movimentos rígidos. - Mas ninguém vai saber, eu perdoo sua impetuosidade nascida do desalento. Ouça, quando seu coração se aquecer, não haverá mais desesperança. Irá acreditar no seu calor, irá ofertá-lo aos que aprenderá a amar, e eu estarei lá à sua espera. No tempo certo. Não é preciso absolvição, pois encontrou a fonte que incendeia nossa existência. Aqueça-se devagar, aos poucos irá senti-la. Sem arroubos, sem invasões no meio da noite. Estarei esperando. Confie. Está segura agora.

Afora o fato de que toda vez que Lucha ouvira que estava segura, algo de ruim acontecera, ela se compadeceu pelas esperanças que dava a Virgur, cujo agasalho logo roubaria. Viu de soslaio que Tonio retornava à sua cama.

- Desculpe minha precipitação. Foi ignorância. Sinto-me uma tola. – Levantou os olhos. – Mas uma tola consolada. Não sei se me arrependo desta troca que tivemos.

- A partir de agora, que seja pelos meios corretos. Haverá oportunidades.

- Duvido que outra seja tão especial como esta.

Ele a acompanhou até a porta e se despediram.

Na manhã seguinte, Tonio encontrou um meio de repetir a Martius o que Ella havia confidenciado durante o romance de Lucha, enquanto Virgur foi ter com Zirgur.

- Precisamos trocar.

- Trocar o que?

- As noivas.

Zirgur não entendeu a princípio.

- O que mudou?

- Apenas troque. Sei que achou Moliena mais bonita.

- Com aqueles cabelos loiros...

- Apenas troque.

- Tem certeza? Não vou destrocar!

- Ótimo. Falarei com Alton.

- Espere! Ainda quero o motivo.

- Temos nossas responsabilidades, Zirgur. Não fujo das minhas.

*

Por vezes, eles conseguiram empreender rápidas escapadas que viabilizou a transmissão de pequenos recados, um a um. Cada qual ruminava suas impressões e as enviava de alguma maneira menos criativa que a primeira incursão de Ella. Com o tempo, perceberam também que os plenos não eram vigias primorosos, o que facilitou com que

o plano fosse erigido por meio das reflexões individuais transmitidas por breves mensagens.

Tonio pensava:

“Martius tem razão. A espiral leva do único portão de entrada para um centro. Aquecer. O Coração de Melgrod está lá. O calor que eles veneram, certamente vem das chamas de um dragão. Faz todo sentido.”

Martius ponderava:

“Sair pelo telhado inexistente será mais fácil. Tão plano, deve ser como as paredes, ou de pedregulhos. Aqui raramente chove. Contudo, não posso pegar o Coração de Celiah, Ella terá que vir comigo. Ela vai chiar!”

Ella refletia:

“Não deveria ter trazido Celiah. Ela deveria ter ficado. Ir atrás do irmão, tudo bem, mas da gema que foi o irmão? Não é o mesmo, tenho que parar de pensar na gema como um ser consciente. É um coração. É só sentimento. Será que Celiah está se sentindo só lá fora, no frio?” Exaltou-se. “Será que ela gasta no frio? Preciso buscá-la!”

Tonio ainda não estava satisfeito:

“Estará num altar? Eles o adoram ou o local é só o centro de uma fornalha? E ainda há os adeptos e natos. Vida plena. Que vida? E se sacrificam os adeptos que não se adequam? Podem queimá-los. Não pode ser tudo tão bonzinho aqui! O que aconteceria se quebrássemos as regras?”

Martius construía um plano:

“Direto aos instrumentos ou a Celiah primeiro? Bobagem, cada qual vai onde precisa. Para isso iremos dois. Ella concordou, parece ansiosa. Ótimo. Tonio e Lucha terão que subir no telhado para nos puxar de volta”.

Ella lembrava o que sentia com Celiah:

“Um coração. Ela responde ao que sinto, não ao que pergunto. Ela queria vir até Vincent, apenas isso. Eu tenho que aprender a interpretá-la. Não deixa de ser um avanço. E como será o Coração de Melgrod? Sentirei a alegria dela ao se reencontrarem?”

Lucha ruminava:

“Pobre Virgur, o que fui fazer? Agora me olha com esse jeito protetor. Dá pena, mas não quero alguém no meu pé a me adorar sobre um pedestal enquanto ele próprio decide o que vou comer. O que estou dizendo? Eu não vou ficar! Não vamos! Por que estou sequer cogitando me importar com os sentimentos desse sujeito?”

Martius se aproximou de Lucha:

- Virgur não tira os olhos de você.
- Pois então, acho que ele se empolgou com esse noivado.
- Só que seu noivo é o outro!

Lucha levantou a cabeça e abaixou novamente, a fim de evitar serem notados.

- Mesmo?

- Zirgur me contou pessoalmente.

Ela sorriu a zombar de si mesma, reprovando-se.

- Quando é que passaremos a acertar, Martius?

- Quando tocarmos, Lucha. Só quando tocarmos.

- Então não demore.

- Será essa noite. Avise a Ella.

Como combinado, encontraram-se após a Plêiade se recolher ao sono.

Ella e Martius galgaram as paredes lisas com o apoio de Tonio e Lucha. Estes últimos esperaram deitados sobre o telhado plano de adobe, mesmo expostos ao vento mais frio que ainda era amenizado pelo calor do assentamento. Lucha preferiu o ar gelado a esperar dentro, não iria distrair nem um cachorro que fosse.

- Não sei por que tanta empáfia. Se um lagarto tocasse em Zirgur, ele se apaixonaria – comentou Tonio provocativamente quando estavam a sós.

Lucha foi romanticamente sarcástica em sua resposta:

- Ele não está apaixonado por mim Tonio, mas pela Xilena. Ela anda muito frágil. E ele sabe que é um amor impossível. Parece que Zirgur é meu prometido.

A única rua enviesada era o pior caminho para qualquer deslocamento. O teto plano por onde Martius e Ella escaparam por algumas horas era promissor, porém gelado. Eles se encolhiam a colocar em prática o que melhor apreenderam junto à Plêiade de Danati. Movimentos contidos, reduzir a área corporal exposta, os hábitos milenares que involuíram para o recato excessivo começavam a fazer sentido.

Tonio esfregou as mãos geladas, tanto para se aquecer como pela satisfação em ser o primeiro a dar a notícia a Lucha:

- Não mais. Eles trocaram – revelou em um sorriso que beirava o sadismo.

Lucha nada pôde fazer para impedir o riso baixo de deboche que Tonio controlava, com sincero prazer pelo revés daquela tragédia.

- Você se delicia, não?

- Shiii! – tocou os lábios com o indicador, a fim de pedir silêncio.

Ouviram murmúrios que se tornaram claros à medida que se aproximaram. Embora não pudessem ver, sabiam que um grupo caminhava devagar pela rua abaixo. Assim conheceram mais uma oração.

Louvor à Fonte

Fonte que aquece o uno e o todo,

*Vão profundo que emana a esperança,
Traga-nos a união,
Aceita nosso pacto de conciliação,
E alimente suas chamas vivas para que elas incendeiem o amor.
Livra-nos do frio glacial que endurece as almas,
Proteja-nos da avidez das pedras frígidas na fortaleza,
Afasto a malícia cortante do pélagos sobre as falésias,
Não nos deixe padecer sob a ira gélida das montanhas.
Mantenha o calor do fosso profundo,
Desmedido,
Demasiado,
Acentuado,
E entranhado,
Do vão que ascende à terra,
Aos seus que estiveram, estão e estarão.*

Trocaram um olhar cúmplice quando *fortaleza* foi pronunciado, levantaram as sobrancelhas simultaneamente quando *falésias* chegaram a seus ouvidos e menearam positivamente quando *montanhas* concluíram a menção às três moradas das estirpes.

- O mal são as outras estirpes – apontou o mestre de armas.
- Eu acho que a estirpe de Tenet decidiu ficar por aqui.
- E se tornou a Plêiade de Danati.
- Vamos avançar? – Lucha ansiava pelo próximo passo.
- Amanhã, com o equipamento adequado.
- As armas estão longe, Tonio. Martius não irá alcançá-las.
- Então teremos que nos valer somente da música.

*

Ella agarrou o Coração de Celiah como se fosse o seu. Suspirou aliviada por lhe fazer companhia novamente.

Ao contrário do que planejava, Martius esperava. Não sentiu segurança em deixar Ella só, tampouco queria caminhar na noite gelada escura sem uma voz calorosa. Ella passou o braço sob o de Martius:

- Sinta.

O coração emitia uma luz débil e um calor singelo. Exceto quando ativado, era uma pedra fria.

- Para nos aquecer?
- Celiah sabe o que estamos passando.
- É uma certeza ou uma suposição?

Ella se entregou:

- É uma interpretação. Por que aconteceria agora se fosse aleatório? Eu pensei que Celiah respondia por reflexo às minhas dúvidas, mas esta é uma indicação mais clara de que ela tem consciência do frio a que estamos expostos pela falta de agasalho.

- Pode haver outra explicação, Ella – indagou Martius.

- Ficaremos atentos. Por agora, temos com o que nos beneficiar.

Já caminhavam em direção ao esconderijo dos instrumentos ao som do vento e dos passos sobre pedregulhos frágeis a se desgastar com o momentâneo atrito.

- Ella?

- Sim?

- Não acha que está tudo fácil? Também foi aparentemente fácil entrar em Fraga. – Ele sentiu Ella apertar seu braço.

- Em parte. Não sabemos realmente o que essa gente pensa. Você chegou a falar com algum adepto?

- Sim.

- Sempre com Virgur ao lado?

- Zirgur. Virgur é de Tonio. – Ella jogou a cabeça com desinteresse. – Digo, Virgur é de Lucha, e agora Zirgur se tornou o seu noivo – ouviu a violinista bufar. – Respondendo à sua pergunta...

- Finalmente! – disse a violinista impaciente.

- ... sim, falei com o adepto com o seu Zirgur ao meu lado.

Ella tentou ignorar a chacota.

- Eles não nos deixam com os adeptos. Não pude saber que vida tinham antes e como foram parar em Riff-Pei. E se estão adaptados.

- Para sobreviver, sim. Só não podemos nos esquecer de que somos os primeiros voluntários. Os ex-escravos estão satisfeitos com a vida recatada?

- Bom, privaram-nos do discurso completo de adaptação, e de qualquer tratamento que imagino ser mais radical, por estarmos lá por nossa própria vontade. O problema é que acredito que eles acreditam!

- Nossos quatro baluartes da fé acreditam. – Referia-se a Zirgur, Virgur, Velma e Zelda. E os outros?

Ella sentiu um calafrio:

- Vamos andar mais rápido, o Coração não tem capacidade de compensar todo este frio.

Martius tocou brevemente a gema.

- Está mais fria. Pode estar perdendo muito calor para este clima. Não se preocupe, já ajudou o suficiente para que alcancemos os instrumentos, vamos nos aquecer com a magia. Quer correr um pouco?

Ella concordou. Guardaram as indagações em seus pensamentos para chegarem mais rapidamente ao destino.

Tendo se guarnecido do frio cortante com a música, Ella demorou a atentar como a gema voltava a lhe fornecer calor quanto mais se aproximavam de Riff-Pei. Sem ter onde esconder a gema, amarrou na parte inferior da coxa, logo acima do joelho onde a saia iria disfarçar o volume, e levou tempo para perceber que ela emanava sinal de sua existência. Levemente incomodada, adiou sua constatação por estarem se aproximando do barranco até a causa ser evidente.

- Martius! Está pulsando!

- Quê?!

- Celiah está pulsando! Forte!

Levantou a saia, o Coração de Celiah brilhava e pulsava silencioso ao ritmo de um coração verdadeiro.

- Fale com ela! Mande se aquietar! Não é hora!

- Como vou fazer isso?

- Antes que nos achem aqui fora!

Ella fechou os olhos, implorando para receber o que a gema queria informar e ser apaziguada em seguida.

- Não está adiantando, ela está inquieta. Ou eu não estou conseguindo me concentrar.

- Ella, a gema está iluminando a noite!

- Vou enrolar novamente.

Embrulhou a pedra e recolocou sobre a faixa na perna.

- Não está doendo?

- Não dói. Só está pulsando. Felizmente, sem ruído.

- Aguenta mesmo? Eu acho que estou meio tonto.

- Você a tocou. Fique tranquilo, eu controlo aqui.

Tonio e Lucha aguardavam na beira do telhado. Puxaram-nos para cima. Ele não esperou que Martius terminasse de subir:

- O que foi aquilo, Ella?

- Celiah.

- Por quê? O que ela queria?

- Eu não sei. Não sei de nada.

De cócoras, após ser içado, Martius alertou:

- Tonio, precisamos esconder os instrumentos. Deixe que Ella cuide de Celiah.

Tonio concordou, e em poucos minutos Lucha se esgueirava para sua cama, assim como ele próprio, que guardou as baquetas debaixo do colchão. Martius escondeu o violão debaixo da cama, enquanto Ella tentou o mesmo com o violino. Entretanto, sem sucesso.

O sono leve de Velma não se sustentara ao final da aventura de Ella, pelo que pareceu ser um ruído imperceptível.

- Como conseguiu isso, Ella?

Foi um pulo de susto com um volume nas mãos que não era possível disfarçar. Ella tentou pensar rápido, mas a tensão não permitiu. Velma também não deu tempo, pois tomou o violino das mãos de Ella:

- Como ousa? Dê isto!

Ella resistiu instintivamente ao gesto. Velma insistiu e as duas caíram na cama a disputar o domínio do instrumento, a ponto de abandonarem o recato e se enlaçar uma à outra. Foi neste momento que Velma sentiu nas pernas algo mais surpreendente que um instrumento inerte, pois emanava vida cadenciada.

O ranger da cama no quarto à frente alertou Lucha, que logo invadiu o cômodo para dominar Velma a tempo, prendendo um braço às costas e tapando a boca. A última ação foi preventiva, pois tudo transcorreu no recatado silêncio da noite de Danati.

O violino estava jogado a um canto e sem a atenção de Ella que se voltara à pedra arrancada por Velma antes de Lucha contê-la. Rolou pelo colchão iluminando sem pudor o quarto sóbrio com sua energia exibida. Ella agarrou a pedra de brilho intenso e ritmado no ar, o que impediu que o ruído acordasse mais plenos do dormitório, embora a revelação a Velma fosse irreversível.

As duas se entreolharam, hesitantes pelo dano que tal descuido causaria. Poderia ser o fim.

Lucha olhou à sua volta a procurar um meio de amarrar Velma. A plena fitava com espanto hipnotizante a gema nas mãos de Ella, que se sentara à cama vencida pelo acaso. Ao contrário da tensão de Lucha e da admiração de Velma, Ella estava entregue.

- Ella, ajude-me aqui.

Ella levantou os olhos, sem vontade.

- Lucha, o que fizemos?

- Nada ainda! Ajude!

- Não vê? Olhe o coração!! Celiah está chegando!

- O que está dizendo?

- Nunca estive tão viva!

- E nós não estaremos mais se eles nos pegarem. Venha!

Ella rasgou seu lençol e fez uma faixa para amarrar Velma, que não lutou. Ela continuava de olhos arregalados pela visão da gema, dominada por um certo êxtase. Quando Lucha tirou a mão para enfiar um pano em sua boca, tentou fazê-lo rapidamente antes que ela gritasse.

No entanto, Velma nunca havia gritado em sua vida adulta, não sabia como fazê-lo e nem estava interessada em alertar sua gente. Continuava fixada no coração quando teve oportunidade de emitir algum som e o fez para recitar em murmúrios o que fluía em sua mente. Lucha enfiou um punhado de pedaços do lençol para calar a plena, mas Ella a interrompeu:

- Espere!

Lucha não ouviu e continuou a enfiar, Ella arrancou tudo. Uma praticamente rosnou para a outra a fim de manter o recato do silêncio, mas o olhar de censura da violinista foi vencedor pela certeza de que Velma não se aproveitara da briga para gritar.

- Ouça!

- ... do calor envolvente, ó grande fonte, gênese da vida contida no deserto, de poder único imerso, ... único imerso..., mas não é único... – sua voz tremia nesse trecho. – Viemos a ti, em busca do calor envolvente, ó grande fonte, gênese da vida contida no deserto, de poder único imerso, ... não é o único imerso... não é o único... ó grande fonte, de poder único imerso... o centro da vida... há outro... não é único... ó grande fonte, de calor e vida... a única fonte... há outra fonte...

As duas se olharam e viraram as cabeças devagar para a gema que parecia querer saltar da cama onde Ella a havia deixado.

Ella tocou o rosto de Velma, na tentativa de trazê-la de volta.

- Velma querida! O que não é um poder único?

Velma não respondeu. Ella pegou o coração. Velma envergonhou o corpo, em reverência à Celiah. Continuava a recitar.

- Velma, veja. Eu trouxe para a Plêiade. Diga, há outra pedra como esta?

Velma chorava baixo.

- A fonte... a fonte...

Lucha tentou intervir, lembrando-se da última oração que não tivera tempo de explicar a Ella:

- Velma, a fortaleza queria essa pedra! A fortaleza fria tentou pegá-la! Ella a trouxe para a Plêiade. Ajude-nos! – simulou Lucha.

Velma entrava em êxtase. Lucha a esbofeteou.

- Lucha! Não faça barulho! – repreendeu Ella.

- Achei que ia gritar!

- Acalme-a!

- Você sabe fazer isso melhor!

Ella entregou Celiah a Lucha, que se arrepiou e saiu andando pelo quarto pequeno para dissipar a energia intensa que recebia, mais que um comichão como outrora. Caminhava a levantar os joelhos, envergava o corpo, agachava, ficava de cócoras, saltava. Suportava o desconforto com o movimento intenso e constante.

Vendo como Velma estava encantada pelo coração, Ella a pegou pelos ombros, delicadamente.

- Velma, trouxemos boas novas, mas precisamos de ajuda. Olhe para mim, querida. Sim, para mim. Sou sua amiga, e trouxe essa pedra para a Plêiade, e tenho uma missão. Preciso de você.

Velma a fitou, uma felicidade intensa a dominou:

- Regência Dan. Uma Dan de fora! A primeira Dan da nova fonte! Aquecida sua vida! Calorosa sua vinda!

A mulher a olhava com tanto amor que desconcertou a violinista. Lucha continuava lutando contra sua vontade de jogar Celiah longe.

- Velma, onde há outra?

- A vida plena não é nada. Não há plenitude no que somos. Você é plena! A primeira Dan da nova fonte é plena de calor e luz. É uma fonte de luz!

- Velma, querida...

- Ella, você é uma sacerdotisa da nova pedra! Da nova fonte! Use isto!

Ella conjecturou interrogativamente para Velma, que não havia estendido as mãos para a sacerdotisa por estar amarrada. Recebeu a confirmação.

- Calorosa sua vinda, Primeira Dan!

- E onde uno esta fonte à outra? Onde é a morada da fonte?

- No fosso, Aquecida Primeira Dan.

- Leve-nos até lá.

- É uma maravilha o que se passa. É uma maravilha!

- Calma! Observe. Ouça. As fontes devem ser unidas antes das boas novas. É uma missão. Venha conosco, mas mantenha o recato!

- Sou abençoada pela Segunda Fonte! Como não manteria? Que o calor e a luz se unam no fosso da vida que nos mantém!

Lucha, ensopada de suor, devolveu Celiah para Ella e enxugou a testa com os trapos que queria enfiar na boa da aquecida serva da fonte do dragão.

O problema seria como avisar os outros.

- Se Zelda acordar...

- Precisamos deles – sussurrou Ella.

Lucha olhou para Velma. Ela aguardava, encantada.

- Velma, você concorda em vir em silêncio recatado até que as fontes sejam unidas no fosso?

- Como não? Se a Primeira Dan ordena!

- Não sabemos como isso funciona, Velma. Por que diz que ela é a primeira? – Lucha queria mais informações.

Velma era toda boa vontade:

- O Primeiro Dan trouxe a fonte milênios atrás, quando a civilização de iniciou após a origem da vida. Hoje, a Regência Dan mantém o fosso.

- E Ella é a Primeira Dan da nova fonte?

- Na época, houve dúvida e frio também. O Primeiro Dan vagou e retornou para a fonte. Ele nada encontrou no mundo além de frio, desespero e solidão. Temos uma nova Primeira Dan, aquecida seja sua vinda!

Ella levantou o queixo, assumindo sua posição após o esclarecimento:

- Pois bem, eu declaro que sua missão é unir as duas gemas. Desculpe, as duas fontes. É também a missão de Zelda, assim como Virgur e Zirgur. De mais ninguém! Vocês não foram escolhidos pela Regência Dan para nos orientar, mas pela própria fonte que inspirou os Dans para que vocês quatro viessem nos ajudar. Esse é o verdadeiro propósito de vocês. E devem cuidar para que cheguemos com segurança até o fosso.

Velma sentiu o peso da responsabilidade, reverenciou a ordem. Ella se voltou a Lucha:

- Uma coisa é certa. Celiah sente Melgrod, quanto mais próximos estamos, mais forte ela se manifesta!

*

- Consegue controlá-la? – Tonio se referia à gema.

- Não é uma questão de controle, Tonio, não incomoda. Só está cada vez mais forte!

Ella tinha o violino às costas e prendia a gema em suas mãos ao peito, a protegê-la. Zelda doara o cobertor preto para enrolar a nova fonte. A cada revelação a um dos plenos, os bardos gastaram alguns minutos a controlar as reações de espanto, alegria, êxtase, choro e quase convulsão, nem sempre nessa ordem.

Agora, eram guiados por Zirgur, que encarnara a liderança de um futuro regente inspirado nas boas novas que incendiavam seu coração. Junto dele ia Tonio, que segurava Ella pelo braço, receoso do tesouro que a expôs aos plenos. Devotos, porém instáveis. Virgur estava na retaguarda, a manter um especial cuidado com Lucha. Martius se voltava com um ar zombeteiro, a prender entre os lábios o riso recatado e a soltar um falso suspiro de amor. Chegou a repousar as mãos ao coração em certo momento. Lucha o odiava mais que a

Virgur, pois respeitava a sinceridade do segundo embora considerasse aquele excesso de zelo uma perigosa proximidade com a estupidez.

- Não conseguem mesmo armas nesse lugar?

- A Regência mantém poucas armas para nos proteger do mal exterior, Tirmor. Não temos acesso a elas. Mas não vão precisar, carregam o sublime nunca dantes imaginado. Para quê armas?

- Não sabemos se o mal nos persegue, Zirgur.

Ele fitou Lucha, todos ficaram sobressaltados.

- Devemos avisar a Regência? Eles sabem lutar.

Tonio salvou a tempo.

- É uma suposição, não considerem. Lucha vê perseguição em tudo. Ignorem e continuemos.

Tonio fez um sinal, ela se desculpou, encolhendo os ombros.

Estavam mesmo em uma espiral que se encolhia pela rua árida de paredes lisas e piso de pedra. Ninguém à vista, embora Zirgur verificasse a cada nova quina a transpor. À medida que avançavam, o ar aquecido se tornava mais confortável.

- Então a Regência é composta por sacerdotes-guerreiros?

Velma comentou em voz baixa com Ella:

- Primeira Dan, preciso me corrigir. A Regência Dan cuida da fonte e de seus segredos. A Regência zela pela Plêiade de Danati e por suas necessidades. Percebi que considerou ser uma, mas há a Regência e a Regência Dan. Seu calor é superior à Regência Dan, os seres mais efervescentes de nossa comunidade. E, portanto, é muito mais intenso que a Regência, que cuida das questões práticas.

Ella agradeceu a explicação com um sorriso recatado, e aproveitou para perguntar:

- São quantos em cada Regência, Velma?

- Doze aquecidos Dan que mantém a febre, e sessenta e dois Regentes, entre o Alton, que é o que viu e vê, os quarenta Adaltons, que ficaram e protegeram, e os vinte e um Amaltons, que aqui estavam na criação.

Tonio suspirou pelo número dos que sabiam lutar. Lucha foi além:

- Quarenta e um marujos levam um navio para qualquer mar.

Os quatro bardos pararam se olharam, preparando-se para o que viria. Martius passou o violino para Ella. Ainda disse:

- Repararam na palavra Tenet? Denet, Danat, Danati?

*

Nada os teria preparado para o que veio.

Velma esperava que Ella, ou Moliena, levantaria a nova fonte e todos se ajoelhariam em louvor. Ouviriam a palavra da Primeira Dan e algo maravilhoso aconteceria.

Martius esperava que se aproximassem de um templo, onde seriam descobertos e ele se jogaria sobre o primeiro guerreiro a fim de tomar a arma mais disponível para um embate inevitável.

Virgur pensava no discurso que precisaria fazer para convencer a Regência Dan o mais rapidamente da magnificência da situação e assim, evitar ofender tanto a nova fonte quanto a conhecida. Refletia sobre o significado das duas fontes reunidas e das benesses advindas à Plêiade.

Tonio esperava que permitissem o vislumbamento do Coração de Melgrod, mas os impediriam de qualquer aproximação inicial. Usariam o Coração de Celiah como instrumento de barganha até que um trabalho de dias ou semanas conquistasse a confiança necessária para roubarem a gema e saírem em fuga. Com sorte, teriam a ajuda dos quatro primeiros devotos de Celiah.

Zirgur pensava na sua ascensão a Alton agilizada pela prova irrefutável de suas qualidades ao ser escolhido pela nova fonte. Sua troca com Virgur o fez noivo da própria Primeira Dan! Isto o elevaria imediatamente a Alton, provavelmente sob sugestão humilde do atual. Seus sentimentos se conflitavam entre a humildade, a alegria com sua sorte e a expectativa do sucesso.

Ella pretendia furtar Melgrod imediatamente e sumir noite adentro após algumas ordens confusas aos quatro guias, a fim de evitar que a Plêiade tirasse Celiah de seus cuidados.

Zelda calculava como alocar as duas fontes no fosso, nas mudanças a que teria o privilégio de ajudar a determinar dada a sua nova posição de confiança. Iria zelar pelo bem-estar das fontes e testemunhar a união da fonte de luz à de calor, para transmitir o momento único para as gerações seguintes.

Lucha tentava memorizar o caminho de volta. Menosprezou o calor crescente por acreditar ser fruto da sensação de que uma pessoa morreria naquela noite.

Enfim, ninguém chegou perto do que enfrentaram.

A esperança de Velma de uma noite de milagres e revelações foi vilipendiada por uma madrugada de horror onde os seis andares subterrâneos que se abriam nas paredes do fosso dificultaram a transposição para a superfície.

Não foi o embate imaginado por Martius, pois ao verem os bardos no topo da escadaria esculpida que contornava o fosso – um rasgo de dezenas de metros de comprimento em rocha firme a formar um abismo ocupado em patamares –, gritaram em alerta, porém sem tempo de se organizarem.

Quando as paredes do fosso vibraram a primeira vez, Virgur pensou onde foi que ofendeu as fontes. Seriam elas rivais? Mais tarde, refletiu sobre a impotência da Regência Dan, que avaliou mal os voluntários inusitados e não foi capaz de prever os protestos titânicos da fonte original localizada no centro do fosso, sobre o altar que começava a ser abalado. Sentiu-se um traidor.

O olhar de Tonio foi rapidamente atraído pela fonte vermelha antes mesmo de ouvir o primeiro grito de alerta dos vigias. Mesmo sem vê-la, soube que ela pulsava raivosa no centro inferior do fosso em alerta para a tragédia, fonte incendiária da fúria de Melgrod. Tonio sentiu a força de destruição e viu que seria perdida para sempre caso não corresse em seu socorro. Gritou para Martius afastar Ella e correu escadaria abaixo.

O tremor das paredes aumentou ao passo que Tonio descia, assim como o temor de Zirgur ao ver o pupilo de Virgur lançar-se escadaria abaixo sem qualquer pessoa que tentasse impedi-lo de alcançar o altar central. Viu o salto que ele deu para vencer os dois últimos andares e entendeu que Sirmor enxergava algo que mais nenhum pleno ou regente via. Ele também tremia, pois a cena era o prenúncio da ruína.

Ella gritou quando alcançaram a entrada do fosso. A escada branca descendente era esculpida nas paredes para conectar os seis andares subterrâneos cujas dezenas de portas indicavam uma cidade inteira a viver do calor que emanava do centro do fosso. Aquele calor sufocante oprimia Celiah que deixara de pulsar para gritar silenciosamente até o limite da dor. A voz de Celiah foi traduzida por Ella, cujo grito abafou o alerta dos Regentes Dan e despertou Tonio para a compreensão. Foi quando ele sinalizou a Martius para afastar Ella. A luz da gema rompeu a barreira do cobertor e iluminou a noite no topo do fosso até alcançar a gema vermelha abaixo que reagiu ao estímulo após as centenas de anos apartada de sua irmã.

Zelda ficou paralisada com os abalos, até reagir ao sacrilégio de Sirmor que descera até a fonte, claramente decidido a retirá-la do altar que começava a desabar. Ele salvava a fonte, mas teria este direito? Ela se jogou atrás de Xilena, que também desceu até Sirmor aos gritos pouco recatados, enquanto ele subia abaixado a se desviar dos pedaços das esculturas que antes contavam a história da Plêiade nas milenares paredes do templo e agora caíam sobre o herege.

Lucha realmente xingou Tonio de todos os nomes, certa de que a morte daquela noite seria a dele. Correu ao seu encontro em uma luta no fluxo contrário das pessoas que vazavam das portas do fosso como formigas atacadas por um pé gigante. Muitas outras vidas não escapariam dos subterrâneos. Sentia o calor que chegava a queimar sua pele, e entendeu que o ar se incendiaria se a intensidade não diminuísse. Quase foi empurrada sobre o guarda-corpo. Embora sólido, não era suficiente para conter o volume de pessoas que tentava subir.

Havia outras tentativas de descida, dados os seis andares subterrâneos que conectavam afetos e parentes. No entanto, era a fonte que atraía os mais dedicados a chegar ao fundo. Nele, um pequeno altar central de rocha clara era iluminado por tochas apoiadas em pilares à volta de um pedestal metálico que aparentava ser de ouro e sustentava a pedra vermelha ligeiramente maior que o Coração de Celiah. Uma cúpula paraboloide apoiava-se sobre os pilares para reter o calor que escapava pelas arestas hiperbólicas de maneira a evitar subir pelo centro da fenda e, assim, se deslocar para as laterais onde aberturas para os pavimentos se distribuíam a fim de captar o ar de elevada temperatura.

Tonio arrancou a pedra sem cerimônia, aos protestos de vozes distantes inaudíveis pelo ruído grave do raspar de uma parte da rocha sobre a outra que soltava blocos pontiagudos no ar.

Do pé da escadaria até o altar onde estava gema vermelha e brilhante, ele enfrentou resistência, porém era infrutífera para impedi-lo. O primeiro obstáculo colocou-se no caminho de Tonio em uma tentativa visível de um jogo psicológico anterior à ação. O mestre de armas aceitou o desafio sem interromper seu avanço. Correu ao encontro do opositor aparentemente disposto a uma colisão frontal que foi evitada no último segundo por um giro de 90 graus sobre o eixo da perna direita, enquanto a esquerda recuou de maneira que ele se colocou à frente da lateral do homem. Um soco no seu rim combinado a um chute no joelho anulou o bloqueio. A outra tentativa foi de um guardião atento que sacou uma espada ao perceber a velocidade com que Tonio se aproximava do objeto sagrado. Ao se desviar para o lado esquerdo, agarrou a mão da espada do homem e a empurrou para a frente, levando-o ao desequilíbrio. Um golpe na traqueia com a lateral da mão inutilizou-o. Um terceiro foi mais sábio: apenas gritou que tocar na fonte iria matá-lo. Ainda advertiu:

- Ninguém que tocou sobreviveu!

Tonio não se deu ao trabalho de acreditar. Sequer cogitou se o aviso era sincero. Já tivera Celiah nas mãos e, embora desconfortável, o contato não matou nenhum dos seus.

Escondeu o Coração de Melgrod dos olhares debaixo de sua roupa e sentiu um tremor maior. A cúpula não aguentaria. Um olhar para o homem sinceramente surpreso demonstrou o engano passado e indicou o desastre próximo. Deixando-o, Tonio correu até o pé da escada, finalmente dando-se conta do volume de pessoas que tentava escapar dos tremores mais intensos. Juntou-se à multidão sem escolha, era o único caminho.

No topo, Martius e Ella tinham outros problemas. Zelda descera atrás de Lucha e as duas estavam fora de vista. Velma insistia para que corressem. Embora sem explicação, o abalo perdurava. Tentava puxar a Primeira Dan para longe, que se recusava a se afastar sem Tonio e Lucha.

Martius ajudava a controlar o aglomerado de pessoas no topo descoberto do fosso. Embora amplo, não comportaria todas as pessoas que surgiam de muitos lados, inclusive de baixo. Zirgur apontou para a única rua em espiral, a fim de liberar o fluxo, mas não era ouvido. Já conhecedor dos telhados do local mais que os moradores de décadas, Martius escalou as paredes do pavimento único da edificação mais próxima e apontou para a entrada da rua em espiral. Não economizou gestos e gritos para indicar que continuassem a correr, pois outros vinham atrás. Um abalo forte o desequilibrou e quase caiu sobre a multidão abaixo, o que levou Ella a reagir sem recato e gritar para que descesse. Ela se dividia em ir ao encontro de Martius ou aguardar Tonio e Lucha. Ao invés de descer, Martius estendeu a mão:

- Vamos sair dos muros!

- Não sem eles!

- Ella, ajudar pode atrapalhar. Venha!

A sugestão inspirou outros que assim fizeram, até que um grupo conseguiu derrubar um muro para liberar a passagem para fora dos limites de Riff-Pei. Uma correição de formigas vazava de uma estável parede lisa devido à perturbação da paz gerada pelo próprio solo.

Ella e Martius passaram a controlar a massa em fuga do topo do telhado, pela visão privilegiada por onde orientavam para as duas saídas junto com Virgur, que também subira. Não se ativeram para o risco de desabamento, embora tivessem se desequilibrado algumas vezes. De baixo, Zirgur levava voluntários para criar outras passagens pela antes prisão que separava os devotos, do frio infiel do deserto gelado.

Velma empurrava os mais perdidos para as saídas, e recomendava que se afastassem, mas não muito ou congelariam.

Dois fenômenos estranhos eram simultâneos ao inexplicável tremor: uma desconhecida estava envolta em luz no topo do telhado e agia como um ser iluminado vindo do além para salvar a Plêiade do infortúnio, o que era claro a plenos e adeptos, e o silêncio com que a multidão apavorada progredia escada acima e se dispersava diante da força colossal da natureza esmagando o seu futuro, o que era estranhamente inteligível aos Bardos. Os gritos de Ella, Martius, Lucha e Tonio eram abafados pelo tremor, mas não pelas vozes de pessoas que gritavam pela primeira vez em suas vidas adultas. Gritos recatados de pulmões ineptos e pregas vocais despreparadas.

Não era o caso das crianças. Essas soltavam a voz aguda que se destacava e mostrava a urgência da situação. Embora poucas, elas chamaram a atenção o suficiente para que a vazão aumentasse na escadaria. Os abalos se intensificaram e desestabilizaram o avanço, o altar havia desabado e partes do guarda-corpo também ameaçavam desabar. A descida de Lucha não progredia, chegou a ser levada degraus acima por mais de uma ocasião. Zelda fora jogada para baixo e jazia com outros corpos em meio a pedaços de rocha para exemplificar o que o descuido poderia causar. Tonio se juntara anonimamente ao fluxo. Usava os ombros e o braço esquerdo para ganhar um espaço na multidão, enquanto a direita segurava firme a gema vermelha em contato com o seu abdômen.

Ao se recobrar do que tinha em mãos após ter tido a atenção dispersada pelo perigo dos últimos minutos, ele tomou consciência do significado e do poder que detinha. Como a madeira seca que reage à faísca, Melgrod reagiu à percepção de Tonio e, como a faísca que se espalha com a reação da madeira, a percepção de Tonio mergulhou no passado de Vincent.

Ele entrou no salão amplo iluminado por janelas altas sobre uma galeria nas laterais, essa mais escura por estar privada da luz natural. As chamas que a iluminavam eram intensas e proporcionavam um alaranjado bruxuleante sobre as armas e os escudos decorativos que circunscreviam a luz clara e estática da manhã.

Celiah estava iluminada por um feixe proveniente de uma janela, em um sermão ardente com uma figura cabisbaixa a ouvir e concordar com as palavras duras. Vincent se inflou

de raiva com a visão, apertou o passo para intervir. Ao vê-lo, Celiah dispensou o homem rapidamente e correu para interpelar o irmão com as duas mãos postas no ar. Vincent se conteve com as palavras conciliadoras de Celiah, embora cheio de fúria. O homem de traços familiares se afastou devagar, obediente à ordem recebida, porém levantou o olhar para fitá-lo desafiadoramente e acusar:

- Você também aniquilou pelos seus.

Surpreendido, Vincent soltou o ar dos pulmões. Tonio gritou em conflito, a raiva, a derrota arrependimento e vergonha que inundou o corpo que visitava. As mãos de Celiah sobre seu peito aplacaram a fúria e o consolaram, embora as palavras que ela emitiu também trouxeram a dor, pois ele se identificara.

- Já é tarde! Leopoldo é implacável.

Uma colisão com um homem em fuga, desequilibrado por um tremor mais forte, resgatou a mente de Tonio para a realidade. A mesma raiva que Vincent sentiu naquele dia estava na gema que segurava. Era preciso escapar, sentiu que a fúria de Melgrod crescia, assim como sua urgência. Urgência em quê?

No meio do trajeto, encontrou Lucha. Entre xingá-lo ou socá-lo, ela decidiu dar a mão para que enfrentassem a subida juntos, ambos a favor da corrente.

Partes maiores das paredes ruíam, um trecho do guarda-corpo se desprendeu jogando vidas inocentes para o seu fim. O estrangulamento nos degraus piorou o empurra-empurra. As pessoas aprendiam a gritar, o terror tomava conta do fosso.

Tonio puxou Lucha para o lado da parede, e deslizou com o ombro a se esfolar na rocha natural. Além das trombadas, empurrões e choques até da cabeça, eles evitavam tropeços nos degraus e chegaram a puxar braços de vítimas prestes a serem pisoteadas, o que formaria mais obstáculos para as vidas seguintes.

Finalmente alcançaram o topo. Lucha tinha duas manchas vermelhas nas bochechas, resultado do esforço e do calor intenso que Tonio sustentava sem se incomodar. Ao se exporem à noite limpa, Tonio viu, momentaneamente, Ella brilhando no telhado. Sua visão foi bloqueada por outro tremor. Este os jogou no chão, como a muitos outros que os cercavam. Algumas quedas no fosso ceifaram vidas. Ella chegou a cair do telhado, mas Martius se jogou e travou sua mão no ar, quase a deslocar o braço da violinista. Era hora de descer, o edifício poderia ruir.

Martius apontou uma saída no muro, Tonio e Lucha foram com a multidão. Martius puxou Ella e tomou um atalho sobre o telhado para sair à frente. Tonio gritava o nome de Ella.

Correram paralelamente, até tomarem distância do foco dos tremores e se localizarem novamente. Não era difícil, Ella continuava a brilhar.

Lucha se afastou propositadamente de Tonio, pois ele emitia uma radiação intensa. Ela estava molhada de suor. Tentou mantê-lo à vista, enquanto ele corria até o brilho da Primeira Dan. O solo ondulou. Ouviu o fosso ruir, gritos de desespero encheram o ar tanto

quanto a poeira. A terra tremia sem intervalos, eles sentiam as ondas sólidas que rasgavam o solo.

Ao avistar Tonio, Ella chamou seu nome. Correram para se encontrar, foram jogados ao chão. Martius acompanhou Ella, mas também caiu. Apoiou-se nos braços, viu Tonio se levantando e voltando a cair com novo tremor. Lucha gritou a Tonio:

- Pare, você vai incendiar!

Martius viu Ella emitir luz com Celiah sob sua proteção. Lembrou-se da gema desde que a resgataram na noite, como aumentou sua pulsação à medida que se aproximavam de Riff-Pei. Gritou para Lucha:

- Pare Tonio! Afaste-o! Não o deixe se aproximar!

O fosso não existia mais, embora continuasse a tragar a terra à sua volta.

Lucha também estava ao chão, mas entendeu o que Martius dizia. Engatinhou até Tonio, ralou os joelhos sob a saia fina. Puxou-o.

Ele se desvencilhou, ela insistiu. O socou. Ele revidou, jogando-a quase desacordada sob a terra móvel. Ao ver Lucha ferida, ele acordou e foi capaz de ouvi-la gritar:

- Afasta-se de Ella. Afaste Melgrod de Celiah!

Tonio se levantou como pôde e correu no sentido contrário ao de Ella, mas o solo já rachava. Todos corriam, cada qual a se afastar como podia do centro onde antes era o fosso.

O brilho de Ella guiava Martius para que não se perdessem como Lucha perdera Tonio. O caos dominava uma multidão desorientada, ferida ou ainda em perigo.

Um tremor colossal jogou todos ao chão. Estavam longe do fosso, mas temeram que não o suficiente. Os que olharam para onde era o vão, ou onde era Riff-Pei, viram que ele cuspiam a terra em meio à poeira. A poeira se misturou à fumaça, e dela veio o fogo. A rocha derretida jorrou no ar, sufocando mais vítimas e acordando os demais sobreviventes para a urgência de continuar a se afastar. Muitos estavam longe, outros se salvavam como, e se, podiam. Cinzas cobriam e queimavam silhuetas humanas em luta insistente contra a morte.

Sentado, Tonio jazia inerte ao caos que ainda fervilhava à sua volta. Ele não viu o momento em que Lucha se colocou ao seu lado. Ela disse:

- Você está esfriando.

Ele não se importou, embora tivesse entendido o significado. Sua voz saiu rouca pelo desgosto e pela garganta seca, ferida da poeira:

- O que fizemos?!

Eles fitavam um pequeno monte que cuspiam fogo e cinzas onde antes era Riff-Pei. Ao longe, uma luz enfraquecida apontava Ella.

*

Lucha não queria deixar Tonio só, mas era preciso ver Ella e Martius. Era um momento em que todos desejavam estar juntos, mas não lhes era permitido, sob o risco de provocar um novo desastre.

Localizá-la não seria difícil, mas para deixar Tonio com seus pensamentos, Lucha quis garantias:

- Apenas a encontre, Lucha.
- Não saia daqui! Não mostre o que você tem!
- Eles estão confusos, não sabem quem sou. Vá logo.

Martius se adiantou ao ver Lucha e puxou Ella, exposta pela luz de Celiah que não respeitava barreiras ou proteções. Velma e Zirgur os haviam encontrado pouco antes, e acalmavam aqueles à sua volta. Virgur não estava à vista. Foi quando Lucha se lembrou que Zelda não voltaria. No entanto, tinha outras preocupações.

Martius murmurou:

- Eles não podem se aproximar.
- Não entendo o porquê.
- As razões não importam agora.
- Ninguém precisa saber, ou não saímos vivos.

Ella interveio:

- Não consigo mais disfarçar Celiah.

Martius chamou Velma e Zirgur:

- Ainda estão conosco?

Embora perturbados, eles confirmaram a intenção de proteger a nova fonte.

- Temos que sair daqui, Lucha, sem nos afastar de Tonio.
- Vamos nos dividir. Não há outro meio. É um deserto, espaço não falta. Ficamos à vista, deve ser suficiente.

Ella discordou:

- Não podemos abandoná-los.

Martius apoiou. Lucha cedeu facilmente. Também se sentia culpada, e seria uma solução para amenizar o dissabor que vira em Tonio.

- Sim, claro. Fico com Tonio, de qualquer maneira. Vamos ver os feridos, e mandar essa gente para Dust.

Ella suspirou. Eles haviam escondido água, víveres e agasalhos para uma fuga, mas não para aquele número de pessoas! Como atravessar aquela gente por dias no deserto até Dust?

- Será um massacre! Vão congelar assim que se afastarem do calor do vulcão!

Lucha olhou para os pés imundos de cinzas e pó. Sentia-se acuada. Ella demandava uma solução, mas também se sentia incapaz de provê-la. Martius olhou à sua volta e viu desolação, quando não, o desespero.

- Vou ver com Tonio. – Lucha adiou qualquer solução covardemente, pois quis fugir da pressão. No entanto, ficou grata com a eficácia de sua decisão ao chegar até o líder.

Correu sobre uma terra sem tremores, mas sentindo a vibração de um subsolo em atividade. Ao se aproximar, não tinha palavras. Sem desviar sua atenção do jovem vulcão, ele sentiu a presença silenciosa e, ao contrário dela, tinha o que dizer:

- Isso tudo ainda pode explodir novamente. Temos que tirar os sobreviventes daqui. – Um alívio percorreu a espinha de Lucha, renovando-a. – Afastem os feridos, carreguem-nos para longe, mas mantenham distância suficiente para que permaneçam aquecidos. Mande o povo se organizar segundo suas próprias agremiações, deixem a palavra correr. Até o amanhecer, todos devem identificar seus sobreviventes para que possam continuar. Não temos água e, portanto, o tempo é mortal. Ninguém está a salvo ainda, e eles são nossa responsabilidade agora.

Lucha correu para transmitir as ordens, esperançosa de que, caso Tonio fosse deixado só, a refletir, ele encontraria mais soluções.

*

- Não podemos ir para Dust!

Martius ignorou o comentário tal era a agitação para iniciarem a longa caminhada, até que as palavras ressoaram em sua cabeça.

- O que disse?

Lucha repetiu:

- Não podemos ir para Dust. É suicídio!

Eles estavam a meio caminho de Ella e Tonio, onde trocaram informações e conversas. Era um trabalho exaustivo, mas que reduzia a ansiedade da violinista e do mestre de armas, cada qual isolado em seu território.

- Lucha, essa gente não sobreviverá...

- Eles podem ir. Martius, temos duas pedras preciosas, cada qual do tamanho de um punho! E são mágicas, com poder manifestado a toda essa gente. O que os contrabandistas, piratas e bandidos de toda a espécie farão com essa informação?

Martius fechou os olhos. Mais um problema.

Passaram o dia organizando o povo, Virgur aparecera e ajudara a pôr ordem no caos. Alguns membros da Regência foram encontrados, mas a Regência Dan estava aniquilada. Conseguiram voluntários para carregar os feridos, outros para enterrar os mortos. Acomodaram as crianças como possível, confortaram outras. Seguiram em direção a Dust por um tempo em uma marcha lenta que permitira a Lucha se lembrar do aspecto esquecido durante toda a manhã: a sobrevivência deles próprios.

Martius se deu por vencido.

- Temos os agasalhos, fale com Tonio. Ele vai odiar abandoná-los, mas não há outro jeito.

Quando iniciaram a caminhada, Ella avisou Velma:

- Sigam a leste. Nós iremos para o norte.

A princípio, Velma não acreditou:

- Primeira Dan, não virá conosco?

- Estamos impedidos, Velma. Infelizmente, vocês devem partir para conseguir socorro sem nós. Temos outro destino.

Zirgur ia à frente. Ao ver uma comoção, retornou, deixando representantes a guiar o povo. Encontrou Velma aflita, à beira das lágrimas contidas sob um olhar desconsolado.

- Eles querem nos deixar!

Zirgur entendeu rapidamente o argumento de Velma. Também se sentiu ameaçado:

- Destroem nosso lar e tiram as fontes de nós? Então é isso?

Então eles sabiam. Ao menos os guias entendiam parcialmente o que houvera. Logo havia uma comoção à volta de Ella, e outra próxima de Tonio. O argumento era o mesmo nos dois grupos:

- Aceitamos nos submeter, mas então eles realmente são a destruição que desceu da fortaleza, das falésias e das montanhas? Provem que não são o mal profetizado!

Ao longe, Tonio viu Ella também rodeada a argumentar, e ele temeu um linchamento. Ele poderia se proteger ao usar a fúria de Melgrod, mas temia pelos demais. Tirou a gema e a levantou no ar, admitindo pela primeira vez tê-la em mãos:

- Quantos de vocês foi capaz de segurar a fonte e sobreviver?

Silêncio, tanto em deferência à fonte quanto por temor ao que Tonio fazia.

- Pois bem, então acham que sou o quê, senão aquele que tem a permissão da fonte? Aquele que a representa?

Ele viu algumas cabeças se moverem em concordância.

- Vocês pertenceram à fonte ou a fonte pertenceu a vocês? É hora de se libertarem. Há outros caminhos a serem percorridos, é uma nova era para a Plêiade. Estão livres. Vão em paz, já chega de mortes.

O povo passou aquelas palavras, e não demorou para que a peregrinação se iniciasse a leste. Quatro ficaram para trás, divididos em duas duplas apartadas pelo vento.

*

Tonio se sentia um exilado. Nada à sua volta, exceto o calor que Melgrod emitia. Os sons de seus passos se misturavam aos de Lucha, preenchidos pelo vento que insistia em tentar inutilmente roubar o calor que Melgrod provinha. Tonio conseguira aplacar a fúria e balizar a energia que a gema vermelha emitia.

Ele pensava em Vincent. Tornara-se o próprio, como Ella testemunhara viver Celiah. Era uma visão bem diferente das anteriores, quando ele era um espectador no meio das cenas. Ao se recobrar o episódio, lembrou-se do que sentira e vira:

- Lucha, na escada, cheguei a usar os olhos de Vincent.

Era informação nova.

- Conseguiu se associar à gema naquele caos?

- Sim, tive uma visão, como as de Ella com Celiah. Eu... eu acho que vi Sávio Labaki.

Lucha não interrompeu seu passo, nem levantou a cabeça. As últimas provações anestesiaram qualquer sensibilidade que pudesse ter. Tonio continuou:

- Ricard estava lá, a ouvir as ordens de Celiah. E Vincent, bom, senti que o mataria se a irmã não tivesse impedido.

A voz de Lucha saiu tão fria quanto o ar das terras inóspitas por onde caminhavam:

- Isso não importa mais. Já sabemos o que ele é.

Alguns passos preencheram o ar antes dele insistir em seu desabafo:

- Creio que ele encontrou Leopoldo. Celiah disse que Leopoldo era implacável.

Aquela parte a interessava mais.

- Leopoldo era... contra humanos?

- Não sei. – Um fio de voz mal foi emitido. – Parece que ele aniquilou algo, como Vincent, que naquele momento sentiu tanto ódio que seria capaz de despertar um vulcão. – “Mas também sentiu tanta dor quanto eu agora.” – Fez muito sentido com o momento, não pode ser uma coincidência. Ou Ella tem razão, as gemas reagem ao entorno, ou estou criando uma fantasia em minha mente que sim, é ocasionada pela gema, mas que é moldada pelos fatos que se adequam à minha realidade. Pode ser tudo uma grande mentira que desejamos acreditar!

Lucha foi até Ella e Martius. Contou a história.

Ella compartilhava o receio do líder, mas defendeu:

- Temos duas opções: acreditar e seguir com um direcionamento, ou negar a veracidade de nossos testemunhos e aceitar a palavra de Labaki para nos guiar. Eu me recuso a aceitar aquele homem! Peça a Tonio para investigar mais, precisamos conhecer Vincent melhor.

O pedido foi veementemente rejeitado pelo mestre de armas:

- Eu aplaquei a fúria do dragão, não vou despertá-la agora.

Lucha foi novamente até Ella e a informou. Martius foi até Tonio. Conversaram. Retornou e ouviu os últimos conselhos de Ella a Tonio. Lucha foi transmitir. Tonio manteve-se firme, receoso com as consequências.

A culpa ainda os corroía. Tonio ansiava por desabafar com Ella e receber as palavras doces que o consolavam. De sua parte, ela queria a força de Tonio para convencer-se de que fora uma fatalidade. Também usavam Lucha e Martius para esta comunicação.

O mesmo sistema fora aplicado para decidirem qual caminho tomar. Além do óbvio, que Martius os guiaria para o Norte, tentariam manter um alinhamento com a costa.

- Desafiador, só sei que estamos a uma grande distância de uma praia.

- Confio em seu senso de direção – Ella disse tocando o braço de Martius.

Passaram a cuidar de questões práticas. Cada passo era discutido, cada mudança de planos era um esforço a mais com Martius indo a Tonio e Lucha, Lucha indo a Ella, Martius retornando para conferenciar, Lucha de volta a Tonio para confirmar a conclusão.

Uma nova dúvida e Martius seguia até Tonio e Lucha, e ela até Martius e Ella. Tonio os levou a discutir o regime de divisão da comida e água, a planejar dois abrigos, a cogitar a comunicação durante a noite.

Em um certo ponto que Martius e Lucha se encontraram a meio caminho dos companheiros, o rastreador se queixou. Entendia a ansiedade daqueles que estavam impedidos de se encontrar, mas o cansaço sem avanço real o incomodava. Andavam para os lados mais que para a frente. Lucha estava impaciente. Decidiram desabafar também. Gastaram um tempo a aliviar a tensão em conversas úteis, e depois em qualquer outro assunto. Contaram alguns casos, trocaram informações. Enrolavam deliberadamente a fim de ganhar um pouco de paz e descansar dos senhores das gemas.

Viram Tonio acenar de longe. Ella os olhava interrogativamente.

- Eles querem dizer algo, Martius.

- Acene em resposta.

- Já vamos! – gritou Lucha.

- Vamos mesmo?

- Ah não! Aqui está tão tranquilo. – Agachou-se para aliviar as pernas.

Martius sentou diretamente no chão.

Acenavam sorrindo, gesticulavam e pediam para que aguardassem.

Tonio estava inquieto de raiva, e Ella tinha o discurso preparado que encheria os ouvidos de Martius quando retornasse. Ele sabia, mas apreciava a paz momentânea. Ella fazia gestos de estrangulamento, Tonio abanava os braços.

Lucha e Martius riam.

- Eles não aguentam!

- Acene! Seja amigável. Olá!

- Acho que temos que voltar, Martius. Eles precisam se comunicar. Tonio não para de falar quando está ansioso.

- Mais um pouco. Não imaginei que me divertiria tanto com isso.

Interrompeu seu riso. A culpa retornou.

- Eles não podem se encontrar, Lucha.

Ela entendeu.

- É, vamos voltar.

Levantou-se e já dava o primeiro passo cabisbaixa quando ouviu Martius lamentar:

- Por que raios as gemas não podem se encontrar?

- Creio que a pergunta é: por que elas destroem tudo ao seu redor?

Martius suspirou.

- É preciso que os quatro estejam juntos?

- Talvez. Ou nem é possível que se encontrem antes do ritual. Não há como saber. De qualquer maneira, teremos que mantê-las afastadas. Será que isso significa manter Ella e Tonio apartados, daqui em diante?

- Eles vão sofrer, mas o contrário é desastroso! É a maior arma que alguém pode ter.

Entreolharam-se, olhos arregalados. A maior arma!

- Vou ter com Ella – avisou Martius, apressado.

- Aviso Tonio – a descontração na voz de Lucha secou.

Ella piorou o problema:

- Martius, será que é isso que Labaki deseja? Uma arma que pode destruir uma cidade inteira?

Martius contou a Tonio.

- Ele não terá! – o mestre de armas ameaçou.

- Ele é imortal, Tonio. Se ele tiver as gemas, ele pode conquistar o que quiser. Elas precisam, realmente, ficar separadas até termos as quatro!

Lucha ouvia a conversa em silêncio. Refletia que Ricard conhecera os dragões, e que devia ter testemunhado a vida deles, quiçá o plano de libertar aqueles aprisionados em Fraga. Concluiu:

- Há um quinto dragão.

Tonio a olhou interrogativamente.

- Veja bem, como Ricard continua imortal? Por que Celiah não o libertou da maldição? – Lucha ponderou.

Ella argumentou com Martius:

- O quinto não vingou!

- E se houver outro? Um sexto, então? – reforçou a teoria mais recente sobre o passado dos dragões.

Ella suspirou, vencida:

- Eu não sei! Não vi nada disso! E será que este sexto dragão ainda vive?

Ella sabia que aquelas dúvidas significariam investigar as gemas. Sentiu medo, pois as consequências da proximidade com o Coração de Melgrod eram obscuras.

No entanto, os planos sugeridos por Martius foram interrompidos antes de se concretizarem. Ao longe, Ella avistou uma sombra. Enviou Martius a Tonio. Ele confirmou. Sim, a sombra era uma multidão a se aproximar pelo Sul. Vindo de Riff-Pei.

*

- Vocês estão loucos?

- Não podem nos tirar a fonte! Iremos onde elas forem!

- Vocês estão livres!

- Nosso espírito era livre com a fonte. Agora que são duas, não vamos abandoná-las.

Lucha bufou. Na visão dela, liberdade era tudo o que eles não tinham. Foi ter com Martius e Ella. A argumentação era custosa pela divisão em dois grupos que insistiam no mesmo discurso. Ella também tentava convencê-los de ir a Dust.

- Vocês trouxeram crianças e idosos para o deserto.

- Já estávamos nele, Primeira Dan. As fontes precisam de nós.

- Não temos como alimentar vocês! Nem têm agasalhos.

- A fonte irá nos aquecer. A outra, digo, a que está com o Novo Dan.

Não havia nomenclatura para diferenciar as duas gemas, o que era o menor dos problemas. Cerca de setecentos sobreviventes não demoraram a se desviar para o Norte na esperança do que chamaram a Nova Era da Plêiade.

Ella fitou Martius, em um pedido de socorro. Ele balançou a cabeça negativamente:

- Vão todos morrer. E nós com eles.

Ella tocou a gema no bolso do casaco. O que diziam ser mágico servia para pouca coisa de bem, e muito mal. Essa gente não percebia?

- As fontes destruíram seus lares.

- Elas nos enviam a outro propósito. Aceitamos ser seus instrumentos.

- Serão seus sacrifícios!

- Que seja!

Martius foi a Tonio:

- Eles não recuam.

- Não consigo argumentar com mais de uma centena de pessoas.
- Teremos que aceitá-los, Tonio. E deixar que eles desistam por si.
- Será um massacre maior do que o do vulcão! Ao menos lá, eles tinham calor.
- Eles têm o calor de Melgrod.
- Eles poderiam esperar que o vulcão se acalmasse e instalar uma nova comunidade. Não tiravam água de poços? Cavassem novamente.
- A razão deles se isolarem no deserto está com você. Estão dispostos a morrer. Tudo o que podemos fazer é tentar reduzir as perdas!
- Como?

Martius tinha um plano, mas era frágil.

- Temos nuvens. É o que basta para chover.
- Mais de três dias sem alimento e essa gente começa a morrer, meu amigo.
- Sim, mas se eles voltarem, já terão completado estes três dias.

Tonio sentiu algo mais do que responsabilidade. A expectativa estava nos gestos e nos olhares, a incerteza disfarçada dos sorrisos débeis de lábios rachados revelava a fragilidade já destacada pelas cinzas que ainda os marcavam.

Ele se dirigiu à multidão:

- Quantos foram para Dust?

Zirgur tomou a palavra:

- Não mais que sessenta. Para carregar os feridos. A maior parte que conseguia caminhar fez questão de vir.
- Não será algo fácil, muitos irão morrer no caminho. Estão dispostos a isso?
- Confiamos no que a fonte nos reserva, de bom e de ruim. Se ela escolheu vocês, há um motivo. Se tivemos que sacrificar vidas e um lar para termos a benesse de duas fontes, é o preço.
- Será mais caro que isso, Zirgur!

Ele se curvou a acolher ao veredicto.

Martius retornou e repetiu o discurso para o outro grupo. Lucha foi à retaguarda e fez o mesmo.

*

A caminhada se tornou mais lenta, por estar mais pesada tanto física quanto psicologicamente. Martius e Lucha continuavam a ser os elos de comunicação entre Tonio e Ella, o que pareceu um ritual e estabeleceu hierarquias aos olhos dos plenos.

Entretanto, para os Bardos, o peso de manter sete centenas de pessoas ainda viria. Fora confortavelmente covarde enviá-los a Dust, sob o pretexto de ser o oásis mais próximo.

Teriam sido dias de caminhada que mataria os mais fracos primeiro e esgotaria a vontade dos mais fortes, sem que os Bardos vissem as consequências da desolação que provocaram.

Estavam em um momento de transição entre o mal súbito que trouxeram e os danos que testemunhariam. Ella começava a entender o segundo e se pegou pensando em Demétrio.

Estaria ela melhor se tivesse aceitado o mal desde o início? Tonio, Martius e Lucha teriam se conhecido da mesma maneira, embora talvez não conhecessem seus poderes a fundo. Teriam, no entanto, as vidas que tinham antes: Tonio com sua escola, a amizade de Martius, Lucha em sua taverna. Não teriam enfrentado perigos, não haveria morcegos gigantes chamados de vampiros em Fraga, não teria havido uma chacina, Riff-Pei teria sua vida isolada e pacífica de sempre. Por outro lado, os dragões não teriam sido revelados. Será que aquela história os levaria a algo bom ou, pelo menos, justo?

Ella cogitou o que estaria fazendo, mas não conseguiu se imaginar conjurando mortos para alcançar um poder insensato. Ironicamente, tinha em mãos um poder aparentemente maior, que poderia destruir mais do que algumas centenas de vidas, embora não tivessem noção real da dimensão do que carregavam.

Será que Ricard sabia? Tudo indicava que sim. Foram manipulados e direcionados àquela arma, e agora cabia a eles assegurarem que nunca fosse usada. O melhor seria trazer os dragões, a magia retornaria a eles e estaria fora do alcance de mãos vis.

Ella desejou que Martius retornasse logo. Queria estabelecer prioridades. Ele fora a Tonio.

Lucha observou Tonio dar as ordens a Virgur, cujo olhar fugiu rapidamente a ela e retornou para o chão. Respondeu:

- Sim, Novo Dan.

Tonio não gostava do título, mas considerou melhor que Sirmor.

Lucha chegou após Virgur se afastar:

- Já o reconhecem como um líder. Setecentas pessoas!

- Ella tem a metade.

- Sim, os dois Dan.

- Ao menos vocês escaparam.

- Em parte, temos um status de representantes, nomeados, não sei. Ainda não deram nomes aos servos das Fontes em Chamas e de Luz.

- Estão chamando assim? Fonte em Chamas?

- Eu diria que é Fonte que Provoca Chamas, mas não quero polemizar.

Tonio concordou. Mudou o tom para soar grave:

- Não vamos conseguir mantê-los.

- Você pensa errado. Pense que estão mortos. Aqueles que escaparem, será lucro.

- Não interpreto vidas! – protestou, ofendido.
- Já não viu morrer o suficiente para se acostumar?
- Não.

Ela se calou. Inocentes como aqueles, ela também não. Já não comia, entregou tudo para três bebês que compunham a massa. Sentia a fome que eles sentiam.

Tonio necessitava expor sua visão e as muitas dúvidas:

- Temos uma turba faminta expatriada. Mesmo que sobrevivam, o que faremos com eles?
- Irão segui-lo, Tonio.
- Estamos mentindo a eles, Lucha. Nem nós sabemos onde vamos, não podemos ficar com Ella – corrigiu com amargura. – Eu não posso.

Quando Lucha comentou com Martius, este observou:

- Se não sabemos para onde Tonio irá, podemos incluir o povo todo.

Lucha corrigiu:

- Alguns querem Ella.
- Que seja, mas cada qual terá que se manter. Não temos como alimentá-los, ou pagar por seu sustento. Eles terão que encontrar uma saída.

Lucha se lembrou que Labaki tinha recursos para sustentá-los. Um perigo tentador. Martius continuou:

- Se o importante é a fé, que eles se insiram em uma sociedade que não os impedirá de adorar as fontes.

Ella interrompeu o raciocínio de Martius quando foi informada.

- Martius, as fontes são as gemas. Elas não podem se tornar públicas!
- Eles não sabem e não saberão que são os corações de quatro dragões. Digo, dois.
- Até o momento, nós e Labaki sabemos que as gemas podem ser armas mortais. Não vai querer que outros poderosos, generais ou duques venham a almejar uma destas armas!
- Já temos um general que sabe dela.
- Leafir é diferente! – protestou Ella com uma certeza férrea.

Tonio ouviu essa conversa por Martius.

- Por que perdem tempo com isso? Não sairão vivos deste deserto! Nem nós! Mais um dia sem água, sem comida, e vocês discutem o que farão no futuro? Não temos futuro, Martius! E a água?

O rastreador não se sentiu pressionado. Levantou-se, puxou o violão das costas. Estava mesmo postergando a ação por medo de falhar. Eram mais vidas que os acordes que conhecia, nunca tivera tantas nas pontas dos dedos. Selma era o mi, única e isolada sem o sustenido. Mormor era o sol, amplo e espaçoso. O bebê Vinimário era o ré, aberto e

gritante. Muitas notas, acordes e até escalas atuadas pelas pessoas que compunham aquela música que se iniciou na incerteza e prometia terminar no desespero. Era hora de tocar alguma esperança.

Afastou-se. Ella o viu ao longe, entendeu o que faria e sorriu. Ninguém aguentaria mais um dia sem água, mas cogitou se aguentariam o frio da chuva. Mandou Velma trazer Lucha.

- É preciso, Tonio. Seria apressar as mortes – a ex-maruja defendia os argumentos repassados por Ella.

- Ao contrário do que eles pensam, eu não controlo a gema, Lucha. Pelo menos vocês devem entender isso.

- Não deve ser difícil, ela está emanando calor. Só precisa ser mais.

- Para setecentas pessoas! Elas já se revezam perto da gema.

- Ela não aqueceu uma cidade subterrânea inteira por um milênio?

- Por raiva! Vincent sentia raiva, provavelmente por estar preso. E com as pessoas erradas. Deveria ter durado de três a cinco gerações, ele ficou aprisionado por mil anos!

- Celiah sofreu mais, dentro de um monstro. Mas Ella diz que a gema não é racional. Vincent não deve ser.

- Algo ele sente. Eu senti.

- E você acha que ele irá destruir quem o libertou?

Tonio hesitou. Abaixou a guarda para confessar:

- Acho que ele é intenso. Não sei o que esperar.

- Ele me mataria? – continuou Tonio.

Tonio entendeu. Protegeu a gema que segurava nas mãos.

- Não saberemos nunca, pois você não vai tentar.

Uma música tocou ao longe. Era branda, não havia a necessidade de uma tormenta.

- Só um dedinho. Ele precisa ser amigável com quem o libertou. Ele permitiu que você o tocasse, veja só, alguém encostou e sobreviveu depois de milênios de vítimas em combustão.

- Não!

- Uma unha!

Tonio viu que ela não desistiria.

- Eu vou tentar! Eu! Afaste-se!

Gotas grossas começaram a pingar espaçadas. Lucha era ainda a mais próxima. Sentiu o calor aumentar, tirou o casaco. Viu as pessoas receberem com alegria a chuva fresca enquanto se abriam ao calor que vinha da gema. Lucha fez um sinal a Ella, que acenou

positivamente. A Fonte de Luz brilhava ligeiramente no entardecer, reativa à manifestação da Fonte em Chamas. Algumas pessoas se ajoelharam. O milagre das Fontes os proveria.

Lucha voltou-se a Tonio, e viu que apenas o seu corpo estava lá.

Vincent entrou apressado na grande biblioteca de madeira negra. Seus passos ecoaram a anunciar sua chegada na área de leitura, onde o elfo lia sem nem levantar a cabeça. Vincent não se importou, sabia que Sonnel desprezava seus métodos.

- Procuro Celiah.

O leitor não se interrompeu para responder.

- A senhora da Estirpe de Ruan não se encontra na fortaleza. Deixou-me encarregado de receber o senhor da Estirpe de Tenet.

Vincent se sentia confortável com a formalidade adotada por Sonnel para manter a distância.

- Ela demora a voltar?

- Não tenho esta informação, senhor. – Finalmente, levantou a cabeça para encará-lo respeitosamente.

- Nem sabe onde foi.

- Neste caso, não sei se tenho ordens de revelar.

Vincent apertou os olhos. Respeitava Sonnel pelo apoio que dera a Celiah, o mais leal de seus captores, porém continuava a ser um captor do passado de sua irmã.

- E o que tem permissão de dizer?

- Aconselhá-lo, como fiz com minha senhora.

- Esta obrigação você tem com ela. – Apontou um dedo ao elfo.

Sonnel aceitou a recusa. Sentou-se e retornou à leitura. Vincent era impaciente.

- Está bem! O que quer me dizer?

Sonnel voltou a se levantar, fechando o livro para dar sua total atenção ao visitante.

- Leopoldo oferece a paz.

- Para nós? Não estamos em guerra.

- Estão com a confiança abalada. Perdoem o que ele fez. Era a decisão dele sobre o povo dele.

- Não era o povo dele!

- Afetaria aqueles com quem ele vive. E a casa de Ostrebor. Leopoldo é paciente e quieto, quer sua paz inabalada e não é provocativo como outro irmão. – Vincent ignorou a

menção, pois não poderia argumentar contra uma verdade. – Entretanto, ele não retrocede em uma decisão por exaurir a reflexão, as opções e o melhor caminho a tomar.

- Uma civilização inteira?! Uma civilização inteira, Sonnel?

O elfo deu um passo atrás, com calma mais a demonstrar a reação natural que costuma acompanhar os arroubos de Vincent, que entendeu o gesto e sentou.

Sonnel deu a volta para alcançar outra cadeira à frente do senhor da Estirpe de Tenet.

- Sua guerra também ceifou vidas. Não estavam agrupadas, não tinham uma identidade, mas foram muitas. E defendia apenas o senhor. Toda a Estirpe de pa’Kueve poderia ser ameaçada.

- Era um povo belo!

- Toda gente tem sua beleza, o que não justifica suas ações e não ameniza as consequências. Não acho que nem nós elfos duraremos para sempre.

Vincent sorriu em dúvida. O elfos eram fortes, praticamente imortais, o que poderia dar errado em suas vidas?

- Depois que descobri o que eu era, aprendi a valorizar coisas que antes não consideravam dignas de minha atenção. E depois de Celiah, muitas outras coisas. Não posso retroceder. Não consigo.

- Seu trajeto é fascinante. De todos vocês. Juntos, têm um império dividido em quatro territórios desconectados, mas unido até então. Não os separe. Entenda que Leopoldo tem uma trajetória bem diferente da sua. Ele defendia seu futuro. Às vezes, sacrifícios são necessários.

- Sacrifícios são voluntários e concordo que podem ser necessários. Sacrificar terceiros não é renúncia, é assassinato.

Sonnel refletiu, Vincent viu que ele concordava.

- Se achar que vale a pena sentar-se com Leopoldo com esses argumentos, poderá fazer com que a culpa emerga. Embora eu acredite que ele lamenta, sem arrependimentos do que ele considerou necessário, mas lamenta ter sido obrigado a aniquilar todo aquele progresso que ameaçava tomar Humapaew'en kueve.

Vincent tentou pensar sob o ponto de vista de Leopoldo.

- Ele é frio.

- Eu diria, determinado.

- Implacável, como disse minha irmã.

Sonnel concordou em silêncio. Vincent cedeu:

- Esperemos mesmo que este sacrifício tenha sido necessário.

- Tudo depende do que virá em seguida – concluiu o elfo.

A chuva ainda durou um tempo depois de Tonio retornar, dando-o o prazer de sentir a água escorrer pela pele. Lucha estava ao seu lado, o calor enrubesceu sua face, ela sorria aliviada por vê-lo retornar.

A chuva abafava sua voz:

- Você demorou. Normalmente é instantâneo, não é?
- Acho que precisei me desligar, já que emitia algo mais para os arredores.

Eles fitaram o início do sonho sendo fiado em uma frágil roca que prenunciava em breve despedaçar. Plenos e adeptos regozijavam-se saciados e aconchegados momentaneamente em um prazer débil que deveria ser corriqueiro a qualquer criatura. Tonio sentiu o peito constricto pela incoerência, era amado pela felicidade transitória que proporcionava àquele povo como se não fosse o responsável pela destruição completa do que possuíam. Até as crenças se despedaçavam a cada passo em direção a um futuro incógnito.

- Lucha.
- Quê?
- Temos que tirar algo de bom disso tudo.

*

O final da chuva trouxe problemas. Ella estava assistida por Velma, pois Martius ainda estava ao longe, quando trouxeram o casal assustado. Acusavam-nos de depravação.

- Eles se beijaram na chuva, acharam que ninguém iria ver?

Ella não pôde acreditar. Aquilo ainda?

- Meus plenos, não há mal em um beijo. Vejam as condições em que estamos.
- Não são casados! Nem casados são!

A mulher tentou se defender em meio ao choro.

- Sou viúva! Meu marido morreu na tragédia.

Ella levantou os braços com um sorriso de que tudo estava resolvido. Os argumentos choeram: não foram indicados para casamento pela Regência, nem eram casados para se tocarem, beijaram-se em público, o corpo do esposo nem esfriou. Ella percebeu o mau gosto do comentário sobre um corpo que fazia parte de um vulcão, viu que Velma também notara.

Tentou acalmá-los:

- Muitas coisas vão mudar. Nossas estratégias de manter o calor não são as mesmas. Homens já dormem ao lado de mulheres, pois estamos desabrigados. Outras mudanças ocorrerão, mesmo nos comportamentos. Até nas roupas. Deixem os cabelos crescerem para cobrir a nuca, deixem que pessoas se toquem para dar apoio, deixem que os casais se formem naturalmente.

Silêncio. Queriam mais explicações. Ella completou:

- Faz parte da Nova Era!

Um suspiro de alívio. Fazia sentido.

- E quais as novas regras?

Ella pediu socorro a Velma, que levantou os ombros. Queria também saber.

- Virão com o tempo, tenham calma!

Voltou-se a Velma:

- Diga algo para que se dispersem.

Velma sussurrou:

- Primeira Dan, falta o castigo aos libertinos.

Ella ficou sem palavras. Olhou para o casal, estavam presos pelas mãos de outros, todos ansiosos pelo veredicto da Primeira Dan da Luz.

- Ah... tragam os libertinos. – “Eu os chamei assim?”

Aproximaram-se, encolhidos.

- Apenas os dois. Sim, podem soltá-los. Para onde pensam que eles irão? Aproximem-se.

– Então sussurrou, com seu sorriso cativante contido pelos olhares alheios. – Foi um beijo de alegria em comemoração à chuva, ou vocês se gostam?

A pergunta os deixou confusos. Não existia manifestação espontânea na Plêiade.

- Primeira Dan, perdoe nossa ignorância. Seria impensável mentir para sua Aquecida Figura, mas não sabemos como responder.

- Estão se apegando? Querem ficar juntos?

O homem respondeu:

- A amo desde jovem, mas não nos foi dado o direito de nos casar. Foi a primeira vez que a peguei em meus braços depois de anos, não sei o que me deu, foi culpa minha. Pode me castigar, ela é inocente. Uma vítima de minha luxúria.

Ella entendeu que lidava com extremos.

- Nem tanto, pelo que vejo. – Voltou-se à mulher. – Você o ama?

- Com todo o meu calor. Por anos. Fui fiel, dediquei-me ao meu esposo, mas...

- Obrigada. Então vocês querem continuar a se beijar e ter direito de fazer outras coisas mais?

- Como, nos tocar?

- Muito mais que se tocarem. Trocar o calor entre si, digo, na intimidade...

- Sexo?

- Sim, isso aí mesmo!! Um gerador natural de calor!

Eles não responderam, mas demonstraram como é uma felicidade resgatada após anos de desesperança. Ella anunciou instantaneamente:

- Eu os declaro casados! Fim da história. E parem de segurá-los, deixem de tocá-los. Eles podem se tocar mutuamente.

Lucha testemunhara o final daquele episódio. Manteve o riso por uns minutos antes de transmitir o novo, ambicioso e angustiante desejo de Tonio.

Algo mais deveria ser feito, eles estavam se satisfazendo com o mínimo. Conversaram até Martius voltar. Quando ia sair, o rastreador quis saber do que falavam. Lucha desabafou:

- Tonio quer um futuro para essas pessoas. Ella quer priorizar a proteção às gemas.

- Então vamos trocar recados novamente? – Martius perguntou, desanimado.

- Tem razão, chega disso. Eu ficarei com Celiah, já que Tonio não permite me aproximar de Melgrod. Vão vocês conversar.

Ella estava insegura, mas permitiu. Lucha ficou com a Fonte de Luz, seus pensamentos, e uma série de olhares apreensivos por ela tomar a Fonte. Virgur se aproximou.

- Não está com Tonio? – perguntou uma Lucha desconfiada dos olhares furtivos que ele vinha lançando.

- Vou onde o Profeta ordena.

Ela estranhou:

- Profeta? Não era o Novo Dan?

- Você viu a chuva? Sentiu o calor da fonte? Não são apenas Dans. São o que muito almejávamos e nem sabíamos. São os Profetas da Nova Era.

Lucha ia provocar, mas a crença deles era séria e poderia ser perigosa se não amainada.

Ele completou:

- Tirmor talvez seja um Dan ... – pigarreou – Martius. Entendo que não aceitaram seus nomes por virem em uma missão sagrada maior, mas foram dados com honra, Xil... Lucha. É um nome muito estranho!

- Sei que foi com honra, Virgur, mas agora sabe que há mais em jogo.

- Um jogo! – ele moveu a cabeça, em desagrado. – Não poderia se expressar de maneira mais clara.

Lucha não entendeu e desejou encerrar a conversa. Questionou a presença do secretário de Tonio:

- Por que está aqui, Virgur?

- Por que o Profeta da Chama ordenou que fizesse sua segurança.

- Profeta da Chama? E suponho que Ella seja a Profeta da Luz.

- Profetiza de Luz, mas Velma serve à luz, eu sirvo à chama.

- Entendo. Bom, segurança pode ser feita em silêncio. O que acha?

Virgur acatou a sugestão. Lucha sentiu um ar perigoso naquele silêncio. Suspirou, vencida.

- Se fosse para falar, o que diria, Virgur?

Ele não respondeu. Ela tentou não pensar, mas o silêncio era um grito de acusação. Defendeu-se:

- Olhe, eu disse tudo aquilo para permitir que Ella e Tonio pudessem se falar...

- Você disse a verdade! – Virgur interrompeu incisivamente. – Exceto pelo arrependimento.

Ela não entendeu claramente, mas ele havia apenas iniciado o desabafo:

- Você manipulou, tomou e levou à morte. Temo que faça o mesmo com os Profetas. Saiba que estarei sempre por perto para impedi-la. Não vai consumir as fontes como fez com a vida de Zelda!

Ah, Zelda. Lucha entendeu. Tentou ser solidária:

- Virgur, ela caiu.

- Ela estava atrás de você, desceram o fosso, você saiu!

- Eu estava atrás de Tonio! Do Profeta! Só pude me atentar a um!

- E o salvou? O tirou de lá?

Ela se sentiu derrotada.

- Nem cheguei perto. Eram muitos, todos apavorados.

- E Zelda? Aproximou-se dela?

- Talvez. Eu não sei! Era um caos. Não a vi cair! Só a vi ao longe. Acho que não. Já havia acontecido!

- Você consumiu! Chegou infiltrada no bem e desviou-me, destruiu Zelda, irá destruir os Profetas. Saiba que aqui sou o seu maior inimigo! – murmurou a ameaça com firmeza.

Toda a condescendência de Lucha se esvaiu em segundos. Ela lidava com ameaças desde antes de navegar, sabia medi-las pela periculosidade e pela vontade do repressor:

- Quem mais é capaz de matar por eles sou eu, Virgur. Se estiver do lado de Tonio e Ella, ficaremos em paz. Mas caso se coloque entre nós, verá o mal que trago dentro de mim. Não fiz nada, mas sou capaz de fazer tudo. Fique longe, cale-se e me ignore!

Ele não se abalou. Ela reforçou.

- Agora sugiro que saia, porque preciso de sua proteção tanto quanto preciso do beijo de uma lula. – Ele não entendeu. Ninguém entendia. – Chore a sua vida miserável junto dos seus infelizes. Cheguei a respeitar o seu senso de honra por segundos, mas o meu desprezo

pelos seus excessos é maior. Não seremos amigos! Reze às fontes para que não sejamos inimigos!

Quando ele saiu, ela tinha um nó na garganta. Pensou no último amigo que se tornou inimigo. Sávio. Perguntou-se quando apelariam para ele a fim de salvar aquela turba. Ela não se sacrificaria implorando! Haveria um outro jeito. Era uma multidão, tinham uma grande arma! Será que precisariam implorar?

Tentou ser racional. O que poderia matá-los de fato? A falta de comida. Fosse no deserto, fosse após escapar. Se escapassem.

*

A fome deixou de incomodar para exaurir. Avançavam devagar, sem forças. Um simples vislumbre no horizonte mostrava que não chegariam até onde a vista alcançava.

A noite foi um transtorno para muitos, pois estavam inquietos pela exposição ao céu e aos seus vizinhos que dantes mal se comunicavam. Suportaram tanto os passos dos insones assumidos quanto a incerteza de mudanças quando finalmente se rendiam ao sono. Para outros, a noite proporcionou um breve momento de descanso que pouco ajudou.

Havia choro de crianças e adultos. Havia orações. Ajoelharam-se diante de Tonio, a pedir para a Fonte em Chamas, que não chegara a queimar em nenhum momento, para prover no dia seguinte. Foram até Ella e imploraram à Fonte de Luz que iluminasse as mentes dos líderes.

Os Bardos fizeram também suas preces silenciosas para o que quer que acreditassem, pois sabiam que o dia seguinte seria pior.

O extremo cansaço chegou. Martius foi até Tonio, que já esperava pelo pedido.

- Você já fez tantas vezes!

- Nunca com tanta gente.

- Preciso dizer que estamos testando nossos limites?

O Profeta das Chamas aceitou seu papel. Não conseguiriam mais avançar sem que ele provesse o povo em processo de inanição de forças para caminhar.

Lucha se colocou em um extremo, Ella em outro, Martius se posicionou no último vértice de um quadrilátero com os amuletos voltados para o centro. Às costas de Ella e Tonio estavam as gemas. Ele ainda temia com o reflexo que a música poderia ter sobre Melgrod. Ella pegou o violino e acompanhou a batida de Tonio com uma canção alegre, de maneira a elevar o moral do povo faminto e abatido.

Funcionou, embora a sensação de fome permanecesse. A dor no estômago era forte, cólicas foram substituídas por um torpor intestinal e dores de cabeça eram comuns. O mais difícil era suportar o choro das crianças que, com energia para gritar, enchiam o ar com seu sofrimento. Ella não demorou a tocar outra canção consoladora que as acalmava.

O mais importante era que tinham forças para continuar. Martius tocou para que chovesse, e ao menos de água eles enchiam o estômago. Lucha vislumbrou uma solução que, caso se mantivesse, seria a saída. Tonio receava o tempo que levaria a sustentar todo aquele povo somente com música.

Ele tinha razão, pois não deixaram de enterrar mortos: feridos do vulcão, aqueles de corpos mais frágeis, alguns de espírito frágil. Lucha acompanhou uma cerimônia de enterro. Na volta, passou por um rosto conhecido. Perguntou-se onde tinha visto, a mulher não demonstrou surpresa.

Jukka reconheceu Lucha desde o início da tragédia. Ia perguntar como ela chegara até lá, e até como sobrevivera aos piratas. Era bobagem. Sua nova vida se resumia a cuidar das crianças que felizmente sobreviveram ao desabamento, não era hora de rememorar antigas conhecidas. Deixou-a passar, sem remorsos. Considerou que era apenas mais uma adepta sequestrada mais de uma década depois.

Passaram alguns dias naquele ritmo, de água, forças, esperança, descanso e nova caminhada. Perderam mais vidas. Tonio estava no limite.

- Não consigo por muito tempo.

Lucha aconselhou:

- Você está usando a magia do bardo, mas há um limite do que consegue tirar da natureza. Use Melgrod. Se não em todos, ao menos para que você reponha as forças.

- Eu não sei fazer isso!

- Você também não sabia extrair e emitir energia até que o fez! Eu não sabia que falaria com espíritos até que afundei! Martius não esperava falar com lobos, Ella não esperava explodir cabeças de necromantes. Arrisque-se, pela Fonte Vermelha em Chamas!

Tonio se desviou do foco:

- Um novo estilo?

- É o meio – justificou a ex-maruja.

- É melhor que suas imprecações originais.

- São de navegadores, não sou eu quem as cria!

- São péssimas, Lucha.

- Afunde com os naufragos, Tonio!

A descontração os distraiu da observação de Zirgur, que discretamente coletava e interpretava os gestos dos dois. Ele correu até Ella para confirmar:

- Será agora.

Ella agradeceu e pediu a ele e a Velma que garantissem seu isolamento. Martius estava ao seu lado.

- Tem certeza?

- Vire seu amuleto, Martius. Quero comunicação com o Coração de Melgrod.

Ele aquiesceu, mas alertou:

- Não vá nos explodir!

Ella esperava que algo de diferente acontecesse com a conexão concomitante entre Tonio e Vincent e ela e Celiah. Excluía explodir, como Martius sugerira, pois aquilo já havia acontecido sem que tivessem se conectado. Apostava em algo novo, embora não soubesse o quê.

E foi novo.

Celiah voava pelos céus em alta velocidade, a vencer o tempo para alcançar os irmãos.

Viu ao longe Melgrod e Baai em luta no ar, tanto o dragão vermelho quanto o azul a usar as presas e as garras contra o outro, asas majestosas desalinhadas a cobrir os corpos que se contorciam para um lado enquanto os longos pescoços dobravam-se para outro. Suas caudas eram arremessadas com controle magnífico e força descomunal contra o opositor a fim de desestabilizar a sustentação do voo.

Melgrod se dividia entre a fúria do ataque e a mágoa de confrontar o irmão. Deixou que sua impetuosidade o dominasse, desejoso de que se sobrepusesse rapidamente a Baai para encerrar o conflito inevitável. Teria sido inevitável mesmo?

Sua pata vermelha deslizou por baixo da asa de Baai, que se afastou a tempo e protegeu o lado com as garras roxas afiadas. A ponta da cauda de Baai se enrolou na base da cauda de Melgrod o puxou para baixo. O ódio de Melgrod se manifestou no fogo que escapou de sua bocarra, que Baai evitou ao serpentear o pescoço em um recuo elegante, porém natural. A ferocidade da luta não permitia gestos planejados.

Celiah voou rapidamente sobre os dois, em colisão proposital para abalar a barreira de ódio e lançar cada qual para um lado. Três dragões deslizaram atabalhoados pelo ar até que suas asas estabilizassem seus corpos. Baai se sustentou parado, com as asas a farfalhar e a cobrar de Celiah a audácia da interrupção. Melgrod retomou o voo e deu uma volta ampla para retornar direto sobre Baai. Ele percebeu a boca se abrir para incendiar o ar, e desviou.

Celiah teve o ímpeto de se colocar à frente do fogo de Melgrod, desafiando-o. Ele se desviou e aceitou a trégua. Ouviu o pensamento de Baai:

“Seria capaz de ferir sua irmã, Melgrod”?

“Chega! Dragões, voltem. Não iremos derramar nossos sangues.”

“É apenas um exercício entre irmãos, Celiah. Um daqueles que mostram quem tem a última palavra.”

“Eu e Ostrebor temos! Enquanto vocês se digladiavam, chegamos a um acordo! A família não vai se desfazer, a Ordem Draconiana é mais forte!”

“A Ordem acima de tudo, então”?

“Sempre foi assim, Melgrod. Quando, como humanos, tivemos alguma chance?”

Melgrod desceu e pousou. Estavam sobre uma montanha, longe do alcance de civilizações.

“Eles nunca têm. Isso não me impede de amá-los, Celiah.”

Baai pousou à frente.

“Fala como se eu e Ostrebor não amássemos. Somos também humanos. Amamos os nossos, assim como você ama os seus. Sou o defensor de Rivéria de Daminer, sempre serei. Matarei e morrerei por eles, e foi o que Ostrebor fez. Não ouse perdoá-lo, pois ele não errou.”

Melgrod ainda tinha argumentos:

“Haverá consequências!”

Celiah concordou:

“Sempre há. Enfrentaremos juntos, seja o que for. Se preciso, morram pelo outro, mas parem de querer matar o outro! Pelos céus! Morram pelos que amamos, e lutem por aqueles que nossos irmãos amam. Matem pelos nossos! Sempre foi assim, e isso nunca vai mudar. Por que raios querem ser diferentes?”

A visão em comum de Tonio e Ella era apenas do dragão azul a cortar os ares até as montanhas de Carior, pois ele era o dragão de sangue e ela, o dragão de sol.

- Tonio, você está bem?

Ele estava deitado, abria os olhos. Demorou a responder.

- Eu fui um dragão, Lucha.

Ela o fitou, descrente.

- E, foi bom para você?

Ele sorriu:

- Foi incrível voar, lutar, morder, lançar fogo! Fantástico! Tanto quanto com Lina...

- A fadinha estava lá?

Ele saltou de súbito.

- Nada não. E não a chame de fadinha! – mudou de assunto. – Foi Ella. Eu sei que foi, percebi quando estava lá. Ella também estava com Celiah. Lucha, juntos nós alcançamos os dragões!

- E você recuperou as forças?

- Estou ótimo! Renovado!

- Perfeito! Então pare de gozar e alimente esse povo. Eu inclusive.

*

Ella cogitava quantas vezes Tonio precisaria ativar Melgrod para que se mantivesse e, assim, sustentasse a Plêiade. Pediu a Martius para que Tonio balizasse a dose de energia. Ela lidara com mais dois casamentos escandalosos por energia em excesso revelada no meio da noite, que deveria ter sido gasta no avanço do terreno e não na segurança privada das sombras. O quarto conflito que levaram a ela foi mais delicado e, para seu desconforto, Lucha estava próxima com toda a sua falta de sutileza. Ella sabia que a preferiam a Tonio para essas questões, mas não tinha clareza se era pelas suas qualidades ou se pela ausência de Lucha.

- Case-os também, Profetiza.

- Lucha, quieta. A não ser que tenha experiência em sexo com mulheres.

- Ah, então não posso ajudar. Nunca me senti atraída. Não a ponto de querer fazer de fato, embora ache bonito duas mulheres juntas. Se gostasse, já teria experimentado, com certeza.

Ella não esperava, sequer desejava, uma confiança daquele tipo. Arrependeu-se em provocar.

Os plenos mais próximos encararam Lucha escandalizados. Era o sinal de que ela fora longe demais pelos seus próprios critérios. Embora extravagante, ela não gostava do escândalo a inocentes. Mesmo àqueles inocentes, a quem desdenhava, mas começava a se apegar. Decidiu corrigir:

- Lembrem-se, eu sou o contraponto das benesses que vocês têm com os outros três. Sou a lembrança de que o mal está à espreita.

Ella a interrogou no pé do ouvido:

- O que raios é isso?

- Martius criou a teoria depois de uma conversa com Virgur. Longa história. Eu aceitei meu papel.

Ella suspirou. Não poderia fazer do casal um contraponto, iriam sofrer pela vida. O pior é que os dois eram plenos, se ao menos um fosse adepto, seria mais fácil lidar com o conflito interno de autopunição. Jainor e Walfor estavam arrasados, conscientes da aberração que eram. Era uma situação tão delicada que Ella não vira outra saída. Novamente apelou a Lucha:

- Sente-se à vontade com eles?

- Com ninguém de Riff-Pei, mas se refere à sexualidade, eu não tenho nada com a vida deles.

- Então são seus assistentes, agora.

- O que vou fazer com assistentes, Ella?

- O problema é seu. Faça algo de útil além de ser garota de recados.

Embora irônica, no fundo, gostou de ter assistentes:

- Agradeço com todo o meu calor, Profetiza da Luz.
- De Luz. E mantenha o recato – zombou Ella.

Lucha levantou as sobrancelhas em agrado à resposta bem-humorada de Ella e se afastou, empolgada a cogitar se criava uma rede de espionagem com dois membros rejeitados pelo seu próprio povo. Seria tão útil quanto afogar um atum, mas ao menos tinha mais a fazer do que caminhar rumo ao vazio. Também cogitou casá-los, mas não quis se meter na vida deles. Seu egoísmo determinava que cada um cuidasse de si e não se importava com problemas alheios, o que trazia um estranho conforto a pessoas que se sentiam julgadas. Jainor e Walfor passaram a lidar com a culpa de uma maneira bastante peculiar, até por serem aceitos pelos Profetas, para surpresa dos outros plenos.

Quando Martius foi indagado da posição que os profetas tomaram, ele já tinha a resposta pronta:

- Aceitem a Nova Era da Plêiade.

E não havia argumento para aquela máxima.

*

Virgur recebia ordens de Tonio para organizar grupos de vigia à noite. Nada havia à sua volta, mas houve um caso de suicídio. Virgur deslizou os olhos a Lucha, como sempre fazia.

Aquilo a irritava, mas desde que Martius ouviu de Zirgur que Virgur e Zelda teriam sido um casal caso os profetas e dans não tivessem pisado em Riff-Pei, ela passou a ter uma certa pena do ex quase viúvo.

Martius chegou a perguntar se o mesmo estava planejado a Zirgur e Velma. Ele confirmou:

- Sim, mas, para mim, servir à Profetiza é maior. Cumpriria minha obrigação com Velma, nada mais. Já Virgur se apegou a Zelda.
- Virgur se apegou a Lucha também.
- Alguns são mais volúveis que os outros – concordou Zirgur.

Virgur e Lucha mantinham um silêncio desconfortável perto de Tonio. Normalmente, ela se afastava, mas estava cansada de ceder terreno ao pleno. Ao perceber o ambiente pesado, Tonio decidiu intervir:

- Não são adultos o suficiente para deixar isso de lado? Vocês nem tiveram nada!

Virgur se defendeu:

- Confiança é preciosa. Tive a prova que apagou a confiança, não posso evitar.

Tonio olhou para Lucha, que deu de ombros e se voltou para apreciar a paisagem, porém com os ouvidos atentos.

Virgur decidiu desabafar:

- Não entendo como a mantém. Não percebe que ela os manipula?

- Não diga bobagens, Virgur. Já passamos por muita coisa juntos.
- Não sei como! O senhor é o profeta que nos mantém de pé mesmo sem alimento, que controla o calor da fonte para o bem! A Profetiza nos consola, nos ilumina como seu sorriso, é a esperança no futuro. O Grande Dan aplaca a sede do povo. O que Lucha faz aqui? Qual o seu papel neste grupo?

Então ela explodiu:

- Eu mato! – vociferou com uma insanidade bestial na voz.

Tonio a alertou, contido:

- Lucha!

Ela não se importou com a reprimenda tímida:

- É verdade, eu mato. – Abriu os braços, desafiadora. – Sou o último recurso para extirpar a ameaça aos profetas, sou o anjo da morte, que irá ceifar vidas e esfriar os corpos dos condenados. Quando as chamas tiverem que selecionar quem vive, quando a luz se voltar para o outro lado e o ar secar, é a hora de agir. – Apontou para o seu próprio peito. – Este é meu papel, Virgur!

Admiravelmente, um ar de compreensão o tomou.

- O mal que todos devem ter por perto. Como comentei com o Dan Martius.
- É, entenda assim se quiser. – A aceitação atenuou sua agressividade.

Ele se voltou a Tonio.

- E o Profeta confia em seu carrasco?

Tonio mantinha-se firme e quieto para induzir a ordem aos seus subordinados:

- Mais do que em você, Virgur.
- Não terá dúvidas?

Fitou o chão, lembrando-se de crises bem diferentes:

- Já as tive. – Levantou o olhar, para exprimir sua confiança. – Não mais.

O pleno se deu por satisfeito, e se afastou. Tonio segurou a mão de Lucha. Ela esboçou um sorriso de agradecimento.

*

Embora presentes, momentos de leveza eram raros e serviam para quebrar a desolação dos peregrinos. A fome não havia dado trégua. Causava dor e não poupava nem Tonio, pois a magia não interferia na sensação de estômago vazio. Ella consolava também com a música sobre o povo, e Martius cercava outras sensações como podia, embora sua principal função era trazer chuva leve duas vezes ao dia. Aprendeu a controlar a intensidade, a direção e até o tamanho das gotas.

Já Lucha não tinha muita função, a não ser convencer seus assistentes de que os problemas eram menores do que o imaginado.

- Não temos como evitar nos sentir sujos, suas palavras não importam.

Ela deu de ombros:

- Nem todos os povos se banham.

- Não nos trate como idiotas.

- É uma metáfora como a sua – respondeu Lucha, torcendo a boca. – Significa que nem todos acham esta relação suja. Vocês só nasceram no lugar errado.

- A Dan das Chamas Sombrias nos considera dignos?

- Estão se referindo a mim?

Eles se calaram.

- Deixa para lá. Vejam bem, eu não os considero dignos ou indignos pelas suas preferências, simplesmente porque não tenho nada com elas. Não será por esses parâmetros que vou avaliá-los.

- Pretende medir nosso valor como, então?

Ela não tinha paciência para ensinar o que considerava óbvio:

- Ah, não sei. Façam algo antes. Só vou avaliar porque estão a meus cuidados, creio que sob meu treinamento, ou algo assim. Por enquanto, eu os avalio como duas pessoas perdidas como bebês. Posicionem-se e parem de reclamar da vida!

Jainor foi realista:

- Não é possível não se sentir uma aberração quando nos olham. Sua opinião realmente não me importa – Lucha considerou a afirmação um grande avanço, aprovando com a cabeça –, mas a dos meus irmãos e pais. Eles acham que sou uma ofensa por existir. A única pessoa que me faz me sentir bem é Walfor.

Walfor abaixou a cabeça, demonstrando sentir o mesmo.

- Vocês já se sentiram atraídos por uma mulher?

Silêncio. Obviamente, não.

- Então não acham estranho, ou uma aberração, um homem que sente vontade de ter uma mulher? O que pensam disso?

Walfor fez uma cara de nojo.

- Viu? Sob o olhar de vocês, as preferências dessa pessoa provocam asco. – Apontava para Tonio. – No entanto, vocês respeitam um homem desses.

- Onde quer chegar, Dan das Chamas Sombrias?

- Vocês precisam usar um título mais curto – pediu dolorosamente, o que eles ignoraram.

- Onde quer chegar? – Walfor insistiu.

- Se vocês podem respeitar, outros podem fazer o mesmo por vocês. Conquistem o respeito dos seus. Nessa penúria, deve haver até mais oportunidades de mostrarem seu

valor. Aceitem-se, depois aceitem as limitações deles. Então deixem que eles vejam o que vocês têm a oferecer. É um processo doloroso, mas não é impossível. No fim, eles talvez não aceitem suas necessidades como um todo, mas pelo menos verão que vale mais tê-los, do que os perder pelo que não podem controlar. – Levantou as mãos em rendição pelo fim dos argumentos possíveis. – É claro, não sou uma especialista.

Jainor agradeceu e pegou Walfor gentilmente pelo braço. Não havia muito o que ela pudesse fazer, mas uma amizade já valia.

Tonio via a cena a uma distância respeitosa. Controlou a curiosidade quando foi apontado, e louvou a chegada de Martius. Este trazia novidades.

- Ella deu um pouco mais de trabalho a Lucha. – Tonio apontou para a Dan das Chamas Sombrias, já informado do novo título.

- Todos temos o nosso quinhão. Esse é de Lucha, deixe que ela cuide. Trate de se voltar para o seu quinhão de responsabilidade.

- Do que está falando, Martius?

- Olhe para a frente, Tonio. Fui o único a perceber?

Era uma campina. A terra seca e pedregosa começava a ser substituída por uma campina ainda rala, mas promissora.

*

Com a campina, chegou a manada. Martius criara o hábito de enviar batedores desde que o frio amenizou e o calor da gema poderia ser dispensado nas horas mais quentes do dia. Eles retornaram com a novidade que pareceu ser uma miragem, mas o próprio rastreador havia encontrado sinais e desviou o rumo um pouco à Nordeste em segredo. Apenas a ele não foi uma surpresa.

Quando a manada foi avistada, eles já estavam organizados, cada grupo com suas ordens. Um erro poderia colocar tudo a perder por dias até alcançar a comida novamente.

Prepararam-se com a música de Tonio, as crianças foram mantidas aos cuidados de Velma assistida de algumas mulheres e idosos. Martius alertou: junto com a caça, há caçadores.

- Ninguém pequeno fica só, não sabemos que tipo de predadores existem na região.

Ella cuidou de ficar no setor contrário de Tonio. Recusaram-se a ficar de fora, embora Tonio aquecera uma rocha para que armazenasse calor para as crianças enquanto ele saía na aventura.

Martius precisava gerir o processo, Zirgur zelou por Ella. Tonio tinha Lucha, que encarregou seus assistentes de não tirarem o olho de Tonio e Ella, por mais que a fome apontasse para a carne em movimento, a cantar mugidos assustados de vidas em perigo.

A multidão se aproximou pelos flancos, conforme o plano de Martius. Vinham devagar em um cerco munidos de paus em pedras ou que encontraram, a maioria com as mãos nuas e o espírito inflamado. Sem armas adequadas, deveriam cercar os animais desgarrados em pequenos grupos a apedrejar as cabeças, mas principalmente, deveriam

direcionar o maior número para o campo de pedras que Martius apontou de fim de que os animais quebrassem os pés. Seria preciso correr, gritar e criar uma barreira visual que convencesse a manada que eles eram mortais.

Pouco do planejado realmente foi seguido. A manada era grande e, quando parte se assustou com a aproximação, a outra não se deu conta. Ao verem que podiam perder a comida, os amadores se lançaram sobre a manada sem estratégia ou critérios. Se a maior parte escapou, e gerou vítimas humanas, outra se desviou para a armadilha. Tonio corria e gritava, liderando seu flanco com eficiência, o que salvou parte da caça. Martius estava na outra ponta, salvou alguns incautos de serem pisoteados, apontou para tarefas, lembrou a ação e manteve a ordem. Ella estava com Zirgur, e juntos conseguiram evitar que a manada fosse para cima de seu grupo. Abriram espaço em uma diagonal que os aproximava da área de abate. O grupo de Martius foi reorganizado em uma cunha humana que assustou os animais e salvou vidas. Foi o tempo de Jainor dar a volta e cercar a parcela que estava se desgarrando após passar por Ella, e que retornou ao domínio do plano de Martius. Lucha, que acompanhava Tonio, percebeu como seu assistente venceu o isolamento pela agilidade e competência e conquistou seguidores desacostumados à falta de recato de uma corrida.

A falta de recato foi mais percebida quando os 5% da manada ficou inerte na armadilha. Estavam vivos, porém com as patas quebradas, como previsto. Eram poucos, mas o suficiente para uma refeição. Demoraria a passar as espadas ou facas por todos, Martius liberou usarem pedras nas cabeças dos animais.

- Sejam eficientes. Não os quero sofrendo indefinidamente.

Ele esperava uma certa incompetência de amadores, mas o que viu foi além. Ficou aterrorizado ao ver o que gente com forças para atacar, porém com a fome de dias, era capaz de fazer. Não houve ordem, tampouco trabalho em grupo, muito menos tempo para fazer fogo. Os caçadores passaram a ser os animais, como lobos famintos pela carne crua destroçada com as próprias mãos e até com os dentes cravados nos músculos vivos das vítimas a mugir em dor e desespero.

Martius se contorceu em dor, sem saber se era pelos humanos e ou pela caça. Ella vomitou. Tonio olhou para Lucha em pesar. Ela não desviou o olhar, como a se lembrar de algo. Depois balançou a cabeça a limpar os pensamentos e foi calmamente garantir o quinhão das crianças. Martius se juntou a ela, não se importando com o sangue que escorria em seus braços e as vísceras que se espalhavam pela campina.

*

Poderiam ter mais carne para outros dias, se tivessem como controlar a turba.

Ella se perguntou o que seria daquela gente caso chegassem à civilização.

Lucha desejou que seu canto atingisse animais. Na caverna de Quedanct, quando esteve à frente dos vampiros, acreditou que sim, mas não pôde usar, pois Martius estava próximo. Naquela campina, teve a impressão de que não os alcançaria.

- Não funciona com animais marítimos.

- Não funcionará com a manada, então, mas poderemos tentar, se os vir novamente.

Ela agradeceu a Martius a boa vontade.

Tinha dúvidas se queria ver os animais se autodestruírem, mas não conseguiu imaginar cena mais grotesca e desesperadora do que a que tinha testemunhado com a Plêiade. Exceto pelas outras que tinha testemunhado, tanto no mar quanto em Fraga.

Tonio estava preocupado:

- Eles agirão como uma horda quando virem uma fazenda, ou uma criação. E será nossa culpa.

Martius já vinha pensando no problema:

- Eles precisam de um propósito. Um código de conduta.
- O recato não os detém perante a fome.
- A arma que você e Ella carregam, talvez.

Quando Ella soube, discordou veementemente:

- Nem pensar! Não vou ameaçá-los. Já estão fragilizados. E nós também.
- Deixemos as ameaças para Lucha.
- Eu aceito.

Ella os repreendeu, revoltada com a proposta:

- Eu sei que não falam sério! Estão cavando possibilidades até encontrarem um caminho. Continuem cavando. Lembrem-se, estamos frágeis também. E com o peso de duas armas que serão muito desejadas assim que atingirmos a civilização!

Lucha aceitou o desafio e foi a Tonio. Ele concordou.

- Eles mostraram uma selvageria que eu não esperava. Receio não conseguir controlar. Martius tem razão em dar um propósito e Ella, ao alertar a fragilidade em que se encontram. Mas, e então?
- Eles se dispõem a seguir duas armas.
- Juntas elas são armas. E não podemos brigar entre nós.
- Por que brigaríamos?

Tonio se deu conta de que misturava as histórias.

- Foi da visão. Os dragões brigavam.
- É o que tirou da experiência?
- Eles justificaram as mortes que causaram. Temo que tenhamos que justificar a desta gente, e certamente iremos divergir.

Lucha queria mais. Ele confessou:

- Todos estamos dispostos a matar pelos que amamos, Lucha. Você mataria a Plêiade por nós?

Lucha olhou para Tonio como um estranho. Ele corrigiu:

- Hipoteticamente. Não estou pedindo para você fazer isso!

Ela ficou assustada:

- Não me teste, Tonio.

- Foi uma frase infeliz.

Arrependido, ele ainda tentava entender a mensagem embutida em suas visões, enquanto Lucha se afastava, pensativa. Jainor não percebeu o pesar em que ela se encontrava. Desde que se alimentaram, o moral da Plêiade estava alto, sem perceberem o descontrole que os bardos identificaram. Ele vinha com Martius, para agradecer:

- Você estava certa.

- Sobre o quê?

- Sou melhor tratado após a caçada. Não por todos que gostaria, mas sinto a diferença. Lucha, é possível que reconheçam nosso valor. Meu, de Walfor, da Plêiade! Podemos ser algo mais.

- Fico feliz por você, Jainor. Pode me deixar com Martius?

Ela foi tão direta que o desconcertou. No entanto, ele entendeu que algo acontecia e respeitou o seu pedido.

- Que houve, Lucha? – perguntou Martius, curioso e preocupado.

- Que propósito essa gente pode ter? Como o próprio Jainor acaba de mencionar?

- Destruir uma manada de maneira selvagem.

Ela não se incomodou com a piada, embora não tivesse embarcado nela.

- Além disso?

- Tudo que eles tiveram até hoje foi a fé.

- Precisamos achar algo de útil para eles.

- Não sei o quê. Eles viviam da crença do isolamento contra o mal. Que fique somente entre nós, Lucha, mas eu acho que nós somos o mal. Eles mantinham o Coração de Melgrod isolado para eles exclusivamente, longe dos outros dragões. Nós unimos dois. Somos o mal que eles evitavam.

- E transformamos a base da vida deles em uma arma.

- O pior é que eles amam essa arma, sem nem entender o que significa.

Lucha parou.

- Você mataria pelo que ama, Martius?

Ele a encarou com olhos frios:

- Quem não?

Ele sorriu em seguida.

- Vamos até Ella.

Depois foram a Tonio.

*

Tonio se preparava para o discurso mais importante de sua vida. Era seu papel e foi gentil em dispensar Ella daquele peso, embora desejasse que ela estivesse ao seu lado.

- Terá que se virar comigo e Martius – Lucha comentou.

- É reconfortante também, mas sem piadas, por favor.

Ela não faria. Amou a ideia, construída devagar e como esforço dobrado dela e de Martius que unificavam as propostas de Ella e Tonio. Chegou a ficar com Celiah por mais um tempo, embora fosse visível o desconforto dos plenos. Logo Ella retornou, feliz com a hipótese. Martius adiantou a Lucha:

- Ella acredita que Leafir irá aceitar.

A violinista confirmou:

- Sim, mas Tonio ainda precisa de alguém para guardar Melgrod.

Lucha não se preocupava com um guardião para Melgrod:

- Será providenciado. Melhor eu ir até ele. Envie seu povo a Tonio, Ella.

Acharam um ponto alto para Tonio se alocar, e combinaram a posição dos amuletos para ampliar sua voz. Zirgur, Virgur, Jainor e Velma foram colocados em pontos chave para enviar ao fundo a mensagem. Ella enxergou uma nova Regência se formar, sob as ordens dos Dan submetidos aos Profetas. Recriminou-se. Era exatamente essa ordem que tinham que romper.

Seu amuleto vibrou, Tonio começava seu discurso:

- Prometemos uma Nova Era da Plêiade! Pois bem, é hora de revelar a que viemos. E o que os reserva.

Ele ouviu sussurros de “Revelação, é a revelação”. Ignorou-os. Precisava falar na linguagem da Plêiade, mas a fim de fomentar uma nova lógica de comunicação. Como Lucha comentou: “Comunique-se como eles querem e insira o que você quer. É o dom de Ella, mas ela o faz com um sorriso.”

Ele retomou a concentração:

- Vocês viram, nesses últimos dias, diversas manifestações inexplicáveis.

- São as fontes!

- Sim, elas são a explicação para a maioria dos fenômenos, mas não para todos. E a questão é, como as fontes podem fazer o que testemunharam?

- São abençoadas.

- Pode ser, mas o melhor é dizer que são mágicas. E não se assustem, mas tenho que revelar. O que é abençoado pode ser amaldiçoado. Só depende das mãos de quem as toma.

Olharam para Lucha, ela revirou os olhos.

- Não é Lucha, droga, ouçam! Há um mal maior que deseja as gemas, ãh, as fontes. As chamávamos de gemas antes de conhecer a Plêiade de Danati, elas eram chamadas de gemas. Pois bem, elas eram conhecidas fora da Plêiade. A Fonte de Luz apontou a Fonte em Chamas. E vocês foram testemunhas do que elas fazem se forem incorretamente manipuladas.

- Devemos separá-las para sempre?

- Vocês devem ficar em silêncio! – Martius estava impaciente.

Lucha mexeu os lábios: “Recato”.

Tonio os ignorou, embora grato pela intervenção de Martius.

- Não é para sempre. Elas têm um propósito que deve uni-las. Embora não venha a ocorrer tão cedo, haverá o momento de unir as gemas, as fontes. O problema é que elas irão atrair a atenção de muita gente, poderosos, potentados, e este é o mal a que a Plêiade deve lutar contra. Vocês não sabem, mas a Plêiade de Danati nasceu da Estirpe de Tenet há mil anos. Vocês são os descendentes desta Estirpe. Tenet, denet, danati, entendem? E é hora de resgatar seu propósito. E os valores de Tenet. Estão dispostos a servir a fonte e formar a nova Estirpe?

Ele ouviu um sim sem reflexão. Estava ciente da ignorância alheia.

- Estou falando em trocar as orações pela luta. Por espadas, arcos e lanças! A batalhar para proteger as duas gemas! A matar! E morrer se preciso!

Silêncio. Então ouviu Virgur gritar sim. Depois Jainor. Em seguida, um homem ao fundo, sua mulher o apoiou. Logo, todos aceitaram um novo destino.

- Nada será como antes!

- Sim!

Tonio se inflou.

- Vejam a Profetiza de Luz. Ela também requer seus guerreiros! A Estirpe de Ruan deve ser armada! Estão dispostos a se dividir?

- Sim! Estamos! Louvor à Fonte de Luz!

Tonio levantou os braços, pedindo ordem.

- Não estamos salvos. Precisamos de disciplina. Do antigo recato que tinham, manteremos a disciplina. Iremos treiná-los, mas ainda haverá sofrimento. Fome. Acharemos um meio de mantê-los, mas ainda não sabemos como.

Alguém gritou:

- Estão fazendo um bom trabalho!

Tonio riu, jogou a cabeça à frente como fazia nos momentos de descontração. Certamente, aquele era um adepto. Retomou seu discurso e a seriedade:

- Nem tanto. Houve mortes. Ainda há fome. Faremos o que for preciso para atender à vontade das fontes! Serão separados em dois grupos, uns comigo e Lucha, outros seguirão Ella e Martius. Temos um propósito para cada grupo. Faremos de vocês arqueiros e lanceiros. Ainda temos uma grande migração cheia de incertezas, mas é o preço para criarmos as Estirpes das Fontes de Chamas e de Luz. As Estirpes Guerreiras de Tenet e Ruan renascem neste novo mundo!

OS NOMES DESTA HISTÓRIA

Pessoas, criaturas e grupos

Adália – monstro mágico em forma de serpente olhos de fogo, e que carrega a gema mágica de Celiah.

Alton – o líder da Plêiade de Danati, o que foi e retornou, o que viu e vê.

Amanda de Aflatin – grã-mestra dos Betemares.

Awmeniewlyna – Lina, a fada que acompanhou Tonio desde Carior.

Baai, o quarto – dragão irmão de Celiah.

Barão de Baixo Campo – Barão da região de Valdoa.

Bell – ladrão das montanhas Carior.

Celiah – heroína relacionada à gema guardada por Ella.

Donnal – sobrinho de Tessa.

Estirpe de Rivéria – segmento da Ordem Draconiana comandado por Klaos.

Estirpe de pa’Kueve – segmento da Ordem Draconiana comandado por Leopoldo.

Estirpe de Ruan – segmento da Ordem Draconiana comandado por Celiah.

Estirpe de Tenet – segmento da Ordem Draconiana comandado por Vincent.

Fúlvio Comperteiro – nobre que encomendou a Gema de Adália a Tonio.

Heirich – ladrão das montanhas Carior.

Hesedrath – dragão vermelho de tempos antigos.

Hildrilam – um dragão.

Inar – o elfo Ridell.

Jainor – membro pleno da Plêiade de Danati.

Jukka – membro adepto da Plêiade de Danati.

Klaos – humano, Baai.

Leafir – elfo amigo de Donael, Arqueiro Comandante no último exército élfico.

Leopoldo – humano, Ostrebor.

Lina – apelido dado por Martius à fada Awmeniewlyna.

Malva – menina do passado de Martius.

Melgrod – dragão irmão de Celiah.

Mormor – membro pleno da Plêiade de Danati.

Ostrebor – dragão irmão de Celiah.

Rêmulo de Pisanti – Duque de Fraga, último Bename vivo e Sacerdote Supremo dos Betemares.

Ricard – espião da Ordem Draconiana, chamado Coletor de informações.

Ridell – elfo ladrão das montanhas Carior.

Sávio Labaki – conhecido como colaborador da nobreza de Valdoa.

Selma – membro pleno da Plêiade de Danati.

Sinária – a fada-mãe de Carior.

Someca – criada de Amanda de Aflatin.

Sonnel – elfo Guardião Segundo dos Segredos da Ordem Draconiana.

Tibor – Comandante Primeiro da Cavalaria da Ordem Draconiana.

Tornald – ladrão das montanhas Carior.

Trobal – anão ladrão das montanhas Carior.

Velasco – capitão do navio Sombra Partida.

Velma – guia de Ella na Plêiade de Danati.

Vercrath – um dragão.

Vicent – humano, Melgrod.

Vinimário – bebê da Plêiade de Danati.

Virgur – guia de Tonio na Plêiade de Danati.

Walfor – membro pleno da Plêiade de Danati.

Zelda – guia de Lucha na Plêiade de Danati.

Zirgur – guia de Martius na Plêiade de Danati.

Geografia Política

Abridohnor – terra de mascates presentes em Dust.

Ayaa pa cewvy – fortaleza das fadas, antiga Humapaew'en kueve.

Beleroth – a terra perdida dos elfos.

Daminer – país onde fica o condado de Rivéria.

Dust – terras geladas no extremo sul.

Faemon Handra – terra dos elfos no continente humano, chamada de Femon pelos humanos.

Femon – antiga Faemon Handra dos elfos.

Galianthiel – Galianthus para os humanos, uma das maiores cidades de Femon.

Humapaew'en kueve – fortaleza de Ostrebor.

Riff-pei – a terra aquecida da planície do sul, cujo ponto mais próximo conhecido é Dust.

Rivéria – condado protegido pelo dragão Baai.

Ruan – propriedade de Celiah.

Tenetenfrat – cidade onde Vincent viveu seus primeiros anos.

Geografia Natural

Baía Sugoy – antiga referência a uma baía onde houve um massacre.

Cadeia Holiah – uma das duas grandes cadeias de montanhas de Moros. Estende-se de Norte a Sul. A Norte, localizam-se os Lanceiros Perpétuos.

Carior – montanhas do Pequeno Reino do Pontal.

Charco Seco – grande pântano de Andreada, morada de Adália do Charco.

Finco do Elfos – ou mar élfico, mar que dividia a antiga terra Élfica do Reino de Moros, ainda margeado pela costa de Andreada

Lago Sereno – lago que divide parte de Andreada e o Reino de Moros, também chamado Mar Pequeno pelos locais.

Rio Desterro – rio que nasce das mesmas condições do Sobetiba, com o qual divide as águas do Alto Moros, porém atravessa Katos até desaguar no mar. Divide o Território da Capital e o Ducado de Atavina em dois trechos.

Rio Holiah – rio divisor de Andreada e Moros, ao pé da Cadeia de Montanhas Holiah.

Rio Sobetiba – rio divisor do Reino de Moros com o Reino de Katos. Nasce do Rio Alto Moros e morre ao entregar suas águas para o Grande Rio.